PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

O Livro do Profeta Daniel

INTRODUÇÃO

1. Título.-

O livro leva o nome de seu protagonista, Daniel. O costume de dar a vários livros do AT o nome de seu principal herói pode ver-se nos livros do Josué, Samuel, Ester, Job, etc. Mas tal título não indica necessariamente que essa pessoa foi a autora do livro, embora sim pode implicar isso, como é o caso do livro do Daniel.

2. Autor.-

A opinião tradicional tanto de judeus como de cristãos é que o livro foi escrito no século VI A. C., e que Daniel foi seu autor. As evidências em favor dessa opinião são as seguintes:

A. O que o mesmo livro diz. O profeta Daniel fala em primeira pessoa em muitas passagens (cap. 8: 1-7, 13-19, 27; 9: 2-22; 10: 2-5; etc.). Afirma que recebeu pessoalmente a ordem divina de preservar o livro (cap. 12: 4). O feito de que haja seções nas quais o autor se refira a si mesmo em terceira pessoa (cap. 1: 6- 11, 17, 19, 21; 2: 14-20; etc.) não é estranho, já que esse estilo é freqüente em obras antigas (ver com. Esd. 7: 28).

B. O autor conhece bem história. Somente um homem do século VI A. C., bem versado em assuntos babilônicos, poderia ter escrito quanto a alguns dos feitos históricos que se encontram no livro. O conhecimento desses feitos se perdeu depois do século VI A. C., pois não se registrou em outra literatura antiga posterior (ver P. 776). Descobrimentos arqueológicos mais ou menos recentes trouxeram estes fatos novamente à luz.

C. O testemunho do Jesucristo. Jesus uma passagem do livro e mencionou ao Daniel como seu autor (Mat. 24:15). Para todo crente cristão este testemunho devesse ser uma evidência convincente.

O livro se divide em duas partes fáceis de distinguir. A primeira (cap. 1-6) principalmente histórica, e a segunda (cap. 7-12) principalmente profético. A pesar disto o livro constitui uma unidade literária. Para defender tal unidade podem apresentá-los seguintes argumentos:

1. As diferentes parte do livro estão mutuamente relacionadas entre si. Se poderá compreender o uso dos copos do templo no festim do Belsasar se se tem em conta como chegaram a Babilônia (cap. 5: 3; cf. cap. 1: 1-2). No cap. 3: 12 se faz referência a uma medida administrativa do Nabucodonosor que descreve-se primeiro no cap. 2: 49. No cap. 9: 21 se faz referência a uma visão prévia (cap. 8: 15-16).

2. A parte histórica contém uma profecia (cap. 2) estreitamente relacionada com o tema das profecias que se encontram na última parte do livro (cap. 7-12). 772 O cap. 7 amplia o tema tratado no cap. 2. Há também uma relação evidente entre elementos históricos e proféticos. A seção histórica (cap. 1-6) constitui uma narração do trato de Deus com uma nação, Babilônia, e o papel desta no plano divino. Este relato tem o propósito de ilustrar a forma em que Deus trata a todas as nações (ver Ed 170-172). A semelhança do que ocorreu com Babilônia, cada um dos impérios mundiais sucessivos que se descrevem graficamente na porção profético do livro, recebeu uma oportunidade de conhecer a vontade divina e de cooperar com ela, e cada um teria que ser medido pela fidelidade com que cumpriu o propósito divino. Desta maneira o surgimento e a queda das nações representadas na parte profético devem compreender-se dentro do marco dos princípios expostos na parte histórica, vistos em ação no caso de Babilônia. Este fato converte às duas seções do livro em uma unidade e ilumina o papel desempenhado por cada um dos impérios mundiais.

A unidade literária do livro -demonstrada na composição do mesmo, na linha geral de pensamento e pelas expressões usadas nos dois idiomas (ver P. 776) é geralmente reconhecida. Os argumentos usados em favor da teoria dos dois autores não têm o menor fundamento.

Na cova 1 do Qumran (ver PP. 128-129) havia três fragmentos do livro de Daniel, os quais foram publicados por D. Barthélemy e J. T. Milik, em Discoveries in the Judaean Desert I: Qumran Cave I (Descobrimentos no deserto da Judea I: caverna 1 do Qumran), (Oxford, 1955), PP. 150-152. Os fragmentos provêm de dois cilindros ou de um sozinho, nos quais os cap. 1 e 2 foram escritos por um escriba e o cap. 3 por outro; tinham partes dos cap. 1: 10- 1 7; 2: 2-6; 3: 22-30. Uma comparação deste texto com o texto masorético mostra 16 variantes, nenhuma das quais afeta o significado da passagem. Nove destas 16 variantes som variações ortográficas que só afetam uma letra: duas delas parecem ser enganos de ortografia; as outras sete se escrevem também de várias maneiras no texto masorético. Se encontram quatro adições: uma, a conjunção "e", e uma da partícula "que" diante de "se"; duas palavras tiverem uma vocal agregada. Em um caso, uma vocal que aparece no texto masorético não está nos fragmentos. Dois terminações verbais parecem ser engano dos escribas. A lista mostra que as diferenças são tão insignificantes que não se notariam em uma tradução. Este é um poderoso argumento para sustentar que o texto hebreu do Daniel está agora essencialmente na mesma forma em que estava pelo menos no tempo de Cristo.

Também resulta interessante o fato de que o cap. 2 inclui a passagem no qual ocorre a mudança do hebreu ao aramaico (ver com. cap. 2: 4). Nesse ponto

há um espaço em branco entre a última palavra em hebreu e a primeira em aramaico, o que faz uma distinção clara entre as seções dos dois idiomas. É também digno de notar que, ao igual ao texto masorético, estes fragmentos não contêm o canto apócrifo dos três meninos (ver com. cap. 3:23).

A cova 4 do Qumran produziu fragmentos de couro de três manuscritos de Daniel (ainda não publicados em 1984), os quais, conforme se informou, estão em bom estado de conservação e representam porções consideráveis do livro. F. M. Cross, no Biblical Archaeologist, 19 (1956), 85-86; no Revue Biblique, 63 (1956), P. 58.

Da cova 6 do Qumran procedem vários fragmentos de papiros do Daniel, os que representam os cap. 8: 20-21; 10: 8-16; e 11: 33-38 (contêm nove variações ortográficas menores). Foram publicados pelo M. Baillet em Discoveries in the Judaean Desert III: Eles Petites rottes do Qumran (Descobrimentos no deserto da Judea III: as pequenas covas do Qumran), (Oxford, 1962), PP. 1 14-116.

3. Marco histórico.-

O livro do Daniel contém (1) um registro de certos incidentes 773 históricos da vida do Daniel e de seus três amigos, judeus deportados que estavam ao serviço do governo de Babilônia, e (2) o registro de um sonho profético do rei Nabucodonosor, interpretado pelo Daniel, junto com o registro de visões recebidas pelo profeta mesmo. Embora o livro foi escrito em Babilônia durante o cativeiro e pouco depois dele, não tinha o propósito de proporcionar uma história do desterro dos judeus nenhuma biografia do Daniel. O livro relata as vicissitudes principais da vida do estadista-profeta e de seus companheiros, e foi compilado com fins específicos.

Acima de tudo Daniel apresenta uma breve informação a respeito da razão pela qual ele se achava ao serviço do rei de Babilônia (cap. 1). depois de ter sido levados a Babilônia no primeiro cativeiro no ano 605 A. C., durante a primeira campanha do rei Nabucodonosor contra Síria, Daniel e outros príncipes de sangue real foram escolhidos para ser preparados para o serviço governamental. Os primeiros 19 anos da estada do Daniel em Babilônia foram os últimos anos da existência do reino do Judá, embora estava subjugado por Babilônia. A inútil política antibabilónica dos últimos reis do Judá atraiu catástrofe detrás catástrofe sobre a nação judia.

O rei Joacim, durante cujo reinado Daniel tinha sido levado cativo, permaneceu leal a Babilônia durante alguns anos. Entretanto, mais adiante cedeu à política da partida proegipcio do Judá, e se rebelou. Como resultado, o país sofreu invasões militares; seus cidadãos perderam a liberdade e foram levados a cativeiro, e o rei perdeu a vida. Joaquín, seu filho e sucessor, depois de um breve reinado de só três meses, viu voltar para os exércitos babilonios para castigar a deslealdade dos judeus. O, junto com milhares dos principais cidadãos do Judá, foi levado cativo no ano 597 A. C. Seu sucessor, Sedequías, evidentemente tratou de permanecer leal a Babilônia. Entretanto, devido a sua debilidade e vacilação não pôde resistir durante muito tempo as propostas do Egito e os sentimentos antibabilónicos de seus principais conselheiros. como resultado disto, Nabucodonosor cansado já das repetidas revoltas da Palestina, decidiu acabar com o reino do Judá. Durante dois anos e meio os exércitos de Babilônia assolaram a terra do Judá, tomaram e destruíram as cidades,

inclusive Jerusalém com seu templo e seus palácios, e levaram cativos à maioria dos habitantes do Judá no ano 586 A. C.

Daniel esteve em Babilônia durante esses dias agitados. Sem dúvida viu os exércitos babilonios que ficavam em marcha para levar a cabo suas campanhas contra Judea e foi testemunha de sua volta vitoriosa e da chegada dos cativos judeus. Entre os cativos esteve o jovem rei Joaquín com sua família (2 Rei. 24: 10-16), e mais tarde o rei Sedequías, a quem tinham tirado os olhos (2 Rei. 25: 7). Durante esses anos Daniel deve ter estado informado da agitação política que havia entre os judeus deportados, a que fez que o rei mandasse queimar vivos a alguns dos principais instigadores. Foi esta agitação a que impulsionou ao Jeremías a enviar uma carta a seus compatriotas exilados em que os insistia a levar uma vida sossegada e tranqüila em Babilônia (Jer. 29).

Durante esses anos Daniel e seus três amigos cumpriram lealmente e sem alardes seus deveres como funcionários do rei e súditos do reino. depois de seu esmerada instrução, chegaram a ser membros de um grupo seleto chamado os sábios, os que serviam ao rei como conselheiros. Foi então quando Daniel teve excepcional oportunidade de explicar ao Nabucodonosor o sonho dos impérios futuros (Dão. 2). Como resultado Daniel foi renomado para um cargo extremamente importante, que ao parecer reteve durante muitos anos. Esse cargo o deu a oportunidade de fazer que o rei conhecesse o poder do Deus do céu e da terra, a quem serviam Daniel e seus 774 amigos. Não se sabe quanto tempo permaneceu Daniel nesse importante cargo. Ao parecer o perdeu antes do ano 570 A. C. já que seu nome não se encontra no "Calendário da Corte e o Estado", escrito em cuneiforme, que contém a lista dos principais funcionários do governo do Nabucodonosor nesse tempo. Não existem outros "Calendários da Corte e o Estado" que sejam do tempo do reinado de Nabucodonosor. Na verdade, não se menciona ao Daniel em nenhum documento extrabíblico da época.

A ausência do nome do Daniel neste documento não é estranha, já que não sabemos quanto tempo permaneceu Daniel desempenhando um cargo público. Só se registram no livro do Daniel quatro acontecimentos principais do reinado do Nabucodonosor, e em três deles figura Daniel: (1) A educação dos príncipes judeus durante os três primeiros anos de seu reinado, o que inclui o ano ascensional (cap. 1). (2) A interpretação do sonho do Nabucodonosor no segundo ano do reinado do monarca (cap. 2). (3) A dedicação da imagem na planície de Dura e a liberação extraordinária dos amigos de Daniel, em um ano não especificado (cap. 3). (4) A interpretação do sonho de Nabucodonosor feita pelo Daniel, quem anunciou que o rei perderia a razão durante sete anos, o que provavelmente ocorreu durante os últimos anos do monarca (cap. 4).

Não se sabe nada das atividades do Daniel durante os anos quando Nabucodonosor esteve incapacitado. Tampouco sabemos o que fez Daniel depois de que o rei recuperou suas faculdades e seu trono, ou se emprestou serviços durante os reinados dos reis posteriores: Amel-Marduk (Evil- Merodac na Bíblia), Nergal-sar-usur, Labasi-Marduk, e Nabonido. Entretanto, se o permitiu ver a decadência moral e a corrupção do poderoso império de Nabucodonosor, governado por reis que tinham assassinado a seus predecessores. Daniel também deve ter observado com supremo interesse a rápida elevação do rei Ciro da Persia no oriente, já que um varão desse nome tinha sido mencionado na profecia como libertador do Israel (ISA. 44: 28; 45: 1). É também possível que no ano 553 A. C. (o ano em que provavelmente Ciro se apropriou do império dos medos) Daniel visse o Nabonido nomear a seu filho

Belsasar como rei de Babilônia enquanto Nabonido mesmo ia à conquista de Tema, na Arábia. Foi durante os três primeiros anos do reinado do Belsasar quando Daniel recebeu grandes visões (cap. 7-8), e o homem que até então tinha sido conhecido só como intérprete de sonhos e visões se transformou em um dos grandes profetas de todos os tempos.

Os babilonios pediram novamente os serviços do Daniel durante a noite de a queda de Babilônia no ano 539 A. C., para que lesse e interpretasse a escritura fatal no muro da sala de banquetes do Belsasar. depois de que os persas se apropriaram de Babilônia e de seu império, os novos governadores aproveitaram dos talentos e da experiência do ancião estadista da geração passada. Outra vez Daniel chegou a ser o principal conselheiro da coroa. Possivelmente foi ele quem mostrou ao rei as profecias do Isaías (ver PR 408), as quais influíram sobre o monarca persa para que promulgasse o decreto que terminava com o desterro dos judeus e lhes dava novamente uma pátria e um templo. Durante esta última parte da atuação pública do Daniel houve um atentado contra sua vida promovido por seus colegas invejosos, mas o Senhor interveio maravilhosamente e liberou a seu servo (cap. 6). Além disso recebeu outras visões importantes durante estes últimos anos de sua vida, primeiro durante o reinado do Darío o Meço (cap. 9; ver a Nota Adicional do cap. 6) e depois durante o do Ciro (cap. 10-12).

Em qualquer estudo do livro do Daniel há dois assuntos que requerem um exame cuidadoso: 775

A. A historicidade do Daniel. Desde que o filósofo neoplatónico Porfirio realizou os primeiros grandes ataques contra a historicidade do Daniel (233-c. 304 d. C.), este livro esteve exposto aos embates dos críticos, ao princípio só de vez em quando, mas durante os dois últimos séculos o ataque foi constante. Por isso muitíssimos eruditos cristãos de hoje consideram que o livro do Daniel é obra de um autor anônimo que viveu no século II A. C., mais ou menos no tempo da revolução macabea.

Estes eruditos dão duas razões principais para se localizar o livro do Daniel em esse século: (1) Sendo que entendem que algumas profecias se referem ao Antíoco IV Epífanes (175-c. 163 A. C.), e que a maior parte das profecias -pelo menos daquelas cujo cumprimento foi demonstrado- teriam sido escritas depois de ocorridos os acontecimentos descritos, as profecias do Daniel devem localizar-se com posterioridad ao reinado do Antíoco IV. (2) Sendo que segundo seus argumentos, as seções históricas do Daniel contêm o registro de certos sucessos que não concordam com os fatos históricos conhecidos de acordo com os documentos disponíveis, estas diferenças podem explicar-se se supomos que o autor estava tão afastado de ditos acontecimentos, tanto em o espaço como no tempo, que só possuía um conhecimento limitado do que tinha ocorrido 400 anos antes, nos séculos VII e VI A. C.

O primeiro dos dois argumentos não tem validez para quem acredita que os inspirados profetas de antigamente realmente faziam predições precisas assim que ao curso da história. O segundo argumento merece uma maior atenção pela seriedade da afirmação de que Daniel contém enganos históricos, anacronismos e conceitos errados. Por isso apresentamos aqui um breve estudo a respeito da validez histórica do livro do Daniel.

É verdade que Daniel descreve alguns acontecimentos que ainda hoje não podem ser verificados por meio dos documentos de que dispomos. Um desses acontecimentos é a loucura do Nabucodonosor, que não se menciona em nenhum registro babilônico que exista hoje. A ausência de comprovação de uma

incapacidade temporaria do maior rei do Império Neobabilónico não é um fenômeno estranho em um tempo quando os registros reais só continham narrações dignas de louvor (ver com. Dão. 4:36). Darío o Meço, cujo verdadeiro lugar na história não foi estabelecido por fontes fidedignas alheias à Bíblia, é também um enigma histórico. encontram-se insinuações quanto a sua identidade nos escritos de alguns autores gregos e em informação fragmentária de fontes cuneiformes (ver Nota Adicional do cap. 6).

As outras supostas dificuldades históricas que confundiam aos comentaristas conservadores do Daniel faz cem anos, foram resolvidas pelo aumento do conhecimento histórico que nos proporcionou a arqueologia. Mencionaremos a seguir alguns destes problemas mais importantes que já foram resolvidos:

1. A suposta discrepância cronológica entre Dão. 1: 1 e Jer. 25: 1. Jeremías, que segundo o critério geral dos eruditos é uma fonte histórica digna de confiança, sincroniza o 4.º ano do Joacim do Judá com o 1er ano de Nabucodonosor de Babilônia. Entretanto, Daniel fala de que a primeira conquista de Jerusalém efetuada pelo Nabucodonosor ocorreu no 3er ano de Joacim, com o que indubitavelmente afirma que o 1er ano do Nabucodonosor coincide com o 3er ano do Joacim. Antes do descobrimento de registros de essa época que revelam os vários sistemas de computar os anos de reinado de os antigos monarcas, os comentaristas tinham dificuldade para explicar esta aparente discrepância. Tratavam de resolver o problema caso uma corregencia do Nabucodonosor com seu pai Nabopolasar (ver T. III, 776 PP. 93-94) ou pressupondo que Jeremías e Daniel se localizavam os acontecimentos segundo diferentes sistemas de cômputo: Jeremías segundo o sistema judeu e Daniel segundo o babilônico. Ambas as explicações já não são válidas.

resolveu-se a dificuldade ao descobrir que os reis babilonios, como os de Judá desse tempo, contavam os anos de seus reinados segundo o método do "ano de ascensão" (ver T. II, P. 141). O ano no qual um rei babilonio ascendia ao trono não se contava oficialmente como seu 1er ano, a não ser só como o ano quando subia ao trono, e seu 1er ano, quer dizer seu 1er ano calendário completo, não começava até no próximo dia de ano novo, quando, em uma cerimônia religiosa, tomava as mãos do Deus babilônico Bel.

Também sabemos pelo Josefo e pela Crônica Babilônica (documento que narra os acontecimentos dos onze primeiros anos do Nabucodonosor, descoberto em 1956) que Nabucodonosor estava empenhado em uma campanha militar na Palestina contra Egito quando seu pai morreu e ele tomou o trono (ver P. 784; também T. II PP. 97-98, 164-165; T. III, PP. 93-94). portanto, Daniel e Jeremías concordam completamente. Jeremías sincronizou o 1er ano do reinado de Nabucodonosor com o 4.º ano do Joacim, enquanto que Daniel foi tomado cativo no ano quando subiu ao trono Nabucodonosor, ano que ele identifica como o 3.º do Joacim.

2. Nabucodonosor como grande construtor de Babilônia. De acordo com os historiadores gregos, Nabucodonosor desempenhou um papel insignificante na história antiga. Nunca se referem a ele como a um grande construtor ou como o criador de uma nova e maior Babilônia. Todo leitor das histórias clássicas gregas reconhecerá que lhe dá esta honra à rainha Semíramis, a quem lhe adjudica um lugar importante na história de Babilônia.

Entretanto, os registros cuneiformes dessa época, descobertos por arqueólogos durante os últimos cem anos, trocaram inteiramente o quadro

apresentado pelos autores clássicos e confirmaram o relato do livro de Daniel que atribui ao Nabucodonosor a construção na verdade reconstrução- de "esta grande Babilônia" (cap. 4:30). Descoberto-se agora que Semíramis -chamada Sammu-ramat nas inscrições cuneiformes- era reina mãe em Assíria, regente de seu filho menor de idade Adad-nirari III (810-782 A. C.), e não reina de Babilônia como afirmavam as fontes clássicas. Is inscrições hão mostrado que ela não teve nada que ver com a construção de Babilônia. Por outro lado, numerosas inscrições do Nabucodonosor que ficaram nas construções provam que ele foi o criador de uma nova Babilônia, pois reedificó os palácios, templos e a torre-templo da cidade, e acrescentou novos edifícios e fortificações (ver Nota Adicional do cap. 4).

Posto que essa informação se perdeu completamente antes da época helenística, nenhum autor poderia tê-la, salvo um neobabilónico. A presença de tal informação no livro do Daniel é motivo de perplexidade para os eruditos críticos que não acreditam que o livro do Daniel foi escrito no século VI, a não ser no II. Um exemplo típico de seu dilema é a seguinte afirmação do R. H. Pfeiffer, da Universidade do Harvard: "Provavelmente nunca saberemos como soube nosso autor que a nova Babilônia era criação do Nabucodonosor... como o provaram as escavações" (Introduction to the Old Testament [New York, 19411, PP. 758-759).

3. Belsasar, rei de Babilônia. Ver a Nota Adicional do cap. 5 referente ao assombroso relato do descobrimento feito por orientalistas modernos a respeito de a identidade do Belsasar. O fato de que o nome deste rei não se houvesse encontrado em fontes antigas alheias à Bíblia, enquanto que Nabonido sempre aparecia como o último rei de Babilônia antes da conquista dos persas, usava-se usualmente como um dos mais poderosos argumentos em contra da historicidade do 777 livro do Daniel. Mas os descobrimentos efetuados desde mediados do século XIX refutaram a todos os críticos de Daniel neste respeito e vindicaram que maneira impressionante o caráter fidedigno do relato histórico do profeta respeito ao Belsasar.

B. Os idiomas do livro. Como Esdras (ver T. III, 322), uma parte do livro do Daniel foi escrita em hebreu e outra parte em aramaico. Alguns explicaram este uso de dois idiomas caso que no caso do Esdras o autor tomou documentos aramaicos, acompanhados com suas descrições históricas, e os incorporou a seu livro, que fora dessas passagens estava escrita em hebreu, o idioma nacional de seu povo. Mas tal interpretação não se acomoda com o livro do Daniel, onde a seção aramaica começa com o cap. 2: 4 e termina com o último versículo do cap. 7.

A seguir há uma lista parcial das muitas explicações que oferecem os eruditos quanto a este problema, junto com algumas observações entre parêntese que parecem contradizer a validez dessas explicações:

1. O autor escreveu os relatos históricos para quem falava aramaico, e as profecias para os eruditos de fala hebréia. (Entretanto, que haja aramaico nos cap. 2 e 7 -ambos contêm grandes profecias- indica que esta opinião não é correta.)

2. Os dois idiomas mostram a existência de duas fontes. (Esta opinião não pode ser correta porque o livro tem uma marcada unidade, coisa que ainda alguns críticos radicais reconheceram; ver P. 771.)

3. O livro foi escrito originalmente em um idioma, já fora aramaico ou hebreu, e mais tarde algumas parte foram traduzidas. (Este ponto de vista deixa sem

responder a pergunta quanto à razão pela qual se traduziram só algumas seções ao outro idioma e não todo o livro.)

4. O autor publicou o livro em duas edições, uma em hebreu, outra em aramaico, para que toda classe de gente pudesse lê-lo; durante as perseguições no tempo dos Macabeos, algumas parte do livro se perderam, e as partes que puderam-se salvar das duas edições foram reunidas em um livro sem fazer mudanças. (Esta idéia tem o defeito de não poder comprovar-se e de apoiar-se em muitas conjeturas.)

5. O autor começou a escrever em aramaico no ponto onde os caldeos se dirigiram "ao rei em língua aramaica" (cap. 2: 4), e continuou neste idioma enquanto escrevia nesse tempo; mas depois, quando voltou a escrever, usou o hebreu (cap. 8: 1).

A última opinião aparentemente está bem orientada porque parecesse que as diferentes seções do livro foram escritas em distintas ocasiões. Pelo feito de ser um culto funcionário do governo, Daniel falava e escrevia em vários idiomas. Provavelmente escreveu alguns dos relatos históricos e algumas das visões em hebreu, e outras em aramaico. Partindo desta hipótese, o cap. 1 teria sido escrito em hebreu, provavelmente durante o 1er ano do Ciro, e os relatos dos cap. 3 aos 6 em aramaico em distintas ocasiões. As visões proféticas foram registradas principalmente em hebreu (cap. 8-12), embora a visão do cap. 7 foi escrita em aramaico. Por outra parte, o relato do sonho do Nabucodonosor concernente às monarquias futuras (cap. 2) foi escrito em hebreu até o ponto em que se cita o discurso dos caldeos (cap. 2: 4); e desde este ponto até o fim da narração o autor usou o aramaico.

Ao final de sua vida, quando Daniel reuniu todos seus escritos para formar um só livro, é possível que não tivesse considerado necessário traduzir certas parte para dar ao livro unidade lingüística, já que sabia que a maior parte de seus leitores entenderiam os dois idiomas, feito que resulta evidente segundo outras fontes.

Também se poderá notar que a existência de dois idiomas no livro do Daniel não 778 pode usar-se como argumento para atribuir uma data posterior ao livro. Aqueles que datam a origem do Daniel no século II A. C. têm também o problema de explicar por que um autor hebreu do período macabeo escreveu parte de um livro em hebreu e outra parte do mesmo em aramaico.

Embora as peculiaridades ortográficas das seções aramaicas do livro de Daniel são parecidas com as do aramaico do Ásia ocidental dos séculos IV e III A. C., devido possivelmente a uma modernização do idioma, há diferenças notáveis. A ortografia não pode nos dizer muito quanto à data quando se escreveu o livro, assim como a última revisão do texto da RVR não pode tomar-se como prova de que a Bíblia foi originalmente escrita ou traduzida em o século XX d. C. No máximo, as peculiaridades ortográficas podem indicar quando se fizeram as últimas revisões da ortografia.

Entre os Cilindros do Mar Morto (ver T. I, PP. 35-38) há vários fragmentos de Daniel que provêm do século 11 A. C. Pelo menos dois deles contêm a seção do cap. 2 onde se faz a mudança do hebreu ao aramaico e mostram claramente o caráter bilíngüe do livro nessa data (ver P. 772).

4. Tema.-

Com justiça poderíamos chamar o livro do Daniel um manual de história e de profecia. A profecia é uma visão antecipada da história; a história é um repasse retrospectivo da profecia. O elemento predictivo permite que o povo de Deus veja as coisas transitivas à luz da eternidade, põe-o alerta para atuar com eficácia em determinados momentos, facilita a preparação pessoal para a crise final e, ao cumpri-la predição, proporciona uma base firme para a fé.

As quatro principais profecias do livro do Daniel fazem ressaltar em um breve bosquejo, e tendo como marco de fundo a história universal, o suceder do povo de Deus dos dias do Daniel até o fim do tempo. "abre-se o véu, e ainda por cima, detrás e através de todo o jogo e contra fogo dos humanos interesses, poder e paixões, contemplamos aos agentes de que é tudo misericórdia, que cumprem silenciosa e pacientemente os intuitos e a vontade dele" (PR 366). Cada uma das quatro grandes profecias alcança um pináculo quando "o Deus do céu" levanta "um reino que não será destruído" (cap. 2: 44), quando o "filho de homem" recebe "domínio eterno" (cap. 7: 13-14), quando a oposição ao "Príncipe dos príncipes" será quebrantada "não por mão humana" (cap. 8: 25) e quando o povo de Deus será liberado para sempre de seus opressores (cap. 12: 1). portanto, as profecias constituem uma ponte divinamente construída do abismo do tempo até as ribeiras sem limites da eternidade, uma ponte sobre o qual aqueles que, como Daniel propõem em seu coração amar e servir a Deus, pela fé poderão passar da incerteza e a aflição da vida presente à paz e a segurança da vida eterna.

A seção histórica do livro do Daniel revela, em forma surpreendente, a verdadeira filosofia da história (ver Ed 169-179). Esta seção serve de prefácio à seção profético. Ao nos dar um relato detalhado do trato de Deus com Babilônia, o livro nos capacita para compreender o significado do surgimento e da queda de outras nações cujas histórias estão esboçadas na porção profético do livro. Sem uma clara compreensão da filosofia da história, tal como a revela na narração do papel que coube a Babilônia no plano divino, a atuação das outras nações que seguiram a Babilônia no pano de fundo da visão profético não pode compreender-se ou apreciar-se completamente. Veja um resumo da filosofia divina da história segundo a apresenta a inspiração, em com. cap. 4: 17.

Na seção histórica do livro encontramos ao Daniel, o homem de Deus de essa 779 hora, cara a cara ante o Nabucodonosor, o gênio do mundo pagão, para que o rei tivesse a oportunidade de conhecer deus do Daniel, árbitro da história, e cooperasse com ele. Nabucodonosor não só era o monarca da nação maior desse tempo mas sim era também muito sábio e tinha um sentido inato do direito e da justiça. Na verdade, era a personalidade mais sobressalente do mundo gentil, o "capitalista das nações" (Eze. 31: 11), que tinha sido elevado ao poder para desempenhar um papel específico no plano divino. dele Deus disse: "Agora eu pus todas estas terras em mão do Nabucodonosor rei de Babilônia, meu servo" (Jer. 27: 6). Ao ir os judeus ao cativeiro em Babilônia era desejável que estivessem sob uma mão firme, mas que não fosse cruel, como eram as normas daquele tempo. A missão de Daniel na corte do Nabucodonosor foi conseguir a submissão da vontade do rei à vontade de Deus para que se realizassem os propósitos divinos. Em um dos momentos dramáticos da história, Deus fez que estas duas grandes personalidades estivessem juntas. Ver P. 599.

Os primeiros quatro capítulos do Daniel descrevem os meios pelos quais Deus conseguiu a obediência do Nabucodonosor. Em primeiro lugar, Deus

necessitava de um homem que fosse um digno representante dos princípios celestiales e do plano de ação divino na corte do Nabucodonosor; por isso escolheu ao Daniel para que fosse seu embaixador pessoal ante o Nabucodonosor. Os recursos que empregou Deus para atrair favoravelmente a atenção do monarca para o cativo Daniel, e os meios pelos quais Nabucodonosor chegou a confiar primeiro no Daniel e logo no Deus do Daniel, ilustram a maneira em que o Muito alto usa aos homens hoje para cumprir sua vontade na terra. Deus pôde usar ao Daniel porque este era um homem de princípios, um homem que tinha um caráter genuíno, um homem cujo principal propósito na vida era viver para Deus.

Daniel "propôs em seu coração" (cap. 1: 8) viver em harmonia com toda a vontade revelada de Deus. Primeiro, Deus o pôs "em graça e em boa vontade" com os funcionários de Babilônia (vers. 9). Isto preparou o caminho para um segundo passo, a demonstração da superioridade física do Daniel e de seus companheiros (vers. 12-15). Depois seguiu uma demonstração de superioridade intelectual. "Deus lhes deu conhecimento e inteligência em todas as letras e ciências" (vers. 17), com o resultado de que os considerou "dez vezes melhores" que a seus competidores mais próximos (vers. 20). Dessa maneira, tanto em sua personalidade como no aspecto físico e intelectual Daniel demonstrou ser muito superior a seus companheiros; e foi assim como ganhou a confiança e o respeito de Nabucodonosor.

Estes acontecimentos prepararam ao monarca para que conhecesse deus de Daniel. Uma série de sucessos dramáticos: o sonho do cap. 2, a maravilhosa liberação do forno ardente (cap. 3) e o sonho do cap. 4 lhe mostraram ao rei a sabedoria, o poder e a autoridade do Deus do Daniel. A inferioridade da sabedoria humana, exibida na vicissitude do cap. 2, fez que Nabucodonosor admitisse ante o Daniel: "Certamente seu Deus é Deus de deuses, e Senhor dos reis, e o que revela os mistérios" (cap. 2: 47). Reconheceu espontaneamente que a sabedoria divina era superior, não só à sabedoria humana, a não ser até à suposta sabedoria de seus próprios deuses. O sucesso da imagem de ouro e do forno de fogo ardente fez que Nabucodonosor admitisse que o Deus dos céus "liberou a seus servos" (cap. 3: 28). Seu conclusão foi que ninguém em todo seu reino deveria dizer "blasfêmia contra o Deus" dos hebreus, já que "não há deus que possa liberar como este" (vers. 29). Então Nabucodonosor reconheceu que o Deus do céu não era só sábio a não ser poderoso, que não só era onisciente mas também onipotente. O terceiro sucesso, os sete anos durante os quais sua decantada sabedoria e poder o foram transitoriamente 780 tirados, ensinaram ao rei não só que "o Muito alto" é sábio e poderoso mas sim exerce essa sabedoria e poder para reger os assuntos humanos (cap. 4: 32). Tem sabedoria, poder e autoridade. É notável que o primeiro ato do Nabucodonosor depois de que recuperasse a razão foi elogiar, engrandecer e glorificar ao "Rei do céu" e reconhecer que Deus "pode humilhar" a "os que andam com soberba" (vers. 37), como o tinha feito ele durante tantos anos.

Mas as lições que Nabucodonosor aprendeu pessoalmente durante um período de muitos anos não beneficiaram a seus sucessores no trono de Babilônia. O último rei de Babilônia, Belsasar, desafiou abertamente ao Deus do céu (cap. 5: 23) apesar de que conhecia o que lhe tinha acontecido ao Nabucodonosor (vers. 22). Em lugar de obrar em harmonia com o plano divino, "Babilônia se converteu em orgulhosa e cruel opresora" (Ed 171) e ao rechaçar os princípios celestiales forjou sua própria ruína (Ed 172). A nação foi pesada e foi achada falta (cap. 5: 25-28), e o domínio mundial passou aos persas.

Ao liberar ao Daniel do fosso dos leões, Deus demonstrou seu poder e autoridade

ante os governantes do Império Persa (cap. 6: 20-23; PR 408) como o havia feito anteriormente ante os de Babilônia. Um decreto do Darío de Meia reconhecia ao "Deus vivente" e admitia que ele "permanece por todos os séculos" (vers. 26). Até "a lei de Meia e da Persia, a qual não pode ser anulada" (vers. 8) deveu ceder ante os decretos do "Muito alto" que "tem o domínio em o reino dos homens" (cap. 4: 32). Ciro foi favoravelmente impressionado pela milagrosa prova do poder divino exibida na liberação do Daniel do fosso dos leões (PR 408). As profecias que esboçavam seu papel na restauração de Jerusalém e do templo (ISA. 44: 26 a 45: 13) também o impressionaram grandemente. "Seu coração ficou profundamente comovido e resolveu cumprir a missão que Deus lhe tinha atribuído" (PR 409).

Assim é como o livro do Daniel expõe os princípios de acordo com os quais operam a sabedoria, o poder e a autoridade de Deus através da história de as nações, para o cumprimento final do propósito divino. "Deus elogiou a Babilônia para que pudesse cumprir seu propósito" (Ed 171). Ela teve seu período de prova, "fracassou, sua glória se murchou, perdeu seu poder, e seu lugar foi ocupado por outra [nação]" (Ed 172; ver com. cap. 4: 17).

As quatro visões do livro do Daniel tratam da luta entre as forças do bem e do mal nesta terra, do tempo do Daniel até o estabelecimento do eterno reino de Cristo. Posto que Satanás usa os poderes terrestres em seus esforços para frustrar o plano de Deus e destruir seu povo, estas visões apresentam aqueles poderes através dos quais o maligno há atuado com muito empenho.

A primeira visão (cap. 2) trata principalmente de mudanças políticas. Seu propósito primitivo era revelar ao Nabucodonosor seu papel como rei de Babilônia e lhe fazer saber "o que tinha que ser no futuro" (vers. 29).

Como se fora um suplemento da primeira visão, a segunda (cap. 7) destaca as vicissitudes do povo de Deus durante a hegemonia dos poderes mencionados na primeira visão, e prediz a vitória final dos Santos e o julgamento de Deus sobre seus inimigos (vers. 14, 18, 26-27).

A terceira visão (cap. 8-9) complementa à segunda e faz ressaltar os esforços de Satanás por destruir a religião e o povo de Cristo.

A quarta visão (cap. 10-12) resume as visões precedentes e trata o tema em forma mais detalhada que qualquer das outras. Amplia o tema da segunda visão e o da terceira. Põe especial ênfase em "o que tem que vir a seu povo nos últimos dias; porque a visão é para esses dias" (cap. 10: 14), e o "tempo fixado era largo" (vers. 1, RVA). A narração esboçada da história que se encontra em 781 o cap. 11: 2-39 leva a "os últimos dias" (cap. 10: 14) e os acontecimentos "ao cabo do tempo" (cap. 11: 40).

As profecias do Daniel estão estreitamente relacionadas com as do livro do Apocalipse. Em grande medida o Apocalipse trata do mesmo tema, mas faz ressaltar em forma especial o papel da igreja cristã como povo escolhido de Deus. Em conseqüência, alguns detalhes que podem parecer escuros no livro do Daniel com freqüência podem esclarecer-se ao compará-los com o livro do Apocalipse. Daniel recebeu instruções de fechar e selar aquela parte de sua profecia referente aos últimos dias até que, mediante um estudo diligente do livro, aumentasse o conhecimento de seu conteúdo e de seu importância (CS 405; cap. 12: 4). Embora a porção da profecia do Daniel relacionada com os últimos dias foi selada (cap. 12: 4; HAp 467), Juan

recebeu instruções específicas de não selar "as palavras da profecia" de seu livro, "porque o tempo está perto" (Apoc. 22: 10). De modo que para obter uma interpretação mais clara de qualquer porção do livro do Daniel que seja difícil de entender, devêssemos estudar cuidadosamente o livro do Apocalipse em busca de luz para dissipar as trevas.

5. Bosquejo.-

I. Seção histórica, 1: 1 a 6:28.

A. A educação do Daniel e seus companheiros, 1: 1-21.

1. A primeira deportação de cativos do Judá a Babilônia, 1: 1-2.

2. A eleição do Daniel e seus companheiros para receber

educação para o serviço real, 1: 3-7.

3. Daniel consegue permissão para viver de acordo com sua lei, 1: 8-16.

4. Uma educação bem-sucedida e o ingresso ao serviço real, 1: 17-21.

B. O sonho do Nabucodonosor sobre a grande imagem, 2: 1-49.

1. Nabucodonosor aflito por um sonho, 2: 1-11.

2. A execução dos sábios ordenada e anulada, 2: 12-16.

3. Daniel recebe sabedoria e expressa gratidão, 2: 17-23.

4. Daniel comunica o sonho ao rei, 2: 24-35.

5. Daniel interpreta o sonho, 2: 36-45.

6. Nabucodonosor reconhece a grandeza de Deus, 2: 46-49.

C. Liberação dos amigos do Daniel do forno de fogo ardente, 3:1-30.

1. Nabucodonosor erige uma imagem e ordena sua adoração, 3: 1-7.

2. Os três hebreus fiéis se negam a adorá-la, 3: 8-18.

3. A Liberação do forno por intervenção divina, 3: 19-25.

4. A confissão e o decreto do Nabucodonosor; os hebreus são

promovidos, 3 :26-30.

D. O segundo sonho do Nabucodonosor, sua humilhação e restauração, 4: 1-37.

1. A confissão do Nabucodonosor a respeito da sabedoria e o poder

de Deus, 4: 1-9.

2. Descrição do sonho, 4: 10-18.

3. Daniel interpreta o sonho, 4: 19-27.

4. A queda e restauração do Nabucodonosor, 4: 28-36.

5. Nabucodonosor elogia ao Deus do céu, 4: 37.

E. O banquete do Belsasar e a perda da monarquia, 5: 1-31.

1. Belsasar profana os copos do templo, 5: 1-4.

2. A misteriosa escritura na parede, 5: 5-12. 782

3. A interpretação do Daniel, 5: 13-28.

4. Daniel recebe honras, cai Babilônia, 5: 29-31.

F. A liberação do Daniel do fosso dos leões, 6: 1-28.

1. Elogio do Daniel e o ciúmes de seus colegas, 6: 1-5.

2. O decreto do Darío que restringia as orações, 6: 6-9.

3. A transgressão do Daniel e sua condenação, 6: 10-17.

4. A liberação do Daniel e o castigo de seus acusadores, 6:18-24.

5. Reconhecimento público da grandeza do Deus do Daniel, 6: 25-28.

II. Seção profética, 7: 1 a 12: 13.

A. A segunda mensagem profética do Daniel, 7: 1-28.

1. As quatro bestas e o corno pequeno, 7: 1-8.

2. julgamento e reino eterno do Filho de homem, 7: 9-14.

3. Um anjo interpreta a visão, 7: 15-27.

4. Impressão sobre o Daniel, 7: 28.

B. A terceira mensagem profética do Daniel, 8: 1 a 9:27.

1. O carneiro, o macho caibro e os chifres, 8:1-8.

2. O corno pequeno e sua maldade, 8: 9-12.

3. A profecia -com implicação de tempo- da purificação do santuário, 8: 13-14.

4. Gabriel interpreta a primeira parte da visão, 8: 15-26.

5. A enfermidade do Daniel como resultado da visão, 8: 27.

6. Daniel ora pedindo a restauração e confessa os pecados de seu povo, 9:1-19.

7. Gabriel interpreta a parte restante da visão, 9:20-27.

C. A quarta mensagem profética do Daniel, 10: 1 a 12:13.

1. O jejum do Daniel, 10: 1-3.

2. A aparição de "um varão" e o efeito que teve sobre Daniel, 10:4- 10.

3. A conversação preliminar do "varão" com o Daniel, 10: 11 a 11: 1.

4. Visão concernente a sucessos históricos futuros, 11: 2 a 12:3.

5. A duração das "maravilhas"; promessas pessoais a Daniel, 12:4-13.

CAPÍTULO 1

1 A cautividad do Joacim. 3 Aspenaz traz para o Daniel, Ananías, Misael e Azarías. 8 Rehúsan a comida do rei e vai bem com legumes e água. 17 Se destacam em sabedoria.

1 NO terceiro ano do reinado do Joacim rei do Judá, veio Nabucodonosor rei de Babilônia a Jerusalém, e a sitiou.

2 E o Senhor entregou em suas mãos ao Joacim rei do Judá, e parte dos utensílios da casa de Deus; e os trouxe para terra do Sinar, à casa de seu deus, e colocou os utensílios na casa do tesouro de seu deus.

3 E disse o rei ao Aspenaz, chefe de seus eunucos, que os trouxesse dos filhos de Israel, da linhagem real dos príncipes,

4 moços em quem não houvesse mancha alguma, de bom parecer, ensinados em toda sabedoria, sábios em ciência e de bom entendimento, e idôneos para estar no palácio do rei; e que lhes ensinasse as letras e a língua dos caldeos.

5 E lhes assinalou o rei ração para cada dia, da provisão da comida do rei, e do vinho que ele bebia; e que os criasse três anos, para que ao fim de eles se apresentassem diante do rei

6 Entre estes estavam Daniel, Ananías, 783 Misael e Azarías, dos filhos de

Judá.

7 A estes o chefe dos eunucos pôs nomes: pôs ao Daniel Beltsasar; a Ananías, Sadrac; ao Misael, Mesac; e ao Azarías, Abed-nego

8 E Daniel propôs em seu coração não poluir-se com a porção da comida do rei, nem com o vinho que ele bebia; pediu, portanto, ao chefe dos eunucos que não lhe obrigasse a poluir-se

9 E pôs Deus ao Daniel em graça e em boa vontade com o chefe dos eunucos

10 e disse o chefe dos eunucos ao Daniel: Temo a meu senhor o rei, que assinalou sua comida e sua bebida; pois logo que ele veja seus rostos mais pálidos que os dos moços que são semelhantes a vós, condenarão para com o rei minha cabeça

11 Então disse Daniel ao Melsar, que estava posto pelo chefe dos eunucos sobre o Daniel, Ananías, Misael e Azarías

12 Te rogo que faça a prova com seus servos por dez dias, e nos dêem legumes a comer, e água a beber

13 Compara logo nossos rostos com os rostos dos moços que comem de a ração da comida do rei, e faz depois com seus servos conforme veja

14 Consentiu, pois, com eles nisto, e provou com eles dez dias

15 E ao cabo dos dez dias pareceu o rosto deles melhor e mais robusto que o dos outros moços que comiam da porção da comida do rei

16 Assim, pois, Melsar se levava a porção da comida deles e o vinho que tinham que beber, e lhes dava legumes

17 A estes quatro moços Deus deu conhecimento e inteligência em todas as letras e ciências; e Daniel teve entendimento em toda visão e sonhos

18 Passados, pois, os dias ao fim dos quais havia dito o rei que os trouxessem, o chefe dos eunucos os trouxe diante do Nabucodonosor

19 E o rei falou com eles, e não foram achados entre todos eles outros como Daniel, Ananías, Misael e Azarías; assim, pois, estiveram diante do rei

20 Em todo assunto de sabedoria e inteligência que o rei lhes consultou, os achou dez vezes melhores que todos os magos e astrólogos que havia em todo seu reino

21 E continuou Daniel até o primeiro ano do rei Ciro

1.

O terceiro ano.

Sobre a base de sincronismos bíblicos que relacionam os reinados de vários reis do Judá com o do Nabucodonosor, cujos anos babilônicos de reinado hão sido astronomicamente estabelecidos, o terceiro ano do Joacim durou, segundo o calendário judeu, do outono (setembro-outubro no hemisfério norte) do 606 A. C. até o outono do 605 (ver T. II, P. 164; T. III, PP. 93-94).

portanto os acontecimentos registrados neste versículo e nos seguintes devem ter ocorrido durante o ano civil judeu que começou no outono do 606 e terminou no outono do 605 A. C. antes de que se entendessem os antigos sistemas de computar os anos de reinado, este versículo apresentava aos comentadores um problema insuperável pela aparente contradição com o Jer. 25: 1. como resultado de descobrimentos arqueológicos modernos todas as dificuldades históricas e cronológicas sobre este ponto hão desaparecido, e as evidências apresentam um quadro completamente harmonioso (ver P. 775). Uma vez mais foi vindicada a integridade do Registro Sagrado (ver P. 774).

Joacim era o segundo filho do Josías. Quando Josías perdeu a vida no Meguido o povo pôs como rei em seu lugar ao Joacaz, quarto filho do Josías (ver com. 1 Crón. 3: 15). Depois que Joacaz tinha reinado durante três meses, Necao, rei do Egito, de volta de sua primeira campanha no norte da Mesopotamia, o depôs e pôs ao Joacim no trono (2 Rei. 23: 29-34). O novo rei do Judá, cujo nome foi trocado pelo rei egípcio do Eliaquim, "Meu Deus levanta", a Joacim, "Jehová levanta", foi obrigado a pagar fortes tributos ao Egito (2 Rei. 23: 34-35), mas parece ter estado de acordo com manter-se leal a seu senhor egípcio.

Nabucodonosor.

Heb. Nebukadne'tstsar, a transliteración hebréia corrente do babilonio Nabu-kuduri-utsur, significa "Que [o deus] Nabu proteja a meu filho" ou "Nabú proteja a minha pedra de limite". Também aparece algumas vezes na Bíblia hebréia o nome escrito Nebukadre'tstsar (Jer. 21: 2; Eze. 26:7; etc.). Na LXX aparece como Naboujodonosor; mas nas obras do Estrabón e como variante em um manuscrito do Josefo, escreve-se Nabokodrosoros.

A presença do Nabucodonosor na Palestina em 605 A. C., como o indica Dão. 1: 1, está confirmada por dois relatos babilonios: (1) uma narração do historiador Beroso, 784 cuja obra perdida foi citada pelo Josefo -no que corresponde a este acontecimento- em Contra Apión I. 19, e (2) uma parte da Crônica Babilônica até agora desconhecida (seu editor é D. J. Wiseman, Chronicles of Chaldean Kings, 1956), que abrange todo o reinado do Nabopolasar e os primeiros onze anos de seu filho Nabucodonosor.

Beroso, tal como o cita Josefo, relata que Nabucodonosor recebeu a ordem de seu pai Nabopolasar de sufocar uma rebelião no Egito, Fenícia e Celesiria. Tendo completado sua missão mas estando ainda no oeste, recebeu a notícia da morte de seu pai. Deixou aos cativos em mãos de seus generais, e se apressou a retornar a Babilônia pelo caminho mais curto do deserto. Sem dúvida essa pressa se deveu ao desejo de impedir que um usurpador tomasse o trono. Beroso diz que Nabucodonosor deixou a cativos judeus com seus generais quando se apressou a voltar para Babilônia. Daniel e seus amigos devem ter estado entre esses cativos. A afirmação de Dão. 1: 1-2 e a do Beroso eram os únicos registros antigos conhecidos que se referiam a esta campanha de Nabucodonosor até que tirou o chapéu em 1956 a Crônica Babilônica: um relato o que pela primeira vez apresenta -ano detrás ano- as datas exatas da ascensão ao trono do Nabopolasar e de sua morte, a coroação do Nabucodonosor e a captura de um rei do Judá - indubitavelmente Joaquín- oito anos mais tarde. Também localiza a morte do Josías em 609 e a batalha do Carquemis em 605.

Anteriormente a coroação do Nabucodonosor tinha sido se localizada por agosto de 605 mediante o registro de datas que aparece nas tabuletas de argila de documentos comerciais de Babilônia (ver T. III, PP. 88-89), posto que o

último desses documentos do ano 21 do Nabopolasar corresponde com o 8 de agosto, e o primeiro do novo reinado foi escrito em setembro.

Entretanto, a crônica dá o dia preciso. Narra a forma em que Nabucodonosor no ano 21 de seu pai- derrotou decisivamente aos egípcios no Carquemis e subjugou a terra do Hatti (Síria-palestina). Depois, ao saber da morte de seu pai o 8 do Ab (aproximadamente em 15 de agosto), voltou rapidamente para Babilônia e ocupou o trono o 1º do Elul (aproximadamente em 7 de setembro). Posteriormente no ano de sua coroação e outra vez em seu ano 1 (que começou na primavera de 604), voltou para o oeste e recebeu tributo dos reis vassalos.

Isto explica como Daniel pôde ser levado cativo no 3er ano do Joacim, o ano anterior ao 1 do Nabucodonosor (ver P. 775).

Rei de Babilônia.

Quando Nabucodonosor veio contra Jerusalém no 3er ano do Joacim, poucas semanas antes da morte de seu pai, ou no máximo poucos meses, não era ainda rei. Mas Daniel, ao registrar estes acontecimentos, provavelmente durante o 1er. ano do Ciro (vers. 21), 70 anos depois de ocorridos os sucessos descritos, chama o Nabucodonosor "rei de Babilônia". Quando Daniel chegou a Babilônia sendo um jovem cativo, Nabucodonosor já era rei. Após viu o Nabucodonosor reinar durante 43 anos. Daí que pareça inteiramente natural que Daniel se refira a ele como "rei". Por outra parte é possível, embora difícil, que Daniel fora tomado durante o curto intervalo entre a morte do Nabopolasar e a volta do Nabucodonosor a Babilônia.

2.

Parte dos utensílios.

Sem dúvida Nabucodonosor tomou os mais finos e valiosos copos do templo para usá-los no serviço de seu deus Marduk. Naturalmente não deixou mais que o absolutamente indispensável para que continuasse levando-se a cabo o ritual jornal no templo de Jerusalém. Os caldeos se levaram copos sagrados a Babilônia em três ocasiões: (1) durante a campanha registrada nesta passagem, (2) quando Jerusalém foi tomada ao final do reinado do Joaquín no 597 A. C. (2 Rei. 24: 13), e (3) ao final do reinado do Sedequías, quando depois de um comprido assedio Jerusalém foi tomada e destruída em 586 A. C. (2 Rei. 25: 8-15). O saque dos tesouros de Jerusalém pelas forças babilônicas cumpria a profecia do Isaías pronunciada quase um século antes (ISA. 39: 6). Sobre a sorte do arca ver com. Jer. 37: 10.

Terra do Sinar.

Os primeiros comentadores identificavam este término com mat Sumeri, "a terra do Sumer", ou a Babilônia meridional, mas pelo general esta interpretação foi descartada. Na maior parte das referências do AT Sinar é só outro nome de Babilônia. A origem da palavra "Sinar" ainda não é claro (ver com. Gén. 10: 10). Entretanto, no Gén. 14: 1, 9, Sinar parece ser o nome de uma região do norte da Mesopotamia chamada Sanhar nos textos cuneiformes. Assim como no Gén. 11: 2, ISA. 785 11: 11 e Zac. 5: 11, a Sinar mencionada no Daniel é indiscutivelmente Babilônia.

Seu deus.

O deus principal de Babilônia era Marduk, que do tempo da primeira dinastia, mais de mil anos antes, tinha sido chamado usualmente Bel, "senhor'. Seu templo principal, chamado Esagila, em cujo pátio estava a grande torre templo, Etemenanki, estava no coração de Babilônia (ver Nota Adicional do cap. 4; também o mapa da P. 823).

Casa do tesouro.

Os documentos cuneiformes babilônicos mencionam freqüentemente os tesouros do Esagila, o grande templo do Marduk. Não se sabe qual dos muitos edifícios secundários que pertenciam ao conjunto do templo pôde ter albergado esses tesouros. Entretanto, escavou-se uma casa do tesouro de ordem secular dentro do recinto do palácio. Os escavadores chamaram a este edifício Museu do Palácio porque encontraram ali colecionadas muitas esculturas e inscrições das cidades conquistadas. Como em um museu moderno, se exibiam também objetos de distintas partes do império. Embora o edifício estava aberto ao público, proibia-se a entrada a "pessoas malvadas", depende uma inscrição da época. Não seria impossível que muitos tesouros de Jerusalém, especialmente os que provinham da tesouraria real, fossem expostos neste museu do palácio e fossem vistos por muitos visitantes.

3.

Aspenaz.

Um nome que aparece nos textos cuneiformes do Nipur do século V A. C. em a forma um pouco diferente da Ashpazanda, mas que aparece nos textos aramaicos de sortilégios, também do Nipur, na forma do Aspenaz. Embora seu significado ainda é escuro, pensou-se que o nome poderia ser de origem persa, procedência provável deste funcionário. Muitos estrangeiros chegavam a elevados cargos e recebiam honras ao serviço dos caldeos.

Chefe de seus eunucos.

O título hebreu rabsaris, "eunuco principal", aparece também em um texto aramaico do ano 682 A. C. Nas inscrições babilônicas encontram como seu equivalente o título rab sha reshi, literalmente, "o chefe de que está sobre a cabeça [do rei]". O título se aplicava ao homem de confiança do rei.

discutiu-se freqüentemente se o término saris só se usava para designar aos funcionários que eram eunucos no sentido literal e físico da palavra, quer dizer, que tinham sido castrados, ou se saris se usava de uma maneira general para designar qualquer tipo de funcionário real. Não pode dar uma resposta categórica a esta pergunta. Entretanto, representações gráficas assírias da vida cotidiana da corte indicam claramente, mostrando uma distinção de rasgos faciais como a ausência ou presença de barba, que o rei estava rodeado tanto de funcionários que eram literalmente eunucos como dos que não o eram. Ainda mais, sortes representações indicam que os eunucos literais parecem ter sido maioria. Alguns dos maiores homens da história assíria pertenceram a esta categoria, como por exemplo, Dai>n-Ashshur, o grande visir do Salmanasar III, junto com muitos comandantes militares e outros funcionários elevados. Isaías profetizou que alguns de os descendentes do Ezequías seriam eunucos no palácio do rei de Babilônia (ISA. 39:7).Alguns comentadores hão sustenido que Daniel e seus três companheiros estavam incluídos nesta profecia.

Israel.

depois da destruição da Samaria em 723/722 A. C., quando as dez tribos do norte deixaram de existir como nação separada, o reino do Judá ficou como único representante dos descendentes do Jacob ou Israel. Desde aí que o nome o Israel se usasse freqüentemente durante o desterro e no período postexílico para designar aos representantes do reino do sul (ver Eze. 14: 1; 17: 2; etc.; Esd. 3: 1,11; etc.).

Linhagem real.

Quando Nabucodonosor conquistou Jerusalém no ano 605 A. C., tomou reféns de a casa real do Judá como também das principais famílias daquela desventurada nação. Os conquistadores da antigüidade tinham o costume de se levar nobres como reféns para assegurá-la lealdade dos inimigos vencidos. Tal prática se registra nos anais do Tutmosis III do Egito, quem, depois de derrotar a uma coalizão de governantes sírios e palestinos na batalha do Meguido no século XV A. C., permitiu aos reis derrotados que seguissem ocupando o trono, mas levou ao Egito a um príncipe de cada um de seus inimigos vencidos. No Egito foram educados à maneira egípcia e quando um dos reis satélites da Palestina ou Síria morria, um dos filhos do defunto, educado no Egito e simpatizante 786 do Faraó, era posto no trono vacante.

Príncipes.

Heb. partemim, uma palavra tirada do antigo persa, fratama, "nobres", que basicamente significa 'principais". Fora desta passagem, a palavra partemim usa-se só no Ester (cap. 1: 3; 6: 9). A presença no livro do Daniel de esta e outras palavras tiradas do persa pode explicar-se facilmente se supomos com razão que o primeiro capítulo do Daniel foi escrito durante o 1er ano do Ciro, quando a influência persa já era forte (ver Dão. 1: 21).

4.

Moços.

Heb. yéled, é um término cujas acepções indicam distintas idades. Aqui designa a "jovens", "homens jovens". Os jovens conselheiros que tinham sido criados com o rei Roboam são chamados yéled (1 Rei. 12: 8). A palavra se traduz: "jovens" (RVR); o mesmo término se aplica a Benjamim quando tinha ao redor de 30 anos, pouco antes de ir ao Egito, quando já era pai de 10 filhos (Gén. 44: 20; cf. cap. 46: 21). Não é então estranho que uma palavra que pode significar "moços" se aplique a jovens, dos quais um de eles, Daniel, tinha já 18 anos (4T 570). Em relação com isto, cabe mencionar que em época posterior o historiador Jenofonte diz que nenhum jovem podia ingressar no serviço dos reis persas antes de cumprir os 17 anos (Ciropedia I. 2).

Não houvesse mancha alguma.

A saúde física e uma aparência formosa eram consideradas qualidades indispensáveis para um magistrado de alta linhagem entre os antigos, e ainda hoje estas características são muito bem cotadas no Próximo Oriente.

Caldeos.

Este término (acadio, kaldu) designa aos membros de uma tribo aramaica que

primeiro se estabeleceram na Baixa Mesopotamia e que tomaram o governo de Babilônia quando Nabopolasar fundou a dinastia neobabilónica. A palavra pode aplicar-se também a uma classe de eruditos da corte babilônico que eram os principais astrônomos de seu tempo. Estes sábios eram igualmente peritos em outras ciências exatas, como matemática, embora incluíam em suas atividades magia e astrologia. Os comentadores não estiveram de acordo em seus interpretações da frase "as letras e a língua dos caldeos". O ponto de vista mais antigo, encontrado entre os pais da igreja, interpreta esta frase como um estudo do idioma e a literatura dos aramaicos, enquanto que muitos dos comentadores modernos pensam que significa a combinação do conhecimento científico e lingüístico dos caldeos. Todos os escritos cientistas conhecidos dessa época foram inscritos em tabuletas de argila em escritura cuneiforme, no idioma babilonio. portanto, deve deduzir-se que "as letras e a língua dos caldeos" incluíam uma educação a fundo no idioma clássico e a escritura do país -vale dizer do idioma babilonio e escritura cuneiforme- além disso do aramaico familiar e comum. Já que não era fácil chegar a ser perito no uso da escritura cuneiforme com seus centenares de caracteres, uma boa base cultural, uma habilidade natural para aprender facilmente e o dom de captar rapidamente um novo idioma eram considerados prerrequisitos desejáveis para ser aceito na escola real dos futuros cortesãos (ver PR 351-352).

5.

Assinalou-lhes.

Pelo fato de ser alunos da escola real de cortesãos, os jovens recebiam rações da casa real. Este costume também se seguia no último período persa, do qual temos maior número de registros da época que do período neobabilónico.

Ração... da comida.

Heb. pathbag, uma palavra tirada do antigo persa patibaga, "porção" ou "manjares". Sobre o uso de tais palavras de outros idiomas ver com. vers. 3. Pathbag se usa 6 vezes no Daniel (cap. 1: 5, 8, 13, 15-16; 11: 26).

Três anos.

Isto é, contando o primeiro ano e o último (ou cômputo inclusivo; ver T. 11, PP. 139-140), desde ano em que Nabucodonosor subiu ao trono, quando Daniel foi tomado cativo (ver com. vers. 1), até o 2º ano de seu reinado (ver com. vers. 18).

6.

Entre estes.

Esta expressão mostra que outros jovens tinham sido escolhidos para receber instrução além dos quatro que se mencionam por nome. Sem dúvida se nomeia a estes quatro por sua singular atuação. Sua firme lealdade a Deus os ganhou grandes recompensa em forma de honra mundana e bênções espirituais (cap. 2: 49; 3: 30; 6: 2; 10: 11).

Daniel.

Significa "Deus é meu juiz". No AT o nome aparece primeiro como o de

um dos filhos do David (1 Crón. 3: 1), e depois como nome de um sacerdote do século V (Esd. 8: 2; Neh. 10: 6). Entretanto, o nome já se conhecia em Ugarit (Ras Samra) em meados do segundo milênio A. C. como 787 nome de um legendário rei justo, a quem alguns eruditos identificaram erroneamente com o Daniel que menciona Ezequiel (Eze. 14: 14; 28: 3). É evidente que o nomeie Daniel era muito comum entre os povos semitas porque o encontra entre os babilonios, lhes saiba do sul da Arábia, assim como entre os nabateos -os sucessores dos idumeos- e entre os palmireños do norte da Arábia.

Ananías.

Significa "Yahweh é misericordioso". Ananías era um nome comum entre os hebreus que corresponde pelo menos com 14 indivíduos diferentes mencionados no AT. O nome também se encontra na transliteración acadia, Hananiyama, como nome de um judeu que vivia no Nipur no século V. Em outro documento cuneiforme do Nipur, o nome está gravado em argila em escritura aramaica. Também o encontra em inscrições judias posteriores e nos papiros aramaicos da Elefantina.

Misael.

Provavelmente signifique "Quem pertence a Deus?" O nome corresponde com vários personagens bíblicos tão antes como depois do desterro (Exo. 6: 22; Neh. 8: 4).

Azarías.

Significa: "Yahweh ajuda". O nome aparece freqüentemente na Bíblia. Fora da Bíblia o encontra inscrito em asas de jarros achados em escavações da Palestina e também está em documentos cuneiformes com a forma Azriau.

7.

Pôs nomes.

Os novos nomes jogo de dados aos jovens hebreus significavam sua adoção na corte babilônico, costume que tem exemplos similares na história bíblica. José recebeu um nome egípcio ao ingressar na vida cortesã egípcia (Gén. 41: 45), e o nome da Hadasa foi trocado pelo Ester (Est. 2: 7), provavelmente quando chegou a ser reina. Os documentos antigos também testemunham que existia este costume entre os babilonios. O rei assírio Tiglat-Pileser III tomou o nome do Pulu (Pul na Bíblia) quando chegou a ser rei de Babilônia (ver com. 1 Crón. 5: 26; T. II, PP. 159-161), e parece que Salmanasar V usou o nome Ululai ao desempenhar o mesmo cargo.

Beltsasar.

A transliteración hebréia e aramaica representam a pronúncia masorética posterior de um nome babilonio. Embora os eruditos sugeriram várias identificações com formas babilônicas, nenhuma é completamente satisfatória. Em vista do comentário do Nabucodonosor feito muitos anos mais tarde, de que o nome babilonio do Daniel significava "como o nome por mim deus" (cap. 4: 8), parece evidente que a primeira sílaba, "Bel", refere-se a Bel, o nome popular do deus principal de Babilônia, Marduk. Por esta razão deve rechaçá-la identificação do novo nome do Daniel com Balat-sharri-usur, "proteja a vida do rei" ou Balatsu-usur, "proteja sua vida",

embora ambas as interpretações acharam forte apoio entre os asiriólogos quem diz que esses são os equivalentes mais próximos à forma hebréia. A sugestão do R. D. Wilson de identificar ao Beltsasar com o Bel-lit-shar-usur, "Bel proteja ao refém do rei", dificilmente pode ser acertada, sendo extremamente improvável que os babilonios tivessem posto um nome tal a um cativo, se julgarmos de acordo com os milhares de nomes babilonios encontrados nos documentos cuneiformes. A melhor identificação parece ser ainda aquela dada pelo Delitzsch que toma este nome como abreviatura do BLI-bal>tsu-usur, "Bel proteja sua vida [a do rei]".

Sadrac.

Este nome não pode explicar-se em babilonio. Alguns eruditos pensaram que o nome é uma alteração do Marduk, enquanto outros trataram que explicá-lo com a ajuda de palavras sumerias. Jensen sugeriu que é o nome do deus elamita Shutruk, mas é difícil explicar por que os babilonios teriam usado um nome elamita.

Mesac.

Não se encontrou ainda uma explicação satisfatória a respeito deste nome. Como já se há dito do Sadrac, Mesac não é nome babilônico.

Abed-nego.

Geralmente se aceita que este nome corresponde ao Abed-nebo, "servo de [o deus] Nabu", nome que se encontra em um papiro aramaico achado no Egito.

8.

Não poluir-se.

Havia várias razões pelas quais um judeu piedoso evitaria comer da comida real: (1) os babilonios, como outras nações pagãs, comiam carnes imundas (ver CRA 33-34); (2) os animais não tinham sido mortos de acordo com a lei levítica (Lev. 17: 14-15); (3) uma porção dos animais destinados ao alimento era oferecida primeiro como sacrifício aos deuses pagãos (ver Hech. 15: 29); (4) o consumo de mantimentos e bebidas sibaríticos e insalubres estava contra os princípios de estrita temperança: (5) por todas estas razões 788 Daniel e seus companheiros preferiram abster-se de comer carnes (ver Material Suplementar do EGW com. Dão. 1: 8). Os jovens hebreus decidiram não fazer nada que prejudicasse seu desenvolvimento físico, mental e espiritual.

9.

Em graça.

Compare-se com o caso do José (Gén. 39: 4, 21), do Esdras (Esd. 7: 28), e de Nehemías (Neh. 2:8). Indubitavelmente a cortesia, a gentileza e a fidelidade demonstradas por estes homens lhes conquistaram a graça de seus superiores (ver PP 216; CRA 35). Ao mesmo tempo eles atribuíram seu êxito à bênção de Deus. Deus obra com os que cooperam com ele. Ver P. 778.

10.

Condenarão... minha cabeça.

Esta declaração diz literalmente: "Fazem culpado minha cabeça para o rei". Esta expressão poderia implicar a pena capital, mas simplesmente poderia significar que o chefe dos eunucos seria responsável se os que tinham sido postos sob seu cuidado decaíam fisicamente.

11.

Melsar.

Heb. meltsar, que segundo registros cuneiformes babilônicos era uma palavra derivada do acadio, matstsaru, que significa "guardião" ou "custódio". A presença do artigo definido em hebreu também indica que não se trata de um nome próprio. Daí que não saibamos o nome do funcionário ajudante que atuava como tutor imediato dos aprendizes hebreus. Embora Aspenaz se tinha mostrado amigável e pormenorizado ante o pedido do Daniel, vacilou antes de ajudar ao jovem cativo. Daí que Daniel fora ao funcionário que era seu tutor imediato e lhe apresentou um pedido específico.

12.

Dez dias.

Este parece ser um período muito curto para que se notasse uma mudança apreciável de aparência e vigor físico. Entretanto, graças a seus hábitos de estrita temperança, Daniel e seus companheiros já desfrutavam de organismos sãs (ver PR 353), que responderam aos benefícios de um regime apropriado. Sem dúvida, seu restabelecimento dos rigores da larga marcha desde a Judea foi mais marcado que o de outros cativos que não cultivavam hábitos de sobriedade. No caso do Daniel e de seus três companheiros, o poder divino se uniu com o esforço humano e o resultado foi verdadeiramente notável (cf. PP 215). A bênção de Deus acompanhou a nobre resolução dos jovens de não poluir-se com os manjares do rei. Sabiam que a complacência em mantimentos e bebidas estimulantes não lhes permitiria alcançar o melhor desenvolvimento físico e mental. Melsar estava seguro de que "um regime abstêmio faria que estes jovens tivessem uma aparência gasta e doentia... em tanto que a luxuosa comida proveniente da mesa do rei os faria corados e formosos, e os repartiria uma atividade física superior" (CRA 35), e se surpreendeu ao ver que os resultados eram completamente opostos a sua hipótese.

Deus honrou a esses jovens devido a seu invariável propósito de fazer o reto. A aprovação de Deus lhes era de mais valor que o favor do mais poderoso potentado da terra, até de mais valor que a vida mesma (ver CRA 35). Esta firme resolução não tinha nascido sob a pressão das circunstâncias imediatas. Da infância estes jovens tinham sido educados em estritos hábitos de temperança. Conheciam quanto aos efeitos degenerativos de um regime alimentá-lo lhe intoxique, e fazia muito que tinham determinado não debilitar suas faculdades mentais e físicas pela complacência do apetite. O fim do período de prova os encontrou com melhor aparência, atividade física e vigor mental.

Daniel não rechaçou as viandas do rei para aparecer como estranho. Muitos poderiam raciocinar que em tais circunstâncias havia uma desculpa plausível para apartar-se do estrito apego aos princípios e que em conseqüência Daniel era de mente estreita, fanático e muito puntilloso. Daniel procurava viver em paz com todos e cooperar ao máximo com seus superiores, enquanto tal cooperação não o exigisse sacrificar seus princípios. Estava disposto a sacrificar honras

mundanos, riqueza e posição, sim, até a vida mesma em tudo onde entrasse em jogo a lealdade ao Jehová.

Legumes.

Heb. zero'im, da raiz zera', "semente"; mantimentos vegetais, de novelo que produzem sementes. De acordo com a tradição judia, os bagos e as tâmaras estavam também compreendidos neste término. Já que as tâmaras são parte do regime básico na Mesopotamia, é provável que os tivesse incluído aqui.
Ver com. vers. 8.

17.

Estes quatro moços.

Ver com. vers. 4.

Conhecimento e inteligência.

A instrução que Daniel e seus três amigos receberam foi também para eles uma prova de fé. A sabedoria dos caldeos estava unida à idolatria e práticas pagãs, e mesclava bruxaria 789 com ciência e sabedoria com superstição. Os estudantes hebreus se mantiveram afastados destas coisas. Não nos diz como evitaram os conflitos, mas apesar das influências corruptoras se mantiveram fiéis à fé de seus pais, como podemos claramente apreciar por provas posteriores de sua lealdade. Os quatro jovens aprenderam a perícia e as ciências dos caldeos sem adotar os elementos pagãos mesclados nelas.

Entre as razões pelas quais estes hebreus preservaram sua fé sem mancha podem notá-las seguintes: (1) Sua firme resolução de permanecer fiéis a Deus. Tinham mais que um desejo ou uma esperança de ser bons. Tinham a vontade de fazer o reto e apartar do mal. A vitória é possível só pelo correto exercício da vontade (ver DC 4748). (2) Sua dependência do poder de Deus. Embora valoravam as aptidões humanas e reconheciam a necessidade do esforço humano, sabiam que estas coisas por si mesmos não os garantiriam o êxito. Reconheciam que além disto deve haver uma humilde dependência e completa confiança no poder de Deus (ver CRA 182). (3) Se negaram a danificar sua natureza espiritual e moral mediante a complacência do apetite. davam-se conta de que o deixar de lado os princípios uma só vez teria debilitado seu sentido do bem e do mal, o que a sua vez provavelmente os teria levado a outros maus atos e finalmente à apostasia completa (ver CRA 183).(4)Sua conseqüente vida de oração. Daniel e seus jovens companheiros se davam conta de que a oração era uma necessidade, em especial por a atmosfera de mal que continuamente os rodeava (ver SL 20).

Toda visão e sonhos.

Enquanto que os três amigos do Daniel, ao igual a ele, estavam dotados de qualidades mentais excepcionais e lhe igualavam em lealdade a seu Deus, ele foi escolhido como mensageiro especial do céu. Alguns eruditos modernos que negam que exista um genuíno dom de profecia sugeriram que este versículo indica que Daniel tinha dotes especiais para aprender a maneira esquenta de interpretar sonhos e visões, e que nos concursos escolar nesta matéria, ultrapassava a seus condiscípulos. Daniel não pertenceu a essa classe de intérpretes de sonhos. Seu dom profético não era produto de uma educação bem-sucedida na escola real de adivinhos, feiticeiros e magos. Foi chamado por

Deus para fazer uma obra especial e se converteu no receptáculo de algumas das profecias mais importantes de todos os tempos (cap. 7-12).

18.

Passados. . . os dias.

Alguns expositores pensaram que quando o rei, em seu 2º ano, exigiu de seus sábios que interpretassem seu sonho (cap. 2: 1), Daniel não foi chamado à reunião porque não havia ainda completado sua educação, e que ele e seus amigos foram condenados a compartilhar a sorte dos magos porque pertenciam à profissão embora não eram ainda membros plenos dela. Não podemos considerar como correta esta hipótese. Os jovens aprendizes deviam ser educados durante três anos para que "apresentassem-se diante do rei" (cap. 1: 5); e eram "passados... os dias" especificados quando os trouxe diante do rei para ser examinados. Foi então quando "estiveram diante do rei" (ver com. vers. 19). Esta declaração indica que o período de três anos tinha concluído antes de que o rei os examinasse e achasse que Daniel e seus três amigos eram melhores que todos os outros candidatos. Isto dificilmente poderia haver ocorrido depois de que um deles, quer dizer Daniel, houvesse já recebido grandes honras e tivesse sido renomado como governador da província e supervisor de todos os magos, e depois de que os outros três houvessem recebido cargos elevados (cap. 2: 46-49). A seqüência lógica de acontecimentos, ao igual à ordem do relato, requerem que o curso de três anos que seguiu Daniel houvesse já terminado antes do famoso sonho de Nabucodonosor, em seu 2º ano de reinado.

Tudo isto leva a conclusão de que estes três anos não foram um período de 36 meses, mas sim devem contar-se em forma inclusivo. Representam (1) o ano quando Nabucodonosor subiu ao trono (ver com. vers. 2) e no qual os cativos hebreus chegaram a Babilônia e iniciaram sua educação; (2) o 1er ano do Nabucodonosor, que era o ano calendário que começou o primeiro dia de ano novo, depois de sua ascensão ao trono; e (3) o 2º ano do Nabucodonosor durante o qual Daniel terminou seus estudos e esteve "diante do rei", e no que também interpretou o sonho (ver cap. 2: 1; também PR 361).

Aplicando o antigo método de cômputo inclusivo (por numerosos casos sabemos que esta era a forma comum de contar o tempo; ver T. II, PP. 139-140), não há necessidade de assegurar, como o têm feito alguns comentadores 790 que o cap. 1 contradiz cronologicamente ao cap. 2, nem de procurar explicações complicadas ou forçadas como as que se encontram em muitos comentários. Por exemplo, Jerónimo disse que o 2º ano do cap. 2: 1 se refere aos 2º ano depois da conquista do Egito; e o erudito judeu, Ibn Ezra, pensava que o sonho aconteceu no 2º ano depois da destruição de Jerusalém pelo Nabucodonosor. Posteriormente alguns conjeturaram que Nabucodonosor reinou com seu pai durante dois anos (ver o T. III, PP. 93-94).

19.

Falou com eles.

Quando o eunuco principal apresentou a seus graduandos ante o rei ao final de seu período de preparação, um exame feito pessoalmente pelo Nabucodonosor demonstrou que os quatro jovens hebreus eram superiores a todos os outros. "Em força e beleza física, em vigor mental e realizações literárias, não tinham rival" (PR 356). Não se indica a forma do exame. Por uma descrição posterior das habilidades do Daniel, dada pela mãe do Belsasar -que

provavelmente era filha do Nabucodonosor- sabemos que ela conhecia o Daniel como um homem que era capaz de "decifrar enigmas e de resolver dificuldades" (cap. 5: 12, BJ). As perguntas que lhes fizeram podem ter incluído a explicação de um enigma, coisa que foi sempre uma diversão favorita em as cortes dos países do Próximo Oriente. Além disso, o exame pode haver incluído resolver problemas matemáticos e astronômicos, no qual os babilonios eram professores, como o revelam seus documentos, ou uma demonstração de habilidade para ler e escrever a difícil escritura cuneiforme.

A sabedoria superior do Daniel e de seus companheiros não foi o resultado do azar ou do destino, nem mesmo de um milagre, como geralmente se entende essa palavra. Os jovens se aplicaram diligente e concienzudamente a seus estudos, e Deus benzeu seus esforços. O verdadeiro êxito em qualquer empresa está assegurado quando se combinam o esforço divino e o humano. O esforço humano solo de nada vale; da mesma maneira o poder divino não faz desnecessária a cooperação humana (ver PR 356-358; cf. PP 215).

Entre todos eles.

Isto pode referir-se a outros jovens israelitas (vers. 3) gastos a Babilônia junto com o Daniel e seus amigos, mas sem dúvida também se refere a jovens nobres tirados de outros países, que tinham recebido a mesma educação que os hebreus.

Estiveram diante do rei.

Compare o vers. 5 com o cap. 2: 2. Quer dizer, entraram em serviço real. Note o uso similar das palavras "estar diante" no Gén. 41: 46; 1 Sam. 16: 21-22; 2 Crón. 9: 7; 10: 6, 8 (cf. Núm. 16: 9; 27: 21; Deut. 10: 8; 2 Crón. 29: 11).

20.

Sabedoria e inteligência.

Literalmente:"sabedoria de inteligência". RVR, junto com a maior parte das traduções, segue às versões antigas que têm uma conjunção entre as palavras "sabedoria" e "inteligência". Certos comentadores explicaram que a construção hebréia resulta do desejo de parte do autor de expressar a forma mais excelsa de inteligência ou ciência, ou de apresentar ante seus leitores a idéia de que queria significar uma sabedoria regulada ou determinada pelo entendimento; quer dizer que não se tratava de uma sabedoria mágica ou ciência sobrenatural. Isto sugeriria que Daniel e seus amigos ultrapassavam aos homens de sua profissão em assuntos de ciências exatas, como astronomia e matemática, e em estudos lingüísticos. Tinham aprendido perfeitamente a escritura cuneiforme, os idiomas babilonio e aramaico e a escritura quadrada aramaica.

Magos.

Heb. jartom, palavra que só aparece no Pentateuco (Gén. 41: 8, 24; Exo. 7: 11, 22; 8: 7, 18) e no Daniel (aqui e no cap. 2: 2). foi tirada da palavra egípcia jeri-dem, na qual jeri significa "chefe" ou "homem destacado" e dem "mencionar um nome em magia". portanto, um jeri-dem é um "chefe de magia" ou "mago principal". De acordo com nosso conhecimento atual, esta palavra não se usava em Babilônia e não a encontra em nenhuma parte nos documentos cuneiformes. Evidentemente Daniel tinha aprendido este término

mediante a leitura do Pentateuco, e não necessariamente estava informado dos términos técnicos egípcios. Daniel conhecia bem os escritos do Moisés e era um ávido estudante dos escritos sagrados de seu povo (ver cap. 9: 2). O uso desta palavra hebréia tirada do egípcio é uma ilustração de como seu estilo e seleção de palavras tinham recebido a influência do vocabulário da porção da Bíblia que existia então.

Astrólogos.

Heb. 'ashshaf, vocábulo tomado 791 da palavra acadia ashipu, "exorcista".

A adivinhação, a magia, o exorcismo e a astrologia eram comuns entre os povos antigos, mas em alguns países como Babilônia eram praticados por homens de ciência. prognosticavam-se os acontecimentos futuros procurando indícios nas vísceras de animais sacrificados ou no vôo dos pássaros.
A adivinhação se praticava especialmente mediante a inspeção do fígado de os animais sacrificados (hepatoscopía) e sua comparação com fígados "modelos" de argila, talheres de inscrições. Estes modelos, como os modernos manuais de quiromancia, continham explicações detalhadas de todas as diferenças de forma e instruções para a interpretação. Numerosos modelos de fígados feitos de argila foram desenterrados em vários sítios de Mesopotamia. Os antigos adivinhos tinham muitos métodos. Algumas vezes procuravam conselho vertendo azeite sobre água e interpretando a forma em que o azeite se esparramava (lecanomancia), ou sacudindo flechas dentro da aljaba e vendo logo a direção em que caía a primeira (belomancia). Ver Eze. 21: 21.

O adivinho também interpretava sonhos, inventava fórmulas de sortilégio por as quais pretendia poder afastar aos maus espíritos ou às enfermidades, e pedia conselho aos supostos espíritos dos mortos (necromancia). Cada potentado tinha muitos adivinhos e magos a seu serviço. Estavam a seu disposição em toda oportunidade e seguiam a seu rei nas campanhas militares, expedições de caça e visitas de Estado. buscava-se seu conselho antes de fazer decisões tais como a rota que devia seguir-se, ou a data do ataque contra o inimigo. A vida do rei era em grande medida regida e regulada por estes homens.

É um engano supor que os sábios de Babilônia eram só adivinhos e magos. Embora praticavam com destreza estas artes, eram também eruditos no verdadeiro sentido da palavra. Assim como na Idade Média a alquimia era praticada por homens muito instruídos e a astrologia era freqüentemente praticada por astrônomos que tinham capacidade científica, também os exorcistas e adivinhos dos tempos antigos se ocupavam de estudos estritamente científicos. Seu conhecimento astronômico tinha alcançado um grau surpreendente de desenvolvimento, embora a astronomia babilônico chegou a seu culminação depois da conquista persa. Os astrônomos podiam predizer tanto eclipse lunares como revestir por meio de cômputos. Sua capacidade matemática estava muito desenvolvida. Usavam fórmulas cujo descobrimento pelo general se atribui erroneamente aos matemáticos gregos. Além disso eram bons arquitetos, construtores e médicos aceitáveis que tinham encontrado por meios empíricos a maneira de curar muitas enfermidades. Deve ter sido em estes aspectos da sabedoria onde Daniel e seus três amigos ultrapassaram a os magos, astrólogos e sábios de Babilônia.

21.

Até o primeiro ano.

Alguns comentadores hão sustenido que há uma aparente contradição entre este versículo e a declaração do cap. 10: 1, onde diz que Daniel recebeu uma visão no 3er ano do Ciro. Mas o texto não implica necessariamente que a vida do Daniel não se estendeu mais à frente do 1er. ano do Ciro. Daniel pode haver-se referido a essa data por causa de algum acontecimento especial ocorrido durante esse ano. Alguns sugeriram que esse acontecimento foi o decreto do 1er ano do rei Ciro que marcou o fim do exílio babilônico (2 Crón. 36: 22-23; Esd. 1: 1-4; 6: 3). Esse decreto significou o cumprimento de uma importante profecia que Daniel tinha estudado cuidadosamente, quer dizer a profecia do Jeremías que anunciava que o desterro duraria 70 anos (Jer. 29: 10; Dão. 9: 2). Daniel viveu durante o desterro do primeiro cativeiro em 605 A. C. até o tempo quando o decreto foi promulgado pelo Ciro, provavelmente no verão [do hemisfério norte] de 537 A. C. (ver T. III, PP. 99-100). Daniel pôde ter desejado informar a seus leitores que embora havia sido deportado no primeiro cativeiro, estava ainda vivo quando o desterro terminou 70 anos mais tarde. Além disso pareceria lógica a conclusão de que o cap. 1, e possivelmente alguns dos outros capítulos não foram escritos até o 1er ano do Ciro. Uma data tal explicaria o uso de palavras tiradas do persa. Daniel novamente ocupou um cargo oficial durante o governo persa, pouco depois da queda de Babilônia (Dão. 6: 1-2), e sua relação com os magistrados desse país sem dúvida lhe permitiu acrescentar a seu vocabulário algumas de as palavras persas que usou na composição de seu livro. 792

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-21 Ed 51-52; FÉ 77-81; PR 351-360

1-2 PR 311

1-4 PR 315

2 Ed 51; PR 351

3-4 PR 352

3-5 ECFP 21

3-6 MC 106; PP 642

4 FÉ 77; PR 355

4-5 Lhe 240

5 CRA 33; PR 353; Lhe 189

6 PR 352

7 PR 352

8 C (1949) 38; CH 50, 65; CM 366, 379; CN 152; CRA 32, 34, 97, 182; ECFP 23; Ed 51; FÉ 78, 86, 227; 2JT 147; 3JT 358, 365; MeM 77, 123, 151, 262; MM 276; Lhe 32, 90, 134, 168, 210, 240

8-12 CH 64; PR 354

9 PR 401

10 ECFP 26

12 CRA 35; FÉ 79

12-20 ECFP 26-27

15-17 PR 355

15-20 CH 65; FÉ 80

17 CH 50, 65; CM 350; CRA 36, 182; FÉ 87, 225, 247 339, 358; MM 89; PVGM336

17-20 FÉ 193

18-20 CH 65

19 CRA 36; Lhe 241

19-20 Ed 52; MeM 151; MJ 239; PR 356

20 CH 50; FÉ 247, 358, 374; 2JT 478; MM 276; Lhe 169

CAPÍTULO 2

1 Nabucodonosor, que não pode recordar seu sonho, o pede aos caldeos, com promessas e ameaças. 10 Estes reconhecem sua inabilidade e som sentenciados a morte. 14 Daniel consegue obter uma trégua e lhe revela o sonho. 19 Benze a Deus. 24 Fazendo deter o decreto, é gasto ante o rei. 31 O sonho. 36 A interpretação. 46 Elevação do Daniel.

1 NO segundo ano do reinado do Nabucodonosor, teve Nabucodonosor sonhos, e perturbou-se seu espírito, e foi o sonho

2 Fez chamar o rei a magos, astrólogos, encantadores e caldeos, para que o explicassem seus sonhos. Vieram, pois, e se apresentaram diante do rei

3 E o rei lhes disse: tive um sonho, e meu espírito se turvou por saber o sonho

4 Então falaram os caldeos ao rei em língua aramaica: Rei, para sempre vive; dava o sonho a seus servos, e lhe mostraremos a interpretação

5 Respondeu o rei e disse aos caldeos: O assunto o esqueci; se não me mostrarem o sonho e sua interpretação, serão feitos pedaços, e suas casas serão convertidas em depósitos de lixo

6 E se me mostrassem o sonho e sua interpretação, receberão de mim dons e favores e grande honra. me digam, pois, o sonho e sua interpretação

7 Responderam pela segunda vez, e disseram: Diga o rei o sonho a seus servos, e lhe mostraremos a interpretação

8 O rei respondeu e disse: Eu conheço certamente que vós põem demoras, porque vêem que o assunto me foi

9 Se não me mostram o sonho, uma só sentença há para vós.

Certamente preparam resposta mentirosa e perversa que dizer diante de mim, enquanto isso que passa o tempo. me digam, pois, o sonho, para que eu saiba que podem-me dar sua interpretação

10 Os caldeos responderam diante do rei, e disseram: Não há homem sobre a terra que possa declarar o assunto do rei; além disto, nenhum rei, príncipe nem senhor perguntou coisa semelhante a nenhum mago nem astrólogo nem esquento

11 Porque o assunto que o rei demanda é difícil, e não há quem o possa declarar ao rei, salvo os deuses cuja morada não é com a carne

12 Por isso o rei com ira e com grande irritação mandou que matassem a todos os sábios de Babilônia. 793

13 E se publicou o decreto de que os sábios fossem levados a morte; e procuraram o Daniel e a seus companheiros para matá-los

14 Então Daniel falou sábia e prudentemente ao Arioc, capitão do guarda do rei, que tinha saído para matar aos sábios de Babilônia

15 Falou e disse ao Arioc capitão do rei: Qual é a causa de que este decreto publique-se de parte do rei tão apressadamente? Então Arioc fez saber a Daniel o que havia.

16 E Daniel entrou e pediu ao rei que lhe desse tempo, e que ele mostraria a interpretação ao rei.

17 Logo se foi Daniel a sua casa e fez saber o que havia ao Ananías, Misael e Azarías, seus companheiros

18 para que pedissem misericórdias do Deus do céu sobre este mistério, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com os outros sábios de Babilônia.

19 Então o segredo foi revelado ao Daniel em visão de noite, pelo qual benzeu Daniel ao Deus do céu

20 E Daniel falou e disse: Seja bendito o nome de Deus de séculos em séculos, porque seu som o poder e a sabedoria.

21 Ele muda os tempos e as idades; tira reis, e põe reis; dá a sabedoria aos sábios, e a ciência aos entendidos.

22 Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz.

23 A ti, OH Deus de meus pais, dou-te obrigado e te elogio, porque me deste sabedoria e força, e agora me revelaste o que lhe pedimos; pois nos há dado a conhecer o assunto do rei.

24 depois disto foi Daniel ao Arioc, ao qual o rei tinha posto para matar a os sábios de Babilônia, e lhe disse assim: Não mate aos sábios de Babilônia; me leve a presença do rei, e eu lhe mostrarei a interpretação.

25 Então Arioc levou prontamente ao Daniel ante o rei, e lhe disse assim: Hei achado um varão dos deportados do Judá, o qual dará ao rei a interpretação.

26 Respondeu o rei e disse ao Daniel, ao qual chamavam Beltsasar: Poderá você me fazer conhecer o sonho que vi, e sua interpretação?

27 Daniel respondeu diante do rei, dizendo: O mistério que o rei demanda, nem sábios, nem astrólogos, nem magos nem adivinhos o podem revelar ao rei.

28 Mas há um Deus nos céus, o qual revela os mistérios, e ele tem feito saber ao rei Nabucodonosor o que tem que acontecer nos últimos dias. Hei aqui seu sonho, e as visões que tiveste em sua cama:

29 Estando você, OH rei, em sua cama, vieram-lhe pensamentos por saber o que tinha que ser no por vir; e o que revela os mistérios te mostrou o que há de ser.

30 E me foi revelado este mistério, não porque em mim haja mais sabedoria que em todos os viventes, mas sim para que se dê a conhecer rei a interpretação, e para que entenda os pensamentos de seu coração.

31 Você, OH rei, via, e hei aqui uma grande imagem. Esta imagem, que era muito grande, e cuja glória era muito sublime, estava em pé diante de ti, e seu aspecto era terrível.

32 A cabeça desta imagem era de ouro fino; seu peito e seus braços, de prata; seu ventre e suas coxas, de bronze;

33 suas pernas, de ferro; seus pés, em parte de ferro e em parte de barro cozido.

34 Estava olhando, até que uma pedra foi atalho, não com mão, e feriu a imagem em seus pés de ferro e de barro cozido, e os esmiuçou.

35 Então foram esmiuçados também o ferro, o barro cozido, o bronze, a prata e o ouro, e foram como felpa das foi do verão, e os levou o vento sem que deles ficasse rastro algum. Mas a pedra que feriu a imagem foi feita um grande monte que encheu toda a terra.

36 Este é o sonho; também a interpretação dele diremos em presença do rei.

37 Você, OH rei, é rei de reis; porque o Deus do céu te deu reino, poder, força e majestade.

38 E em qualquer lugar que habitam filhos de homens, bestas do campo e aves do céu, ele os entregou em sua mão, e te deu o domínio sobre tudo; você é aquela cabeça de ouro.

39 E depois de ti se levantará outro reino inferior ao teu; e logo um terceiro reino de bronze, o qual dominará sobre toda a terra.

40 E o quarto reino será forte como ferro; e como o ferro esmiúça e rompe todas as coisas, esmiuçará e quebrantará tudo. 794

41 E o que viu dos pés e os dedos, em parte de barro cozido de oleiro e em parte de ferro, será um reino dividido; mas haverá nele algo da força do ferro, assim como viu ferro misturado com barro cozido.

42 E por ser os dedos dos pés em parte de ferro e em parte de barro cozido, o reino será em parte forte, e em parte frágil.

43 Assim como viu o ferro misturado com barro, mesclarão-se por meio de alianças humanas; mas não se unirão o um com o outro, como o ferro não se mescla com o barro.

44 E nos dias destes reis o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído, nem será o reino deixado a outro povo; esmiuçará e consumirá a todos estes reino, mas ele permanecerá para sempre,

45 da maneira que viu que do monte foi atalho uma pedra, não com mão, a qual esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. O grande Deus mostrou ao rei o que tem que acontecer no por vir; e o sonho é verdadeiro, e fiel sua interpretação.

46 Então o rei Nabucodonosor se prostrou sobre seu rosto e se humilhou ante Daniel, e mandou que lhe oferecessem pressentem e incenso.

47 O rei falou com o Daniel, e disse: Certamente seu Deus é Deus de deuses e Senhor dos reis, e o que revela os mistérios, pois pôde revelar este mistério.

48 Então o rei engrandeceu ao Daniel, e lhe deu muitas honras e grandes dons, e lhe fez governador de toda a província de Babilônia, e chefe supremo de todos os sábios de Babilônia.

49 E Daniel solicitou do rei, e obteve que pusesse sobre os negócios da província de Babilônia ao Sadrac, Mesac e Abed-nego; e Daniel estava na corte do rei.

1.

Segundo ano.

Quanto à identificação do 2.º ano do reinado do Nabucodonosor e a explicação de como os três anos da aprendizagem do Daniel (cap. 1: 5, 18) tinham concluído antes do fim do 2.º ano do rei, ver com. cap. 1: 18.

Teve. . . sonhos.

Possivelmente se usa o plural para indicar a pluralidade de sucessos vistos no sonho. O singular aparece nos vers. 3-6, etc. Os registros da antiga Mesopotamia contam de muitos sonhos de reis. Em um deles, Gudea -sacerdote e rei da cidade mesopotámica do Lagash no terceiro milênio a, C.- viu um homem que levava na cabeça uma coroa real cuja estatura alcançava da terra até o céu. Os antigos consideravam os sonhos com temor; pensavam que eram revelações de suas deidades e procuravam descobrir sua verdadeira interpretação.

O Senhor em sua providência deu ao Nabucodonosor este sonho. Deus tinha um mensagem para o rei de Babilônia. Havia representantes de Deus nos palácios do Nabucodonosor mediante os quais ele podia comunicar um conhecimento de si mesmo. Deus não faz acepção de pessoas nem de nações. Seu propósito é salvar a tantos como o desejam, de qualquer tribo ou nação. Ansiava tanto salvar à antiga Babilônia como desejava salvar ao Israel.

O sonho tinha o propósito de revelar Nabucodonosor que o decurso da história estava ordenado pelo Muito alto e sujeito a sua vontade. Ao rei se o mostrou a responsabilidade que lhe cabia no grande plano do céu, fim de que tivesse a oportunidade de cooperar voluntária e eficazmente com o programa divino.

As lições de história dadas ao Nabucodonosor teriam que instruir às nações e os homens até o fim do tempo. Outros cetros, além disso do de Babilônia, regeram os povos ao longo dos séculos. A cada nação de a antigüidade Deus lhe atribuiu um lugar especial em seu grande plano. Quando os governantes e o povo não aproveitaram sua oportunidade, sua glória foi abatida até o pó. As nações de hoje devessem fazer caso das lições da história passada. por cima das flutuantes cenas da diplomacia internacional, o grande Deus do céu está em seu trono "silenciosa e pacientemente" cumprindo "os intuitos e a vontade dele" (PR 366). Ao fim a estabilidade e a imutabilidade virão quando Deus mesmo, ao terminar o tempo, estabeleça seu reino que nunca será destruído (vers. 44; ver com. cap. 4-17).

Deus se amealhou ao rei Nabucodonosor por 795 meio de um sonho porque, evidentemente, esse era o meio mais efetivo para impressioná-lo com a importância da mensagem assim repartida, para ganhar sua confiança e assegurar seu cooperação. Como todos os antigos, Nabucodonosor acreditava nos sonhos como um dos meios pelos quais os deuses revelavam sua vontade aos homens. A sabedoria divina sempre procura as pessoas onde estão. Ao comunicar hoje o conhecimento de sua vontade aos homens, Deus pode usar médios menos espetaculares, mas que igualmente servem para cumprir seus bondosos propósitos. Sempre adapta seus métodos para influir sobre os homens de acordo com a capacidade de cada indivíduo e o ambiente da época na qual vive cada um (ver com. cap. 4: 10).

perturbou-se.

0, "estava perturbado". O verbo hebreu que se traduz assim se usa também em Gén. 41: 8 e Sal. 77: 4. A vivencia deste sonho tinha impressionado muitíssimo ao Nabucodonosor

2.

Magos.

Heb. jartom, palavra tirada do egípcio (ver com. cap. 1: 20).

Astrólogos.

Heb. 'ashshaf, palavra tirada do acadio (ver com. cap. 1: 20).

Encantadores.

Heb. mekashshefim, de uma raiz que significa "usar encantamentos". Os babilonios os denominavam com a palavra análoga kashshapu. O mekashshef pretendia poder produzir feitiços (ver com. Exo. 7: 11). A lei mosaica castigava com a pena de morte aos que praticavam esta magia negra (Lev. 20: 27; cf. 1 Sam. 28: 9).

Caldeos.

Heb. kaÑdim (ver com. cap. 1: 4).

3.

Por saber o sonho.

Embora o rei tinha sido profundamente impressionado pelo sonho, quando despertou não pôde recordar os detalhes (ver PR 361). Alguns sugeriram que Nabucodonosor não tinha esquecido seu sonho e que estava provando a suposta habilidade de seus assim chamados sábios. Mas pareceria que o rei estava muito aflito pelo desejo de conhecer o sonho e sua interpretação como para usar esta ocasião a fim de provar aos que pretendiam ser seus intérpretes.

4.

Língua aramaica.

Heb. 'aramith, "aramaico". A família real e a classe governante do império eram caldeos da Mesopotamia meridional que falavam aramaico. portanto, não é estranho que os cortesãos do rei lhe falassem em aramaico e não em babilonio, a língua da população oriunda de Babilônia. Os aramaicos eram um ramo importante dos povos semíticos, e seu idioma compreendia muitos dialetos.

Desde este versículo até o fim do cap. 7 o relato está em aramaico e não em hebreu como o resto do livro. Quanto às possíveis raciocine para isto, ver P. 777.

Rei, para sempre vive.

A fórmula babilônica encontrada em inscrições contemporâneas reza aproximadamente assim: "Que Nabu e Marduk dêem largos dias e anos eternos ao rei meu senhor". Compare-se com 1 Sam. 10: 24; 1 Rei. 1: 31; Neh. 2: 3; Dão. 3: 9; 5: 10; 6: 21.

5.

O assunto o esqueci.

Hoje os eruditos traduzem esta expressão como "o assunto foi ordenado por mim", ou como o faz a BJ: "Tenham bem presente minha decisão". A tradução de a RVR está apoiada pela LXX e pelo Rashi,* quem traduz 'azda' por "foi". Qualquer seja a tradução que se adote, não há dúvida de que Nabucodonosor não podia recordar os detalhes do sonho (ver com. vers. 3). O sonho foi tirado ao rei a propósito, para que os sábios não lhe dessem uma falsa interpretação (ver FÉ 412).

Feitos pedaços.

Literalmente, "desmembrados". Lhes cortaria membro por membro (ver 2 MAC. 1: 16; Josefa, Antiguidades xV. 8. 4). Uma crueldade semelhante era comum na antigüidade. Os babilonios e assírios eram notórios pela severidade e a barbárie de seu castigo aos culpados. Asurbanipal conta que cortou em pedaços a governantes rebeldes.

Depósitos de lixo.

Aramaico newali, que por sua semelhança com uma raiz acadia alguns interpretam como "ruínas". Outros retêm o significado "depósito de lixo" ou "montão de lixo", e interpretam o significado da cláusula como que as casas seriam transformadas em "letrinas" (ver 2 Rei. 10: 27, VM). A LXX não apóia nenhuma das duas interpretações, mas sim diz: "suas casas serão destruídas".

8.

Vós põem demoras.

Literalmente, "compram o tempo". Os sábios estavam ganhando tempo e seus repetidos pedidos despertaram a suspeita do rei de que estavam 796 tratando de tirar algum proveito com a demora. Não sabemos se já neste momento o rei duvidava seriamente da habilidade dos sábios para lhe dar a informação requerida. Toda a trama de sua fé dependia da crença de que os deuses se comunicavam com os homens através dos vários meios representados por esses homens. Sua vacilação em cumprir imediatamente com seu pedido pode ter despertado primeiro as suspeitas do rei de que se confabularam para aproveitar-se dele. Se o sonho continha uma comunicação concernente a uma ação que devia tomar-se em certo momento favorável, a demora resultaria em uma perda trágica. Algumas comunicações por meio de adivinhações requeriam que a ação fosse tomada em um momento preciso, por exemplo, quando produzia-se uma conjunção específica de alguns planetas. As expressões "põem demoras" e "enquanto isso que passa o tempo" (vers. 9), podem referir-se a tal momento que se supunha oportuno.

9.

Uma só sentença há para vós.

Aramaico, "um decreto o seu". A palavra que se traduz "sentença", pode ser também traduzida "lei", ou "castigo".

Que passa o tempo.

Até que o rei se esquecesse de todo o assunto ou até que pudessem inventar alguma forma de resposta. "Tempo" aqui pode também referir-se ao momento favorável para levar a cabo a suposta comunicação com um deus (ver com. vers. 8).

10.

Não há homem.

Os caldeos se viram obrigados a reconhecer sua incapacidade para revelar o sonho. Disseram ao rei que pedia algo que excedia ao poder humano, e que nenhum rei jamais tinha feito pedido tão pouco razoável a seus súditos.

Rei, príncipe nem senhor.

Literalmente, "rei, grande e poderoso". "Grande rei" (2 Rei. 18: 28) é um velho título babilônico. Tais expressões como "Grande rei, Poderoso rei, Rei de Assíria, [ou de Babilônia]" são comuns nas inscrições.

11.

Difícil.

Melhor que na RVA que dizia: "singular".

Deuses.

Alguns encontram aqui uma insinuação de duas classes de deuses. Sugerem que esses sábios pretendiam estar em comunicação com certos deuses, tais como deidades subordinadas que se supunha mantinham relação com os homens, mas que os deuses superiores eram inacessíveis. Em todo caso, os caldeos revelaram as limitações de sua capacidade.

Outros sugerem que o plural 'elahin, "deuses", como o plural hebreu 'elohim (ver T. I, PP. 179-180), poderia usar-se em relação com uma só deidade, e que ao igual aos outros politeístas, os caldeos reconheciam a alguma deidade suprema. Em qualquer caso, os caldeos admitiram francamente que reconheciam uma inteligência superior, uma mente ou mentes professoras que tinham uma sabedoria muito mais elevada que a dos seres humanos. Esta confissão de fracasso proporcionou ao Daniel uma excelente oportunidade para revelar algo do poder do Deus a quem ele servia e adorava.

12.

Mandou que matassem.

A severidade do castigo não estava fora de tom com os costumes desses tempos. Entretanto, era um passo temerário do rei porque os homens cuja morte tinha ordenado constituíam a classe mais culta da sociedade.

Babilônia.

Possivelmente só a cidade e não todo o reino de Babilônia.

13.

Procuraram o Daniel.

Não se tivesse procurado o Daniel e a seus amigos se não tivessem pertencido já a a profissão dos "sábios". Por isso, a opinião de que estavam ainda no período de instrução pareceria não ter fundamento (ver com. cap. 1: 18). O feito de que só fazia pouco que tinham concluído seus estudos é suficiente para explicar por que não foram chamados para interpretar o sonho. O monarca só teria chamado aos dignatarios de mais alta categoria, expoentes de tudo o conhecimento de sua arte. Nem o rei nem os principais sábios pensaram em chamar o Daniel e seus três amigos, assim como os médicos especialistas de Babilônia, frente a uma desconcertante enfermidade do rei, tampouco haveriam consultado a inexperientes médicos recém graduados. Tampouco é necessário supor que a educação do Daniel incluiu cursos de encantamento e adivinhação como alguns críticos modernos o sugerem (ver com. cap. 1: 20).

14.

Prudentemente.

Aramaico lhe'em, que também pode traduzir-se "entendimento", ou "discrição'. Daniel mostrou grande tato ao apresentar-se ante seu superior.

15.

Apressadamente.

A LXX usa pikrós, que significa "amargo" ou "áspero". Alguns eruditos também dão este mesmo significado à palavra aramaica, enquanto que outros insistem 797 em que o original dá a idéia básica de urgência.

16.

Desse-lhe tempo.

Uma das coisas que tinham enfurecido ao rei era que os sábios procuravam adiar sua resposta (ver com. vers. 8). Evidentemente o rei estava ainda perturbado pelo sonho, e pôde ter estado contente ante a nova perspectiva de encontrar uma solução ao mistério que lhe acossava a alma. Já que não se tinha consultado previamente ao Daniel, o rei pôde ter pensado que era justo lhe dar uma oportunidade. Em sua relação com este jovem cativo judeu, é evidente que Nabucodonosor tinha sido favoravelmente impressionado pela sinceridade e habilidade do Daniel. A fidelidade prévia do Daniel nas coisas pequenas, agora lhe abria as portas a coisas maiores.

Interpretação.

O pedido do Daniel era diferente do dos caldeos. Os sábios exigiam que o rei lhes relatasse o sonho. Daniel simplesmente pediu tempo e assegurou ao rei que lhe daria a interpretação.

18.

Pedissem misericórdias.

Daniel e seus companheiros podiam aproximar-se de Deus com fé vigorosa e confiança implícita porque, até onde eles sabiam e podiam, estavam vivendo de acordo com sua vontade revelada (ver 1 Juan 3: 22). Sabiam que estavam no lugar onde Deus queria que estivessem e que estavam

fazendo a obra que o céu lhes tinha dado. Se anteriormente houvessem claudicado em seus princípios e tivessem cedido às tentações que continuamente lhes rodeavam na corte real, não poderiam ter esperado uma intervenção divina tão manifesta nesta crise. Em contraste com isto veja-se ocorrido-o ao profeta do Judá que perdeu o amparo divino por sua temerária desobediência (1 Rei. 13: 11-32; ver com. 1 Rei. 13: 24).

19.

Visão de noite.

Aramaico jezu, parecido ao hebreu jazon (ver com. 1 Sam. 3: 1).

Benzeu Daniel.

Ao receber a revelação divina, o primeiro pensamento do Daniel foi dar a louvor ao Revelador de secretos; um digno exemplo do que devessem fazer todos os que recebem grandes bênções do Senhor.

Sobre o significado da expressão "Seja bendito... Deus", ver com. Sal. 63: 4.

20.

Nome de Deus.

A expressão se usa freqüentemente para indicar o ser, o poder e a atividade essencial de Deus. A palavra "nomeie" se usa na Bíblia como sinônimo de "caráter".

Sabedoria.

Os que têm falta de sabedoria podem receber a de sua verdadeira fonte como resposta à oração de fé (Sant. 1: 5). As jactanciosas pretensões de os babilonios de que suas deidades possuíam sabedoria e discernimento resultaram falsas. As deidades pagãs continuamente estalam a seus fiéis.

21.

O.

O pronome é enfático em aramaico. O efeito pode ser mostrado em nossas versões se se traduz: "É ele quem muda", etc. (cf. BJ, VM).

Tempos e as idades.

As duas palavras são quase sinônimos. A segunda pode referir-se a um ponto de tempo mais específico; a primeira dá mais a idéia de um período.

Tira reis.

Aqui está revelada a verdadeira filosofia da história humana. Em último término, os reis e governantes estão sob a direção e o controle de um Potentado todo-poderoso (ver Ed 169; com. vers. 1 e com. cap. 4: 17).

Aos sábios.

O Senhor se deleita em conceder sabedoria aos que a usarão corretamente. Fez isto em favor do Daniel e o fará em benefício de todo aquele que confie plenamente nele.

22.

O revela.

Deus se revela na natureza (Sal. 19), nas vivencias pessoais, por médio do dom profético e outros dons do Espírito (1 Cor. 12), e em sua Palavra escrita.

O profundo.

As coisas que estão além da compreensão humana até sua revelação.

Trevas.

O que o homem não pode ver não está escondido para a vista de Deus (Sal.

139: 12; 1 Juan 1: 5).

23.

Elogio-te.

O pronome é enfático no aramaico. No original se lê como segue: "A ti, OH Deus de meus pais, dou obrigado".

O que lhe pedimos.

Embora o sonho tinha sido revelado ao Daniel, ele não se atribui todo o mérito, mas sim inclui a seus companheiros, que oraram com ele.

24.

Não mate aos sábios.

A primeira preocupação do Daniel foi rogar pelos sábios de Babilônia para que a sentença que pesava sobre eles fosse anulada. Não tinham feito nada para ganhar o indulto, mas se salvaram pela presença de um homem justo entre eles. Freqüentemente ocorreu isto. Os retos são a "sal da terra". Têm a qualidade de preservar. devido à presença do Pablo em o navio, os marinheiros e todos os que estavam a bordo se salvaram (Hech. 798 27: 24). Os ímpios não sabem quanto devem aos justos. Entretanto, quão a miúdo os maus ridicularizam e perseguem precisamente a aqueles a quem devessem agradecer pela preservação de sua vida.

25.

Prontamente.

Possivelmente pela grande alegria de que o segredo tivesse sido revelado. Agora poderia ver-se livre da sangrenta tarefa de executar a todos os sábios, missão para a qual sem dúvida não tinha ânimo.

achei.

Arioc parece atribuir um mérito que não merecia, porque sua declaração parece implicar que detrás grandes esforços de sua parte tinha descoberto a alguém que poderia interpretar o sonho. Entretanto, Arioc pode não ter sabido da entrevista do Daniel com o rei (vers. 16). Neste caso sua declaração seria a forma natural de anunciar o descobrimento.

26.

Beltsasar.

Quanto ao significado deste nome e a razão pela qual foi dado a Daniel, ver com. cap. 1: 7. Em presença do Nabucodonosor, Daniel naturalmente assumiu seu nome babilônico.

27.

Nem sábios... podem.

Daniel não tinha nenhum desejo de exaltar-se sobre os sábios. Ao contrário,

desejava fazer ver o rei a futilidade de confiar em seus sábios quando necessitava conselho e ajuda. Esperava que o rei voltasse os olhos para o grande Deus celestial, o Deus a quem Daniel adorava, o Deus dos hebreus, cujo povo tinha sido vencido pelo rei.

Astrólogos, nem magos.

Ver com. cap. 1: 20.

Adivinhos.

Aramaico, gazerin, de uma raiz que significa "cortar", "determinar". Daí que o significado que se aceite geralmente seja: "os que decidem", ou "os que determinam [o destino]". Pela posição das estrelas, por vários artifícios de cômputo e adivinhação, esses adivinhos pensavam que podiam determinar o futuro (ver com. cap. 1: 20).

28.

Nos últimos dias.

Ver com. ISA. 2: 2. A mensagem do sonho era para a instrução de Nabucodonosor assim como a dos governantes e povos até o fim do tempo (ver com. vers. 1). O bosquejo da profecia nos leva do tempo de Nabucodonosor (ver com. vers. 29) até o fim do mundo e a segunda vinda de Cristo (vers. 44-45). Nabucodonosor desejava conhecer o futuro que pressentia tenebroso (ver SL 34). Deus lhe revelou o futuro, não para satisfazer seu curiosidade a não ser para despertar em sua mente um sentido de responsabilidade pessoal para com o plano celestial.

29.

No por vir.

Neste sonho se representam acontecimentos futuros que começam no tempo do Daniel e Nabucodonosor e que se estendem até o fim do mundo.

30.

Para que se dê a conhecer rei.

Esta cláusula diz literalmente, "mas sim para que a interpretação ao rei façam saber". A terceira pessoa do plural parece ter um uso impessoal. A LXX provavelmente dá o significado mais simples da passagem: "Porém, este mistério não me foi revelado por razão da sabedoria que esteja em mim mais que em todos os viventes, mas sim para que a interpretação seja feita ao rei, para que você possa saber os pensamentos de seu coração". A tradução da RVR, em essência, diz o mesmo.

31.

Imagem.

Aramaico tsélem, "uma estátua", palavra que corresponde ao Heb. tsélem, que também pode traduzir-se "estatua". Em cada caso menos um (Sal. 39: 6, onde o traduz "sombra") a RVR traduz tsélem como "imagem", embora estátua seria uma tradução correta em vários casos, tais como 2 Rei. 11: 18; 2

Crón. 23: 17; Amós 5: 26.

Cuja glória era muito sublime.

Ou, como na LXX, "cuja aparência era extraordinária".

Terrível.

Ou, "espantoso". A palavra ocorre novamente em Dão. 7: 7, 19.

32.

Ouro fino.

Quer dizer, "ouro puro".

Bronze.

Ou, "cobre" (ver com. 2 Sam. 8: 8; 1 Rei. 7: 47).

33.

Pernas.

A palavra que se traduz assim parece aqui referir-se à parte inferior das pernas. A palavra traduzida "coxas" (vers. 32) refere-se à parte superior dos quadris. Estas palavras não indicam com claridade em que ponto da perna ocorre a mudança de bronze a ferro.

Barro cozido.

Aramaico jasaf. Examinando idiomas afins, poderia deduzir-se que jasaf designa um copo de barro ou um pedaço do mesmo e não a argila da qual estão formados estes objetos. A palavra que significa "argila", em aramaico tin, está nos vers. 41, 43, em relação com jasaf, e ali se traduz "barro cozido". Pelo tanto, parece melhor traduzir jasaf no vers. 33 por "barro moldado" ou "de olaria", e não simplesmente "barro".

34.

Foi atalho.

Ou, tirada de uma pedreira, ou "extraída". 799

Não com mão.

Quer dizer, sem a ajuda de instrumentos humanos.

35.

Felpa.

Para ter uma descrição de como se levava a cabo a debulha nas antigas terras orientais, ver com. Rut 3: 2; Mat. 3: 12. Já que a Inspiração não dá um significado especial à "felpa" e ao "vento" que o leva (ver com. Mat. 13: 3) é melhor considerá-los como simples detalhes que se adicionam para completar o quadro. Quanto à descrição da era como ilustração

comum, ver com. Sal. 1: 4 (cf. Mat. 13: 3; ver T. III, P. 11-29).

36.

Diremos.

O plural pode indicar que Daniel incluía a seus companheiros com ele. Eles se o tinham unido em fervente oração para que a interpretação fosse revelada, e Daniel pode ter querido reconhecer a participação que lhes coube no assunto (vers. 17-18).

37.

Rei de reis.

O mesmo título se encontra na inscrição do rei persa, Ariaramnes, contemporâneo do Nabucodonosor.

O Deus do céu te deu.

Em suas inscrições Nabucodonosor atribui seu êxito como rei a seu deus Marduk, mas Daniel em forma cortês corrige esta idéia equivocada. Afirma que é o Deus do céu quem lhe deu tal poder.

Reino.

O território que Nabucodonosor governava tinha tido uma larga e variada história e tinha estado sob o governo de diferentes povos e reino. De acordo com a Gênese, a cidade de Babilônia foi parte do reino baseado por Nimrod, bisneto do Noé (Gén. 10: 8-10). Várias cidades-estados existiram em os vales do Tigris e do Eufrates em uma época muito antiga. Mais tarde alguns Estados se agruparam em vários reino sumerios. Depois do primeiro período de dominação do Sumer, veio o reino do Akkad, com seus grandes reis semitas, Sargón I e seu filho Naram-Sem. Entretanto, estes semitas foram a seu vez substituídos por várias nações, como os guti, os elamitas e os sumerios. Eles a sua vez deram lugar a quão semitas fundaram o antigo Império Babilônico, que floresceu em época dos últimos patriarcas. O império amorreo do qual Hammurabi foi o rei mais importante, chegou a incluir toda Mesopotamia e se expandiu até Síria, como o império acadio do Sargón I. Mais tarde Mesopotamia foi tomada pelos horeos e casitas, e Babilônia chegou a ser menos importante que os poderosos impérios dos hititas e dos egípcios. Então, no norte da Mesopotamia, levantou-se outro poder mundial, o império assírio, que novamente uniu Mesopotamia e o Ásia ocidental com o Mediterrâneo. depois de um período de dominação assíria, Babilônia obteve outra vez sua independência sob o governo dos caldeos, e tomou novamente a direção do mundo. Nabopolasar (626-605 A. C.) foi o fundador do que se chama o Império Esquento ou Neobabilónico, o qual teve sua idade de ouro nos dias do rei Nabucodonosor (605-562 A. C.) e durou até que Babilônia caiu em mãos dos medos e os persas no ano 539 (ver T. II, PP. 94-96; T. III, PP. 47-52).

38.

Bestas do campo.

Ver Jer. 27: 6; 28: 14; cf. Gén. 1: 26. Uma representação apropriada do domínio de Babilônia em tempos do Nabucodonosor. A maneira em que os antigos

reis incluíam o mundo animal na esfera de seu domínio se ilustra com uma declaração do Salmanasar III: "Ninurta e Palil, que amam meu sacerdócio, hão-me dado todas as bestas do campo".

A seguinte passagem da assim chamada inscrição do East a Índia House (Casa de a Índia Oriental) é típica da evidência arqueológica que testemunha a descrição feita pelo Daniel das conquistas do Nabucodonosor:

"Em seu [do Marduk] excelso serviço atravessei países longínquos, montanhas remotas desde mar Superior [Mediterrâneo] até o Mar Inferior [golfo Pérsico], caminhos escarpados, caminhos obstruídos, onde o passo se vê impedido, [onde] não há lugar para pôr o pé, [também] rotas não riscadas, [e] caminhos desertos. Aos desobedientes subjuguei; capturei aos inimigos, estabeleci justiça na terra; exaltei ao povo; aos maus e malvados afastei da gente".

Você é aquela cabeça.

Nabucodonosor era a personificação do Império Neobabilónico. As conquistas militares e o esplendor arquitetônico de Babilônia se deviam, em grande medida, a suas proezas.

Ouro.

Para embelezar a cidade de Babilônia se usou ouro em abundância. Herodoto descreve com profusão de términos o resplendor do ouro nos templos sagrados da cidade. A imagem do deus, o trono sobre o qual estava sentado, a mesa e o altar eram feitos de ouro (Herodoto I. 181, 183; iII. 1-7). O profeta Jeremías compara a Babilônia com uma taça de ouro (Jer. 51: 7). Plinio 800 descreve as vestimentas dos sacerdotes como entretecidas com ouro.

Nabucodonosor sobressaía entre os reis da antigüidade. Deixou a seus sucessores um reino grande e próspero, como podemos escolher da seguinte inscrição:

"[Desde] o Mar Superior [até] o Mar Inferior (uma linha destruída)... que Marduk, meu senhor, confiou-me , eu tenho feito... a cidade de Babilônia a a dianteira de entre todos os países e toda habitação humana; seu nome eu hei [feito ou elevado] o [extremamente digno de] louvor entre as cidades sagradas... Os santuários de meus senhores Nebo e Marduk (como) sábio (governante)... sempre...

"Nesse tempo, o Líbano (a-ab-na-a-nu), a montanha [de cedro], o frondoso monte do Marduk, o aroma do qual é doce, os ao[tosse] cedros dos quais, [seu] pró[ducto], outro deus [não desejou, que] nenhum outro rei há cor[tado(... meu nabu Marduk [tinha desejado] como adorno apropriado para o palácio do governante do céu e a terra, (este Líbano) sobre o qual um inimigo estrangeiro estava dominando e roubando (o) suas riquezas; seu povo estava esparso, tinha fugido longe (à região longínqua). (Confiando) no poder de meus senhores Nebo e Marduk, organizei [meu exército] para ou[na expedição] ao Líbano. Eu fiz feliz a esse país erradicando a seu inimigo por onde quer (lit. abaixo e acima). Todos seus habitantes pulverizados levei de volta a seus populações (lit. juntei e reinstalei). O que nenhum rei anterior tinha feito (eu consegui): cortei através das levantadas montanhas, parti rochas, abri passagens e (assim) construí um caminho direito para (o transporte dos) cedros. Eu fiz que o Arahtu flo[loteie] (para baixo) e levasse ao Marduk, meu rei,

imponentes cedros; altos e fortes, de preciosa formosura e de excelente qualidade escura, o rendimento abundante do Líbano, como (se fosse) caules de canos (levados por) o rio. dentro de Babilônia [armazenei] madeira de amoreira. Fiz que os habitantes do Líbano vivessem juntos com segurança e não permiti que ninguém os incomodasse. Para que ninguém lhes fizesse mal [a eles] eu eri[gí ali] uma esteira (que) me (mostra) (como) rei eterno" (Ancient Near Eastern Texts, P. 307).

39.

Outro reino inferior.

Como a prata é inferior ao ouro, o Império Meço-persa foi inferior ao Neobabilónico.

Alguns comentadores explicaram que o término "inferior" significa "mais abaixo na imagem", ou "debaixo". A expressão significa corretamente, "para abaixo", "para a terra", mas neste versículo Daniel não fala da posição relativa dos metais, mas sim das nações. Ao contrastar os dois reino, encontramos que embora o segundo foi mais extenso, certamente foi inferior em luxo e magnificência. Os conquistadores medos e persas adotaram a cultura da complexa civilização babilônica, porque a sua estava muito menos desenvolvida.

Este segundo reino da profecia do Daniel é chamado às vezes Império Meço-persa, porque começou como uma combinação de Meia e Persia. Incluía o mais antigo Império Meço e as aquisições mais recentes do conquistador persa Ciro. O segundo reino não pode ser o Império Meço somente, como alguns sustentam, o que converteria a Persia no terceiro reino. O Império Meço foi contemporâneo do Império Neobabilónico, não seu sucessor. Meia caiu ante o Ciro o persa antes de que caísse Babilônia. O fato de que depois da morte do Belsasar, Darío de Meia "deveu ser rei sobre o reino dos caldeos" (cap. 9: 1) não significa que houvesse um império meço independente depois do babilônico e antes de que os persas tomassem o mando (ver T. III, PP. 48-58, 97-99). Darío de Meia reinou em Babilônia por permissão do verdadeiro conquistador, Ciro (ver Nota Adicional do cap. 6), coisa que Daniel certamente sabia. O livro do Daniel se refere várias vezes à nação que conquistou a Babilônia, a qual Darío representava, como a de "os medos e os persas" (ver com. cap. 5: 28; 6: 8, 28), e em outras partes representa a esse império dual como uma só besta (ver com. cap. 8: 3-4).

Não é claro a origem dos medos e os persas, mas se acredita que ao redor do ano 2000 A. C. várias tribos árias, encabeçadas pelos madai (medos), começaram a emigrar do que agora é o sul da Rússia e se estabeleceram no que mais tarde foi o norte da Persia, onde aparecem pela primeira vez na historia no século IX (ver com. Gén. 10: 2; T. III, PP. 52-53). Entre esses arianos estavam também os persas que se estabeleceram nos Montes Zagros em a fronteira com o Elam, para fins do século IX A. C. Provavelmente já em 675 A. C. seu governante se estabeleceu como rei da cidade do Ansán. Ali ele e seus descendentes reinaram em relativa escuridão. Aos 801 começar o século VI A. C. eram vassalos do rei meço e governavam um Estado fronteiriço relativamente insignificante no grande Império Meço, que se estendia da parte oriental da Ásia Menor, pelo norte e leste do Império Babilônico (ver mapa frente a P. 417; T. III, pp. 52- 53).

Ciro, que tinha chegado a ser rei da Persia sendo vassalo de Meia, derrotou a Astiages de Meia no ano 553 ou 550 A. C. Assim quão persas anteriormente

estavam subordinados aos medos, chegaram a ter o poder dominante no que tinha sido o Império Meço. Posto que os persas governaram do tempo do Ciro em adiante, os menciona corrientemente como Império Persa. Mas o prestígio mais antigo de Meia se refletia na frase "Medos e Persas" que aplicava-se aos conquistadores de Babilônia no tempo do Daniel e ainda mais tarde (Est. 1: 19 etc.). A posição honrosa do Darío de Meia depois da conquista de Babilônia demonstra o respeito do Ciro para com os Medos, até quando o mesmo tinha realmente o poder (ver T. III, pp. 52-55, 97-99).

Anos antes, sob a inspiração profética, o profeta Isaías havia descrito a obra do Ciro (ISA. 45: 1). Este conquistador de Meia logo derrotou às tribos vizinhas e governou do Ararat ao norte até o sudeste de Babilônia e o golfo Pérsico ao sul. Para completar seu império, derrotou ao rico Creso de Luta no ano 547 A. C. e tomou Babilônia mediante uma estratagema no ano 539 A. C. (ver T. III, pp. 53-58). Ciro reconheceu que o Senhor lhe tinha dado todos esses reino (2 Crón. 36: 23; Esd. 1: 2). Quanto às profecias paralelas referentes a este império, ver com. cap. 7: 5; 8: 3-7; 11: 2.

Terceiro reino.

O sucessor do Império Meço-persa foi o Império "Grego" (mais propriamente Macedónico ou Helenístico) do Alejandro e seus sucessores (ver cap. 8: 20-21).

A palavra hebréia que significa a Grécia é Yawan (Javán), nome de um dos filhos do Jafet. menciona-se ao Javán na genealogia imediatamente depois de Madai, progenitor dos medos (ver com. Gén. 10: 2). Ao redor do tempo quando os israelitas estavam estabelecendo-se no Canaán, essas tribos indo-européias mais tarde chamadas gregos estavam emigrando em ondas sucessivas a a região egéia (a Grécia continental, as ilhas e costas ocidentais do Ásia Menor), conquistando ou expulsando aos habitantes mediterrâneos anteriores. Estes deslocamentos estiveram relacionados com a migração dos Povos do Mar (que incluíam os filisteus) às costas orientais do Mediterrâneo (ver T. II, pp. 29, 35-36). Os gregos jônicos se encontravam no Egito na época do Psamético I (663-610 A. C.) e em Babilônia durante o reinado de Nabucodonosor (605-562 A. C.) como o afirmam registros escritos.

Grécia estava dividida em pequenas cidades-estados que tinham um idioma comum mas pouca ação unificada. Ao pensar na Grécia antiga, pensamos principalmente na idade de ouro da civilização grega sob a liderança de Atenas, no século V A. C. Este florescimento da cultura grega seguiu ao período de maior esforço unido das cidades-estados autônomas, a bem-sucedida defesa da Grécia contra Persia, ao redor do tempo da rainha Ester. Em quanto às guerras médicas, ver com. cap. 11: 2; também T. III, pp. 61-64.

A "Grécia" do cap. 8: 21 não se refere às cidades-estados autônomas do período da Grécia clássica, a não ser ao posterior reino macedónico que venceu a Persia. Macedônia, uma nação consangüínea situada ao norte da Grécia propriamente dita, conquistou as cidades gregas e as incorporou por primeira vez a um Estado forte e unificado. Alejandro Magno, depois de ter herdado de seu pai o recém aumentado reino grecomacedónico ficou em marcha para estender a dominação macedónica e a cultura grega para o oriente e venceu ao Império Persa. A profecia representa ao reino da Grécia como um reino que viria depois da Persia, porque a Grécia nunca se uniu para formar um reino até a formação do Império Macedónico que substituiu a Persia como principal poder do mundo desse tempo (quanto às profecias paralelas ver com. cap. 7: 6; 8: 5-8, 21-22; 11: 2-4).

O último rei do Império Persa foi Darío III (Codomano), que foi derrotado por Alejandro nas batalhas do Gránico (334 A. C.), Iso (333 A. C.), e Arbela ou Gaugamela (331 A. C.). Há explicações sobre o período do Alejandro e as monarquias helenísticas em com. cap. 7: 6; ver também o artigo histórico sobre o período intertestamentario no T. V.

Bronze.

(Ver com. 2 Sam. 8: 8). Os soldados gregos se distinguiam por sua armadura de bronze. Seus cascos, escudos e tochas de 802 batalha eram de bronze. Herodoto diz-nos que Psamético I do Egito viu nos piratas gregos que invadiam seus costas o cumprimento de um oráculo que predizia a "homens de bronze que saem do mar" (Herodoto I. 152, 154).

Dominará sobre toda a terra.

A história registra que o domínio do Alejandro se estendeu sobre a Macedônia, Grécia e o Império Persa. Incluiu o Egito e se expandiu pelo oriente até a Índia. Foi o império mais extenso do mundo antigo até esse tempo. Seu domínio foi "sobre toda a terra" no sentido de que nenhum poder da terra era igual a ele, e não porque cobrisse todo mundo, nem mesmo toda a terra conhecida nesse tempo. Um "poder mundial" pode definir-se como aquele que está por cima de todos outros, invencível; não necessariamente porque governe a todo mundo. As afirmações superlativas eram usualmente usadas pelos reis da antigüidade. Ciro se denomina a si mesmo "rei do mundo... e dos quatro borde [regiões da terra]". Jerjes se autodenominó: "o grande rei, o rei de reis... o rei deste grande e vasto mundo".

40.

Quarto reino.

Esta não é a etapa posterior quando se dividiu o império do Alejandro, a não ser o seguinte império que conquistou ao mundo macedónico. Em outra referência Daniel representa às monarquias helenísticas, as divisões do império de Alejandro, com os quatro chifres do macho caibro que simboliza a Grécia (cap. 8: 22), não com uma besta separada (compare-se com as quatro cabeças do leopardo; ver com. cap. 7: 6).

É evidente que o reino que aconteceu aos restos divididos do Império Macedónico do Alejandro foi o que Gibbon chamou muito adequadamente a "monarquia de ferro" de Roma, embora não era monarquia no tempo em que chegou a ser o principal poder do mundo. Muito antes da tradicional data de 753 A. C., Roma tinha sido estabelecida por tribos latinas que tinham vindo a Itália em feitas ondas sucessivas ao redor do tempo em que outras tribos indo-européias se tinham estabelecido na Grécia. Desde aproximadamente o século VIII A. C. até o V A. C. a ciudad-estado latina foi governada por reis etruscos vizinhos. A civilização romana foi muito influenciada pelos etruscos, que vieram a Itália no século X A. C., e especialmente pelos gregos que chegaram dois séculos mais tarde.

Pelo ano 500 A. C. o Estado romano se converteu em república, e seguiu sendo-o por quase 500 anos. Em 265 A. C. toda a Itália estava sob o domino romano. Em 200 A. C. Roma saiu vitoriosa da luta a morte que havia sustentado com sua capitalista rival do norte da África, Cartago (originalmente uma colônia fenícia). Após Roma se fez proprietária do Mediterrâneo ocidental e era mais capitalista que qualquer dos Estados do oriente, embora

ainda não se tinha enfrentado com eles. Após primeiro Roma dominó e logo absorveu, um após o outro, aos três reino que ficaram dos sucessores do Alejandro (ver com. cap. 7: 6), e assim chegou a ser o seguinte grande poder mundial depois do do Alejandro. Este quarto império foi o que mais durou e o mais extenso dos quatro, pois no século II d. C. se estendia desde Inglaterra até o Eufrates. Quanto a uma profecia paralela, ver com. cap. 7: 7.

Esmiúça.

Tudo o que se pôde reconstruir da história romana confirma esta descrição. Roma ganhou seu território pela força ou pelo temor que infundia seu poderio armado. Ao princípio interveio em conflitos internacionais em uma luta por sobreviver contra seu rival, Cartago, e se viu assim envolta em uma guerra atrás de outra. Depois, esmagando a um adversário atrás de outro, chegou a ser finalmente a agressiva e irresistível conquistadora do mundo mediterrâneo e de Europa Ocidental. Ao princípio da era cristã, e um pouco mais tarde, o poder de ferro das legiões romanas respaldava a Pax Romana (a paz de Roma). Roma era o império maior e mais forte que o mundo tinha conhecido até então.

41.

Dedos.

Embora mencione aos dedos, Daniel não chama especificamente a atenção a seu número. Declara que o reino seria dividido (ver 1T 361). Muitos comentadores hão sustenido que os dedos, que se dá por sentado que eram dez, correspondem com os 10 chifres da quarta besta do cap. 7 (ver com. cap. 7: 7).

Barro cozido.

Ver com. vers. 33. Roma tinha perdido sua tenacidade e força férreas, e seus sucessores eram manifiestamente débeis, como a mescla de barro com ferro.

42.

Em parte forte.

Esses reino bárbaros diferiam grandemente em valor militar, como o diz Gibbon ao referir-se a "as poderosas monarquias dos francos e os visigodos, e 803 os reino subordinados dos suevos e burgundios".

Frágil.

Literalmente, "quebradiço":

43.

Por meio de alianças humanas.

"Por semente humana" (BJ). Muitos comentadores aplicam isto aos matrimônios entre membros da realeza, embora a intenção da declaração pode ser mais ampla. A palavra traduzida "humanas" é 'enash, "humanidade". "Semente" significa descendentes. Por isso pode tratar-se também de uma indicação general de migrações da população, mas que mantinham fortes vínculos de nacionalismo. No manuscrito quisiano da LXX aparecem distintas variantes

respeito ao texto masorético. Os vers. 42-43 dizem: "E os dedos dos pés, uma certa parte de ferro e outra certa parte de olaria, uma certa parte do reino será forte e uma certa parte será quebrada. E como viu o ferro misturado com obra de olaria, haverá mesclas entre gerações de homens, mas eles não pensarão o mesmo, nem se amistarán uns com outros como é impossível mesclar ferro com argila". A tradução do Daniel feita por Teodoción, que virtualmente deslocou à tradução grega, conhecida como a LXX, tem mais parecido com o texto masorético, mas mostra também variantes: "E os dedos dos pés, uma certa parte de ferro e uma certa parte de barro, uma certa parte do reino será forte e dele [uma parte] será quebrada. Porque viu o ferro misturado com a olaria, haverá mescla na semente de homens e não se pegarão este com aquele assim como o ferro não se mescla com a olaria".

É difícil avaliar em forma definida a autoridade da LXX. Por isso é impossível que saibamos até que ponto as traduções acima citadas hão conservado as palavras originais do Daniel. Entretanto, os papiros de Chester Beatty, na seção do Daniel que está datada a princípios do século III d. C., contêm a versão dos Setenta (MS quisiano) e não a tradução do Teodoción.

Não se unirão.

A profecia do Daniel suportou e suportará a prova do tempo. Algumas potências mundiais foram débeis, outras fortes. O nacionalismo há contínuo com vigor. As tentativas de converter em um império único e grande as diversas nações que surgiram do quarto império terminaram no fracasso. Certas seções se uniram transitoriamente, mas a união não resultou nem pacífica nem permanente.

houve também muitas alianças políticas entre as nações. Estadistas de ampla visão por diversos meios trataram que realizar uma federação de nações que se desempenhasse eficazmente, mas todas essas tentativas se hão frustrado.

A profecia não declara especificamente que não poderia haver uma união transitiva de vários elementos, por meio da força das armas ou de uma dominação política. Entretanto, afirma que se se tentasse ou se obtivesse formar tal união, as nações que a integrassem não se fundiriam organicamente, e continuariam seus receios mútuos e hostis. Uma federação formada sobre tal fundamento está condenada à ruína. O êxito passageiro de algum ditador ou de alguma nação não deve destacar-se como o fracasso da profecia do Daniel. Ao fim Satanás poderá formar uma união transitiva de todas as nações (Apoc. 17: 12-18; cf. Apoc. 16: 14; CS 682), mas a confederação será efêmera, e em pouco tempo os elementos que formem essa união se voltarão um contra o outro (CS 714; P 290).

44.

Levantará um reino.

Muitos comentadores trataram que fazer deste detalhe da profecia uma predição do primeiro advento de Cristo e da posterior conquista do mundo pelo Evangelho. Mas este "reino" não devia coexistir com nenhum de aqueles quatro reino; devia acontecer à fase do ferro e barro mesclados, que ainda não tinha chegado quando Cristo esteve na terra. O reino de Deus estava ainda no futuro nesse tempo, como o Senhor disse claramente a seus

discípulos no último jantar (Mat. 26: 29). Tem que ser estabelecido quando Cristo venha no dia final para julgar aos vivos e aos mortos (2 Tim. 4: 1; cf. Mat. 25: 31-34).

45.

Pedra.

Aramaico 'ében, palavra idêntica ao Heb. 'ében, "pedra", término usado para referir-se a lajes, pedras para atirar com funda, pedras esculpidas, vasilhas de pedra, pedras preciosas. A palavra "rocha", que se usa freqüentemente com referência a Deus (Deut. 32: 4, 18; 1 Sam. 2: 2; etc.), provém do Heb. tsur e não de 'eben. Não pode afirmar-se que haja uma relação necessária entre o símbolo que usou Daniel para o reino de Deus e a figura de uma rocha ou pedra em outras referências. "interpretação dada pelo Daniel é suficiente por si mesma para identificar o símbolo. 804

Não com mão.

Este reino tem origem sobre-humana. Tem que ser baseado, não pelas hábeis mãos dos homens, mas sim pela poderosa mão de Deus.

46.

prostrou-se sobre seu rosto.

Sinal de respeito e reverência. Tais expressões de respeito se encontram no AT (Gén. 17: 3; 2 Sam. 9: 6; 14: 4).

humilhou-se.

Aramaico seqid, "render comemoração", "prostrar-se". Segundo o pensamento antigo, a verdadeira forma de adorar ou render comemoração era prostrando-se (ver T. II, frente a P. 33, onde há uma ilustração de um suplicante prostrado diante de um rei). Em todo o cap. 3 se usa seqid para descrever a adoração da imagem de ouro, ordenada pelo rei mas rechaçada pelos hebreus. As palavras que se traduzem "pressentem" e "incenso" combinadas com a palavra que significa "oferecer", também inequivocamente implicam adoração. Não nos diz se Daniel permitiu esses atos sem protestar. O registro só diz que Nabucodonosor mandou que se oferecessem pressentem e incenso ao Daniel, mas não diz se isso se levou a cabo. Daniel pode ter chamado a atenção, com todo tato, ao que já tinha afirmado positivamente, que a revelação provinha do Deus do céu e que ele não a tinha recebido devido a sua inteligência fora superior (ver com. vers. 30).

Considerando o protesto do Pedro ante a adoração do Cornelio (Hech. 10: 25-26), a forma em que Pablo e Bernabé impediram que os adorassem os habitantes da Listra (Hech. 14: 11-18) e a recriminação que lhe fez o anjo a Juan quando este caiu a seus pés para lhe adorar (Apoc. 19: 10), muitos acreditam que não é provável que Daniel tivesse permitido que o rei o adorasse. Outros raciocinam que, já que Deus aceita a sinceridade do motivo quando os homens obedecem os ditados de sua consciência, Daniel pode ter sido induzido a não impedir isso nessa ocasião. Muitos comentadores seguem a sugestão do Jerónimo de que Nabucodonosor não estava adorando ao Daniel, a não ser que através do Daniel estava adorando ao Deus do Daniel. Também chamam a atenção à narração do Josefo quem relata como Alejandro se inclinou ante o supremo sacerdote judeu, e quando Parmenión (ou Parmenio), o general do rei,

perguntou sobre o significado deste ato, Alejandro respondeu: "Não o adorei a ele, a não ser a esse Deus que o honrou com seu supremo sacerdócio" (Antiguidades, xI. 8. 5). Entretanto, uma interpretação estrita do segundo mandamento do Decálogo, desaprova muito seriamente todos os atos tais.

Até esse momento Nabucodonosor conhecia pouco do Deus verdadeiro, e até menos de a maneira como o devia adorar. Até ali seu conhecimento de Deus estava limitado ao que tinha visto do caráter divino refletido na vida de Daniel e o que Daniel lhe havia dito de Deus. É muito possível que Nabucodonosor, ao ver no Daniel o representante vivo de "os deuses cuja morada não é com a carne" (vers. 11), tivesse a intenção de que os atos de adoração que dispôs para o Daniel fossem honrar ao Deus do Daniel. Sem dúvida, por seu limitado conhecimento do verdadeiro Deus, Nabucodonosor estava fazendo o melhor que sabia nessa ocasião para expressar sua gratidão e honrar a Aquele cuja sabedoria e cujo poder tinham sido demonstrados em forma tão impressionante.

Pressente.

A palavra hebréia que corresponde com a aramaica que se usa para cá, geralmente indica uma oferenda incruenta (ver com. cap. 9: 21).

47.

seu Deus é Deus de deuses.

A expressão está em grau superlativo. Nabucodonosor, que chamava a seu deus patrono Marduk "senhor de deuses", aqui reconhece que o Deus do Daniel é imensamente superior a qualquer dos assim chamados deuses dos babilonios.

Senhor dos reis.

É evidente que Nabucodonosor sabia que esse era um título que aplicava a Marduk no relato babilônico da criação. O mesmo, em cada festa de Ano Novo, recebia do Marduk outra vez seu reinado. Além disso lhe pôs seu nome devido ao Nabu, filho do Marduk, o escriba que escreveu as Tabuletas do Destino.

Nabucodonosor era homem de inteligência e sabedoria superiores, como o revelam os planos que dispôs para o ensino profissional dos funcionários da corte (cap. 1: 3-4) e sua habilidade para avaliar seu "sabedoria e inteligência" (vers. 18-20). Embora fora imperfeito o conceito que Nabucodonosor possuía do verdadeiro Deus, agora tinha uma prova irrefutável de que o Deus do Daniel era imensamente mais sábio que os sábios ou que os deuses de Babilônia. Alguns feitos posteriores teriam que convencer ao rei Nabucodonosor respeito a outros atributos do Deus do céu (ver com. 805 cap. 3: 28-29; 4: 34, 37; ver também P. 779).

48.

Chefe supremo de todos os sábios de Babilônia.

Melhor, "principal prefeito". Daniel não interpretou o sonho para obter alguma recompensa do rei. Seu único propósito era elogiar a Deus ante o rei e ante todo o povo de Babilônia.

49.

Daniel solicitou.

Daniel não ficou embriagado pelas grandes honras que lhe tinham sido outorgados. Recordou a seus companheiros. Tinham compartilhado a oração (vers. 18); também compartilharam a recompensa.

Corte do rei.

Literalmente, "porta do rei". A tradução da RVR é apropriada, pois era o lugar onde os reis julgavam e se reuniam com seus conselheiros (ver com. Gén. 19: 1).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-49 FÉ 410-413; 3JT 152; PR 361-368

1-2 FÉ 410

1-4 PR 361

1-5 ECFP 43

4-12 FÉ 410

5-11 PR 361

12 ECFP 44

12-18 PR 362

13-19 FÉ 374

16-18 FÉ 411

16-19 ECFP 44

19-26 PR 363

20-22 FÉ 411

20-28 FÉ 374

21 Ed 170

22 MC 341; 8T 282

24-30 HAp 12; 2JT 484

27-28 ECFP 45

27-36 PR 363

28 FÉ 411

31-49 3JT 161

37 PR 377

37-43 PR 365, 402

38 Ed 171; PR 369

42-43 1T 361

44 DTG 26; 1T 360

44-45 PR 369

44-49 PR 365

46-49 FÉ 412

47 ECFP 46; Ed 53; 2JT 478; PR 369

CAPÍTULO 3

1 Nabucodonosor dedica uma imagem de ouro em Dura. 8 Sadrac, Mesac e Abed-nego são acusados por não adorar a imagem. 13 Eles, que são ameaçados, confessam a Deus. 19 Deus os libra do forno. 26 Vendo o milagre, Nabucodonosor benze a Deus.

1 O REI Nabucodonosor fez uma estátua de ouro cuja altura era de sessenta cotovelos, e sua largura de seis cotovelos; levantou-a no campo de Dura, na província de Babilônia.

2 E enviou o rei Nabucodonosor a que se reunissem os sátrapas, os magistrados e capitães, auditores, tesoureiros, conselheiros, juizes, e todos os governadores das províncias, para que viessem à dedicação da estátua que o rei Nabucodonosor tinha levantado.

3 Foram, pois, reunidos os sátrapas, magistrados, capitães, auditores, tesoureiros, conselheiros, juizes, e todos os governadores das províncias, à dedicação da estátua que o rei Nabucodonosor tinha levantado; e estavam em pie diante da estátua que tinha levantado o rei Nabucodonosor.

4 E o pregonero anunciava em alta voz: Manda-se a vós, OH povos, nações e línguas,

5 que para ouvir o som da buzina, da flauta, do tamboril, do harpa, do salterio, da zampoña e de todo instrumento de música, prostrem-lhes e adorem a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor levantou;

6 e qualquer que não se prostre e adore, imediatamente será jogado dentro de um forno de fogo ardendo. 806

7 Pelo qual, para ouvir todos os povos o som da buzina, da flauta, do tamboril, do harpa, do salterio, da zampoña e de todo instrumento de música, todos os povos, nações e línguas se prostraram e adoraram a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado.

8 Por isso naquele tempo alguns varões caldeos vieram e acusaram maliciosamente aos judeus.

9 Falaram e disseram ao rei Nabucodonosor: Rei, para sempre vive.

10 Você, OH rei, deste uma lei que todo homem, para ouvir o som da buzina, de a flauta, do tamboril, do harpa, do salterio, da zampoña e de tudo instrumento de música, prostre-se e adore a estátua de ouro;

11 e o que não se prostre e adore, seja jogado dentro de um forno de fogo ardendo.

12 Há uns varões judeus, os quais pôs sobre os negócios da província de Babilônia: Sadrac, Mesac e Abed-nego; estes varões, OH rei, não lhe respeitaram; não adoram seus deuses, nem adoram a estátua de ouro que há levantado.

13 Então Nabucodonosor disse com ira e com irritação que trouxessem para o Sadrac, Mesac e Abed-nego. Imediatamente foram gastos estes varões diante do rei.

14 Falou Nabucodonosor e lhes disse: É verdade, Sadrac, Mesac e Abed-nego, que vós não honram a meu deus, nem adoram a estátua de ouro que levantei?

15 Agora, pois, estão dispostos para que para ouvir o som da buzina, da flauta, do tamboril, do harpa, do salterio, da zampoña e de tudo instrumento de música, prostrem-lhes e adorem a estátua que tenho feito? Porque se não a adorassem, na mesma hora serão jogados em meio de um forno de fogo ardendo; e que deus será aquele que vos livre de minhas mãos?

16 Sadrac, Mesac e Abed-nego responderam ao rei Nabucodonosor, dizendo: Não é necessário que lhe respondamos sobre este assunto.

17 Hei aqui nosso Deus a quem servimos pode nos liberar do forno de fogo ardendo; e de sua mão, OH rei, liberará-nos.

18 E se não, saiba, OH rei, que não serviremos a seus deuses, nem tampouco adoraremos a estátua que levantaste.

19 Então Nabucodonosor se encheu de ira, e se mudou o aspecto de seu rosto contra Sadrac, Mesac e Abed-nego, e ordenou que o forno se esquentasse sete vezes mais do acostumado.

20 E mandou a homens muito vigorosos que tinha em seu exército, que atassem a Sadrac, Mesac e Abed-nego, para jogá-los no forno de fogo ardendo.

21 Então estes varões foram atados com seus mantos, suas meias, seus turbantes e seus vestidos, e foram jogados dentro do forno de fogo ardendo.

22 E como a ordem do rei era premente, e o tinham esquentado muito, a chama do fogo matou a aqueles que tinham elevado ao Sadrac, Mesac e Abed-nego.

23 E estes três varões, Sadrac, Mesac e Abed-nego, caíram atados dentro do forno de fogo ardendo.

24 Então o rei Nabucodonosor se espantou, e se levantou apressadamente e disse aos de seu conselho: Não jogaram a três varões atados dentro do fogo? Eles responderam ao rei: É verdade, OH rei.

25 E ele disse: Hei aqui eu vejo quatro varões soltos, que se passeiam no meio do

fogo sem sofrer nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a filho de os deuses.

26 Então Nabucodonosor se aproximou da porta do forno de fogo ardendo, e disse: Sadrac, Mesac e Abed-nego, servos do Deus Muito alto, saiam e venham. Então Sadrac, Mesac e Abed-nego saíram de no meio do fogo.

27 E se juntaram os sátrapas, os governadores, os capitães e os conselheiros do rei, para olhar a estes varões, como o fogo não tinha tido poder algum sobre seus corpos, nem mesmo o cabelo de suas cabeças se queimou; suas roupas estavam intactas, e nem sequer aroma de fogo tinham.

28 Então Nabucodonosor disse: Bendito seja o Deus deles, do Sadrac, Mesac e Abed- nego, que enviou seu anjo e liberou a seus servos que confiaram nele, e que não cumpriram o decreto do rei, e entregaram seus corpos antes que servir e adorar a outro deus que seu Deus.

29 portanto, decreto que todo povo, nação ou língua que dijere blasfêmia contra o Deus do Sadrac, Mesac e Abed-nego, seja esquartejado, e sua casa convertida em depósito de lixo; por quanto não há deus que possa liberar como este.

30 Então o rei engrandeceu ao Sadrac, Mesac e Abed-nego na província de Babilônia. 807

1.

Nabucodonosor.

Não se dá nenhuma data para os acontecimentos registrados neste capítulo. O nome do rei é a única indicação do tempo em que isto ocorreu. A LXX e a tradução grega do Teodoción se localizam estes acontecimentos no 18.° ano do Nabucodonosor. Alguns eruditos consideram que isto é uma interpelação. Raciocinam que os tradutores acreditavam que a colossal estatua foi ereta para comemorar a captura final de Jerusalém. Entretanto, aquela cidade não foi destruída no 18.° ano do Nabucodonosor, a não ser no 19.° (2 Rei. 25: 8-10). A data 580 A. C. apresentada durante muito tempo na margem da versão KJV, deriva-se da cronologia do Ussher (ver T. I, pp. 195, 205) e não tem uma base histórica suficiente. Alguns comentadores se localizam esta narração no período que segue à loucura do Nabucodonosor descrita no cap. 4, mas isto não pode aceitar-se, como temos que mostrar.

Estamos seguros de que os acontecimentos narrados neste capítulo ocorreram mais tarde que os do cap. 2, porque a passagem do cap. 3: 12, 30 se refere ao cap. 2: 49. Além disso, uma comparação dos discursos de louvor de Nabucodonosor no cap. 3: 28-29 e cap. 4: 34-37 indica que a loucura do rei foi um acontecimento posterior. A história secular não nos ajuda para encontrar a data do acontecimento já que os registros alheios à Bíblia não mencionam absolutamente este sucesso. Entretanto, sem calendário da corte escrito no ano 570/569 A. C. elimina esse ano como data possível e faz que seja pouco provável que o acontecimento tivesse ocorrido fazia pouco tempo. Esse calendário dá uma lista de todos os funcionários mais importantes do governo que exerceram cargos durante esse ano, e não menciona ao Daniel nem a seus três amigos. Já que o acontecimento descrito em Dão. 3 deu por resultado o ascensão dos três hebreus, e já que não é provável que tivessem sido destituídos pouco tempo depois de sua promoção -pelo menos não os três de uma vez- pôde ter transcorrido um tempo considerável entre o narrado no cap. 3 e a data do calendário da corte.

A influência do sonho do cap. 2 sobre os acontecimentos do cap. 3 (ver PR 369-371) demonstra que os acontecimentos do cap. 3 não podem se localizar-se na última parte do reinado do Nabucodonosor. Alguns sugeriram a possibilidade de que tivesse ocorrido no ano 594/593 pelas seguintes raciocine: Esta data coincide com o 4°. ano do Sedequías, quem nesse ano fez uma viagem a Babilônia (Jer. 51: 59). É possível que essa viagem tivesse sido empreendido em resposta à convocatória do Nabucodonosor para que todos os magistrados e vassalos "governadores das províncias" (Dão. 3: 2) apresentassem-se em Babilônia para render comemoração à imagem que o rei tinha ereto. Não se poderia esperar que Sedequías, pessoa de caráter débil e vacilante, tivesse os mesmos escrúpulos religiosos que impediram que Sadrac, Mesac e Abed-nego obedecessem o mandato do rei. Entretanto, é tão somente uma possibilidade o supor que a data deste acontecimento tivesse coincidido com a visita de Sedequías. Ver The Sanctified Life, P. 27.

desconhece-se a razão pela qual não se menciona ao Daniel neste relato. Não podemos saber se estava doente ou ausente em cumprimento de uma missão importante. Alguns têm suposto que, envergonhado por ter rechaçado o mensagem do sonho, o rei poderia ter feito acertos a fim de que Daniel tivesse que ausentar-se para atender importantes assuntos da coroa. Contudo, de uma coisa podemos estar seguros: se a prova o tivesse sobressaltado, Daniel teria se mantido tão leal como seus três companheiros.

Estátua de ouro.

A imagem do cap. 2 representava ao reino do Nabucodonosor com a cabeça de ouro (vers. 38). Não satisfeito com esse símbolo, o rei ideou uma estátua feita de oro da cabeça até os pés, com a qual desejava simbolizar a glória perpétua e universal de seu império, um reino que não seria seguido por outro de qualidade inferior.

Sessenta cotovelos.

As cifras que dão as medidas da imagem testemunham do uso do sistema sexagesimal (sistema que depende do número 60) em Babilônia, uso do que também testemunham os documentos cuneiformes. O sistema sexagesimal foi inventado pelos babilonios. Dito sistema tem certas vantagens sobre o sistema decimal. Por exemplo, 60 é divisível por 12 fatores, enquanto que 100 é divisível só por 9 fatores. O sistema se usa ainda para certas medidas, tais como segundos, minutos e horas. portanto, era natural que os babilonios construyesen essa imagem de acordo com medidas do sistema 808 sexagesimal. A menção deste detalhe dá verdadeiro colorido babilônico ao relato.

Os críticos assinalaram as proporções da estátua, 60 x 6 cotovelos, mais ou menos 26,7 m x 2,7 m (ver T. I, P. 174), como uma evidência do caráter legendário do relato porque as proporções da figura humana são inferiores na proporção de 5 a 1. Entretanto, não conhecemos a aparência da imagem. É muito possível que a parte humana em si medisse menos que a metade da altura total e tivesse estado sobre um pedestal de 30 cotovelos, ou mais, de maneira que toda a estrutura, pedestal e imagem, medisse 60 cotovelos. A moderna estátua da liberdade tem um total de 92 m de altura, mas mais da metade desta corresponde ao pedestal; a figura humana só mede 33 m do talão até a parte superior da cabeça. J. A. Montgomery observa que a palavra aramaica tsélem, que aqui se traduz por estátua, usa-se em uma inscrição do século VII A. C. achada no Nerab, perto do Alepo, para

descrever uma esteira que está esculpida só em parte. Só a parte superior está adornada com o relevo do busto de um corpo humano. Daí que tsélem, "estátua", não se limite à descrição de uma figura humana ou de outra representação, mas sim pode também incluir o pedestal.

Facilmente encontramos na história obra semelhantes a esta enorme estatua. Pausanias descreve ao Apolo Amicleano como uma coluna magra, de forma humana, com cabeça, braços e pés. Os assim chamados Colossos do Memnón da antiga Tebas, no Alto o Egito, estavam construídos de pedra e eram em

realidade representações do rei Amenofis III. Ficam as ruínas de ambos, um dos quais alcança a 20 M. A melhor obra antiga desta natureza é possivelmente o Colosso de Roda, que representava ao deus Hélio. Foi construído com o material de guerra que Demetrio Poliorcetes abandonou quando levantou seu infrutífero assédio da ilha no ano 305 A. C. Se necessitaram 12 anos para construir o Colosso. Era feito de pranchas de metal que recubrían uma armação, e alcançava uma altura de 70 cotovelos, ou seja 10 cotovelos mais que a estátua do Nabucodonosor. Ao redor do ano 225 d. C. um terremoto destruiu o Colosso, depois do qual jazeu em ruínas durante quase 900 anos, até que os sarracenos o venderam como sucata.

Campo de Dura.

O nome desta planície sobrevive no nome de um tributário do Eufrates chamado Rio Dura, que desemboca no Eufrates 8 km. mais abaixo da Hilla. Algumas colinas vizinhas também levam o nome de Dura. Segundo uma tradição muito difundida hoje entre os habitantes do Iraque, os acontecimentos descritos no cap. 3 aconteceram no Kirkuk, que é agora centro das jazidas petrolíferos iraqueses. A tradição pode haver-se originado porque antes havia gases em ignição que escapavam pelas fissuras do terreno em vários lugares da zona, e também porque ali havia grandes quantidades de materiais combustíveis, como petróleo e asfalto. Lógicamente a tradição deve ser descartada. O incidente ocorreu perto de Babilônia. Dura estava na "província de Babilônia".

2.

Sátrapas.

A palavra aramaica 'ajashdarpan, "príncipe", ou "sátrapa", considerava-se antes como de origem persa. Agora se abandonou esta opinião porque os escritos cuneiformes mostram que a palavra tinha sido usada do tempo do Sargón II (722-705 A. C.) mas na forma de satarpanu. Agora se sugere que a palavra é de origem horeo. Os persas evidentemente tomaram este título oficial do Ocidente, daí que seu uso em tempos do Nabucodonosor não esteja desconjurado. Ver com. Est. 3: 12.

No período dos persas este título de assinava a funcionários que regiam as satrapías, as maiores divisões do império.

Magistrados.

"Prefeitos" (BJ). A palavra aramaica sigam se traduz corretamente "magistrados", mas pode também significar "prefeitos". Vem do acadio shaknu, que tem o mesmo significado. Estes funcionários administravam as províncias, que eram as seções nas quais estavam divididas as satrapías.

Capitães.

Aramaico pejah, um sinônimo de segan (ver com. anterior baixo "magistrados").

Auditores.

"Conselheiros" (BJ). A palavra aramaica 'adargazar, "juiz", só se encontrou até agora na forma persa do período médio, como andarzaghar, que significa "conselheiro". O que esta palavra não tivesse aparecido em textos anteriores não prova que não existisse antes do período persa, posto que quase todo descobrimento de uma nova inscrição revela que palavras antes desconhecidas tinham existido desde antigo.

Tesoureiros.

A origem da palavra aramaica 809 gedabar não foi ainda determinado.

Conselheiros.

"Juristas" (BJ). A palavra aramaica dethabar significa literalmente "legislador", e por ende "juiz". Este vocábulo se encontra em documentos cuneiformes na forma similar databari.

Juizes.

Aramaico, tiftay, "oficial maior" ou "oficial de polícia". A palavra se encontra na mesma forma e com o mesmo significado nos papiros aramaicos da Elefantina (quanto a esses papiros, ver T. III, pp. 81-85).

Governadores.

"Autoridades provinciais" (BJ). A palavra aramaica shilton, "autoridade", "oficial", da qual se deriva o título de Sultão. É o término que designa a todos os funcionários ajudantes de alguma importância.

3.

Foram, pois, reunidos os sátrapas.

A repetição de todos os títulos, tão característica da retórica, como a quádruplo contagem da lista dos instrumentos musicais que segue (vers. 5, 7, 10, 15), não se encontra na LXX (MS quisiano), possivelmente porque tais repetições não estavam a tom com o estilo da época. Entretanto, a tradução posterior grega do Teodoción preserva a repetição.

4.

Pregonero.

Aramaico karoz, palavra que geralmente se considera de origem grega (cf. Gr. kérux). Faz anos os críticos usavam esta palavra para argumentar que o origem do livro do Daniel era posterior aos fatos nele narrados. Sem embargo, H. H. Schaeder demonstrou que a palavra é de origem iraniana (Iranische Beiträge I [Ache, 1930], P. 56).

5.

Buzina.

"Corno" (BJ). Veja uma descrição geral dos instrumentos musicais hebreus no T. III, pp. 31-44. Entretanto, aqui se descreve uma orquestra babilônico na qual vários instrumentos diferem dos que usavam os antigos judeus.

Flauta.

Aramaico mashroqi, que designa a flauta ou o pífano, ao igual à mesma palavra em siríaco e mandeo (ou mandeano).

Harpa.

"Cítara" (BJ). Aramaico qithros, "harpa". Considera-se geralmente que qithros vem do grego kítharis, ou kíthara, "cítara". até agora não se conhece nenhuma prova de que as inscrições indiquem uma etimologia acadia ou iraniana. Entretanto, não seria estranho encontrar certas palavras tiradas do grego em um livro escrito em Babilônia. Sabemos pelos textos cuneiformes do tempo do Nabucodonosor, que entre os construtores de edificações reais havia muitos estrangeiros, entre eles, lidios e jonios. Estes carpinteiros e artesãos podem ter introduzido em Babilônia certos instrumentos musicais que não se conheciam antes ali. Seria natural que os babilonios aceitassem tanto o nome grego como o instrumento. Nesta forma a existência de nomes gregos para certos instrumentos musicais poderia ser facilmente explicada.

Tamboril.

"Sambuca" (BJ). Aramaico, Ñabbeka'. Um instrumento triangular com quatro cordas e tom brilhante. Embora o nome aparece em grego como sambuk' e em latim como sambuca, não é de origem ocidental. Os gregos e romanos tomaram o nome, junto com o instrumento, dos fenícios, feito que testemunha Estrabón quem diz (Geografia X. 3. 17) que a palavra é de origem "bárbaro".

Salterio.

Aramaico, pesanterin, que na LXX se traduz por psaltérion. A palavra "salterio" deriva do grego, através do latim. O salterio era um instrumento de cordas de forma triangular e tinha diapasão por cima das cordas.

Zampoña.

Do aramaico sumponeyah. A palavra aparece em grego (sumfÇnía) como um término musical e como o nome de um instrumento musical, uma gaita de fole. A primeira referência a este instrumento em literatura fora do Daniel, acha-se em Polibio (xxvi. 10; xxxi. 4), que descreve a sumfÇnía como um instrumento que figurava em anedotas do rei Antíoco IV. Entretanto, o instrumento já está representado em um relevo hitita do Eyuk, povo que está a 32 km. ao norte do Bogazköy, na Anatolia central, de mediados do segundo milênio A. C. O relevo parece indicar que, como em tempos posteriores, a gaita de fole estava feita de pele de um cão.

Adorem a estátua de ouro.

Até aqui o relato não há dito nada de que se demandaria a adoração da

imagem. O convite enviado a todos os principais magistrados do reino de Nabucodonosor para que se congregassem na planície de Dura, segundo o registro, só falava da dedicação da imagem (vers. 2), embora a gente acostumada às práticas idolátricas desse tempo pode não ter tido duvida quanto à razão pela qual foi ereta a imagem. O render comemoração à estátua daria evidência de submissão ao poder do rei, e ao mesmo tempo 810 demonstraria reconhecer que os deuses de Babilônia -os deuses do império- eram superiores a todos os outros deuses locais.

6.

Qualquer que não se prostre.

O rei e seus conselheiros, que indubitavelmente esperavam que alguns não obedeceriam, ameaçaram com um castigo crudelísimo a qualquer que se negasse a obedecer a ordem. Com a exceção dos judeus, cujas convicções religiosas lhes proibiam prostrar-se ante qualquer imagem (Exo. 20: 5), os povos da antigüidade não tinham objeções à adoração de ídolos. Por isto, o recusar prostrar-se ante a imagem do rei se consideraria como uma prova de hostilidade para o Nabucodonosor e seu governo. Não sabemos se o rei tinha antecipado a difícil situação em que tinha posto a seus leais servos judeus. Pode ser que fizesse viajar ao Daniel para lhe economizar tal situação embaraçoso (ver com. vers. 1). Por sua relação com o Daniel, o rei deve haver sabido que um judeu fiel recusaria adorar a imagem, e que tal negativa não poderia interpretar-se como um sinal de deslealdade.

Forno de fogo ardendo.

Embora não se registram muitos exemplos antigos desta classe de pena de morte, existem alguns. A gente provém do segundo milênio A. C. e nele se ameaça com este castigo a alguns servos. É digno de notar que a mesma palavra que Daniel usou para nomear ao forno ('attun) encontra-se também em o texto cuneiforme babilônico (utunum). O segundo exemplo provém do genro do Nabucodonosor, Nergal-sar-usur. Em uma de suas inscrições reais diz haver "queimado até morrer a adversários desobedientes". Compare-se com o Jer. 29: 22.

O forno de fogo possivelmente era um forno de tijolos. Posto que todos os edifícios estavam construídos de tijolos, muitos deles de tijolos cozidos, havia numerosos fornos perto da antiga Babilônia. As escavações mostram que os antigos fornos de tijolos eram semelhantes aos modernos fornos, que se encontram em grande número nessa zona. Estes fornos são geralmente construções cónicas feitas de tijolos. enche-se o interior com os tijolos que vão cozer se. Uma abertura em um lado da parede permite que o combustível seja jogado ao interior. O combustível consiste em uma mescla de azeite cru e felpa. Assim se produz um terrível calor e pela abertura, o observador pode ver os tijolos esquentados ao branco.

8.

Alguns varões caldeos.

Evidentemente eram membros da casta dos magos-científicos e astrólogos-astrónomos e não membros da nação esquenta, em contraste com cidadãos da nação judia (ver com. cap. 1: 4). Não se tratava tanto de antagonismo racial ou nacional como de inveja e zelo profissional. Os acusadores eram membros da mesma casta a qual pertenciam os três

fiéis judeus.

Acusaram.

Aramaico 'akalu qartsehon, uma expressão pitoresca que se traduz em forma prosaica como "acusaram". Uma tradução literal seria "comeram os pedaços de eles", e dali, figuradamente "caluniaram-nos" ou "acusaram-nos". Esta expressão aramaica se encontra também com significado similar em acadio, ugarítico e outros idiomas semíticos.

9.

Rei, para sempre vive.

Ver com. cap. 2: 4.

12.

Pôs.

Uma clara referência à ascensão que se registra ao fim do capítulo anterior (cap. 2: 49). A menção da excelsa categoria desses judeus tinha o propósito de recalcar o perigo que conduzia a desobediência de tais homens, assim como chamar a atenção à gravidade de sua ingratidão para com seu benfeitor real. Por outra parte, o fato de que os caldeos dessem preeminencia ao posto oficial ao qual tinham sido elevados esses judeus pelo rei, sugere que sua acusação foi fruto de ciúmes. Suas palavras também continham insinuações ocultas contra o rei, e virtualmente o acusavam de imprevisão política ao nomear para altos cargos administrativos a prisioneiros de guerra estrangeiros, dos quais naturalmente não se podia esperar lealdade para o rei de Babilônia e seus deuses. O rei devia ter previsto isto, insinuavam.

14.

Vós não honram.

A primeira pergunta do Nabucodonosor estava apoiada na primeira parte da

acusação dos caldeos. Deve ter sido do domínio público que esses funcionários não adoravam os ídolos babilônicos. Mas, por ter reconhecido o rei mesmo ao Deus a quem eles serviam como "Deus de deuses, e Senhor dos reis" (cap. 2: 47), não havia até então nenhuma razão válida para acusar a esses homens de atos subversivos. Entretanto, agora uma ordem direta não tinha sido cumprida, e mais ainda tinha sido desprezada, e a ousada negativa 811 de cumprir a ordem real de adorar a estátua foi provavelmente interpretada como se a tolerância do rei para com esses não conformistas despertava oposição obstinada e rebelião. Isto explicaria a ira e a fúria de Nabucodonosor.

15.

E que deus será aquele?.

Isto não precisa considerar-se como uma blasfêmia direta contra o Deus dos judeus. Entretanto, era um desafio dirigido ao Jehová com espírito insolente e com um altivo sentido de superioridade. Alguns compararam estas palavras com

as sortes pelo rei assírio Senaquerib: "Não te engane seu Deus em quem você confia" (ISA. 37: 10). Mas o caso do Nabucodonosor era um tanto diferente. Senaquerib elogiou a seus deuses por cima do Jehová, o Deus dos judeus, mas Nabucodonosor só declarou que a liberação do forno de fogo era algo que nenhum deus poderia realizar. Ao fazer essa afirmação só comparou indiretamente ao Deus dos judeus com seus próprios deuses, cuja impotência em tais assuntos conhecia bem.

16.

Não é necessário.

Do aramaico jashaj, "ter necessidade de". Alguns interpretaram esta resposta como extremamente arrogante e têm feito notar que houve mártires que reagiram em forma similar ante seus perseguidores. Entretanto, J. A. Montgomery demonstrou que o término "responder" deve interpretar-se em um sentido legal. Em idiomas similares e em outros diferentes se encontram analogias que mostram que o sentido é "apresentar uma defesa", ou "apologia". Já que os acusados não negavam a verdade da acusação, não viam a necessidade de defender-se. Seu caso estava em mãos de seu Deus (vers. 17), e deram seu resposta submetendo-se completamente à vontade divina, qualquer fosse o resultado de sua prova. Suas declarações posteriores (vers. 18) mostram que não estavam seguros de sair desse transe com vida. Se tivessem estado seguros de que seriam liberados, sua resposta poderia interpretar-se como uma amostra de arrogância espiritual. Como estava o assunto, sua atitude mostrava seu firme convicção de que seu proceder era o único factível e que não necessitava defesa, nem mais explicações.

17.

Hei aqui.

No aramaico, este versículo começa com a conjunção hen, "se" (condicional). Isto deu lugar a debates quanto à interpretação do versículo. Preponderam duas interpretações: (1) a das versões RVR, BJ, VM, BC, Straubinger e outras que refletem o significado: "Hei aqui nosso Deus... pode nos liberar... e se não", etc.; e (2) a de quem insiste em uma interpretação literal: "Se nosso Deus a quem servimos pode nos liberar do forno de fogo ardendo e de sua mão, OH rei, ele (nos) salvará; mas se não", etc. A segunda interpretação não está a tom com a fé dos três acusados judeus que se revela em outras partes. A primeira interpretação parece refletir mais fielmente a firme fé dos três hebreus na onipotência de seu Deus e de sua sabedoria inescrutável. Deus poderia salvá-los se isso fosse o melhor para eles e para a glória de seu nome e de sua causa. Suas palavras não expressam nenhuma duvida sobre o poder de Deus, a não ser incerteza quanto a se era a vontade divina salvá-los ou não.

A LXX não tem palavra que expresse dúvida, e toda sua declaração (vers. 16-18) é positiva: "OH rei, não temos necessidade de te responder quanto a esta ordem. Porque Deus nos céus é nosso único Senhor, a quem tememos, e quem pode nos liberar do forno de fogo; e de suas mãos, OH rei, ele nos liberará; e então te será manifesto que não serviremos a seu ídolo, nem adoraremos sua estátua de ouro".

19.

Sete vezes mais.

O aramaico jad-shib'ah, que literalmente significa "um e sete", no sentido de "sete vezes", é uma construção estranha, mas a mesma forma se usa também em uma carta aramaica da Elefantina do século V A. C. Alguns dramáticos hão pensado que é uma abreviatura de uma expressão idiomática aramaica comum, enquanto que outros, como Montgomery, pensam que pode "provir das reminiscências da recitação das pranchas de multiplicação". O aumento de calor no forno possivelmente foi produzido por uma quantidade extraordinária de felpa e petróleo cru. O petróleo podia conseguir-se dos muitos poços abertos de Mesopotamia que, desde tempos antigos, proporcionaram abundantemente este produto que hoje se usa nos fornos de tijolo da zona (ver com. vers. 6). O propósito desta ordem extraordinária possivelmente não fora aumentar o castigo. Um aumento de calor no forno não tivesse aumentado a tortura das vítimas. O rei tinha o propósito de impossibilitar qualquer possível intervenção (ver EGW, Material Suplementar, sobre este versículo). 812

20.

Homens muito vigorosos.

Melhor: "Alguns homens fortes", ou "os homens mais fortes de seu exército" (BJ). O fato de que se escolhesse a militares de força extraordinária possivelmente era outra medida para eliminar a possibilidade de intervenção de parte dos deuses.

21.

Mantos.

As palavras aramaicas que descrevem os "mantos" e as "meias" ("calças", BJ) não se entendem plenamente. Os lexicógrafos estão de acordo em que a tradução que oferece a RVR é aproximadamente correta.

Turbantes.

Aramaico karbelah, palavra de origem acadio, como o mostram os textos cuneiformes, nos quais aparece como karballatu, "boina". Na inscrição do Darío I no Naqsh-i-rustam este término designa o casco, mas em textos babilônicos posteriores significa "chapéus". A menção dos distintos artigos de vestir, que eram de material facilmente inflamável, sem dúvida se faz para referir-se ao milagre que seguiu (vers. 27).

23.

Forno de fogo ardendo.

A seguir do vers. 23, os manuscritos das mais antigas traduções do Daniel, a LXX e Teodoción, contêm um comprido agregado apócrifo de 68 versículos, chamados "O canto dos três jovens Santos". O canto contém três partes: (1) Oração do Azarías (Abednego), composta tanto de uma confissão como de uma súplica (vers. 24-45); (2) um interlúdio em prosa, que descreve o aquecimento do forno e o descida do anjo do Senhor para esfriar as chamas (vers. 46-50); (3) o cântico dos três (vers. 51-91). Embora Jerónimo reconheceu que é espúria, esta adição apócrifa foi recebida nas versões católicas como parte do canon. Os eruditos debatem se a origem do canto for judeu ou cristão. Vários deles acreditam que esta obra foi criada ao redor do ano 100 A. C. ver P. 772.

24.

levantou-se apressadamente.

Evidentemente o rei tinha ido ao lugar da execução, sem dúvida para assegurar-se de que sua ordem se executaria devidamente. Possivelmente estava sentado para poder observar às vítimas quando eram jogadas ao fogo.

25.

Semelhante a filho dos deuses.

O texto diz: "semelhante a filho de 'elahin". A palavra aramaica 'elahin é a forma plural de 'elah, "deus", e se emprega para designar a deuses pagãos (Dão. 2: 11, 47; 5: 4, 23). O equivalente hebreu de 'elahin é 'elohim, que, a pesar de estar em plural, usa-se regularmente para designar ao único Deus verdadeiro (ver T. I, pp. 179-182). portanto é lógico que o vocábulo aramaico 'elahin também possa representar ao Deus dos judeus. É correto, então, traduzir em duas formas, dependendo da compreensão teológico de quem emprega a palavra: "filho de deuses", ou "filho de Deus".

Se pensarmos que Nabucodonosor reconheceu nesse momento ao Deus dos três hebreus como único Deus, bem pôde ter exclamado: "É semelhante a filho de Deus". Indubitavelmente neste episódio Nabucodonosor admitiu a superioridade do Deus Muito alto (cap. 3: 26, 28-29). Por outra parte, bem pôde ter usado a expressão "filho de deuses" para indicar que a pessoa que via no forno não era um mero ser humano.

Os autores judeus sempre identificaram ao quarto personagem como um anjo. A LXX o identifica como "anjo de Deus". Muitos intérpretes cristãos, entre eles Hipólito, Crisóstomo e Elena do White, viram neste personagem à segunda pessoa da deidade (ver PR 373-374; Problems in Bible Translation, pp. 170-173). A maior parte dos cristãos conservadores mantêm a mesma posição. Alguns eruditos modernos negam que esta passagem possa referir-se a Cristo. A maioria das traduções modernas põem "semelhante a filho de deuses" não porque não criam que o quarto personagem pudesse ter sido Cristo, mas sim pelo desejo de ser estritamente fiéis ao texto aramaico.

26.

Deus Muito alto.

O reconhecimento do Nabucodonosor de que o Deus dos três hebreus era o "Muito alto" não implica necessariamente que o rei tivesse abandonado seus conceitos politeístas. Para ele, o Deus do Sadrac, Mesac e Abed-nego não era o único Deus verdadeiro, a não ser simplesmente o Deus mais alto, o principal de todos os deuses, da mesma forma em que os gregos chamavam o Zeus ho hupsistós theós, "o deus mais alto". O término se usou neste sentido em Fenícia, e mais tarde nas inscrições da Palmira.

27.

Os sátrapas.

Quanto aos funcionários que se enumeram aqui, ver com. vers. 2.

Roupas.

Ver com. vers. 21.

28.

Bendito seja o Deus.

A milagrosa liberação dos três homens impressionou profundamente ao rei e trocou sua anterior opinião (vers. 15) quanto ao Deus dos hebreus. Nabucodonosor agora elogiava o 813 poder desse Deus, anunciando publicamente que esse Deus tinha salvado a seus adoradores, e decretando que qualquer que desonrasse a esse Deus seria castigado com a morte (vers. 29). Seu reconhecimento revelava um progresso em seu conceito de Deus (ver cap. 2: 47; P. 779).

29.

portanto decreto.

Nesta forma insólita muita gente que de outra maneira nunca teria ouvido do Deus dos hebreus chegou a conhecê-lo. Entretanto, Nabucodonosor se excedeu em suas prerrogativas quando procurou obrigar pela força que os homens honrassem ao Deus dos hebreus (PR 375).

Esquartejado.

Quanto aos castigos com que aqui se ameaça, ver com. cap. 2: 5.

30.

Engrandeceu.

A forma verbal que se traduz desta maneira significa principalmente "fazer prosperar", e em um sentido mais amplo "promover". Não se diz como se efetuou essa promoção. Possivelmente os três hebreus receberam dinheiro, ou lhes deu mais influência e poder na administração da província, ou títulos de maior categoria. Por sua fidelidade ante a morte, os três hebreus tinham demonstrado qualidades de caráter que manifestavam que lhes podiam encomendar até maiores responsabilidades que as que anteriormente tinham desempenhado.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-30 PR 369-376

1 PR 371

1-6 ECFP 46

4-5 PR 371

4-7 MeM 70

7 PR 371

9,12-15 PR 372

12-18 ECFP 47

16-18 HH 217

16-20 NB 361

16-22 PR 373

17-22 MeM 70

23 Ed 248; 2JT 153

24-25 ECFP 49; MeM 264; 3T 47; 4T 212

24-26 PR 374

25 MeM 70, 327

25-27 HAp 455; NB 361

26-29 ECFP 49

27-29 2JT 153; PR 374

CAPÍTULO 4

1 Nabucodonosor reconhece o reinado de Deus, 4 conta suas visões, as quais os magos não puderam interpretar. 8 Daniel ouça sobre o sonho. 19 O interpreta. 28 A história do evento.

1 NABUCODONOSOR rei, a todos os povos, nações e línguas que moram em toda a terra: Paz lhes seja multiplicada.

2 Convém que eu declare os sinais e milagres que o Deus Muito alto tem feito comigo.

3 Quão grandes som seus sinais, e quão potentes suas maravilhas! Seu reino, reino eterno, e seu senhorio de geração em geração.

4 Eu Nabucodonosor estava tranqüilo em minha casa, e florescente em meu palácio.

5 Vi um sonho que me espantou, e tendido em cama, as imaginações e visões de minha cabeça me turvaram.

6 Por isso mandei que viessem diante de mim todos os sábios de Babilônia, para que me mostrassem a interpretação do sonho.

7 E vieram magos, astrólogos, caldeos e adivinhos, e os pinjente o sonho, mas não me puderam mostrar sua interpretação,

8 até que entrou diante de mim Daniel, cujo nome é Beltsasar, como o nome de meu deus, e em quem amora o espírito dos deuses Santos. Contei diante dele o sonho, dizendo: 814

9 Beltsasar, chefe dos magos, já que entendi que há em ti espírito de os deuses Santos, e que nenhum mistério te esconde, me declare as visões de meu sonho que vi, e sua interpretação.

10 Estas foram as visões de minha cabeça enquanto estava em minha cama: Me parecia ver em meio da terra uma árvore, cuja altura era grande.

11 Crescia esta árvore, e se fazia forte, e sua taça chegava até o céu, e se alcançava-lhe a ver desde todos os limites da terra.

12 Sua folhagem era formoso e seu fruto abundante, e havia nele alimento para todos. debaixo dele ficavam à sombra as bestas do campo, e em seus ramos faziam morada as aves do céu, e se mantinha dele toda carne.

13 Vi nas visões de minha cabeça enquanto estava em minha cama, que hei aqui um vigilante e santo descendia do céu.

14 E clamava fortemente e dizia assim: Derrubem a árvore, e cortem seus ramos, lhe tirem a folhagem, e dispersem seu fruto; vão-as bestas que estão debaixo dele, e as aves de seus ramos.

15 Mas a cepa de suas raízes deixarão na terra, com atadura de ferro e de bronze entre a erva do campo; seja molhado com o rocio do céu, e com as bestas seja sua parte entre a erva da terra.

16 Seu coração de homem seja trocado, e lhe seja dado coração de besta, e passem sobre ele sete tempos.

17 sentença é por decreto dos vigilantes, e por dito dos Santos a resolução, para que conheçam quão viventes o Muito alto governa o reino dos homens, e que a quem ele quer o dá, e constitui sobre ele ao mais desço dos homens.

18 Eu o rei Nabucodonosor vi este sonho. Você, pois, Beltsasar, dirá a interpretação dele, porque todos os sábios de meu reino não puderam me mostrar sua interpretação; mas você pode, porque amora em ti o espírito de os deuses Santos.

19 Então Daniel, cujo nome era Beltsasar, ficou atônito quase uma hora, e seus pensamentos o turvavam. O rei falou e disse: Beltsasar, não lhe turvem nem o sonho nem sua interpretação. Beltsasar respondeu e disse: meu senhor, o sonho seja para seus inimigos, e sua interpretação para os que mal lhe querem.

20 A árvore que viu, que crescia e se fazia forte, e cuja taça chegava até o céu, e que se via desde todos os limites da terra,

21 cuja folhagem era formosa, e seu fruto abundante, e em que havia alimento para todos, debaixo do qual moravam as bestas do campo, e em cujos ramos aninhavam as aves do céu,

22 você mesmo é, OH rei, que cresceu e te fez forte, pois cresceu você grandeza e chegou até o céu, e seu domínio até os limites da terra.

23 E quanto ao que viu o rei, um vigilante e santo que descendia do céu e dizia: Cortem a árvore e destruam; mas a cepa de suas raízes deixarão na terra, com atadura de ferro e de bronze na erva do campo; e seja molhado com o rocio do céu, e com as bestas do campo seja sua parte, até que ele aconteçam sete tempos;

24 esta é a interpretação, OH rei, e a sentença do Muito alto, que há vindo sobre meu senhor o rei:

25 Que lhe jogarão de entre os homens, e com as bestas do campo será você morada, e com erva do campo lhe apascentarão como aos bois, e com o rocio do céu será banhado; e sete tempos passarão sobre ti, até que conheça que o Muito alto tem domínio no reino dos homens, e que o dá a quem ele quer.

26 E quanto à ordem de deixar na terra a cepa das raízes do mesmo árvore, significa que seu reino ficará firme, logo que reconheça que o céu governa.

27 portanto, OH rei, aceita meu conselho: Seus pecados redime com justiça, e vocês iniqüidades fazendo misericórdias para com os oprimidos, pois talvez será isso uma prolongação de sua tranqüilidade.

28 Tudo isto veio sobre o rei Nabucodonosor.

29 Ao cabo de doze meses, passeando no palácio real de Babilônia,

30 falou o rei e disse: Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para casa real com a força de meu poder, e para glória de minha majestade?

31 Ainda estava a palavra na boca do rei, quando veio uma voz do céu: A ti te diz, rei Nabucodonosor: O reino foi tirado de ti;

32 e de entre os homens lhe arrojarão, e com as bestas do campo será você habitação, 815 e como aos bois apascentarão; e sete tempos passarão sobre ti, até que reconheça que o Muito alto tem o domínio no reino de os homens, e o dá a quem ele quer.

33 Na mesma hora se cumpriu a palavra sobre o Nabucodonosor, e foi jogado de entre os homens; e comia erva como os bois, e seu corpo se molhava com o rocio do céu, até que seu cabelo cresceu como plumas de águia, e suas unhas como as das aves.

34 Mas ao fim do tempo eu Nabucodonosor elevei meus olhos ao céu, e minha razão me foi devolvida; e benzi ao Muito alto, e elogiei e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é eterno, e seu reino por todas as idades.

35 Todos os habitantes da terra são considerados como nada; e ele faz segundo sua vontade no exército do céu, e nos habitantes da terra, e não há quem detém sua mão, e lhe diga: O que faz?

36 No mesmo tempo minha razão foi devolvida, e a majestade de meu reino, meu dignidade e minha grandeza voltaram para mim, e meus governadores e meus conselheiros, me procuraram; e fui restabelecido em meu reino, e maior grandeza foi acrescentada.

37 Agora eu Nabucodonosor elogio, engrandeço e glorifico ao rei do céu, porque todas suas obras são verdadeiras, e seus caminhos justos; e ele pode humilhar aos que andam com soberba.

1.

A todos os povos.

A narração dos acontecimentos do cap. 4 se registra na forma de uma proclama real. Os erudi.tos modernos declaram que tal decreto é historicamente absurdo, devido a que não podem encontrar outros casos de tais conversões, publicamente anunciadas. Mas os argumentos do silêncio nunca são definitivos. Por outra parte, a conversão de um rei a uma nova religião ou deus se relata em outros escritos. Por exemplo, o rei Amenofis (ou Amenhotep) IV do Egito abandonou a religião politeísta de seus antepassados e da nação e fez grandes esforços por introduzir no reino uma nova religião monoteísta. Fez edificar uma nova capital, trocou seu próprio nome, fechou os antigos templos, renunciou aos deuses anteriores, levantou novos templos de seu deus, e fez tudo o que estava a seu alcance para fomentar a nova religião.

Por outra parte, a Crônica Babilônica só relata os acontecimentos até o ano 11.° do reinado do Nabucodonosor. Desde aí em adiante, nossos conhecimentos são fragmentários. Por isso é impossível verificar todos os acontecimentos do reinado deste monarca em documentos da época. Na Crônica se narra a destruição de Jerusalém em 597 A. C., mas o comprido sitio de Tiro começou apenas no ano 585 e não aparece em dito documento. Relata-o Josefo (Contra Apión I. 21). Entretanto não fica em dúvida a historicidade de este acontecimento. Tampouco é estranho que não se encontrem nos registros babilônicos referências à enfermidade mental do rei. Tais registros naturalmente omitem feitos que têm que ver com as desgraças de um herói nacional. A mudança neste capítulo da primeira pessoa à terceira pessoa e de novo à primeira (vers. 2-27; cf. 28-33; 34-37) explicou-se caso que Daniel escreveu o decreto por ordem do rei, ou que como principal conselheiro do Nabucodonosor, Daniel acrescentou certas partes ao decreto escrito pelo rei mesmo. O decreto refletia os sentimentos do rei quando tinham sido completamente restabelecidas suas faculdades mentais. "que fora uma vez orgulhoso monarca, tinha chegado a ser humilde filho de Deus" (PR 382; cf. EGW, Material Suplementar, com. Dão. 4: 37).

Paz lhes seja multiplicada.

A introdução da proclama contém uma expressão de bons desejos. Os decretos posteriormente promulgados por reis persas tinham uma forma similar (cf. Esd. 4: 17; 7: 12). Uma forma típica achada nas cartas aramaicas de Elefantina, do século V A. C. é: "A saúde de - que o Deus do céu procure".

3.

Seu reino.

A doxología da segunda parte do vers. 3 aparece de novo com variações no vers. 34; cf. cap. 7: 14, 18.

4.

Tranqüilo.

Esta frase indica que o rei governava tranqüilamente seu reino. portanto, os acontecimentos deste capítulo pertencem à segunda metade de seu reinado de 43 anos. O rei estava "florescente" em seu palácio em Babilônia (ver Nota Adicional ao final deste capítulo), e como o rico insensato da parábola, cujos campos tinham produzido abundantemente (Luc. 12: 16-21), esqueceu sua responsabilidade para com Aquele a quem devia sua grandeza. 816

5.

Espantou-me.

A súbita maneira em que este acontecimento se introduz ilustra em forma adequada o inesperado e repentino do sucesso (ver cap. 2: 1).

6.

Mandei.

Compare-se com a fraseología de cap. 3: 29. Como no caso do sonho do cap. 2, foram convocados os sábios. Entretanto, neste caso o rei não havia esquecido o conteúdo do sonho. A demanda do rei de que se interpretasse seu sonho era pois muito diferente da que se descreve em cap. 2: 5.

7.

Magos.

Dos quatro grupos de sábios que se enumeram neste versículo, dois: os magos e astrólogos, foram apresentados no cap. 1: 20 (ver com. disso texto); a terceira categoria, os caldeos, no cap. 2: 2 (ver com. cap. 1: 4), e a quarta classe, os adivinhos, no cap. 2: 27 (ver com. desse texto).

Não me puderam mostrar.

Alguns sugeriram que devido a estes sábios de Babilônia eram peritos na interpretação de sonhos e sinais de caráter sobrenatural, possivelmente apresentaram alguma classe de interpretação. Na verdade, o sonho era tão explícito que o rei mesmo pressentiu que continha alguma mensagem adversa para ele (PR 379). Era isto o que o alarmava. Entretanto, os antigos cortesãos acostumavam adular a seus soberanos e evitavam lhes dizer diretamente algo desagradável. Por isso, embora tivessem entendido partes do sonho, ou tivessem tido uma noção vaga de sua importância, não teriam tido valor para expressar suas conclusões. Se ofereceram algum tipo de explicação, esta não satisfez absolutamente ao rei. Certamente não Podiam dar uma interpretação precisa e detalhada, como Daniel o fez posteriormente (PR 379-380). A verdade é que "nenhum dos sábios podia interpretar" o sonho (PR 379).

8.

Beltsasar.

A narração apresenta ao primeiro Daniel por seu nome judeu, pelo qual o conheciam seus compatriotas, logo por seu nome babilônico que lhe tinha sido dado em honra ao principal deus do Nabucodonosor (ver com. cap. 1: 7).

Não se explica a razão pela qual Daniel tinha permanecido tanto tempo na penumbra, apesar de ser considerado "chefe dos magos" (vers. 9). Alguns sugeriram que Nabucodonosor se propunha saber primeiro qual era em geral a opinião dos caldeos quanto a seu sonho tão desconcertante, antes de ouvir toda a verdade que suspeitava que era desfavorável (compare-se com o caso do rei Acab, 1 Rei. 22: 8). Só depois de que os outros sábios que se ocupavam das ciências ocultas demonstraram sua incapacidade para satisfazer ao rei, este mandou chamar o homem que, em uma oportunidade anterior, tinha demonstrado seu

habilidade e inteligência superiores na interpretação de sonhos (cap. 2; cf. cap. 1: 17, 20).

Dos deuses Santos.

Ou, "do Deus Santo" (BJ). A palavra aramaica que significa "deuses" é 'elahin, término que se usa freqüentemente para designar a deuses falsos (Dão. 2: 11, 47; 3: 12; 5: 4), mas que também pode aplicar-se ao verdadeiro Deus (ver com. Dão. 3: 25). Esta expressão revela o que era o que tinha inspirado no rei a confiança no poder e o entendimento superiores do Daniel. Também mostra que Nabucodonosor já tinha um conceito da natureza de aquela Deidade a quem Daniel devia esse poder e sabedoria. Daniel e seus companheiros tinham dado testemunho sem vacilar do verdadeiro Deus a quem eles adoravam. A expressão, que se repete nos vers. 9 e 18 de Dão. 4, mostra claramente que de maneira nenhuma Nabucodonosor tinha esquecido o que havia aprendido em uma ocasião anterior respeito ao eminente dom profético disso judeu e de sua comunhão com o único Deus verdadeiro.

Em vez da frase "em quem amora o espírito dos deuses Santos", a versão do Teodoción reza: "Que tem em si o santo espírito de Deus". A LXX omite completamente da última parte do vers. 5 até o fim de vers.10.

9.

Chefe dos magos.

Este término usado pelo rei é provavelmente sinônimo daquele que se usa em o cap. 2: 48, "chefe supremo de todos os sábios de Babilônia". A palavra "chefe" de 4: 9 e 2: 48 é tradução da palavra aramaica, rab.

me declare as visões.

Parecesse que o rei exige que Daniel lhe conte o sonho além de seu interpretação, mas imediatamente lhe narra o sonho (vers. 10). A LXX não inclui este versículo nos MSS existentes. Contém o relato dos vers. 1-9 em forma extremamente abreviada. O texto da Bj também é abreviado em comparação com a RVR. A versão grega do Teodoción reza: "Escuta a visão do sonho que eu vi, e me diga sua interpretação". Em siríaco se traduz esta passagem com uma paráfrase: "Nas visões de meu sonho eu estava vendo uma 817 visão de minha cabeça e você me diga sua interpretação". Alguns expositores modernos (Marti, Torrey, etc.) aceitam a versão do Teodoción como a melhor solução, enquanto outros, como Montgomery, pensam que a palavra aramaica jzwy (originalmente sem pontos vocálicos), que se traduz "as visões de" (RVR), era originalmente jzy, "hei aqui", tal como o demonstram os papiros da Elefantina. O texto se leria então, como na BJ: "Olhe o sonho que tive; me dê sua interpretação". (Na BJ corresponde com o vers. 6 do cap. 4 e não com o vers. 9.)

10.

Parecia-me ver. . . uma árvore.

A sabedoria divina freqüentemente usa parábolas e figuras como médios para a transmissão da verdade. Este método impressiona. Os símbolos ajudam à pessoa a recordar tanto a mensagem como sua importância, durante mais tempo que se a mensagem tivesse sido comunicado de outra maneira. Compare-se com os ricos simbolismos que aparecem na passagem do Eze. 31: 3-14.

Os antigos acostumavam a ver um significado em todo sonho extraordinário. Possivelmente por esta razão Deus empregou um sonho neste caso como um instrumento para expor seus intuitos.

13.

Um vigilante.

Aramaico 'ir, "que está acordado", "que vigia". A LXX traduz esta palavra por ággelos, "anjo", mas Teodoción, em vez de traduzi-la, simplesmente a traslitera, ir. Os tradutores judeus Aquila e Símaco a traduzem como egr'goros, "que está alerta", término que se encontra no livro do Enoc e em outros escritos apócrifos judeus para designar aos anjos superiores, maus ou bons, que velam e não dormem. Aplicado a anjos, o término "vigilante" aparece exclusivamente nesta passagem do AT. sugeriu-se que os caldeos puderam ter conhecido aos anjos com este nome, embora não se encontrou ainda evidência disto. As expressões "santo" e "descendia do céu" mostram que o vigilante é um mensageiro celestial. É evidente que se reconhecia ao vigilante como portador dos créditos do Deus do ciclo (PR 380), cujas decisões são inapeláveis.

15.

A cepa de suas raízes deixarão.

Compare-se com o Job 14: 8 e ISA. 1: 11. Os futuros brotos desta raiz (ver Job 14: 7-9) representavam, conforme se vê pela comparação dos vers. 26 e 36, a restauração do Nabucodonosor de sua enfermidade, e não a continuação da supremacia de sua dinastia, como alguns comentadores explicaram. É óbvio que toda a passagem se refere a um indivíduo e não a uma nação.

Com atadura.

Muitos comentadores vêem nesta asseveração uma referência a bandas de metal que se colocam ao redor de um tronco que serve de raiz, provavelmente para evitar que se grete ou se parta, embora pelos documentos antigos não podem demonstrar que se praticou tal coisa. A LXX não faz menção destas ataduras. Segundo essa versão, o vers. 15 reza: "E assim disse: Deixem uma raiz de ele na terra, para que se alimente como boi com as bestas da terra, nas montanhas de pasto". Teodoción prefere o texto masorético. Já que a interpretação do sonho não chama a atenção às ataduras, a interpretação dessa figura fica sujeita a conjeturas. Nos vers. 15 e 16 há uma transição da "cepa de suas raízes" ao que a raiz representava. Alguns fazem a transição na frase que estamos considerando, e vêem nas ataduras cadeias materiais, necessárias para atar ao rei enlouquecido (Jerónimo), ou ataduras figuradas, que representariam as restrições que se imporiam ao monarca como resultado de sua enfermidade. Entretanto, parece mais natural aplicar as ataduras à cepa em si mesmo e as considerar como uma indicação do cuidado que se teria para conservar a cepa.

16.

Seu coração.

A transição da figura da árvore ao objeto que se simboliza já se há realizado claramente (ver com. vers. 15). O término "coração" aqui parece

indicar natureza. O rei tomaria a natureza de uma besta.

Sete tempos.

A maioria dos intérpretes, tão antigos como modernos, explicam que a palavra aramaica 'iddan, "tempo", aqui (também nos vers. 23, 25, 32; cap. 7: 25; 12: 7) significa "ano". O texto da LXX diz "sete anos". Entre os primeiros expositores que se inclinaram por esta opinião estão Josefo (Antiguidades X. 10. 6), Jerónimo, Rashi, Ibn Ezra e Jefet. A maioria dos expositores modernos também estão de acordo com esta interpretação.

17.

Vigilantes.

Ver com. vers. 13. O uso do plural pressupõe a existência de uma assembléia ou concílio celestial (ver Job 1: 6-12; 2: 1-6). 818

Para que conheçam os viventes.

Esta expressão revela o propósito divino de executar a ordem. O trato de Deus com Babilônia e seu rei tinha que ser uma ilustração para as outras nações e seus reis dos resultados de aceitar ou rechaçar o plano divino para com as nações.

O Muito alto governa.

Nos assuntos das nações Deus está sempre executando "silenciosa e pacientemente os conselhos de sua própria vontade" (Ed 169). Algumas vezes, como em ocasião da chamada do Abraão, ordena uma série de acontecimentos destinados a demonstrar a sabedoria de seus caminhos. Outras vezes, como no caso do mundo antediluviano, permite que o mal siga seu curso e dê assim um exemplo da loucura que significa opor-se aos princípios corretos. Mas finalmente, como na liberação dos hebreus do Egito, intervém para que as forças do mal não vençam aos instrumentos que ele dispôs para a salvação do mundo. Já seja que Deus ordene, permita, ou intervenha "o complicado jogo dos acontecimentos humanos se acha sob o controle divino" e um "propósito divino predominante esteve obrando manifiestamente a través dos séculos" (PR 393, 392; ver Ed 169; ROM. 13: 1).

"Deus atribuiu um lugar em seu grande plano a toda nação" e a cada uma deu a oportunidade de "ocupar seu lugar na terra a fim de ver se estas cumprirão o propósito do 'Vigilante e Santo'"(Ed 174, 172). Segundo os intuitos divinos, a função do governo é a de proteger e sustentar à nação, dar a seu povo a oportunidade de alcançar o propósito que o Criador tem para ele e permitir que as outras nações façam o mesmo (Ed 170), a fim de que todos os homens "procurem deus, se em alguma maneira, apalpando, possam lhe achar" (Hech. 17: 27).

Uma nação é forte em proporção com a fidelidade com que cumpre o propósito de Deus para ela; seu êxito depende do uso que faz do poder que se o encomenda; seu cumprimento dos princípios divinos é sempre a medida de sua prosperidade; e seu destino está determinado pela atitude que seus dirigentes e povo têm para esses princípios (Ed 170, 169, 172-173; PP 576). Deus reparte sabedoria e poder que manterão fortes às nações que o permaneçam fiéis, mas abandona às que atribuem sua glória às realizações humanas e atuam independentemente dele (PR 367).

Os homens "que recusam submeter-se ao governo de Deus são inteiramente ineptos para governar-se a si mesmos" (CS 641). Quando em vez de proteger aos homens, uma nação se volta cruel e orgulhosa opresora, sua queda é inevitável (Ed 171). Quando as nações, uma atrás de outra, rechaçam os princípios de Deus, sua glória se desvanece, seu Poder desaparece e seu lugar é ocupado por outras (Ed 172). "Todos decidem seu destino por própria eleição" e ao rechaçar os princípios de Deus, provocam sua própria rainha (Ed 173, 172).

"O complicado desenvolvimento dos sucessos humanos está sob o governo divino. Em meio da luta e o tumulto das nações, Aquele que se sinta por em cima dos querubins dirige ainda os assuntos terrestres" e "dirige tudo para a execução de seus propósitos" (Ed 174). Ver com. cap. 10: 13.

Mais baixo.

Aramaico shefal, "baixo", "humilde". Em sua forma verbal se traduz "humilhado" em cap. 5: 22 e "humilhar" em cap. 4: 37.

18.

Dirá a interpretação dele.

Ver com. vers. 7.

Os deuses Santos.

Ver com. vers. 8.

19.

Atônito.

Aramaico shemam, que na forma em que aqui se acha, significa "ficar duro de medo", "ficar espantado". Daniel, tendo compreendido imediatamente o sonho e suas conseqüências, deve haver-se sentido muito turbado pela responsabilidade de revelar seu terrível significado ao rei (ver cap. 2: 5).

Hora.

Aramaico sha'ah. É impossível definir precisamente o lapso indicado por sha'ah. Pode ser um breve momento, ou possivelmente um período mais largo. Compare-os diferentes usos de sha'ah nos cap. 3: 6, 15; 4: 33; 5: 5. Deve ter passado tempo suficiente para que Daniel revelasse a seu protetor real que seus "pensamentos o turvavam [ou o alarmavam]". Sem dúvida Daniel estava procurando as palavras e expressões apropriadas por meio das quais faria conhecer rei as terríveis novas de seu futuro destino.

O rei falou.

O fato de que nesse momento Nabucodonosor falasse em terceira pessoa, não justifica a conclusão dos críticos de que outro falava dele, e que pelo tanto o documento não é genuíno, ou que este versículo inclui um dado histórico, interpolado no documento. Mudanças similares, da primeira à terceira pessoa e viceversa, encontram-se em outros livros bíblicos (Esd. 819 (Esd. 7: 13-15; Est. 8: 7-8) e em não bíblicos, antigos e modernos (ver com. Esd. 7: 28).

O rei viu claramente a consternação que se refletia no rosto do Daniel.
Pela natureza do sonho dificilmente poderia ter esperado ouvir algo agradável. Entretanto, animou a seu fiel cortesão para que lhe apresentasse toda a verdade sem temor de incorrer no desagrado real.

Os que mal lhe querem.

Embora Daniel tinha sido tomado cativo pelo rei e tinha sido deportado de seu pátria para servir a estranhos que oprimiam a seu povo, não albergava maus sentimentos para o Nabucodonosor. Em realidade, suas palavras atestam que sentia grande lealdade pessoal para com o rei, o que possivelmente contrastava com muitos dos judeus de sua época. Por outra parte, as palavras do Daniel não devem necessariamente interpretar-se como uma expressão de malícia para os inimigos do rei. A resposta é simplesmente uma resposta cortês expressa em verdadeiro estilo oriental.

22.

Você mesmo é.

Sem manter ao rei em suspense durante muito tempo, Daniel lhe anunciou Lisa e sinceramente -embora sem dúvida o rei já o suspeitava- que a árvore representava ao mesmo Nabucodonosor.

Até o céu.

Para alguns, os términos com os quais o profeta descreveu a grandeza de Nabucodonosor podem parecer exagerados, mas devemos recordar que Daniel usou o idioma e as expressões próprias da corte desse lugar e esse tempo.
Essas expressões se parecem muitíssimo à linguagem jactanciosa do Nabucodonosor que se encontra em várias das inscrições daquele rei, descobertas por os arqueólogos. Também se assemelham às palavras empregadas pelos predecessores assírios do Nabucodonosor e por outros monarcas orientais.

25.

Com as bestas.

Embora as palavras do mensageiro celestial implicavam claramente alguma fatalidade, os magos foram incapazes de determinar a natureza do castigo.
Não se indica a razão da expulsão do rei da sociedade, mas possivelmente foi entendida pelo rei. pode-se concluir que esse castigo era a demência não só pelas observações gerais deste versículo, que descreve seu futuro, mas também pela declaração de que seu "razão... foi devolvida" (vers. 34).
Não tem fundamento a objeção dos críticos de que o rei foi expulso por elementos desconformes que atuavam dentro do governo, ou como resultado de uma revolta.

26.

Ficará firme.

Muitos se perguntaram por que o rei demente não foi morto, ou por que seus súditos ou ministros de Estado não puseram a algum outro no trono vacante durante o tempo quando Nabucodonosor esteve incapacitado. deu-se a seguinte explicação: Os supersticiosos da antigüidade acreditavam que todos os

distúrbios mentais eram causados por maus espíritos que se apoderavam de seus vítimas; que se alguém matava ao demente, esse espírito se empossava do homicida ou instigador do crime; e que se sua propriedade era confiscada ou seu cargo ocupado por outro, uma terrível vingança recaía sobre os responsáveis por a injustiça. Por essa razão os dementes eram afastados da sociedade, mas em outros sentidos não os incomodava (ver 1 Sam. 21: 12 a 22: 1).

27.

Seus pecados redime.

Aqui lhe comunica ao orgulhoso monarca um princípio divino. Os julgamentos de Deus contra os homens podem evitar-se pelo arrependimento e a conversão (ISA. 38: 1-2, 5; Jer.18: 7-10; Jon. 3: 1-10). Por essa razão Deus anunciou o iminente castigo do Nabucodonosor, mas lhe deu um ano inteiro para que se arrependesse e assim evitasse a calamidade anunciada (Dão. 4: 29). Entretanto, o rei não trocou sua maneira de viver, e em conseqüência atraiu sobre si a execução do castigo. Em contraste, os ninivitas, que tiveram 40 dias para arrepender-se, aproveitaram a oportunidade e eles e sua cidade foram salvos (Jon. 3: 4-10). "Porque não fará nada Jehová o Senhor, sem que revele seu secreto a seus servos os profetas" (Amós 3: 7). Deus acautela a povos e nações de seu iminente castigo. Envia uma mensagem ao mundo hoje para lhe advertir que seu fim se aproxima velozmente. Pode ser que poucos aceitem tais advertências, mas sendo que receberam uma adequada admoestação, os homens não terão desculpa no dia da desgraça.

Misericórdias.

admoestou-se ao rei que praticasse justiça para com todos seus súditos e que fora misericordioso com os oprimidos, os desventurados e os pobres (ver Miq. 6: 8). Estas virtudes freqüentemente se mencionam juntas (Sal. 72: 3-4; ISA. 11: 4).

29.

No palácio.

Não se sabe desde que palácio olhou Nabucodonosor a cidade. Possivelmente do teto dos famosos jardins pendentes, cujos grossos e fortes muros do fundamento foram escavados, ou do novo Palácio do Verão da seção norte 820 da cidade nova, que é agora um montículo de ruínas que se conhece com o nome do Babil. Veja-a Nota Adicional ao final deste capítulo onde se acha uma descrição da Babilônia do Nabucodonosor.

30.

Que eu edifiquei.

Os estudantes da história babilônico antiga recordam estas arrogantes palavras ao ler as pretensões do rei nas inscrições que foram conservadas no meio do pó e os escombros das ruínas de Babilônia. Em uma dessas inscrições o orgulhoso rei proclama: "Então construí eu o palácio, o assento de minha realeza, o vínculo da raça dos homens, a morada do triunfo e o regozijo" (E. Schrader, Keilinschiftliche Bibliothek, T. III, parte 2, P. 39). Em outro texto diz: "Em Babilônia, a cidade que eu prefiro, que eu amo, estava o palácio, o assombro do povo, o vínculo de a terra, o brilhante palácio, a morada da majestade sobre o chão de

Babilônia" (Vão., P. 25). As escavações em Babilônia demonstraram que Nabucodonosor tinha razões válidas para estar orgulhoso de sua maravilhosa criação, embora não confirmaram em todos os detalhes as exageradas pretensões dos escritores clássicos quanto ao tamanho da antiga Babilônia (ver Nota Adicional ao final deste capítulo).

A pretensão do Nabucodonosor de ter "edificado" a cidade de Babilônia não deve interpretar-se como uma referência a sua fundação, que ocorreu pouco depois do dilúvio (Gén. 11: 1-9; cf. cap. 10: 10). Refere-se a grande obra de reconstrução começada por seu pai Nabopolasar, e completada por Nabucodonosor. As atividades do Nabucodonosor como construtor foram tão extensas que eclipsaram a tudo o que se realizou anteriormente. há-se dito que não se podia ver muito que não tivesse sido construído durante seu época. Isto era verdade no que respeita aos palácios, os templos, os muros e até os bairros residenciais. O tamanho da cidade tinha sido mais que duplicado pela adição de novas seções à velha Babilônia, como subúrbios em ambas as márgenes do rio Eufrates.

31.

Veio uma voz.

As arrogantes exclamações do rei foram imediatamente seguidas por seu humilhação. Não se diz se essa voz foi ouvida pelo rei só ou se seu séquito também ouviu as palavras celestiales.

33.

cumpriu-se.

Muitos comentadores identificaram a enfermidade do Nabucodonosor com uma forma de demência na qual os homens se acreditam animais e imitam a maneira de vida das bestas.

encontrou-se um exemplo antigo de tais enfermidades mentais. Uma tabuleta cuneiforme, inédita, do Museu Britânico menciona a um homem que comia pasto como uma vaca (F. M. Th. do Liagre Bóhl, Opera Minora [1953], P. 527). Não é necessário identificar com precisão a enfermidade do Nabucodonosor nem igualá-la com algo que conheça a ciência médica hoje. Seu caso pode haver sido único. O relato é breve, e um diagnóstico exato feito com tão pouca informação não tem valor.

Plumas de águia.

A palavra "plumas" foi adicionada. O cabelo, descuidado e exposto durante muito tempo à inclemência do tempo e aos raios do sol, fica duro e rebelde.

34.

Ao fim do tempo.

Quer dizer, o fim dos "sete tempos", ou sete anos, preditos para a duração da loucura do Nabucodonosor (ver com. vers. 16).

Elevei meus olhos.

É significativo notar que nos diz que o rei recuperou a razão quando reconheceu ao verdadeiro Deus. Quando o humilhado rei levantou a vista ao céu em oração, foi elevado da condição de uma besta bruta a de um ser que leva a imagem de Deus. que durante anos tinha jazido por terra, impotente e humilhado, foi uma vez mais exaltado à dignidade humana que Deus concedeu a suas criaturas, formadas a sua semelhança. O fundamental do milagre que ocorreu no caso do Nabucodonosor se repete ainda -embora em forma menos espetacular- na conversão de cada pecador.

Benzi ao Muito alto.

Fala bem do rei que em um tempo estar orgulhoso, o fato de que depois de sua tenebrosa vivencia sentisse em primeiro lugar o desejo de agradecer a Deus, elogiá-lo como o Eterno e reconhecer seu reinado perdurável.

35.

Como nada.

Compare-se com a ISA. 40: 17. A segunda metade deste versículo é muito semelhante a ISA. 43: 13. Alguns sugeriram a possibilidade de que ao relacionar-se com Daniel, o rei tivesse chegado a conhecer as palavras do Isaías, e que repentinamente as recordou. A confissão foi maravilhosa, especialmente em boca deste monarca, uma vez tão arrogante. É o testemunho de um penitente converso, uma declaração que emana 821 do coração de um homem que havia aprendido por experiência própria a conhecer e reverenciar a Deus.

36.

Foi devolvida.

junto com a recuperação do entendimento, Nabucodonosor também recuperou seu dignidade real e seu trono. Para mostrar a estreita relação entre o retorno de sua razão e sua restauração à soberania, este versículo repete (ver vers. 34) o primeiro elemento de sua recuperação. O segundo segue imediatamente em a maneira singela da narração semítica. Um narrador em castelhano poderia haver dito: "Quando voltou meu entendimento, então também voltaram meu condição real e minha glória".

Buscaram-me.

Esta palavra "procuraram" não indica necessariamente que durante o período de seu demência se permitiu que o rei vagasse pelos campos e o deserto sem ser vigiado; significa que o buscaram tendo em sua conta posto oficial. Quando se soube que tinha recuperado a razão, os regentes do reino o fizeram voltar com todo o devido respeito para poder lhe entregar o governo novamente. Durante sua demência eles tinham atendido os assuntos do governo.

37.

Elogio, engrandeço.

Esta é a conclusão com que Nabucodonosor termina seu proclama, na qual, como um pecador convertido, reconhece a justiça de Deus. Sua confissão de que Deus é "Rei do céu" expressa sua reverência para com o Deus que acaba de encontrar. O restabelecido monarca de Babilônia aprendeu bem sua lição

(ver PR 382; EGW, Material Suplementar sobre este versículo). Quanto ao caráter progressivo da compreensão que Nabucodonosor teve de Deus, ver cap. 2: 47; 3: 28; P. 779.

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 4

sob a direção do Robert Koldewey, que trabalhou para a Sociedade Oriental Alemã, levaram-se a cabo importantes escavações em Babilônia entre os anos 1899 e 1917. Nelas se desenterraram algumas das seções mais importantes da grande zona de ruínas da antiga Babilônia, embora durante essas escavações houve amplos setores que não foram tocados. Dos começos da história, Babilônia foi uma cidade importante da Mesopotamia (Gén. 11). Hammurabi a constituiu em capital de sua dinastia. Como sede do santuário do famoso deus Marduk, seguia sendo um centro religioso até durante os períodos quando não gozava de supremacia política, como por exemplo durante o tempo quando Assíria foi o principal poder mundial. Quando Nabopolasar recuperou a independência de Babilônia, a cidade voltou a ser uma vez mais a metrópole do mundo. Mas foi especialmente com o Nabucodonosor, o grande propulsor do Império Neobabilónico, quando Babilônia chegou a ser "formosura de reino e ornamento da grandeza dos caldeos" (ISA. 13: 19).

Foi a cidade do Nabucodonosor a que desenterrou Koldewey durante os 18 anos de escavações alemãs. Virtualmente não se encontraram restos das etapas anteriores da cidade. A razão disto é duplo: (1) A mudança do leito do rio Eufrates elevou o nível da água e portanto os estratos das cidades anteriores estão agora sob o nível da água, e (2) a destruição de Babilônia realizada pelo rei assírio Senaquerib no ano 689 A. C. foi tão completa, que ficou pouco da antiga cidade que pudessem descobrir as gerações posteriores. Por isso, todas as ruínas visíveis de hoje são do posterior Império Neobabilónico. Até elas mostram uma desolação e confusão pouco comuns, por duas razões: (1) Grandes parte da cidade foram destruídas pelo rei Jerjes da Persia depois de duas curtas revoltas contra seu governo. (2) As ruínas de Babilônia foram empregadas pelo Seleuco para construir Seleucia ao redor do ano 300 A. C. A maioria dos edifícios de as aldeias vizinhas, e da cidade da Hilla (ou Hella), assim como a grande represa do rio Hindiya, foram construídos com tijolos de Babilônia.

Apesar destas desvantagens os escavadores obtiveram que se compreendesse muito do plano de Babilônia do Nabucodonosor. Os antigos documentos cuneiformes achados durante a escavação ajudaram nesta tarefa. Esses documentos continham descrições detalhadas da cidade, de seus principais edifícios, muros e bairros, de maneira que se conhece mais quanto ao plano da Babilônia do Nabucodonosor que de muitas cidades medievais da Europa. Por isso estamos excepcionalmente bem informados quanto à cidade em cujas ruas caminhou Daniel e a respeito da qual pronunciou Nabucodonosor 822 as arrogantes palavras que se registram em Dão. 4: 30.

O tamanho da antiga Babilônia.

antes de que a pá do escavador revelasse o verdadeiro tamanho da Babilônia do Nabucodonosor e da Babilônia de tempos anteriores, os eruditos se confiavam na descrição do Herodoto. Esse historiador pretende ter visitado Mesopotamia em meados do século V a.C., e por isso freqüentemente se consideraram suas declarações como as de uma testemunha presencial. Afirma (I. 178-179) que Babilônia tinha a forma de um grande quadrado, de aproximadamente 22 km. de lado. Essas medidas dão aos muros da cidade um comprido total de 88 km., e a a cidade mesma uma superfície de quase 490 km. quadrados. Também diz que seus

muros tinham 25 m de grossura e 104 m de alto.

antes de que as modernas escavações revelassem o tamanho da antiga Babilônia, tratou-se de harmonizar as declarações do Herodoto com as ruínas visíveis. Por exemplo, o asiriólogo francês Jules Oppert tratou de explicar a declaração do Herodoto estendendo a área da cidade de Babilônia até incluir o Birs Nimrud, a 19 Km. ao sudoeste das ruínas de Babilônia, ou a Tell o-Ojeimir, a 13 km. ao oeste. Esta explicação é completamente insatisfactoria. Já nos dias do Oppert se sabia que Birs Nimrud é o sítio da antiga Borsipa, e Tell o-Ojeimir o lugar do Kish, ambas as cidades famosas e independentes, com muros protetores separados. Posto que não se encontraram muros que rodeiem tanto a Babilônia como a Borsipa ou ao Kish, e posto que tal muro não se menciona em nenhum dos documentos da época que descrevem a antiga cidade, não pode aceitar o cálculo do Oppert apoiado em a declaração do Herodoto em relação à extensão dos muros de Babilônia.

As escavações revelam que antes do tempo do Nabucodonosor, a cidade era quase quadrada, com muros de mais ou menos um quilômetro e meio de comprimento em cada lado; no mapa da P. 823 a chama a Cidade Interior. Os palácios e edifícios da administração estavam na seção noroeste da cidade, e ao sul deles estava o principal conjunto de templos, chamado Esagila, dedicado ao deus principal de Babilônia, Marduk. O rio Eufrates corria ao comprido do muro ocidental de Babilônia. Quando Babilônia serve de capital ao vasto império dos tempos do Nabopolasar e Nabucodonosor, precisou ser aumentada. construiu-se uma nova seção sobre a margem ocidental do Eufrates. conhece-se sua extensão, mas se realizaram poucas escavações nessa zona. O que se sabe quanto a seus templos e ruas são os dados obtidos dos documentos cuneiformes que descrevem esse bairro. A seção nova estava unida com a cidade velha por uma ponte que descansava sobre oito pilares, como o revelaram as escavações.

Nabucodonosor também construiu um palácio novo muito afastado da cidade velha e ao norte dela, o assim chamado Palácio do Verão. Um grande muro exterior foi construído para abranger também esse palácio. O novo muro aumentou muito o tamanho da cidade. Não há evidência de que tenha havido muro ao longo do rio do Palácio do Verão até o setor do antigo palácio. Pelo tanto, chegou-se à conclusão de que se considerava o rio como uma amparo suficiente.

Os muros, que em sua major parte podem ainda ver-se claramente como montículos compridos e altos, medem 21 km. Esta medida é a do comprido total dos muros, tanto da cidade interior como da cidade exterior. O perímetro de a cidade do Nabucodonosor, incluindo a terra ribeirinha, do Palácio de Verão até o setor do antigo palácio, era de 16 km.

Escavações realizadas em tempos modernos revelaram a grossura dos diferentes muros e mostram que precisa modificá-la descrição do Herodoto sobre este ponto. As fortificações que rodeavam a Cidade Interior consistiam de muros dobre, dos quais o muro interior tinha 6,5 m de espessura, e o muro exterior 3,7 m de grossura. O sistema de fortificações exteriores também era duplo, com um cheio de resíduo entre ambos muros e um caminho na parte superior, de acordo com o Herodoto. A grossura de cada um de eles era o seguinte: muro interior, 7 m; espaço para preencher, 11,2 m; muro exterior, 7,8 m, mais uma espécie de contraforte na base, de 3,3 m de espessura. O largo total da fortificação exterior era de 29,39 M. De seus muitas torres, 15 já foram escavadas.

"As escavações não indicam a altura dos antigos muros, já que ficam só as bases. Em nenhuma parte têm estes mais de 823

824 12 m (na Porta do Ishtar). É quase inconcebível que até um muro dobro, com uma base de 29 m de espessura, possa ter alcançado uma altura de 103 M. Não conhecem-se exemplos antigos nem modernos de um muro de cidade de tais proporções. Por isso a declaração do Herodoto quanto à altura do muro de Babilônia deve também descartar-se.

por que razão houve essas imprecisões? deu-se a seguinte explicação: Quando Herodoto visitou Babilônia, a cidade jazia principalmente em ruínas, tendo sido destruída pelo Jerjes depois de duas sérias revoluções contra seu governo. Estavam completamente demolidos os templos, palácios e todas as fortificações. Em ocasião de sua visita, Herodoto teve que depender de relatórios orais quanto ao estado prévio das coisas, a aparência dos edifícios e o tamanho da cidade e dos muros. Posto que ele não falava o idioma babilonio, mas sim dependia de um guia que falava grego, pode haver recebido certas informações imprecisas devido a dificuldades de tradução. Além algumas de suas declarações errôneas podem haver-se devido a uma memória defeituosa.

F.M. Th. [do Liagre] Böhl sugere que Herodoto pode ter tido em conta toda a Babilônia fortificada, inclusive todas as zonas compreendidas na região que podia alagar-se em tempo de perigo. Böhl recorda a seus leitores o fato de que ao leigo lhe é muito difícil distinguir entre os diques de canais secos e os restos de muros de antigas cidades. A única diferença é a ausência de fragmentos de olaria nos diques. Aqueles se encontram em abundância junto a antigos muros da cidade. portanto, deve considerar-se possível que Herodoto tomou por restos dos muros da cidade a alguns dos muitos diques dos canais (ver Ex-oriente Lux, Jaarbericht N.º 10, 1945-48, P. 498, N. 28).

Embora a antiga Babilônia não tinha o tamanho fantástico que lhe atribuíra Herodoto, a cidade era enorme para um tempo quando as cidades eram muito pequenas de acordo com os conceitos que hoje temos. Seu perímetro de 17 km. é superior ao perímetro de 12 km. do Nínive, capital do império de Assíria; ao dos muros da Roma imperial, de 10 km. de perímetro; e ao de os 6 km. dos muros de Atenas no tempo do apogeu dessa cidade no século V A. C. Esta comparação com outras cidades famosas da antigüidade mostra que Babilônia era, com a possível exceção da egípcia Tebas -que então já estava em ruínas- a mais extensa e a mais grandiosa de todas as capitais antigas, embora foi muito mais pequena do que a descreveram posteriormente os escritores clássicos. É compreensível por que Nabucodonosor sentiu que tinha direito a gabar-se de ter construído "a grande Babilônia... com a força de meu poder, e para glória de minha majestade" (Dão. 4: 30).

Uma cidade de templos e palácios.

Os antigos babilonios estimavam que sua cidade era o "umbigo" do mundo por o fato de que ali estava o santuário do deus Marduk, a quem se considerava como senhor do céu e da terra, o principal de todos os deuses. Por isso Babilônia era um centro religioso sem rival na terra. Uma tabuleta cuneiforme do tempo do Nabucodonosor enumera 53 templos dedicados a deuses importantes, 955 pequenos santuários e 384 altares guias de ruas; todos eles dentro dos limites da cidade. Por comparação, Asur, uma das

principais cidades de Assíria, com seus 34 templos e capelas, fazia uma impressão relativamente pobre. pode-se compreender bem por que os babilonios estavam orgulhosos de sua cidade, quando diziam: "Babilônia é a origem e centro de todas as terras". Seu orgulho se reflete nas famosas palavras de Nabucodonosor citadas no comentário sobre a passagem do cap. 4:30, e também em um antigo canto de louvor (tal como o dá E. Ebeling, Keilschrifttexte aus Assur religiósen Inhalts, Parte 1, [Leipzig, 1915], N.º 8):

"OH Babilônia, quem quer que te contempla-se cheia de regozijo,
Quem quer que habita em Babilônia aumenta sua vida,

Quem quer que fala má de Babilônia é

como o que mata a sua própria mãe.

Babilônia é como uma doce palma datilera, cujo fruto é formoso de contemplar".

O centro da glória de Babilônia era a famosa torre tempero Etemenanki, "a pedra fundamental do céu e da terra", que tinha uma base quadrada de 90 m de lado e mais de 90 m de alto. Este grandioso edifício só era ultrapassado em altura em tempos antigos pelas duas grandes pirâmides da Giza (ou Gizeh) no Egito. A torre pode ter sido construída no lugar onde uma vez esteve 825 a torre de Babel. A construção de tijolos tinha sete níveis, dos quais o mais pequeno e mais elevado era um santuário dedicado a Marduk, principal deus de Babilônia. Ver com. Gén. 11: 9.

Um grande conjunto de templos, chamado Esagila -literalmente: "que levanta a cabeça"-, rodeava a torre Etemenanki. Seus pátios e edifícios foram o cenário de muitas cerimônias religiosas realizadas em honra do Marduk. Grandes e pitorescas procissões terminavam neste lugar. Com exceção de] grande templo do Amón no Karnak, Esagila foi o maior e mais famoso de todos os templos do antigo Próximo Oriente. Já tinha uma larga e gloriosa história quando Nabucodonosor subiu ao trono, e o novo rei reconstruiu completamente e embelezou extensas seções do conjunto de templos, inclusive a torre Etemenanki.

Os palácios de Babilônia revelavam um luxo extraordinário tanto em número como em tamanho. Durante seu comprido reinado de 43 anos Nabucodonosor construiu três grandes castelos ou palácios. Um deles estava na Cidade Interior e os outros fora dela. A gente é conhecido como Palácio do Verão, na parte mais setentrional do novo bairro oriental. O montículo que agora cobre seus restos é o mais alto entre os que constituem as ruínas da antiga Babilônia, e é o único lugar que ainda leva o antigo nome do Babil. Sem embargo, a completa destruição deste palácio em tempos antigos e o subseqüente saque dos tijolos de sua estrutura não deixaram muito para que descubra o arqueólogo. Por isso sabemos pouco respeito a esse palácio.

Outro grande palácio, ao qual os escavadores dão agora o nome de Palácio Central, estava imediatamente fora do muro norte da Cidade Interior. Este também foi construído pelo Nabucodonosor. Os modernos arqueólogos também encontraram este grande edifício extremamente desolado, com exceção de uma parte do palácio, o Museu de Antiguidades. Aqui se tinham colecionado e

posto em exibição objetos valiosos do glorioso passado da história de Babilônia, tais como estátuas antigas, inscrições e troféus de guerra, com o propósito de que "os homens contemplem", conforme o expressasse Nabucodonosor em uma de suas inscrições.

O Palácio do Sul estava no rincão noroeste da Cidade Interior, e incluía, além de outros edifícios, os famosos jardins pendentes, uma das sete maravilhas do mundo antigo. Um grande edifício abovedado estava coroado por um jardim no terraço, regado por um sistema de encanamentos pelo qual o água era bombeada até acima. Segundo Diodoro, Nabucodonosor construiu este maravilhoso edifício para que sua esposa meça tivesse em meio de Babilônia, plaina e sem árvores, um substituto das colinas mastreadas de sua terra natal que ela sentia falta de. Nas abóbadas sob os jardins pendentes se armazenavam provisões de cereais, azeite, frutas e especiarias para abastecer a a corte e aos que dependiam dela. Os escavadores acharam nestas peças documentos da administração, alguns dos quais mencionam que o rei Joaquín do Judá recebia rações reais.

junto aos jardins pendentes estava um extenso conjunto de edifícios, salões e habitações que tinham substituído ao palácio mais pequeno do Nabopolasar, pai do Nabucodonosor. Este Palácio do Sul era considerado a residência oficial do rei, o lugar onde se desenvolviam todas as cerimônias do Estado. No centro estava a grande só do trono, de 52 m de comprimento, 17 m de largo e possivelmente 18 m de alto. Possivelmente esta imensa sala foi o lugar onde Belsasar celebrou seu banquete a última noite de sua vida, porque nenhuma outra sala do palácio era o suficientemente grande para se localizar a mil convidados (ver Dão. 5: 1).

Uma das edificações mais cheias de colorido daquela cidade era a famosa Porta do Ishtar, junto ao Palácio do Sul, que formava uma das entradas do norte da Cidade Interior. Era a mais formosa das portas de Babilônia, porque por ela passava a rua das procissões, que levava dos distintos palácios reais ao templo da Esagila. Felizmente esta porta não foi tão completamente destruída como os outros edifícios de Babilônia e é agora a mais impressionante de todas as ruínas da cidade. eleva-se ainda a uma altura de 12 M.

As edificações interiores dos muros e portas da cidade, dos palácios e dos templos eram de tijolos crus. As capas exteriores pareciam de tijolos cozidos e em alguns casos, de tijolos esmaltados. Os tijolos exteriores dos muros da cidade eram de cor amarela; os de as portas, celestes; os dos palácios, rosados; e os dos templos, 826 brancos. A porta do Ishtar era uma construção dobro, devido aos muros dobre da cidade. Tinha 50 m de comprimento e constava de quatro estruturas semelhantes a torres de grossura e altura que variavam. As paredes eram de tijolos cujas superfícies esmaltadas formavam figuras de animais em relevo. Havia pelo menos 575 destes. Havia touros amarelos com fileiras de adorno de cabelo azul e chifres e pezuñas verdes. Estes alternavam com bestas mitológicas amarelas, chamadas sirrush, que tinham cabeças e caudas de serpentes, corpos escamados e patas de águias e gatos (ver uma ilustração frente a P. 896, e no SDA Bible Dictionary, fig. 137).

O acesso à Porta do Ishtar (ver a ilustração frente à P. 896) a ambos lados da rua tinha muros de defesa. Nessas paredes havia leões de tijolo esmaltado, em relevo, de cor branca com jubas amarelas ou amarelos com jubas vermelhas (que agora se tornaram verdes) sobre um fundo azul.

Tal era a pitoresca e forte cidade que o rei Nabucodonosor havia construído: a maravilha de todas as nações. Seu orgulho por ela está refletido nas inscrições que deixou para a posteridade. Uma delas, agora no Museu do Berlim, reza assim:

"Eu tenho feito a Babilônia, a Santa cidade, a glória dos grandes deuses, mais destacada que antes, e impulsionei sua reconstrução. Fiz que os santuários de deuses e deusas sejam iluminados como o dia. Nenhum outro rei entre todos os reis jamais criou, nenhum outro rei anterior construiu jamais, o que eu construí magnificamente para o Marduk. Fomentei ao máximo a habilitação da Esagila, e a renovação de Babilônia mais do que se havia feito antes. Todas minhas obras valiosas, o embelezamento dos santuários de os grandes deuses que eu empreendi, mais que meus antepassados reais, eu escrevi em um documento e pus por escrito para as gerações vindouras. Todos meus feitos, que eu tenho escrito neste documento lerão aqueles que saibam [ler] e recordarão a glória dos grandes deuses. Seja comprido o caminho de minha vida, me eu regozije em minha semente; governe minha semente sobre os povos de cabeça negra para toda a eternidade e a menção de meu nome seja proclamado para bem em todos os tempos futuros".

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-37 PR 377-383; 8T 126

7 PR 379

9 PR 379

10-11 PR378

11-12 Ed 171

12-17 PR 378

13 Ed 172

14 8T 127

17 DTG 103; PR 366

18-22 PR 379

23-27 PR 380

27 Ed 170; PR 368

30 Ed 171; 8T 127

30-32 PR 381

31 Ed 172; PR 391

33-35 PR 382

34 Ev 69; PR 377

35 8T 180

36-37 PR 382

CAPÍTULO 5

1 Festa do ímpio Belsasar. 5 A escritura feita por uma mão, desconhecida para os magos, preocupa ao rei. 10 A pedido da rainha, trazem para o Daniel. 17 Este reprova ao rei por seu orgulho e sua idolatria, 25 e lê e interpreta a escritura. 30 Os medos se apoderam do império babilônico.

1 O REI Belsasar fez um grande banquete a mil de seus príncipes, e em presença dos mil bebia vinho.

2 Belsasar, com o gosto do vinho, mandou que trouxessem os copos de ouro e de prata que Nabucodonosor seu pai havia trazido do templo de Jerusalém, para que bebessem neles o rei e seus grandes, suas mulheres e suas concubinas.

3 Então foram gastos os copos de ouro que haviam trazido do templo da casa de Deus que estava em Jerusalém, e beberam 827 neles o rei e seus príncipes, suas mulheres e suas concubinas.

4 Beberam vinho, e elogiaram aos deuses de ouro e de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra.

5 Naquela mesma hora apareceram os dedos de uma mão de homem, que escrevia diante do castiçal sobre o caiado da parede do palácio real, e o rei via a mão que escrevia.

6 Então o rei empalideceu, e seus pensamentos o turvaram, e se debilitaram seus lombos e seus joelhos davam a uma contra a outra.

7 O rei gritou em alta voz que fizessem vir magos, caldeos e adivinhos; e disse o rei aos sábios de Babilônia: Qualquer que leoa esta escritura e me mostre sua interpretação, será vestido de púrpura, e um colar de ouro levará em seu pescoço, e será o terceiro senhor no reino.

8 Então foram introduzidos todos os sábios do rei, mas não puderam ler a escritura nem mostrar ao rei sua interpretação.

9 Então o rei Belsasar se turvou sobremaneira, e empalideceu, e seus príncipes estavam perplexos.

10 A reina, pelas palavras do rei e de seus príncipes, entrou na sala do banquete, e disse: Rei, vive para sempre; não lhe turvem seus pensamentos, nem empalideça seu rosto.

11 Em seu reino há um homem no qual amora o espírito dos deuses Santos, e nos dias de seu pai se achou nele luz e inteligência e sabedoria, como sabedoria dos deuses; ao que o rei Nabucodonosor seu pai, OH rei, constituiu chefe sobre todos os magos, astrólogos, caldeos e adivinhos,

12 por quanto foi achado nele maior espírito e ciência e entendimento, para interpretar sonhos e decifrar enigmas e resolver dúvidas; isto é, no Daniel, ao qual o rei pôs por nomeie Beltsasar. Chame-se, pois, agora ao Daniel, e ele lhe dará a interpretação.

13 Então Daniel foi gasto diante do rei. E disse o rei ao Daniel: É você aquele Daniel dos filhos da cautividad do Judá, que meu pai trouxe de Judea?

14 Eu ouvi que ti que o espírito dos deuses Santos está em ti, e que em ti se achou luz, entendimento e maior sabedoria.

15 E agora foram gastos diante de mim sábios e astrólogos para que lessem esta escritura e me dessem sua interpretação; mas não puderam me mostrar a interpretação do assunto.

16 Eu, pois, ouvi que ti que pode dar interpretação e resolver dificuldades. Se agora pode ler esta escritura e me dar sua interpretação, será vestido de púrpura e um colar de ouro levará em seu pescoço, e será o terceiro senhor no reino.

17 Então Daniel respondeu e disse diante do rei: Seus dons sejam para ti, e dá suas recompensas a outros. Lerei a escritura ao rei, e lhe darei a interpretação.

18 O Muito alto Deus, OH rei, deu ao Nabucodonosor seu pai o reino e a grandeza, a glória e a majestade.

19 E pela grandeza que lhe deu, todos os povos, nações e línguas tremiam e temiam diante dele. A quem queria matava, e a quem queria dava vida; engrandecia a quem queria, e a quem queria humilhava.

20 Mas quando seu coração se ensoberbeció, e seu espírito se endureceu em seu orgulho, foi deposto do trono de seu reino, e despojado de sua glória.

21 E foi jogado de entre os filhos dos homens, e sua mente se fez semelhante a das bestas, e com os asnos monteses foi sua morada. Erva o fizeram comer como a boi, e seu corpo foi molhado com o rocio do céu, até que reconheceu que o Muito alto Deus tem domínio sobre o reino dos homens, e que põe sobre ele ao que lhe agrada.

22 E você, seu filho Belsasar, não humilhaste seu coração, sabendo tudo isto;

23 mas sim contra o Senhor do céu te há ensoberbecido, e fez trazer diante de ti os copos de sua casa, e você e seus grandes, suas mulheres e vocês concubinas, beberam vinho neles; além disto, deu louvor a deuses de prata e ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que nem vêem, nem ouvem, nem sabem; e ao Deus em cuja mão está sua vida, e cujos são todos seus caminhos, nunca honrou.

24 Então de sua presença foi enviada a mão que riscou esta escritura.

25 E a escritura que riscou é: MENE, MENE, TEKEL, UPARSIN.

26 Esta é a interpretação do assunto: MENE: Contou Deus seu reino, e lhe há posto fim.

27 TEKEL: Pesado foste em balança, e foi achado falto.

28 Peres: Seu reino foi quebrado, e dado aos medos e aos persas. 828

29 Então mandou Belsasar vestir ao Daniel de púrpura, e pôr em seu pescoço um

colar de ouro, e proclamar que ele era o terceiro senhor do reino.

30 A mesma noite foi morto Belsasar rei dos caldeos.

31 E Darío de Meia tomou o reino, sendo de sessenta e dois anos.

1.

Belsasar.

O nome babilônico Bel-sharutsur significa "Bel, protege ao rei!" Belsasar foi o primogênito do Nabonido, último rei do Império Neobabilónico. Ver Nota Adicional ao final deste capítulo.

O rei.

Quando Nabonido estava no Líbano convalescendo de uma enfermidade, pouco antes de iniciar uma campanha contra Tema no ocidente da Arábia, chamou a seu filho maior (Belsasar) e "confiou-lhe o reino" (ver Nota Adicional ao final de este capítulo). Isto acontecia no "terceiro ano". Se isto ocorreu no terceiro ano do reinado, foi no inverno (janeiro-março) do ano 553/ 552 A. C. Alguns eruditos pensam que esse "terceiro ano" foi o terceiro depois da terminação de um templo em Farão. Se assim fora, a designação do Belsasar como te corrijam ocorreu dois ou três anos mais tarde que a data indicada, mas algum tempo antes do 7.º ano do reinado do Nabonido, ano em que este estava em Tema. Desde esse tempo em adiante Belsasar controlou os assuntos de Babilônia como lhe corrijam com seu pai, enquanto Nabonido residiu em Tema durante muitos anos. Segundo a "Narração em Verso do Nabonido", Belsasar tinha o "reinado". portanto, Daniel não se equivocava ao chamar "rei" a Belsasar, embora os críticos de antigamente declararam que Daniel se equivocou em este ponto.

Um grande banquete.

Pelo conteúdo dos vers. 28 e 30 se pode deduzir que a festa se realizou durante a noite em que Babilônia caiu ante os exércitos do Ciro. Jenofonte preservou a tradição de que quando caiu Babilônia, "tinha acontecido certa festa em Babilônia, durante a qual toda Babilônia estava acostumada beber e fazer algazarra toda a noite" (Ciropedia vII. 5. 15). É inexplicável que Belsasar fizesse uma festa imediatamente depois da queda do Sippar, e só poucos dias depois da batalha que perdeu no Opis (ver T. III, P. 51). É evidente que se sentia completamente seguro em seu capital, protegido por fortes muros e um sistema de canais que, em caso de perigo, permitia-lhe alagar a região circundante para dificultar ao invasor o acesso à cidade (PR 384-385).

É um fato bem conhecido que era comum que os antigos monarcas celebrassem festas para seus cortesãos. Uma esteira descoberta no Nimrud, a antiga Calah, menciona que o rei Asurnasirpal II fez uma grande festa para a inauguração de um novo palácio. declara-se que deu alimento, veio e alojamento a 69.574 pessoas durante 10 dias. O historiador grego Ctesias diz que os reis persas alimentavam a 15.000 pessoas cada dia e que Alejandro Magno teve 10.000 convidados em sua festa de bodas. descreve-se uma festa similar no Est. 1: 3-12.

Em presença dos mil.

A ênfase que se dá ao feito de que Belsasar bebeu diante de seus convidados, parece indicar que na corte babilônico existia o mesmo costume que na corte persa, onde o rei geralmente comia em um salão à parte, e só em ocasiões excepcionais com seus convidados. O festim do Belsasar parece que foi dado em uma destas oportunidades. Ver P. 825 onde se descreve o salão em que provavelmente se levou a cabo a festa.

2.

Com o gosto do vinho.

Alguns entendem que estas palavras implicam que Belsasar estava ébrio quando deu a ordem de trazer os copos sagrados de Jerusalém. Outros explicam que a frase significa que se deu a ordem depois da comida, no momento quando começava a circular o vinho. Recorrem a declarações clássicas gregas que afirmam que os persas tinham o costume de tomar vinho depois da comida. Entretanto, não era comum profanar objetos sagrados de outras religiões. Por o tanto, não pareceria natural que Belsasar desse essa ordem enquanto gozava do completo uso de sua razão (PR 384385).

Copos.

Os copos do templo tinham sido tirados de Jerusalém em três ocasiões: (1) Uma parte deles quando Nabucodonosor levou cativos de Jerusalém em 605 A. C. (Dão. 1: 1-2); (2) a maior parte dos copos restantes de metal precioso quando o rei Joaquín foi levado cativo em 597 A. C. (2 Rei. 24: 12-13); e (3) o resto dos objetos de metal, principalmente de bronze, quando o templo foi destruído em 586 A. C. (2 Rei. 25: 13-17). 829

Seu pai.

Possivelmente Belsasar era neto do grande rei (PR 384; ver P. 833). A palavra "pai" deve interpretar-se como "avô" ou "antepassado", como em muitos outros passagens da Bíblia (ver com. 1 Crón. 2:7). Ver a Nota Adicional ao final de este capítulo referente à ascendência do Belsasar desde o Nabucodonosor. Por sim sozinha, a expressão "seu pai" poderia também entender-se no sentido de "seu predecessor". Um exemplo de tal uso se encontra em uma inscrição assíria que chama o rei israelita Jehú, "um filho do Omri", embora não eram consangüíneos. Em realidade, Jehú foi o exterminador de toda a casa do Omri (2 Rei. 9: 10).

Suas mulheres e suas concubinas.

As duas palavras aramaicas que se traduzem por "mulheres" e "concubinas" são sinônimos, e ambas significam "concubinas". Uma palavra pode haver representado a uma classe superior à outra. sugeriu-se que uma categoria de concubinas poderia ter estado formada por mulheres de lares respeitáveis, ou até da nobreza, e a outra, por mulheres compradas por dinheiro ou capturadas em as guerras. Embora as mulheres participaram do banquete, como podemos apreciar por esta passagem, pareceria que a "reina" não se encontrava entre os bebedores desenfreados. descreve-se sua entrada na sala de banquete depois de que aparecesse a escritura na parede (vers. 10). A LXX não faz referência à participação de mulheres no sacrílego festim. Alguns pensam que isto se deve a que, segundo o costume dos gregos, as algemas não tomavam parte em tais festas.

4.

Elogiaram aos deuses.

Os cantos dos pagãos ébrios se elevaram em honra de seus deuses babilonios, cujas imagens adornavam os diversos templos da cidade.

5.

Sobre o caiado.

Se a grande sala do trono desenterrada pelo Koldewey no Palácio do Sul de a Babilônia do Nabucodonosor (ver P. 825) foi o cenário desta Festa, não é difícil ter uma vívida imagem do ocorrido nesse momento fatal que se descreve aqui. A sala tinha 52 m de comprimento e 17 de largura. No centro de um dos lados largos, frente à entrada, havia uma concavidade, onde pode ter estado o trono. As paredes estavam revogadas de branco com gesso fino. Podemos imaginar que o castiçal ou portalámparas estava perto do trono do rei. Nesse tempo se usavam castiçais com numerosos abajures de azeite. Frente ao castiçal, ao outro lado do salão, apareceu a mão misteriosa que escreveu sobre o gesso de modo que Belsasar pudesse ver o que ali se estampava. Não se explica se a escritura tomou a forma de letras pintadas ou se gravaram-se no gesso.

A mão.

O aramaico não diz exatamente quanto se viu da mão. A palavra aramaica ps, traduzida tradicionalmente como "palma", poderia interpretar-se também como "dorso da mão" ou a mão até a boneca, em contraste com o antebraço.

6.

debilitaram-se.

Compare-se com a ISA. 21:3. O terror foi realçado por uma consciência acusadora, que despertou e cheio ao rei de escuros pressentimentos. A lobreguez de seus pensamentos deve haver-se acrescentado ao dar-se conta do perigo mortal ao qual tinha sido arrojado o império por enganos políticos do passado, por seu própria conduta imoral, pela recente e desastrosa derrota de seu exército e pelos atos sacrílegos que realizava. Não é de sentir saudades que seus pensamentos o turvassem.

7.

Magos.

Ver com. cap. 1: 20.

Caldeos.

Ver com. cap. 1: 4.

Adivinhos.

Ver com. P. 2: 27.

Púrpura.

Aramaico 'argewan, "púrpura". Antigamente a púrpura real era de uma cor

arroxeado escuro, mais parecido ao carmesim. sabe-se por provas documentários do tempo dos persas (Est. 8: 15; Jenofonte Anábasis I. 5. 8), dos medos Jenofonte Ciropedia I. 3.2; iI. 4. 6), e dos tempos posteriores que a púrpura era a cor que usavam os reis na antigüidade. Daniel dá testemunho deste costume no período neobabilónico, que precedeu ao período persa.

Colar de ouro.

O costume de honrar aos favoritos entre os servidores públicos da coroa mediante o obséquio de cadeias de ouro, condecorações e colares existia no Egito muitos séculos antes (ver com. Gén. 41: 42). Era uma costume comum nas nações antigas.

O terceiro.

antes de que se entendesse plenamente o lugar que ocupava Belsasar no reino e sua relação com o Nabonido (ver Nota Adicional ao final deste capítulo), os comentadores só podiam fazer conjeturas quanto à identidade do segundo governante do reino. A existência de tal governante estava implícita na promessa de que o que 830 decifrasse a escritura misteriosa na parede seria "o terceiro senhor no reino". Sugeriram-se várias possibilidades referentes ao segundo governante: reina-a mãe, a esposa do Belsasar ou algum filho. Lógicamente se pensava que Belsasar era o primeiro no reino. Agora que se sabe que Belsasar só era lhe corrija com seu pai e por conseguinte segundo no reino, resulta claro por que não podia dar nenhum posto no reino mais elevado que o "terceiro".

8.

Então foram introduzidos todos.

Alguns viram uma contradição entre esta declaração e o versículo anterior que registra palavras do rei dirigidas aos sábios. A explicação

mais natural é que as palavras do rei registradas no vers. 7 estavam dirigidas aos sábios presentes no banquete quando apareceu a escritura em a parede. O vers. 8 se referiria então a "todos os sábios do rei", inclusive aqueles que entraram na sala do banquete em resposta à ordem do Belsasar.

Não puderam ler.

Não se dá a razão, e qualquer explicação que poderia oferecer-se só seria uma conjetura. As palavras evidentemente estavam em aramaico (ver com. vers. 26-28). Mas as palavras eram tão poucas e tão misteriosas que até o conhecimento de seu significado isolado não revelava a mensagem oculta nelas. Não se diz se o rei mesmo não podia ler por ter tomado muito vinho, ou se as letras mesmas não podiam distinguir-se por seu deslumbrante brilho (ver EGW, Material Suplementar, vers. 5-9), ou se a escritura era singular e só decifrável por inspiração divina. Não parece plausível a conjetura de que os caracteres estavam em hebreu antigo e por conseguinte eram ilegíveis para os babilonios. Seria muito pouco provável que os sábios de Babilônia não conhecessem esses antigos caracteres semíticos, que tinham sido usados não só pelos hebreus, mas também pelos fenícios e outros povos da Ásia ocidental.

10.

Reina-a.

Do tempo do Josefo (Antiguidades X. 11. 2) os comentadores têm suposto que esta "rainha" era a mãe ou avó do rei (PR 387). Segundo o costume do antigo Próximo Oriente, ninguém a não ser a mãe do monarca lhe reinem-se tivesse atrevido a apresentar-se ante o rei sem ser chamado. Até a esposa de um rei punha sua vida em perigo ao fazê-lo (Est. 4: 11, 16). Cartas cuneiformes babilônicas escritas por alguns reis a suas mães mostram um tom respeitoso muito notável e claramente revelam o excelso posto que ocupavam as mães reais. Esta elevada Hierarquia de uma rainha mãe também pode inferir-se porque quando a mãe do Nabonido, a avó do Belsasar, morreu em 547 A. C. no Dur Karashu sobre o Eufrates, águas acima do Sipar, houve um prolongado duelo oficial na corte. O fato de que tivesse morrido antes de os acontecimentos descritos neste capítulo, não era conhecido pelos comentadores que identificavam a "reina-a' com a avó do Belsasar.

Rei, vive para sempre.

Com relação a esta saudação comum, ver com. cap. 2: 4.

11.

Há um homem.

Não deve considerar-se estranho que Daniel não estivesse entre o grupo dos sábios convocados pelo rei. Seu período de serviço público sem dúvida havia terminado algum tempo antes, possivelmente com a morte do Nabucodonosor, ou ainda antes (ver P. 774). Entretanto, era bem conhecido pelos representantes de uma geração anterior a qual pertencia a mãe do rei. Ver as razões possíveis de seu retiro no com. vers. 13.

O espírito dos deuses Santos.

Compare-se com a declaração do Nabucodonosor (cap. 4: 8-9). A similitude abona a probabilidade -sugerida também por outra prova-, de que a reine-se tinha relacionado com o Nabucodonosor; segundo alguns era sua filha (ver P. 833). A informação que ela dá quanto ao serviço distinto que tinha emprestado Daniel no passado e o elevado cargo que ocupava o profeta nos dias de Nabucodonosor, sem dúvida era uma novidade para o Belsasar. Isto sugere que Daniel não tinha ocupado nenhum posto durante algum tempo antes do acontecimento relatado aqui. Por essa razão é provável que poucos homens conhecessem bem a Daniel, talvez nenhum do séquito do rei, que estava formado pelos contemporâneos do monarca.

Nabucodonosor, seu pai.

Ver com. vers. 2.

Magos.

Ver com. cap. 1: 20; cf. cap. 2: 2, 27.

12.

Dúvidas.

Aramaico qetar, "nó". A palavra se usou mais tarde como um término mágico em Síria e Arábia. Aqui o significado parece ser "tarefas difíceis", ou "dificuldades" (BJ).

13.

É você aquele Daniel?

Esta frase pode traduzir-se como asseveração: "Você é aquele Daniel" (RSV). Se esta fosse a tradução correta, a saudação sugeriria que Belsasar 831 conhecia a origem do Daniel, mas não tinha tido trato oficial com ele. Pelo menos resulta claro que Daniel já não era o que presidia aos sábios na corte do rei (cap. 2: 48-49).

Pareceria que com a morte do Nabucodonosor, a política que Daniel havia defendido tinha sido repudiada na corte de Babilônia, e por isso foi retirado do serviço público. É evidente que Belsasar e seus predecessores sabiam do trato de Deus com o Nabucodonosor (cap. 5: 22), mas deliberadamente, e a diferença do Nabucodonosor, não reconheciam ao verdadeiro Deus nem cooperavam com sua vontade (cap. 4: 28-37; 5: 23). O fato de que Daniel posteriormente entrasse em serviço da Persia (cap. 6: 1-3) implica que seu retiro durante os últimos anos do império babilônico não se devia a má saúde nem a velhice. Seu severo recriminação ao Belsasar (cap. 5: 22-23) é uma prova da hostilidade do rei contra os princípios e a política de governo que representava Daniel. Sua desaprovação da política oficial babilônico pode ter sido um dos fatores que induziu aos primeiros governantes do Império Persa a favorecê-lo.

14.

O espírito dos deuses.

Em contraste com as palavras da rainha (vers. 11) e as do Nabucodonosor (cap. 4: 8), Belsasar omite o adjetivo "Santos" referido aos "deuses".

17.

Para ti.

Alguns pensaram que como vidente divinamente iluminado, Daniel rechaçou a distinção e o lugar de honra que lhe tinha prometido ao intérprete, para evitar toda aparência de interesse pessoal em presença de um rei tal. Isto poderia ser certo. É também possível que Daniel, sabendo que o reinado de Belsasar estava por terminar, não tivesse interesse em receber favores do homem que essa mesma noite, de fato e de palavra, tinha blasfemado ao Deus do céu e da terra. Daniel não se opunha em principio a aceitar um alto cargo de governo, nem mesmo agora em sua velhice, como o demonstra o fato de que pouco tempo mais tarde novamente ocupa um elevado posto (cap. 6: 2). Sem dúvida aceitou esse cargo porque sentia que poderia exercer uma sã influência sobre o rei e podia ser um instrumento nas mãos de Deus para conseguir a liberação de seu povo no exílio. Mas possivelmente Daniel pensou que o aceitar honras ou dignidades de mão do Belsasar não só seria inútil mas também poderia ser até prejudicial e perigoso.

18.

Nabucodonosor.

antes de que Daniel lesse ou interpretasse a escritura, recordou ao rei o que Nabucodonosor tinha experiente porque recusou cumprir o destino divino para ele e sua nação. Além disso, Nabucodonosor tinha sido mais poderoso e mais prudente que o desventurado Belsasar. O profeta lhe mostrou ao rei como ele, "filho" de Nabucodonosor, tinha atuado impíamente para com Deus, o Senhor de sua vida, e não tinha aprendido nada do que aconteceu a seu "pai".

24.

Então.

É uma referência ao momento recente de embriaguez e orgia, quando Belsasar tinha gabado a seus deuses e tinha bebido nos copos do templo de Jerusalém, consagrados ao Jehová, segundo a descrição do vers. 23.

A mão.

Ver com. vers. 5.

Esta escritura.

A escritura era ainda visível na parede.

25.

A escritura que riscou é.

Daniel procedeu a ler as palavras escritas na parede, que evidentemente eram quatro palavras aramaicas. É inútil especular quanto à natureza de essa escritura e sua relação com qualquer outra escritura conhecida (ver com. vers. 8). Mas ainda depois de lidas as palavras, não podiam ser compreendidas sem a ajuda divina. Toda uma verdade estava expressa em cada palavra chave; por isso era imprescindível uma interpretação.

26.

MENE.

A palavra aramaica mene* é particípio passivo do verbo "enumerar", ou "contar", e se toma sozinha, significa simplesmente "enumerado", ou "contado". Por iluminação divina Daniel obteve desta palavra a interpretação: "Contou Deus seu reino, e lhe pôs fim".

27.

TEKEL.

Os eruditos judeus chamados masoretas, que adicionaram os signos vocálicos a os manuscritos bíblicos (ver T. 1, pp. 38-39) entre os séculos VII e IX d. C., pontuaram a palavra aramaica teqel como se fora um substantivo. Ao igual a mene', (ver com. vers. 26), evidentemente deveria ter sido pontuada como um particípio passivo (teqil). A forma teqel possivelmente foi escolhida pelos masoretas por sua maior similitude de som com mene'. Teqil vem do verbo "pesar". Daniel informou imediatamente ao rei quão importante era que Deus o houvesse pesado. Belsasar foi achado falto em valor moral.

Achado falto.

Estas terríveis palavras de condenação, dirigidas ao dissoluto rei de 832
Babilônia, condenam a todos os que como Belsasar descuidam as oportunidades
que Deus lhes dá. No julgamento investigador que agora se está levando a cabo
(ver com. cap. 7: 10) os homens-en um sentido figurado-son pesados na
balança celestial para ver se seu caráter moral e estado espiritual
correspondem com os benefícios e as bênções que Deus lhes outorgou.
As decisões desse tribunal são inapeláveis. Em vista da solenidade de
a hora, todos devem velar para que o momento decisivo que fixa para sempre
o destino de cada homem não os ache sem preparar-se, "faltos". Compare-se com
2 Cor.5: 10; Apoc. 22: 11-12.

28.

Peres.

O vocábulo Peres pode ser considerado como substantivo singular que significa
"parte" ou "porção". A diferença desta palavra com a que aparece no
vers. 25 (ufarsin), é que aquela aparece em plural e com a conjunção,
podendo-se traduzir como "e partes". No aramaico lhe segue uma forma do verbo
peris que significa "está dividido". Observa-se uma redundância: "parte, está
partido seu reino". Não se fala de duas partes iguais, uma para medos e outra
para persas. O reino tinha que ser dividido em pedaços, destruído e disolvido.
Isto o realizariam os medos e os persas. É interessante que a forma aramaica
Peres contenha as consonantes das palavras aramaicas (ver T. I, pp. 29-30)
que se traduzem como Persia e persas, quem nesse momento estavam às
mesmas portas de Babilônia.

29.

Então mandou Belsasar.

O rei cumpriu a promessa que tinha feito ao Daniel, embora este indicou
claramente que não lhe interessavam as honras oferecidas. Possivelmente Belsasar não pôde
ser dissuadido de seu propósito devido a sua embriaguez. Alguns objetaram que
não foi possível exaltar ao Daniel como o terceiro governante porque Belsasar foi
morto essa mesma noite (vers. 30). A objeção se apóia na hipótese de que
proclama-a se fez publicamente nas ruas da cidade. Mas as palavras
do rei não exigem essa hipótese. Proclama-a pode ter sido feita só ante
os príncipes reunidos no palácio. Não pôde chegar a fazer-se efetiva a
causa dos acontecimentos seguintes.

30.

A mesma noite.

Embora não se menciona ao Belsasar nos documentos cuneiformes que descrevem
a queda de Babilônia, Jenofonte declara que "o rei ímpio" de Babilônia, cujo
nome não se menciona no relato, foi morto quando Gobrias, o comandante
do exército do Ciro, entrou no palácio (Ciropedia vII. 5: 30). Embora débito
reconhecer-se que o relato do Jenofonte não é historicamente fidedigno em todos
seus detalhes, muitas de suas declarações estão apoiadas em feitos. Segundo os
documentos cuneiformes, Nabonido estava ausente de Babilônia quando esta caiu.
Quando Nabonido se rendeu, Ciro o enviou a distante Carmania. portanto,
o rei que foi assassinado durante a captura de Babilônia não pôde ter sido
outro a não ser Belsasar. Veja um resumo da história do Belsasar na Nota

Adicional ao final deste capítulo.

31.

Darío de Meia.

O governante que se menciona neste versículo e através do capítulo 6 é ainda um personagem escuro. A Nota Adicional ao final do cap. 6 apresenta um breve estudo das diferentes identificações que propõem os comentadores, assim como uma possível solução dos distintos problemas históricos implicados.

A conjunção "e", com que começa o versículo, mostra que o autor do livro relacionava estreitamente a morte do Belsasar, registrada no versículo anterior, com a coroação de "Darío de Meia". Nas edições impressas da Bíblia hebréia este versículo se toma como o primeiro do capítulo 6. Entretanto, a maioria das versões modernas, de acordo com a LXX, unem o vers. 31 com o cap. 5.

Não há diferença entre a grafia do nome do Darío mencionado aqui e a do "Darío [I] rei da Persia" do Esd. 4: 24 (ver os comentários deste capítulo) e a grafia registrada em outras partes. Não existe diferença em aramaico, nem em hebreu como tampouco em castelhano.*

Sessenta e dois anos.

Possivelmente a avançada idade do Darío explica a brevidade de seu reinado. O livro do Daniel menciona só o primeiro ano do reinado do Darío (cap. 9: 1-2; 11: 1). A morte do rei ocorreu "mais ou menos uns dois anos depois da queda de Babilônia" (PR 408). 833 (Apesar da identidade do nome, são dois personagens diferentes o " Darío de Meia " (Dão. 5: 31) e o " Darío rei de Persia " (Esd. 4: 24; 6: 14)

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 5

Um dos grandes enigmas que se apresentaram aos comentadores da Bíblia através dos séculos foi a identidade do Belsasar. Até 1861 não descoberto-se nos registros antigos nenhuma menção de tal rei. O nome do Belsasar só se conhecia pelo livro do Daniel e por obras que tomaram emprestado o nome do Daniel, como por exemplo o livro apócrifo de Baruc e os escritos do Josefo. tratou-se muitas vezes de harmonizar a história secular com os registros bíblicos. A dificuldade se acentuava porque vários documentos antigos apresentavam listas dos reis de Babilônia até o fim da história dessa nação, e todas elas mencionavam ao Nabonido-escrito com diferentes grafias- como último rei antes do Ciro, que foi o primeiro rei de Persia. Posto que Ciro conquistou a Babilônia e aconteceu a seu último rei babilonio, parecia não haver capacidade para o Belsasar na linhagem real. Por outra parte, o livro do Daniel põe os acontecimentos que precederam imediatamente à queda de Babilônia durante o reinado do Belsasar, um "filho" do Nabucodonosor (ver com. cap. 5: 2), o qual perdeu a vida durante a noite quando foi tomada Babilônia pelos invasores medos e persas (cap. 5: 30).

Das numerosas interpretações que anteriormente se apresentavam para explicar a aparente discrepância entre os registros bíblicos e outras fontes antigas, enumeramos as seguintes (segundo Raymond P. Dougherty, Nabonidus and Belshazzar, pp. 13-14):

Belsasar foi (1) outro nome do filho do Nabucodonosor conhecido como Evil-merodac, (2) um irmão do Evil-merodac, (3) um filho do Evil-merodac, e por conseguinte neto do Nabucodonosor, (4) outro nome do Nergal-shar-usur, genro do Nabucodonosor, (5) outro nome do Labashi-Marduk, filho de Nergal-shar-usur, (6) outro nome do Nabonido, e (7) o filho do Nabonido e de uma filha do Nabucodonosor.

Segundo outra opinião, mantida pela maioria dos eruditos críticos antes do descobrimento do nome do Belsasar em documentos cuneiformes para fins do século XIX, o nome Belsasar era uma invenção do autor do livro do Daniel, quem, segundo afirmações desses críticos viveu em tempos dos macabeos em o século II A. C.

A lista de opiniões divergentes mostra a natureza e a magnitude do problema histórico que confrontaram os intérpretes do livro do Daniel, livro que parecesse ter mais problemas que qualquer outro livro de igual extensão do AT. O fato de que a identidade e o cargo do Belsasar tenham sido agora completamente estabelecidos mediante documentos da época, que confirmam assim o relato do cap. 5, é um dos grandes triunfos da arqueologia bíblica do século passado. A grande importância que tem esta realização merece um breve repasse do tema.

Em 1861 H. F. Talbot publicou certos textos encontrados no Templo da Lua do Ur,en o Journal of the Royal Asiatic Society, T. 19, P. 195. Os textos continham uma oração do Nabonido pronunciada em favor do Bel-shar-utsur, seu filho maior. Vários escritores, entre eles George Rawlinson, irmão do famoso descifrador da escritura cuneiforme, identificaram a este Belshar-utsur com o Belsasar bíblico. Outros rechaçaram esta identificação, entre eles Talbot mesmo, que em 1875 publicou uma lista de seus argumentos a junto com uma nova tradução do texto que mencionava ao Belsasar (Records of the Past, T. V, pp. 143-148). Sete anos mais tarde (1882) Teófilo G. Crave publicou um texto achado no ano anterior e que agora se chama Crônica de Nabonido. Este texto descreve a tira de Babilônia pelo Ciro e declara também que Nabonido permaneceu em Tema durante vários anos enquanto seu filho estava em Babilônia. Embora nesse então Crave não compreendeu plenamente o texto e identificou erroneamente a Tema, que está na Arábia ocidental, fez algumas deduções acertadas quanto ao Belsasar. Observou por exemplo que Belsasar "parece ter sido comandante em chefe do exército, provavelmente tinha maior influencia no reino que su,padre, e por isso era considerado como rei" (Transactions of the Society of Bíblica Archaeology, 1882, T. Vll, P. 150).

Nos anos seguintes se encontraram textos que esclareceram diversas funções de cargos importantes que desempenhou Belsasar filho do Nabonido, antes e durante o reinado de seu pai. Entretanto, nenhum destes textos chamava ao Belsasar rei, como o para a Bíblia. Apesar disto, alguns eruditos, apoiando-se na evidência que ia acumulando-se, sugeriram a opinião -que depois resultou acertada- que os dois poderiam haver 834 sido corregentes. Em 1916 Crave publicou um texto no qual Nabonido e Belsasar eram invocados juntos em um juramento. Afirmou que textos como este indicavam que Belsasar deveu ter tido uma "posição real" embora também afirmou que "fica ainda por saber qual foi o cargo exato que teve Belsasar em Babilônia" (Proceedings of the Society of Bíblica Archaeology, T. 38 (9161), P. 30).

A confirmação da conclusão de que houve corregencia entre o Nabonido e Belsasar se produziu finalmente em 1924, quando Sidney Smith publicou o assim chamado "Relato em verso do Nabonido" do Museu Britânico, no qual se faz a clara afirmação de que Nabonido "confiou o reinado" a seu filho maior

(Babylonian Historical Text [Londres, 1924], P. 88; ver tradução do Oppenheim no Ancient Near Eastern Texts, Ed. pelo Pritchard [Princeton, 1950], P. 313). Este texto que eliminou toda dúvida de que Belsasar tivesse sido rei, resultou um duro golpe para os eruditos das escolas da alta crítica que pretendiam que Daniel tinha sido escrito no século II A. C. Seu dilema se reflete nas palavras do R. H. Pfeiffer da Universidade do Harvard, quem diz:

"É de supor que nunca saberemos como soube nosso autor... que Belsasar, só mencionado nos registros babilônicos, no Daniel e no Baruc 1: 11, livro apoiado no Daniel, estava atuando como rei quando Ciro tomou Babilônia" (Introduction to the Old Testament [Nova Iorque, 1941], pp. 758-759).

O descobrimento de tantos textos cuneiformes que projetam luz sobre o reinado do Nabonido e Belsasar induziu ao Raymond P. Dougherty da Universidade do Yale a reunir todo o material original, tão cuneiforme como clássico, em uma monografia, que apareceu em 1929 sob o título Nabonidus and Belshazzar (New Haven, 1929, 216 páginas).

"As inscrições cuneiformes indicam que Nabonido era filho do príncipe de Farão, Nabu- balatsu-iqbi, e da sacerdotisa do Templo da Lua de Farão. depois de que os medos e babilonios tomaram Farão em 610 A. C., possivelmente a mãe do Nabonido foi tomada como uma prisioneira distinguida e levada a harém do Nabucodonosor, de maneira que Nabonido cresceu na corte à vista do grande rei. Muito provavelmente foi ele o "Labyneto" do Herodoto (I. 74), que serve de mediador entre os lidios e os persas no ano 585 A. Isto C. é evidente por as seguintes observações: Herodoto chama "Labyneto o babilonio" ao rei de Babilônia que reinava quando caiu Sardis, em 546 (I. 77). Mais tarde identifica com este mesmo nome ao pai do governante de Babilônia na época de seu queda, em 539 A. C. (I. 188). Sabemos que Nabonido era rei de Babilônia em 546 A. C. e que também era pai do Belsasar. O fato de que em 585 A. C. se tivesse eleito ao Nabonido como representante diplomático do Nabucodonosor era uma alta honra que mostra que o jovem deve ter sido um favorito do rei em esse tempo. É possível, como pensa Dougherty, que sua esposa Nitocris, a quem Herodoto descreve como uma mulher sábia (I. 185-188), fora filha de Nabucodonosor e de uma princesa egípcia.

Entretanto, as relações familiares entre o Belsasar, o filho do Nabonido, e Nabucodonosor não se determinaram definitivamente mediante os registros de essa época.

Por falta de informação mais completa é impossível atualmente determinar em forma precisa como se têm que entender as repetidas afirmações do cap. 5, de que Nabucodonosor era pai do Belsasar. O uso bíblico permite que a palavra "pai" signifique também "avô" ou "antepassado" (ver com. 1 Crón. 2: 7). Se apresentaram 3 interpretações: (1) Nabonido era genro do Nabucodonosor, e Belsasar era neto do Nabucodonosor por parte de sua mãe. (2) Nabonido era chamado filho porque sua mãe pertencia ao harém do Nabucodonosor e ele era por o tanto seu enteado. (3) Belsasar só era filho no mesmo sentido do caso análogo do Jehú, rei do Israel, a quem as inscrições assírias disso então chamam "filho do Omri". Jehú não tinha parentesco de consangüinidade com a casa do Omri, mas sim Jehú exterminou à dinastia que Omri tinha baseado e foi o seguinte rei do Israel.

Os registros cuneiformes projetaram abundante luz sobre o Belsasar, seu cargo e suas atividades durante os anos em que foi lhe corrija com seu pai. Depois de dar o reinado ao Belsasar em 553/552 A. C. ou pouco depois (ver com. cap. 5: 1-2), Nabonido dirigiu uma expedição bem-sucedida contra Tema, na Arábia, e fixou

ali sua residência por muitos anos. Durante esse tempo Belsasar se desempenhou como rei em Babilônia e comandante em chefe do exército. Embora os documentos legais seguiram datando-se segundo os anos do reinado do Nabonido, o fato de que os 835 nomes de pai e filho se pronunciassem juntos nos juramentos, enquanto que baixo os reinados de outros reis só se usava um nome, mostra claramente o governo conjunto do Nabonido e Belsasar.

A informação obtida de fontes extrabíblicas, que acabamos de apresentar brevemente, vindicou em forma positiva a precisão histórica do cap. 5. Ao concluir sua monografia sobre o Nabonido e Belsasar, Dougherty expressou com vigor esta convicção:

"De todos os registros não babilônicos que tratam da situação do Império Neobabilónico em seus postrimerías, o quinto capítulo do Daniel segue em precisão à literatura cuneiforme no que concerne aos acontecimentos resaltantes. O relato bíblico pode considerar-se superior porque usa o nomeie Belsasar, porque atribui ao Belsasar poder real e porque reconhece que existia um governo dual no reino. Os documentos cuneiformes do século VI A. C. proporcionam uma clara evidência da correção destes três fatos históricos básicos conteúdos no relato bíblico que tratam da queda de Babilônia. Os textos cuneiformes escritos sob influência persa no século VI A. C. não conservaram o nome do Belsasar, mas descrevem em forma convincente seu papel de príncipe herdeiro, podendo régio durante a estada de Nabonido na Arábia. Dois famosos historiadores gregos dos séculos V e IV A. C. não mencionam ao Belsasar por nome, e só insinúan vagamente a verdadeira situação política existente em tempo do Nabonido. Os anais gregos aproximadamente de começos do século III ao I A. C. não dizem absolutamente nada quanto ao Belsasar e a preeminencia que teve durante o último reinado do Império Neobabilónico. Toda a informação achada em todos os documentos com data posterior aos textos cuneiformes do século VI A. C. e anterior a os escritos do Josefo do século I d. C. não pôde proporcionar o material necessário para o marco histórico do quinto capítulo do Daniel" (Op. cit., pp. 199-200).

Comentários da Elena G. Do White

1-31 PR 384 -395; TM 441-444

1-2 PR 385

3-5 PR 385

4 PVGM 238

6 TM 443

6-8 PR 386

10-16 PR 387

17-24 PR 388

23-24 2JT 85; MM 151

24-28 1JT 441

25-29 PR 388

25 TM 443

27 C (1967) 77; CM 266; CMC 148; CN 143, 439, 539; CS 545; FÉ 228, 468; 1JT 27, 88, 91, 157, 241, 262, 321, 354, 511, 521, 523,550; 2JT, 140, 487; 3JT 12, 205, 251; NB 129; MJ 227; MM 151, 164, 195; P 317; 2T; 43, 54, 58, 83, 439; 3T 522, 538; AT 339; 5T 83, 116, 154, 279, 411, 420; 7T 120; TM 239, 290, 447, 458

27-31 Lhe 44
30 PR 390; PVGM 238 836

CAPÍTULO 6

1 Daniel é elevado ao posto de chefe dos sátrapas e governadores. 4 Para conspirar contra ele, obtêm de parte do rei um decreto de adoração idólatra. 10 Daniel, acusado de quebrantar o decreto, é jogado no fosso de os leões. 18 Daniel é salvado. 24 Seus adversários são devorados pelos Leões, 25 e Deus é magnificado por meio de um decreto.

1 PARECIO bem ao Darío constituir sobre o reino cento e vinte sátrapas, que governassem em todo o reino

2 E sobre eles três governadores, dos quais Daniel era um, a quem estes sátrapas dessem conta, para que o rei não fosse prejudicado

3 Mas Daniel mesmo era superior a estes sátrapas e governadores, porque havia nele um espírito superior; e o rei pensou em pô-lo sobre tudo o reino

4 Então os governadores e sátrapas procuravam ocasião para acusar ao Daniel no relacionado ao reino; mas não podiam achar ocasião alguma ou falta, porque ele era fiel, e nenhum vício nem falta foi achado nele

5 Então disseram aqueles homens: Não acharemos contra este Daniel ocasião alguma para lhe acusar, se não a acharmos contra ele em relação com a lei de seu Deus

6 Então estes governadores e sátrapas se juntaram diante do rei, e o disseram assim: Rei Darío, para sempre vive!

7 Todos os governadores do reino, magistrados, sátrapas, príncipes e capitães acordaram por conselho que promulgue um decreto real e o confirme, que qualquer que no espaço de trinta dias demande petição de qualquer deus ou homem fora de ti, OH rei, seja jogado no fosso dos leões

8 Agora, OH rei, confirma o decreto e assina-o, para que não possa ser revogado, conforme à lei de Meia e da Persia, a qual não pode ser anulada

9 Assinou, pois, o rei Darío o decreto e a proibição

10 Quando Daniel soube que o decreto tinha sido assinado, entrou em sua casa, e abertas as janelas de sua câmara que davam para Jerusalém, ajoelhava-se três vezes ao dia, e orava e dava obrigado diante de seu Deus, como o estava acostumado a fazer antes

11 Então se juntaram aqueles homens, e acharam ao Daniel orando e rogando

em presença de seu Deus

12 Foram logo ante o rei e lhe falaram do decreto real: Não confirmaste decreto que qualquer que no espaço de trinta dias peça a qualquer deus ou homem fora de ti, OH rei, seja jogado no fosso dos leões? Respondeu o rei dizendo: Verdade é, conforme à lei de Meia e da Persia, a qual não pode ser anulada

13 Então responderam e disseram diante do rei: Daniel, que é dos filhos dos cativos do Judá, não respeita a ti, OH rei, nem acata o decreto que confirmou, mas sim três vezes ao dia faz sua petição

14 Quando o rei ouviu o assunto, pesou-lhe em grande maneira, e resolveu liberar a Daniel; e até pôr-do-sol trabalhou para lhe liberar

15 Mas aqueles homens rodearam ao rei e lhe disseram: Saiba, OH rei, que é lei de Meia e da Persia que nenhum decreto ou regulamento que o rei confirme pode ser anulado

16 Então o rei mandou, e trouxeram para o Daniel, e lhe jogaram no fosso dos leões. E o rei disse ao Daniel: teu Deus, a quem você continuamente serve, ele te libere

17 E foi gasta uma pedra e posta sobre a porta do fosso, a qual selou o rei com seu anel e com o anel de seus príncipes, para que o acordo aproxima do Daniel não se alterasse

18 Logo o rei se foi a seu palácio, e se deitou jejum; nem instrumentos de música foram gastos diante dele, e foi o sonho

19 O rei, pois, levantou-se muito de amanhã, e foi apressadamente ao fosso dos leões

20 E aproximando-se do fosso chamou vozes ao Daniel com voz triste, e lhe disse: Daniel, servo do Deus vivente, teu Deus, a quem você continuamente serve, pôde-te liberar dos leões?

21 Então Daniel respondeu ao rei: OH rei, vive para sempre 837

22 Meu Deus enviou seu anjo, o qual fechou a boca dos leões, para que não me fizessem mal, porque ante ele fui achado inocente; e até diante de ti, OH rei, eu não tenho feito nada mau

23 Então se alegrou o rei em grande maneira por causa dele, e mandou tirar Daniel do fosso; e foi Daniel tirado do fosso, e nenhuma lesão se achou nele, porque tinha crédulo em seu Deus

24 E deu ordem o rei, e foram gastos aqueles homens que tinham acusado a Daniel, e foram jogados no fosso dos leões eles, seus filhos e seus mulheres; e ainda não tinham chegado ao fundo do fosso, quando os leões se deram procuração deles e quebraram todos seus ossos

25 Então o rei Darío escreveu a todos os povos, nações e línguas que habitam em toda a terra: Paz lhes seja multiplicada

26 De minha parte é posta este regulamento: Que em todo o domínio de meu reino todos temam e tremam ante a presença do Deus do Daniel; porque ele é o

Deus vivente e permanece por todos os séculos, e seu reino não será jamais destruído, e seu domínio perdurará até o fim

27 O salva e libra, e faz sinais e maravilhas no céu e na terra; ele livrou ao Daniel do poder dos leões

28 E este Daniel prosperou durante o reinado do Darío e durante o reinado de Ciro o persa

1.

Sátrapas.

Aramaico 'ajashdarpan (ver com. cap. 3: 2). "Os diversos detalhes da administração provincial do Império Persa antes da reorganização feita pelo Darío I são ainda um tanto escuros. Herodoto (iII. 89) afirma que Darío I criou 20 satrapías como principais divisões do império. Cada satrapía estava dividida em províncias. "As inscrições do Darío dão diferentes números de satrapías (21, 23, 29), o que indica que durante seu reinado possivelmente o rei trocou tanto o número como o tamanho das satrapías. Alguns historiadores gregos usam o término "sátrapa" para funcionários inferiores, como aparentemente o fez Daniel quando usou esse término para referir-se aos governadores provinciais. Compare-se com as 127 províncias do Est. 1: 1 em tempo do Jerjes.

2.

Três governadores.

Este corpo administrativo não se menciona em fontes que não sejam bíblicas. Falta por completo toda prova documentário da época quanto à organização do império persa antes do reinado do Darío I.

Daniel era um.

O ancião profeta muito em breve se distinguiu por seu serviço consciencioso.

Não fosse prejudicado.

A razão da complicada organização da administração civil da Persia se pinta aqui com vivas cores. Ver no Esd. 4: 13-16 as precauções existentes no sistema imperial para evitar a perda de ganhos fiscais e outros prejuízos.

3.

Um espírito superior.

Esta não era a primeira vez em que observadores reais tinham notado um "espírito' excepcional no Daniel. Nabucodonosor tinha atestado que Daniel possuía "espírito dos deuses Santos" (cap. 4: 8). Reina-a mãe repetiu esta expressão em sua entrevista com o Belsasar durante sua última e fatal noite (cap. 5: 11). Nessa mesma ocasião, ela chamou a atenção ao "maior espírito" que se tinha observado no Daniel (cap. 5:12). Este espírito se havia manifestado não só ao resolver "dúvidas" (cap. 5:12), mas também em seu escrupulosa integridade, fidelidade invariável, lealdade ao dever e integridade em palavras e feitos, qualidades que estranha vez se viam nos funcionários disso

tempo. Ao Darío bastou conhecer brevemente a este ancião estadista, sobrevivente da idade de ouro da Babilônia imperial, para convencer-se de que seria uma decisão sábia pôr ao Daniel como principal administrador do novo império e conselheiro da coroa.

4.

Acusar ao Daniel.

Ao fazer seus planos de elogiar ao Daniel ao mais alto cargo civil do governo, é indubitável que o rei estava atuando para beneficiar à coroa e ao império. Entretanto, não tomou em conta o ciúmes que naturalmente surgiriam entre os dignatarios medos e persas quando um judeu, anterior ministro dos babilonios, ocupasse um cargo que segundo suas expectativas teria que ser para eles.

Ocasião alguma ou falta.

Apesar de sua avançada idade -tinha então mais de 80 anos- Daniel podia desempenhar seus deveres para o Estado de tal maneira que não lhe podia acusar de nenhum engano ou falta. Este lucro se devia a sua integridade pessoal e à
838 confiança que tinha na infalível orientação de seu pai celestial.
Amar e servir a Deus era mais importante que a vida mesma. A adesão estrita às leis da saúde desde sua juventude indubitavelmente lhe deu vigor muito maior que o que era comum nos homens de sua idade.

5.

A lei de seu Deus.

Um exame cuidadoso dos costumes do Daniel, uma observação minuciosa de seu trato com companheiros e subordinados e um repasse cuidadoso dos registros, revelavam que não havia irregularidades que dessem motivos a queixa ou acusações. Entretanto, os inimigos do Daniel que nunca o encontrava rendendo culto a nenhum dos templos de Babilônia, nem tomava partes nas cerimônias religiosas pagãs. Sem dúvida tinham notado que faltava a seu escritório todos os sábados, o dia de descanso semanal prescrito em "A lei de seu Deus". Sem dúvida raciocinaram que suas horas fixas de oração interferiam com o cumprimento de seus deveres oficiais.

6.

Estes governantes e sátrapas.

Não há necessidade de supor que todos os governantes do império se reuniram ante o rei para tratar este assunto. É indubitável que solo se apresentaram os que invejavam o cargo do Daniel. Se se tivessem reunidos todos para essa ocasião, o rei podia ter suspeitado, especialmente se Daniel não houvesse estado entre eles. Os conjurados provavelmente calcularam que se só uns poucos deles foram ante o rei com o pedido, as possibilidades de enganar ao monarca eram maiores que se se esperavam a que todos os governadores de todos os rincões do império pudessem reunir-se para aparecer ante ele.

para sempre vive .

Ver com. cap. 2: 4.

7.

Todos.

Sem dúvida uma mentira, porque é duvidoso que todos tivessem sido consultados.

Qualquer que. . . demande petição.

Um decreto desta natureza tivesse sido completamente estranho para os persas, quem ganhou a reputação de ser muito bondosos em assuntos de tolerância religiosa. É inconcebível que um homem como Ciro tivesse assinado tal decreto. Entretanto, indubitavelmente Darío de Meia tinha outra formação. Sabemos pouco a respeito da maneira de pensar dos medos quanto a tolerância religiosa. Ciro, o rei de persa, reconstruiu templos de nações destruídas pelos babilonios, e assim demonstrou seu espírito de tolerância para com os sentimentos e práticas religiosas de outros povos. Por outra parte, Darío I diz que seu percheros, o falso Esmerdis, um mago de Meia que reinou durante meio ano em 522 A. C., Mostrou sua intolerância destruindo templos. Embora as generalizações estão sujeitas a engano, devemos aceitar a possibilidade de que os medos, ou ao menos alguns governantes, mostraram menos tolerância religiosas que os persas.

observou-se também que a ordem de não orar durante um mês a ninguém salvo ao rei, embora nessa ocasião ia dirigida em forma específica ao Daniel, pode ter sido sugerida por um costume nacional religiosa de laje medos em tempos anteriores, segundo a qual lhe rendiam honras divinas ao rei.

Herodoto (I. 199) faz notar que Deus é, um dos primeiros reis conhecido de os medos, havia jogo que sua pessoa fosse objeto de reverente pavor ante os olhos de seus súditos, retirando-se da vista dos homens comuns para convencer a seu povo de que era diferente deles. É evidente que até os reis persas estivessem ocasionalmente dispostos a aceitar honras divinas porque o jogo de que no Egito permitiram que se adicionassem atributos divinos a seus nomes. As inscrições hieroglíficas se referem ao Cambises como "filho de Ré", o deus sol, e ao Darío como "o filho de deus". Por isso não é necessário recorrer aos imperadores romanos para encontrar os primeiros paralelos históricos da ordem de Dão. 6: 7 como alguns críticos o hão pretendido.

Fossos dos leões.

A literatura da época e a obras de arte freqüentemente apresentam aos reis de a antigüidade, tais como os do Egito, Assíria, Persia, ocupados no esporte da caça de animais selvagens. Geralmente se caçavam leões e também panteras, touros selvagens e elefantes. Informe-os falam de reis vassalos que enviavam como tributo animais selvagens capturados a seus senhores reais de Mesopotamia. Lhes guardavam em parques zoológicos, como símbolos do poder mundial do monarca e para diversão do rei e de seus amigos. Embora os registros da época dos persas não dão exemplos de que se impuseram a pena capital jogando ao culpado às feras, se se referirem a formas extremamente bárbaras de aplicar sorte pena por parte de reis persas que por o resto eram muito benévolos.

8.

Que não possa ser revogado.

Compare-se com a imutabilidade da lei dos 839 "medos e persas" no Est. 1: 19; 8: 8. Esta característica também é confirmada pelos escritores gregos. Por exemplo, Diodoro da Sicilia (xVII. 30) descreve os sentimentos do Darío II para a sentença de morte que ditou contra Jaridemos. Sustenta que o rei, depois de ter pronunciado a pena capital, arrependeu-se e se acusou a si mesmo de ter errado, mas era impossível desfazer o que havia feito por sua autoridade real.

De Meia e da Persia.

Os expositores da alta crítica freqüentemente assinalavam a presença desta expressão no livro do Daniel, usada em uma época quando os persas em realidade tinham maior domínio do império que os medos, como uma prova de que este livro foi escrito mais tarde. Sustentavam que tal término só se haveria usado quando a gente já estava um tanto esquecida da verdadeira situação política. Os documentos da época descobertos após mostraram que esta declaração da alta crítica estava equivocada. Ditos documentos referem-se aos persas como "medos", e aos "medos e persas" da mesma maneira como o faz a Bíblia. Os documentos cuneiformes também mencionam a vários reis persas com o título de "rei dos medos" tanto como com o título acostumado de "rei da Persia". Posto que Darío era "de Meia", é natural que qualquer cortesão que se referisse em sua presença à lei do país falasse de "a lei de Meia e da Persia".

10.

Sua casa.

Possivelmente a casa do Daniel tinha um teto plano como a maioria das casas de Mesopotamia, tão antigas como modernas. Geralmente há em uma esquina um departamento que se eleva por cima do teto plano, e que tem janelas com persianas para a ventilação. Tais peças eram um lugar ideal para retrair-se com propósitos de devoção.

Abertas as janelas.

usa-se uma expressão aramaica idêntica em um papiro aramaico da Elefantina. O papiro descreve uma casa que tinha "janelas abertas" na parte baixa e vamos (Cowley, N.º 25, linha 6). Outro papiro fala de uma casa cuja "única janela se abre aos dois compartimentos" (Kraeling, N.º 12, linha 21). As janelas abertas do Daniel se abriam para Jerusalém, a cidade da que tinha saído sendo moço e a qual provavelmente nunca voltou a ver. Ver 1 Rei. 8: 33, 35; Sal. 5: 7; 28: 2 com referência ao costume de voltar-se para Jerusalém ah orar.

ajoelhava-se.

A Bíblia faz notar várias posições para orar. Encontramos a servos de Deus orando enquanto estão sentados, como David (2 Sam. 7: 18), inclinando-se, como Eliezer (Gén. 24: 26) e Elías (1 Rei, 18: 42), e freqüentemente de pé, como Ana (1 Sam. 1: 26). A atitude mais comum ao orar parece ter sido a de ajoelhar-se, da qual temos os seguintes exemplos: Esdras (Esd. 9: 5), Jesus (Luc. 22: 41), Esteban (Hech. 7: 60). Maiores informações no PR 33-34; OE 187.

Três vezes ao dia.

Segundo as tradições posteriores feijões, a oração elevada três vezes ao dia devia oferecer-se à terceira, sexta e novena horas do dia (contavam-se as horas da saída do sol). A terceira hora e a novena correspondiam com a hora do sacrifício da manhã e da tarde. O salmista seguiu a mesma prática (Sal. 55: 17). Em tempos posteriores o orar três vezes ao dia se converteu em costume fixo para todo judeu ortodoxo que vivia segundo os regulamentos rabínicos (Berakoth iV. i). Parecesse que este costume das três orações diárias tivesse sido também adotada pela igreja cristã primitiva (Didajé 8).

11.

Acharam ao Daniel orando.

Os conjurados não tiveram necessidade de esperar muito tempo até ver que Daniel desacatava a proibição do rei. Houvesse decreto ou não o houvesse, esse homem de Deus acreditava que devia continuar com seus costumes habituais de oração. Deus era para ele a fonte de toda sabedoria e do êxito de sua vida. O favor do céu lhe era mais caro que a vida mesma. Sua conduta era o resultado natural de sua confiança em Deus.

13.

Dos cativos.

A maneira de fazer a acusação revelava todo o ódio e menosprezo que esses homens sentiam pelo Daniel. Não fizeram referência à dignidade do cargo que ocupava, mas sim o descreveram meramente como a um estrangeiro, um judeu deportado. Sem dúvida assim esperavam que o rei suspeitasse que sua conduta era um ato de rebelião contra a autoridade real. O que em realidade perguntavam era o seguinte: Um homem a quem o rei tinha honrado tanto, e que tinha tantos motivos para mostrar sua gratidão para com o rei por meio de uma estrita obediência aos decretos reais, como podia ser tão desavergonhado como para desafiar 840 abertamente as ordens do rei? Suas palavras tinham o propósito de que Darío considerasse o Daniel como um personagem ingrato, e até traidor.

14.

Liberar ao Daniel.

O monarca viu a cilada que lhe tinha tendido. Quando lhe propôs o decreto, os homens tinham recorrido a lisonjas, e o ancião rei havia acessado sem dar-se conta do complô que estava no fundo do plano desses homens, em cujo bom julgamento o rei acostumava confiar. Repentinamente se deu conta de que a origem do decreto não era como ele o tinha pensado: para honrar seu reinado e a sua pessoa, a não ser para privar o de um verdadeiro amigo e funcionário público digno de confiança. Apesar de seus esforços quase frenéticos, o rei não pôde encontrar uma desculpa legal pela qual pudesse salvar ao Daniel e ao mesmo tempo conservar o conceito básico dos medos e pensassem quanto à inviolabilidade da lei.

15.

Rodearam ao rei.

Pela segunda vez naquele dia desgraçado os inimigos do Daniel vieram ante o

rei, esta vez, ao entardecer. Durante horas tinham esperado que se cumprisse a sentença, e quando nada ocorreu, voltaram a entrevistar-se com o rei e com descaramento pediram que morrera sua vítima. Sabiam que tinham direito de insistir legalmente para que Daniel fora executado, e que a lei não dava direito a nenhuma escapatória.

16.

Você livre.

Advirta o notável contraste das palavras do rei com as que pronunciasse Nabucodonosor em outra ocasião um tanto similar (cap. 3: 15). Darío pode ter sabido dos milagres que Deus tinha realizado em dias de Nabucodonosor e Belsasar.

17.

Foi gasta uma pedra.

Não se desenterrou ainda nenhum antigo fosso de leões, e portanto é impossível reconstruir um quadro preciso de um lugar tal.

A qual selou.

O sellamiento oficial efetuado pelo rei e seus príncipes tinha um dobro propósito. Garantia-lhe ao rei de que Daniel não seria morto por nenhum outro médio, em caso de que não fosse lesado pelos leões. Posto que Darío esperava que o Deus do Daniel salvaria a seu fiel servo dos leões, naturalmente queria precaver-se contra qualquer interferência dos homens que se tinham proposto tirar a vida ao Daniel. Por outra parte, o selo assegurava aos inimigos do Daniel que não se poderia fazer nenhuma tentativa de salvá-lo em caso de que não fosse imediatamente despedaçado pelas feras. Os conselheiros do Darío podem ter temido que os amigos do Daniel ou o rei tentariam salvá-lo do fosso assim que se retirou a gente do lugar da execução. Por isso se usou tanto o selo deles como o do rei, para assegurar que a pedra não seria tocada durante a noite.

As tumbas egípcias seladas podem servir para ilustrar a maneira de selar uma abertura. Depois que se tinha fechado a porta por última vez, se a cobria de reboco e a selava em toda sua superfície úmida, ou lhe passava um selo em forma de cilindro. Talvez se seguiu um procedimento similar no caso do sellamiento do fosso dos leões. Com toda probabilidade se usaram os cilindros-sellos que eram comuns entre os assírios, babilonios e persas. Cada escavação feita na Mesopotamia apresenta numerosos exemplos de tais selos.

18.

Instrumentos de música.

Aramaico dajawah. Seu significado não é claro. Na Bíblia aparece só neste passagem. O comentador judeu medieval Rashi explicou que significava "mesas". Ibn Ezra, outro erudito judeu, interpretou o significado como "instrumentos de música". Sua interpretação pode ter influenciado sobre os tradutores da RVR. Entre as muitas outras interpretações que se encontram nas traduções e comentários, todas as quais são conjeturas, podem destacar-se as seguintes: "mantimentos", "músicos", "bailarinas", "perfume",

"entretenedores" e "concubinas". A BJ acrescenta a seguinte elucidação, em nota de pé de página: "Tradução conjetural".

19.

Muito de amanhã.

Aramaico shefarpar, "amanhecer". O significado desta passagem se revela claramente na tradução do Keil: "O rei logo que se levantou, ao amanhecer, foi apressadamente com a primeira luz".

20.

Triste.

Aramaico 'atsib, "triste", "causar pena", "cheio de ansiedade". A voz reflete as emoções, e é difícil ocultar os sentimentos íntimos. O rei tinha passado pela terrível prova de ver que seu servo mais fiel era arrojado aos leões. Essa espantosa vivencia foi seguida por uma noite larga e insone. Não é pois de sentir saudades de que sua voz revelasse sua íntima inquietação, ansiedade e amargo remorso.

Servo do Deus vivente.

As palavras do Darío revelam certo grau de conhecimento do Deus e da religião do Daniel. O fato 841 de que o rei falasse do Deus do Daniel como do "Deus vivente" sugere que Daniel o tinha instruído na natureza e o poder do verdadeiro Deus.

21.

OH rei, vive para sempre.

Ver com. cap. 2: 4 com referência a este saúdo cerimonial.

22.

Fechou a boca dos leões.

O autor da epístola aos Hebreus se refere a isto que aconteceu com Daniel e atribui a liberação do profeta ao poder da fé (Heb. 11: 33).

Fui achado inocente.

É de supor que Daniel não tinha tratado de desculpar-se antes de ser jogado a os leões. Qualquer palavra pronunciada então poderia ter sido interpretada por seus inimigos como um sinal de debilidade ou de temor. Sem embargo, depois de que Deus tinha acreditado conveniente lhe salvar a vida, Daniel quis declarar sua inocência.

23.

Tirar o Daniel do fosso.

Os requisitos do decreto real tinham sido cumpridos. Esse decreto não exigia a execução do transgressor a não ser só que fora "jogado no fosso dos leões" (vers. 7). É obvio, não há dúvida de que estas palavras implicavam uma

sentença de morte. Daniel tinha sido jogado no fosso dos leões, e não havia restrições constitucionais que lhe impedissem ao rei que tirasse Daniel de dito fosso.

24.

Foram jogados. . . eles.

O irado rei atuou na forma acostumada dos déspotas de seu tempo. A história antiga dá muitos exemplos de tais feitos. Alguns comentadores críticos trataram que mostrar que esta narração não é histórica, dizendo que o fosso em que eram guardados os leões não poderia ter sido suficientemente grande para receber a 122 homens com suas famílias; e além disso que não poderia ter havido suficientes leões em Babilônia para comer a tantas vítimas. Mas a Bíblia não diz em nenhuma parte que esse foi o número dos condenados a morte. Esses eruditos críticos chegaram à conclusão desnecessária de que todos os 120 príncipes e os 2 presidentes dos vers. 1 e 2 estiveram implicados neste desafortunado sucesso. Seria pura especulação dizer quantos tiveram que ver com este assunto.

Seus filhos.

Tanto Herodoto (iII. 119) como Amiano Marcelino (xXIII. 6, 81) testemunham que condenar a morte às algemas e aos filhos junto com os homens sentenciados estava de acordo com os costumes persas.

26.

De minha parte é posta este regulamento.

depois da maravilhosa liberação dos três amigos do Daniel do forno de fogo, Nabucodonosor tinha promulgado um decreto para todas as nações de seu reino no que proibia, sob pena de morte, que se dissesse algo contra o Deus dos hebreus (cap. 3: 29). Em forma similar, como conseqüência do milagroso amparo do Daniel no fosso dos leões, Darío promulgou um decreto que mandava a todas as nações de seu reino que temessem e reverenciassem ao Deus do Daniel. Não necessariamente devemos concluir por isso que o rei mesmo abandonou o politeísmo dos medos. Darío reconheceu ao Deus do Daniel como o Deus vivente, cujo reino e domínio são eternos, mas não se diz que o reconheceu como o único Deus verdadeiro. Ver P. 779.

28.

Durante o reinado.

A repetição destas palavras não indica uma separação entre o reino persa e o meço, a não ser meramente uma distinção de governantes, a gente meço, o outro, persa. A construção da oração permite interpretar que Ciro foi lhe corrijam com o Darío ou seu sucessor.

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 6

A seguir apresentaremos um resumo e uma avaliação das diversas opiniões que se têm quanto à identidade do Darío de Meia. antes de que se contasse com o testemunho da arqueologia moderna, o livro do Daniel apresentava vários problemas históricos, a maioria dos quais foram resolvidos satisfatoriamente (ver P. 775). Dos problemas ainda sem resolver,

o major é o que corresponde à pessoa e cargo do Darío. Entretanto, a forma notável em que se confirmaram outras declarações históricas da Bíblia, justifica a confiança de que este problema também resolverá.

Os representantes da alta crítica apresentam a explicação singela, mas inaceitável, de que as partes históricas do livro do Daniel são legendárias e que Darío é um personagem imaginário inventado por um autor do livro do século II A. C. O fato de que não se possa encontrar confirmação secular de certas declarações históricas da Bíblia, 842 não é razão suficiente para duvidar de a fidelidade histórica e da exatidão das Sagradas Escrituras. Muitas declarações bíblicas que antigamente foram postas em duvida por alguns eruditos críticos foram confirmadas e estão em completa harmonia com os feitos da história antiga, conforme o revelam os descobrimentos arqueológicos.

Daremos a seguir um resumo das declarações bíblicas referentes a Darío:

1. Darío era de ascendência meça (cap. 5: 31; 9: 1; 11: 1).

2. Era "filho do Asuero" (cap. 9: 1).

3. Chegou a "ser rei sobre o reino dos caldeos" (cap. 9: 1). portanto, "tomou" [ou "recebeu" (BJ)] o reino" (cap. 5: 31).

4. Tinha 62 anos quando Babilônia foi tomada (cap. 5: 30-31).

5. Só se menciona o primeiro ano de seu reinado (cap. 9: 1; 11: 1).

6. Constituiu "sobre o reino cento e vinte sátrapas" que estavam às ordens de "três governadores" (cap. 6: 1-2).

7. Ciro foi o sucessor do Darío ou reinou ao mesmo tempo (cap. 6: 28).

Desta informação se deduz o seguinte: depois da queda de Babilônia, o Império Babilônico foi governado pelo Darío, possivelmente durante a primeira parte do reinado do Ciro, segundo o cômputo de Babilônia. Darío, filho do Asuero (em grego, Jerjes), é chamado de Medeia em contraste com o Ciro, que é chamado persa (cap. 6: 28). Tinha já 62 anos quando foi conquistada Babilônia, e possivelmente morreu pouco depois.

Nenhum documento extrabíblico -com exceção dos que se apóiam no Daniel, tais como as obras do Josefo-, menciona a um Darío como governante do tombado Império Babilônico antes do Darío I (522-486 A. C.). Futuros achados arqueológicos poderiam nos dar referências diretas do Darío de Meia. Enquanto isso, os intérpretes bíblicos devem tratar de identificar ao Darío de Medeia com algum dos personagens históricos conhecidos por outro nomeie durante o tempo do Ciro. Josefo diz que o Darío do livro do Daniel "tinha outro nomeie entre os gregos" (Antiguidades X. 11. 4). Das várias identificações propostas, merecem ser examinadas as seguintes:

1. Que Darío de Meia era Astiages, o último governante do reino meço antes de que Ciro tomasse o império. Astiages era filho do Ciajares (ou Ciaxares) I, cujo nome, afirma-se, pode ser identificado lingüisticamente com o de Asuero do cap. 9: 1, embora Asuero, em outros casos, representa no nome de Jerjes (ver com. Est. 1: 1). Posto que Astiages começou a reinar ao redor do ano 585 A. C., já teria sido ancião em ocasião da queda de Babilônia em

539 A. C., tal como nos diz que o era Darío (cap. 5: 31). Este fato faz mais factível a possibilidade desta identificação sugerida.

Há sérias objeções contra esta identificação. Segundo as fontes gregas, Astiages era avô do Ciro. Quando Ciro era jovem, Astiages várias vezes tentou matá-lo. Mais tarde, quando foi rei sobre as tribos persas, Ciro se rebelou contra o monarca e depôs ao Astiages no ano 553/552 ou no 550 A. C., e o pôs como governador da Hircania ao sul do mar Caspio. Nem mesmo os documentos gregos insinúan que Astiages se associasse com o Ciro para a tira de Babilônia no 539. Além disso, é duvidoso que Astiages, contemporâneo de Nabucodonosor e cunhado do grande rei babilonio, vivesse ainda nesse tempo. portanto, é pouco provável que os possa considerar como a mesma pessoa.

2.Que Darío de Meia era Cambises, filho do Ciro. Cambises é mencionado em várias tabuletas cuneiformes com o título de rei de Babilônia, lhe corrijam com seu pai Ciro, a quem se chama nessas mesmas tabuletas rei das terras. Entretanto, a corregencia com seu pai: é o único fator a favor da identificação do Cambises com o Darío do Daniel. Em todo o resto, Cambises não coincide com o quadro apresentado pela Bíblia. Não poderia ter tido 62 anos no ano 539 A. C. Não era meço, a não ser persa como seu pai. E não era filho do Asuero. Por causa das muitas dificuldades que surgem, deve rechaçá-la identificação do Cambises com o Darío.

3. Que Darío de Meia era Gobrias (o ponto de vista que encontrou mais apoio). Segundo Jenofonte (Ciropedia vII), Gobrias era um ancião geral que tomou Babilônia para o Ciro. A Crônica do Nabonido, um importante documento cuneiforme, menciona-o ao descrever a queda de Babilônia. Diz que "Ugbaru, o governador do Gutium, e o exército do Ciro entraram em Babilônia sem combater" nos dia 16 do mês do Tisri.

depois de descrever a entrada do Ciro em Babilônia, menciona também a um certo "Gubaru, seu governador", quem "instalou 843 [sub] governadores em Babilônia". Além disso, depois de narrar como os deuses levados pelo Nabonido a Babilônia foram devolvidos a suas respectivas cidades, a tabuleta diz que,en o mês do Arahshamnu, na noite do dia 11, Ugbaru morreu". A oração seguinte está mutilada, e os eruditos não puderam ficar de acordo se se refere à morte do Ugbaru ou a de um personagem real. A seguinte oração menciona que houve um duelo oficial em todo o país durante uma semana.

Vários eruditos pensaram que Ugbaru e Gubaru são só diferentes grafias do mesmo nome e que representam ao Gobrias dos documentos gregos. Sem embargo, Ugbaru morreu no mês do Arahshamnu -já seja no ano da queda de Babilônia ou no seguinte-, enquanto que houve outro Gubaru, que viveu por muitos anos como governador das satrapías de Babilônia e de Síria e de territórios adjacentes, e que mais tarde foi sogro do Darío I, o Grande, como provam-no documentos da época. De acordo com este ponto de vista, Ugbaru e Gubaru da Crônica do Nabonido devem ser duas pessoas diferentes. Ugbaru, tendo tomado a cidade de Babilônia, morreu depois. Gubaru continuou vivendo como governador de Babilônia.

Os que identificam ao Darío de Meia com o Gobrias e igualam ao Ugbaru com o Gubaru assinalam que Gobrias é apresentado como o que tomou a Babilônia e que virtualmente chegou a ser seu governante. portanto, lhe poderia haver chamado "rei" embora os registros de então só o chamam governador. O feito de que, segundo a Crônica do Nabonido, aparece como nomeando governadores sobre Babilônia, parece corroborar o que diz Dão. 6: 1-2, onde essa tarefa se

atribui ao Darío de Meia. explicou-se também que o nome Gubaru é de origem meço. Além disso seu cargo anterior como governador do Gutium, uma província fronteiriça de Meia, pareceria admitir a possibilidade de que fora meço.

Embora esta identificação do Darío com o Ugbaru (Gobrias) é mais aceitável que as duas mencionadas anteriormente, há também objeções contra este ponto de vista. Gobrias é chamado governador, não um rei. Sendo que viveu muitos anos depois da queda de Babilônia, deve ter tido muito menos de 62 anos em 539 A. C.

Uma alternativa à teoria do Gobrias, apoiada em uma reinterpretación da Crônica do Nabonido, propõe que Darío de Meia não foi Gubaru -o ulterior governador segundo os tabletes que se referem ao convênio a não ser o Ugbaru da Crônica do Nabonido, o governador do Gutium que tomou Babilônia para o Ciro e que morreu no mês do Arahshamnu não três semanas depois a não ser um ano e três semanas mais tarde. Isto daria tempo para que ocorresse o descrito no cap. 6, durante seu governo "sobre o reino dos caldeos" (cap. 9:1). Aplicado a Ugbaru, o término "rei" seria só um tratamento de cortesia; Ciro, já o amo da Persia, Meia e Luta antes de conquistar Babilônia, era de facto o governante de todo o império.

4. Que Darío de Meia era Ciajares II, o filho do Astiages. Comparem-nas declarações que aparecem no PR 384, 407-409 a respeito do Ciro como sobrinho e general do Darío com o que diz Jenofonte, que (1) Ciro, neto do Astiages por sua mãe Mandana, tinha conhecido a seu tio Ciajares durante os anos que Ciro passou na corte de seu avô meço (Ciropedia I. 3. 1; 4. 1, 6- 9, 20-22; 5. 2); (2) que Ciajares aconteceu a seu pai no trono como rei de Meia, depois da morte de este (I. 5. 2); (3) que quando Ciro teve conquistado Babilônia, visitou seu tio lhe levando obséquios e lhe ofereceu um palácio em Babilônia; que Ciajares aceitou os presentes, e deu sua filha ao Ciro e também o reino (vIII. 5. 17-20).

Embora não se podem aceitar os detalhes do relato tal como os apresenta Jenofonte, é possível que o escritor grego conservasse corretamente a tradição de que Ciajares foi o último governante meço, e que era sogro de Ciro além de ser íntimo amigo do grande persa. Se estes pontos puderem aceitar-se como feitos históricos, pode-se acreditar que Ciro, ao rebelar-se contra Astiages, permitiu que Ciajares II reinasse como rei nominal para agradar a os medos. Ao mesmo tempo todos sabiam no reino que o verdadeiro soberano era Ciro, e que Ciajares II só era uma figura decorativa. Em tal caso, Darío de Meia pode ser identificado com o Ciajares II, quem talvez tinha ido a Babilônia aceitando o convite do Ciro para figurar como rei.

Sempre que Jenofonte seja exato, pode-se demonstrar que Ciajares II tinha já uma idade avançada quando caiu Babilônia, em apóie ao seguinte: Ciajares II era sogro do Ciro. Ciro mesmo teria com toda probabilidade pelo menos 40 anos então, o que é 844 evidente porque seu filho Cambises tinha suficiente maturidade para representá-lo oficialmente durante as atividades do dia de ano novo. portanto, Ciajares II poderia ter tido 62 anos quando caiu Babilônia; idade que Daniel atribuiu ao Darío de Meia. Sua idade relativamente avançada -em um tempo quando a maioria da gente morria jovem- poderia haver determinado que não sobrevivesse por muito tempo à queda de Babilônia. Isto explicaria por que Daniel menciona unicamente o primeiro ano de seu reinado. Jenofonte não nos informa nada mais a respeito do Ciajares pouco depois da conquista de Babilônia.

A declaração feita pelo Daniel de que Darío era "filho" do Asuero possivelmente devesse

entender-se como que era "neto" do Asuero. Há abundantes prova de que a palavra hebréia que significa "filho" pode também traduzir-se por "neto", ou até um descendente mais remoto (ver com. 2 Rei. 8: 26). A forma castelhana Asuero vem do hebreu ´Ajashwerosh, que poderia ser uma tradução do Uvaxshtrah, a antiga grafia persa do Ciajares I, mas não do Astiages.

Se depois de sua chegada a Babilônia, Darío se converteu em amigo especial de Daniel, é compreensível que o profeta datasse as visões recebidas durante esse curto reinado em relação com os anos do Darío (cap. 9: 1; 11: 1), e não com os anos do Ciro. Entretanto, depois do ano atribuído ao Darío, Daniel datou os acontecimentos em relação com os anos do reinado do Ciro (cap. 1: 21; 10: 1).

As provas da época que poderiam esclarecer esta reconstrução da história do Ciajares II são ambíguas e escassas. Há uma possível referência ao Ciajares em a Crônica do Nabonido. Posto que é certo que Gubaru viveu muitos anos depois da tira de Babilônia, enquanto que Ugbaru morreu pouco depois, e posto que durante o mesmo mês houve duelo oficial pela morte de algum alto personagem, poderia ver-se ao Ciajares II no Ugbaru da Crônica do Nabonido. Ou o nome do Ciajares pode ter estado na linha mutilada que fala da morte de um personagem distinto, motivo de duelo nacional. Entretanto, parece haver um engano na primeira menção do Ugbaru na Crônica de Nabonido. Ou o nome do Ugbaru é o engano de um escriba que o confundiu com Gubaru, ou o título "governador do Gutium" foi transferido por equívoco de Gubaru ao Ugbaru pelo autor da tabuleta.

Poderia encontrar-se outra prova dessa época na dobro menção de um Ciajares na grande inscrição do Darío I no Behistún (a respeito desta inscrição, ver T. I, pp. 106, 117). Entre os vários pretendentes ao trono contra os quais lutou Darío I, havia dois que diziam ser da família do Ciajares. O Ciajares em questão poderia ter sido Ciajares I, pai do Astiages, ou talvez Ciajares II, sogro do Ciro e último rei nominal de Meia.

Este resumo demonstra que há ainda muitos fatores escuros para resolver o problema da identificação do Darío o Meço mediante documentos históricos e arqueológicos. Entretanto, considerando todas as possibilidades, este Comentário se inclina pelo quarto ponto de vista.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1- 28 CV 255; PR 396-403

1-4 ECFP 53

1-5 PR 396

3-4 CV 255

4 Ed 53; FE305; MeM77; OE439; PR 401

4-10 4T 368

5 ECFP 54

6-9 PR 396

7 ECFP 54

10 CH 423; CV 255; ECFP 55; HH 217; 2JT 153; OE 187; PR 34, 397; 4T 373; 5T 527; Lhe 169

12-13 PR 398

14-16 ECFP 56

14-17 PR 398

16 Ed 248; HAp 459; 4T 448; 3TS 376

17-24 ECFP 56

20-27 PR 399

22 2JT 154; MeM 326; 5T 527

22-28 PR408; lT296; TM450

25-27 Ed 53

26 PR 400

27 2T 54

28 PR 400 845

CAPÍTULO 7

1 Daniel vê a visão das quatro bestas 9 e do reino de Deus. 15 Seu interpretação.

1 NO primeiro ano do Belsasar rei de Babilônia teve Daniel um sonho, e visões de sua cabeça enquanto estava em seu leito; logo escreveu o sonho, e relatou o principal do assunto.

2 Daniel disse: Olhava eu em minha visão de noite, e hei aqui que os quatro ventos do céu combatiam no grande mar.

3 E quatro bestas grandes, diferentes a uma da outra, subiam do mar.

4 A primeira era como leão, e tinha asas de águia. Eu estava olhando até que suas asas foram arrancadas, e foi levantada do chão e ficou erguida sobre os pés a maneira de homem, e foi dado coração de homem.

5 E hei aqui outra segunda besta, semelhante a um urso, a qual se elevava de um flanco mais que do outro, e tinha em sua boca três costelas entre os dentes; e foi dito assim: te levante, devora muita carne.

6 depois disto olhei, e hei aqui outra, semelhante a um leopardo, com quatro asas de ave em suas costas; tinha também esta besta quatro cabeças; e foi dado domínio.

7 depois disto olhava eu nas visões da noite, e hei aqui a quarta besta, espantosa e terrível e em grande maneira forte, a qual tinha uns dentes grandes de ferro; devorava e esmiuçava, e as sobras pisava com seus

pés, e era muito diferente de todas as bestas que vi antes dela, e tinha dez chifres.

8 Enquanto eu contemplava os chifres, hei aqui que outro corno pequeno saía entre eles, e diante dele foram arrancados três chifres dos primeiros; e hei aqui que este corno tinha Olhos como de homem, e uma boca que falava grandes costure.

9 Estive olhando até que foram postos tronos, e se sentou um Ancião de dias, cujo vestido era branco como a neve, e o cabelo de sua cabeça como lã poda; seu trono chama de fogo, e as rodas do mesmo, fogo ardente.

10 Um rio de fogo procedia e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; o juiz se sentou, e os livros foram abertos.

11 Eu então olhava a causa do som das grandes palavras que falava o corno; olhava até que mataram à besta, e seu corpo foi destroçado e entregue para ser queimado no fogo.

12 Haviam também tirado às outras bestas seu domínio, mas lhes tinha sido prolongada a vida até certo tempo.

13 Olhava eu na visão da noite, e hei aqui com as nuvens do céu vinha um como um filho de homem, que veio até o Ancião de dias, e lhe fizeram aproximar-se diante dele.

14 E foi dado domínio, glória e reino, para que todos os povos, nações e línguas lhe servissem; seu domínio é domínio eterno, que nunca passará, e seu reino um que não será destruído.

15 Me turvou o espírito , Daniel, em meio de meu corpo, e as visões de minha cabeça me assombraram.

16 Me aproximei de um dos que assistiam, e lhe perguntei a verdade a respeito de tudo isto. E me falou, e me fez conhecer a interpretação das coisas.

17 Estas quatro grandes bestas são quatro reis que se levantarão na terra.

18 Depois receberão o reino os Santos do Muito alto, e possuirão o reino até o século, eternamente e para sempre.

19 Então tive desejo de saber a verdade a respeito da quarta besta, que era tão diferente de todas as outras, espantosa em grande maneira, que tinha dentes de ferro e unhas de bronze, que devorava e esmiuçava, e as sobras pisava com seus pés;

20 Deste modo a respeito dos dez chifres que tinha em sua cabeça, e do outro que tinha-lhe saído, diante do qual tinham cansado três; e este mesmo corno tinha Olhos, e boca que falava grandes costure, e parecia maior que seus companheiros.

21 E via eu que este corno fazia guerra contra os Santos, e os vencia,

22 Até que veio o Ancião de dias, e se deu o julgamento dos Santos do Muito alto; e chegou 846 o tempo, e os Santos receberam o reino.

23 Disse assim: A quarta besta será um quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os outros reino, e a toda a terra devorará, debulhará e despedaçará.

24 E os dez chifres significam que daquele reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantarão dez reis; e atrás deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e a três reis derrubará.

25 E falará palavras contra o Muito alto, e aos Santos do Muito alto quebrantará, e pensará em trocar os tempos e a lei; e serão entregues em sua mão até tempo, e tempos, e meio tempo.

26 Mas se sentará o juiz, e lhe tirarão seu domínio para que seja destruído e arruinado até o fim,

27 e que o reino, e o domínio e a majestade dos reino debaixo de todo o céu, seja dado ao povo dos Santos do Muito alto, cujo reino é reino eterno, e todos os domínios lhe servirão e obedecerão.

28 Aqui foi o fim de suas palavras. Quanto a mim, Daniel, meus pensamentos me turvaram e meu rosto se mudou; mas guardei o assunto em meu coração.

1.

Primeiro ano do Belsasar.

Devesse advertir-se que Daniel não apresenta os materiais de seu livro em estrita ordem cronológica. Os acontecimentos dos cap. 5- 6 transcorreram depois dos que se registram no cap. 7, mas sem dúvida por razões de continuidade se completa a narração histórica nos cap. 1- 6. Ver A Nota Adicional do cap. 5 quanto à identidade e o lugar histórico ocupado por Belsasar.

Teve Daniel um sonho.

Literalmente, "viu um sonho". O Senhor, mediante um sonho, deu ao Daniel uma vívida visão da história futura do mundo.

A profecia do cap. 7 cobre essencialmente o mesmo lapso histórico que o sonho do cap. 2, e ambos abrangem dos dias do profeta até o estabelecimento do reino de Deus. Nabucodonosor viu os poderes mundiais representados por uma grande imagem de metal; Daniel os viu mediante o simbolismo de bestas e chifres e viu também certos aspectos da história relacionados com as vicissitudes do povo de Deus e o cumprimento de seu plano. O tema do cap. 2 é essencialmente político. Foi dado, em primeiro lugar, para informar ao Nabucodonosor e para conseguir sua cooperação com o plano divino (ver com. cap. 2: 1). " relação do povo de Deus com as cambiantes cenas políticas não era o tema dessa profecia. A profecia do cap. 7, como as do resto do livro, foi dada especialmente para o povo de Deus, a fim de que este entendesse sua parte no plano divino através de todos os séculos. Inspirada-a profecia dos acontecimentos futuros foi dada tendo o grande conflito entre Cristo e Satanás como cortina de fundo. Os esforços do archienemigo das almas para destruir a "os Santos" foram desmascarados e a vitória final da verdade foi assegurada.

Escreveu.

Para que se pudesse conservar para as gerações futuras.

O principal do assunto.

As palavras aramaicas que assim se traduzem são especialmente difíceis de pôr em castelhano. A palavra que se traduz "principal" é re`sh, que significa "cabeça", ou "começo". O grego da LXX diz eis kefálaia lógon, que pode ser interpretado como "resumo". Evidentemente o que significa esta expressão é que Daniel anotou e informou o conteúdo principal do sonho. Ehrlich traduz esta frase: "os detalhes importantes".

2.

Ventos.

Do Aramaico rúaj, equivalente ao hebreu rúaj, que tem uma variedade de significados, tais como "ar" (Jer. 2: 24, onde se traduziu "vento"), "fôlego" (Job 19: 17), "espírito" humano (Sal. 32: 2), "Espírito" divino (Sal. 51: 12) e "vento" (Exo. 10: 13). Metaforicamente a palavra se usa também para referir-se a coisas vazias ou vões (Jer. 5: 13). Quando a usa em uma visão simbólica, como aqui, a palavra parece indicar atividade ou alguma forma de energia, determinando-se sua natureza exata pelo contexto. Por exemplo, os "ventos" da visão simbólica do Ezequiel, que fizeram reviver os esqueletos secos, representavam a energia divina que fazia reviver à morta nação do Israel (Eze. 37: 9-14). Os "ventos" do Daniel que combatiam no grande mar, fazendo surgir quatro bestas -ou impérios- representavam a aqueles movimentos -diplomáticos, bélicos, políticos ou de outra índole- que teriam que determinar a história desse período.

Os "quatro ventos" provenientes dos quatro pontos cardeais, representavam sem 847 dúvida a atividade política em diversas partes do mundo (Jer. 49: 36; cf. Dão. 8: 8; 11: 4; Zac. 2: 6; 6: 5).

Combatiam.

Aramaico guaj, que significa "agitar". A forma do verbo sugere ação continuada.

O grande mar.

Não se especifica nenhum corpo de água, tal como o mediterrâneo. O mar é aqui um símbolo das nações do mundo, o "grande mar" da humanidade em todos os séculos (Apoc. 17: 15; cf. ISA. 17: 12; Jer. 46: 7).

3.

Quatro bestas.

Não se deixa liberada à especulação a aplicação do símbolo. Segundo o vers. 17, as quatro bestas representam "quatro reis que se levantarão na terra". Em vez de "reis" a LXX, Teodoción e a Vulgata dizem "reino". A quarta besta é chamada especificamente "um quarto reino" (vers. 23) que segue aos "outros reino". Pelo general se aceita que estas quatro bestas representam os mesmos quatro poderes simbolizados pela imagem metálica do cap. 2.

Diferentes.

A diferença da qual se fala aqui tinha sido ilustrada pelos diferentes metais apresentados (cap. 2: 38-40).

Subiam.

As potências mundiais que se representavam não exerceram seu poder em forma simultânea, a não ser sucessiva.

4.

Leão... asas de águia.

Um símbolo muito adequado para representar a Babilônia. O leão alado se acha em as obras de arte babilônico. Era comum a combinação de leão e águia: geralmente um leão com asas de águia, às vezes com garras ou pico; outra combinação parecida era a águia com cabeça de leão. O leão alado é uma de as formas desse animal-símbolo que freqüentemente se representa combatendo junto a Marduk, o deus patrono de Babilônia. Respeito a estas combinações de leão e águia, ver S. H. Langdon, Semitic Mythology ("The Mythology of All Races", T. 13), pp. 118, 277-282, e a fig. 51 frente a P. 106 (leão alado), e pp. 116-117, (águia com cabeça de leão); ver também as ilustrações de várias bestas mistas no L. E. Froom, Prophetic Faith of Our Fathers, T. I, pp. 50, 52.

Outros profetas se referiram ao rei Nabucodonosor por meio de figuras semelhantes (Jer. 4: 7; 50: 17, 44; Lam. 4:19; Eze. 17: 3, 12; Hab. 1: 8). O leão como rei das feras e a águia como reina das aves representavam adequadamente ao Império de Babilônia no apogeu de sua glória. O leão se destaca por sua força, enquanto que a águia é famosa pelo vigor e o alcance de seus vôos. O poder do Nabucodonosor se sentiu não só em Babilônia, a não ser do Mediterrâneo até o golfo Pérsico, e do Ásia Menor até o Egito. Por isso é adequado representar o alcance do poder de Babilônia com um leão dotado de asas de águia.

Arrancadas.

O leão já não podia voar como águia para alcançar sua presa. Isto se refere indubitavelmente ao tempo quando reis menos capitalistas seguiram ao Nabucodonosor no trono de Babilônia, governantes durante cuja administração Babilônia perdeu glória e poder. Alguns sugeriram também que isto é uma possível referência à última parte da vida do Nabucodonosor, quando durante sete anos foi tirado não só o poder mas também também a razão (cap. 4: 31-33).

ficou erguida sobre os pés.

Um leão erguido como um homem indica a perda das qualidades distintivas de um leão.

Coração de homem.

O apodo do rei Ricardo, "coração de leão", indicava valor e ousadia pouco comuns. À inversa, um leão "com coração de homem" assinalaria covardia e acanhamento. Em seus anos de decadência Babilônia se debilitou por causa da riqueza e o luxo, e caiu presa do reino meço-persa.

Alguns pensam que a expressão "coração de homem" representa o desaparecimento da característica animal de voracidade e ferocidade e a humanização do rei de Babilônia. Tal interpretação poderia aplicar-se ao Nabucodonosor depois de seu vivencia humilhante, mas não seria uma representação apropriada do reino em seus últimos anos.

5.

Um urso.

O Império Persa, ou Meço-persa, corresponde com a prata da imagem (ver com. cap. 2: 39). Como a prata é inferior ao ouro, assim também em alguns respeitos o urso é inferior ao leão. Entretanto, o urso é cruel e rapace, características que atribuem aos medos na ISA. 13: 17-18.

De um flanco.

O intérprete (vers. 16) não explica este detalhe da visão. Entretanto, ao comparar com a passagem do cap. 8: 3, 20 parecesse que se indica claramente que o reino estava. composto de duas partes. Dos medos e os persas, os últimos chegaram a ter o poder dominante uns poucos anos antes de que o império dual conquistasse a Babilônia (ver com. cap. 2: 39).

Três costelas.

Não se mencionam estas costelas 848 na interpretação (vers. 17-27), mas muitos comentadores as consideraram como símbolo dos três principais poderes que foram conquistados pelo Império Meço-persa: Luta, Babilônia e Egito (ver com. ISA. 41: 6).

Foi dito.

Não se identifica ao que fala.

6.

Semelhante a um leopardo.

O leopardo é um animal feroz e carnívoro, notável por sua velocidade e a agilidade de seus movimentos (ver Hab. 1: 8; Ouse. 13: 7).

O poder que teria que seguir ao Império Persa se identifica no cap. 8: 21 como "Esta Grécia "a Grécia" não deve confundir-se com a Grécia do período clássico, já que esse período precedeu à queda da Persia. A "Grécia" que figura no Daniel corresponde com o império semigriego e macedónico de Alejandro Magno (ver com. cap. 2: 39), que deu começo à época que conhecemos como período helenístico. antes do Alejandro não se poderia fazer referência ao "primeiro rei" (cap. 8: 21) de um império grego, como "um rei valente" que tinha "grande poder" (cap. 11: 3).

Em 336 A. C. Alejandro herdou o trono da Macedônia, Estado semigriego na fronteira norte da Grécia. O pai do Alejandro, Filipo, já tinha unido sob seu domínio à maioria das cidades-estados da Grécia pelo ano 338 A. C. Alejandro demonstrou sua têmpera ao esmagar revoluções na Grécia e Tracia. depois de ter restabelecido a ordem em seu próprio reino, Alejandro se lançou a a tarefa de conquistar o Império Persa, ambição que tinha herdado de seu pai. Entre os fatores que impulsionavam ao jovem rei a levar a seu cabo

planos estavam a ambição pessoal, a necessidade de expansão econômica, o desejo de difundir a cultura grega e uma animosidade natural contra os persas por causa de guerras anteriores com seus compatriotas.

Em 334 A. C. Alejandro cruzou o Helesponto e entrou em território persa com apenas 35.000 homens, a insignificante soma de 70 talentos em efetivo e provisões para só um mês. A campanha foi uma série de triunfos. A primeira vitória foi obtida no Gránico, a segunda no Iso ao ano seguinte e outra em Tiro um ano depois. Passando pela Palestina, Alejandro conquistou Gaza e depois entrou em Egito virtualmente sem oposição. Ali no ano 331 A. C. fundou a cidade de Alejandría. declarou-se a si mesmo sucessor dos faraós e suas tropas o aclamaram como um deus. Quando novamente esse ano empreendeu a marcha, dirigiu seus exércitos para a Mesopotamia, o coração do Império Persa. Os persas o fizeram frente perto da Arbela, ao leste da confluência dos rios Tigris e Grande Zab, mas suas forças foram derrotadas e se deram à fuga. As fabulosas riquezas do maior império mundial estavam a disposição do jovem rei de 25 anos de idade.

depois de uma organização preliminar de seu império, Alejandro prosseguiu seus conquista para o norte e para o este. Pelo ano 329 A. C. já tinha tomado Maracanda, que é agora Samarcanda, no Turquestán. Dois anos mais tarde invadiu a parte noroeste da Índia. Entretanto, pouco depois de cruzar o rio Indo, suas tropas recusaram seguir mais adiante, e se viu obrigado a acessar a seus desejos. De volta na Persia e Mesopotamia, Alejandro deveu encarar a grande tarefa de organizar a administração de seus territórios. Em 323 A. C. estabeleceu seu capital em Babilônia, cidade que ainda conservava lembranças da glória do tempo do Nabucodonosor. No mesmo ano, depois de exceder-se na bebida, Alejandro caiu doente e morreu de "febre dos pântanos", que se crie era o antigo nome da malária (paludismo) ou de uma enfermidade similar.

Quatro asas de ave.

Embora o leopardo em si é um animal veloz, sua agilidade natural parece ser inadequada para descrever a assombrosa velocidade das conquistas de Alejandro. A visão simbólica representava ao animal com asas que se o acrescentavam, não só dois mas também quatro, que denotam uma velocidade superlativa. O símbolo descreve muito adequadamente a velocidade fulmínea com que Alejandro e seus macedonios em menos de uma década chegaram a apropriar do major dos impérios que o mundo tinha conhecido. Não há outro exemplo, em tempos antigos, de movimentos tão rápidos e bem-sucedidos de um exército tão grande.

Quatro cabeças.

Evidentemente equivalem aos quatro chifres do macho caibro, que representavam os quatro reino (que depois se reduziram a três) que ocuparam o território conquistado fugazmente pelo Alejandro (ver com. cap. 8: 8, 20-22). Entretanto, durante alguns anos os gerais macedonios do Alejandro tentaram conservar -em teoria se não na realidade- a unidade do vasto 849 império. Alejandro morreu sem arrumar a sucessão de seu trono. Primeiro seu meio irmano Felipe, fraco mental, e depois seu filho póstumo, Alejandro, foram reis titulares sob a regência de um ou outro dos generais, e o império dividido em um grande número de províncias, as mais importantes das quais foram regidas por uns seis generais principais que atuaram como sátrapas (ver mapa A, P. 850).

Mas a autoridade central -quer dizer, os regentes dos dois reis bonecos- nunca foi o suficientemente forte para unir ao vasto império. depois de

uns doze anos de lutas internas, durante as quais o domínio de diversas zonas do território trocou de mão repetidas vezes e nos que ambos os reis foram mortos, Antígono surgiu como o último dos pretendentes ao poder central sobre tudo o império. Lhe opunha uma coalizão de quatro poderosos caudilhos: Casandro, Lisímaco, Seleuco e Ptolomeo, que tinham a intenção de dividir o território entre eles. Em 306 A. C. Antígono se declarou rei (conjuntamente com seu filho Demetrio) de toda a nação e sucessor do Alejandro. Ante isto, os quatro aliados, deixando seu título inferior de sátrapas, se declararam reis de seus respectivos territórios (ver mapa B, P. 850).

A larga luta a morte entre os defensores da unidade sob o cetro de Antígono e Demetrio e os partidários da partição entre os quatro generais foi resolvida na batalha do Ipso em 301 A. C, Antígono foi morto, Demetrio fugiu e seu território foi dividido. Com exceção de pequenos fragmentos, isto deixou em pé quatro reino independentes (ver mapa C, P. 851) em lugar do imenso império que Alejandro tinha formado mas que não havia conseguido consolidar. Ptolomeo tinha o Egito, Palestina e parte de Síria; Casandro dominava a Macedônia com soberania nominal sobre a Grécia; Lisímaco tinha Tracia e uma grande parte do Ásia Menor; e Seleuco possuía a maior parte do que havia sido o Império Persa: parte do Ásia Menor, o norte de Síria, Mesopotamia e o oriente. Demetrio, só ficou com a frota e várias cidades costeiras que não chegaram a conformar um reino, embora mais tarde deslocou aos herdeiros de Casandro e fundou a dinastia antigónida na Macedônia.

20 anos depois da divisão, os quatro se reduziram a três, porque Lisímaco foi eliminado (ver mapa D, 851). Grande parte de seu território foi tomado pelo império seléucida, mas parte foi invadida pelos galos ou se desintegrou em pequenos Estados independentes. O mais importante deles foi Pérgamo. Mas a Macedônia, Egito o território seléucida (às vezes conhecido como Síria, porque a parte oriental logo se perdeu) continuaram como as três principais divisões do ex- império do Alejandro, terá que foram absorvidas, uma a uma, pelo Império Romano.

Muitos historiadores, especialmente escritores de livros de texto, que devem eliminar os detalhes para dar uma visão globa passam por cima a divisão em quatro e só mencionam a posterior e mais duradoura divisão em três reino principais, que retiveram sua identidade até tempos do Império Romano.

Alguns tentam procurar a continuação dos quatro reino até o período romano, contando ao Pérgamo como sucessor do efêmero reino do Lisímaco. Mas se falamos de três reino principais e do reino muito menor do Pérgamo, ou de três reino mais um grupo de Estados mais pequenos, é notável que no momento crítico -quando fracassou a última esperança de manter unido ao império de Alejandro, e se fez inevitável a divisão- todo o território, exceto fragmento menores, dividiu-se em quatro reino (ver mapa C, P. 851) como o especificava a profecia (cap. 8: 22).

O império do Alejandro, mesmo que esteve dividido, ainda era uma continuação uma realização do ideal de seu fundador: um mundo grego-macedónico-asiático de povos diferentes unidos pelo idioma, o pensamento e a civilização dos gregos. Exceto a centralização política, o mundo henístico constituía uma unidade como o tinha sido sob o reinado do Alejandro, e muito mais do que jamais tinha sido antes. Isto estava representado em forma adequada por uma só besta com cabeças múltiplos (ou, em cap. 8, com chifres múltiplos). Com relação ao período helenístico e o surgimento de Roma, ver o artigo sobre o período intertestamentario no T. V.

7.

A quarta besta.

Compare-se com o ver 19. Possivelmente não havia na natureza nenhuma similitude com a qual designar a esta besta horrível, posto que não se faz nenhuma comparação como no caso das três primeiras bestas. Entretanto, não devesse haver dúvida 850

OS PRINCIPAIS TERRITÓRIOS DO IMPÉRIO DO ALEJANDRO DEPOIS DE SUA MORTE EM 323 A. C.

OS TRÊS REINO PRINCIPAIS DO IMPÉRIO DO ALEJANDRO

EM 311 A. C.

851

DIVISÃO DO IMPÉRIO DO ALEJANDRO EM QUATRO REINO, EM 301 a.C.

OS TRÊS REINO PRINCIPAIS DO IMPÉRIO DO ALEJANDRO, EM 280 A. C.

852 de que representava ao mesmo poder que está simbolizado pelas pernas de ferro da grande imagem (ver com. cap. 2: 40).

A história ensina claramente que o poder mundial que seguiu ao terceiro império desta profecia foi Roma. Entretanto, a transição foi gradual. De maneira que é impossível assinalar um acontecimento específico que indique o momento da mudança. Como já se há dito, o império do Alejandro foi dividido depois do 301 A. C. em quatro (mais tarde três) reino helenísticos (ver cap. 8: 8), e sua substituição pelo Império Romano foi um processo gradual que implicou várias etapas principais. Os escritores não estão de acordo quanto à data que assinala a hegemonia do império seguinte.

Por volta do ano 200 A. C., quando Cartago já não era mais rival (embora não foi destruída a não ser meio século mais tarde), Roma era proprietária do Mediterrâneo ocidental e tinha começado a relacionar-se com o Oriente, onde dali em adiante também chegaria a dominar. Em 197 A. C. Roma derrotou a Macedônia e pôs aos Estados gregos sob seu amparo. Em 190 Roma derrotou ao Antíoco III e tomou o território seléucida pelo este até os Montes do Touro. Em 168 A. C., na batalha da Pidna, Roma acabou com a monarquia da Macedônia, dividindo-a em quatro confederações; e possivelmente nesse mesmo ano repreendeu a Antíoco IV fazendo que abandonasse a idéia de conquistar o Egito. Em 146 A. C. Roma se anexou a Macedônia como província e pôs a maior parte das cidades gregas sob o governador da Macedônia.

Se a dominação romana do Próximo Oriente se computar da data em que os monarcas dos três reino helenísticos foram eliminados pelo poder romano, pode considerar o ano 168 como o primeiro passo desse processo. Sem embargo, os reis seléucidas e tolemaicos retiveram seus tronos até muito

depois, ficando até o ano 63 A. C. em Síria e o 30 A. C. no Egito. Se escolhem-se as datas da anexação desses três reino como províncias romanas, as datas seriam 146, 64 e 30 A. C. respectivamente. Alguns historiadores fazem ressaltar o 168 A. C. porque já para esse tempo Roma tinha conquistado Macedônia e tinha salvado ao Egito de cair em mãos do reino seléucida ao proibir a invasão do Antíoco IV. Isto demonstraria que Roma virtualmente dominava os três reino embora não tinha conquistado mais que a um deles.

Não se pode dar uma data única para um processo gradual. Seja qual for a eleição de data ou datas mais significativas que se faça, o transpasse do poder mundial a Roma fica claro, e no ano 30 A. C. se completou a absorção do território do Alejandro da Macedônia até o Eufrates. Ver o artigo sobre o período intertestamentario no T. V.

Uns dentes grandes de ferro.

Os enormes dentes metálicos falam de crueldade e força. Assim como o animal rasgava e devorava sua presa com essas presas monstruosas, assim Roma devorava as nações e povos em suas conquistas. Algumas vezes destruía cidades inteiras, como no caso de Corinto em 146 A. C.; outras vezes reino, tais como a Macedônia e os domínios seléucidas, os que eram divididos e convertidos em províncias.

As sobras pisava.

Quando Roma não destruía ou subjugava a um povo, estava acostumado a escravizar a seus habitantes ou os vendia como escravos. Na intensidade de seu poder destruidor Roma ultrapassou aos reino que previamente tinham dominado ao mundo.

Dez chifres.

Segundo a explicação, são "dez reis" (vers. 24). Se os "quatro reis" do vers. 17 representavam reino (ver vers. 23 e com. vers. 3) paralelos com os quatro impérios do cap. 2, existe a mesma razão para entender que estes "dez reis" são também reino, assim como os quatro chifres do macho caibro são "quatro reino" (cap. 8: 22). As invasões sucessivas de numerosas tribos germânicas que penetraram no Império Romano e a substituição de este por vários Estados separados ou monarquias, são feitos bem comprovados pela história. devido a que pelo menos uma vintena de tribos bárbaras invadiu o Império Romano, os comentadores confeccionaram várias listas dos reino estabelecidos no território do império. A seguinte lista é uma delas: ostrogodos, visigodos, francos, vândalos, suevos, alamanes, anglo-saxões, hérulos, lombardos e burgundios. Alguns preferem pôr aos hunos em lugar dos alamanes. Entretanto, os hunos desapareceram logo sem deixar um reino estabelecido. Este período foi de grandes transtornos, confusão e mudança, e durante ele muitos Estados obtiveram sua independência.

8.

Outro corno pequeno.

Melhor, "outros 853 corno, um pequeno". Embora pequeno ao começo, este corno é descrito posteriormente como "maior que seus companheiros". Verá-se que isto simboliza a continuação do poder romanos mediante a Igreja Romana. "Das ruínas da Roma política se levantou o grande império moral na 'forma gigante' da Igreja Romana" (A. C. Flick, The Rise of the Mediaeval Church, 1900, P. 150). Ver com. vers. 24-25.

"Sob a potestad do Império Romano as batatas não tinham poder temporário. Mas quando o Império Romano se desintegrou e seu lugar foi ocupado por vários reino rudes e bárbaros, a Igreja Católica Romana não só se independizó de esses Estados no aspecto religioso, mas sim dominó também no secular. A vezes, sob governantes tais como Carlomagno (768-814), Otón o Grande (936-973) e Enrique III (1039-1056), o poder civil teve certo predomínio sobre a igreja; mas em geral, durante o débil sistema político do feudalismo, a igreja, bem organizada, unificada e centralizada, com a batata a sua cabeça, não só era independente nos assuntos eclesiásticos mas também também controlava os assuntos civis" (Carl Conrad Eckhardt, The Papacy and World-Affairs [1937] P. 1).

Diante.

Aramaico qodam, palavra que se usa freqüentemente no Daniel, e que significa "antes no que corresponde ao tempo", ou "em presença de". A frase "diante de ele" pode interpretar-se "para dar lugar a ele".

Três chifres dos primeiros.

O "corno pequeno" é um símbolo da Roma papal. Em conseqüência, que os três chifres fossem arrancados simboliza a destruição de três das nações bárbaras. Entre os principais obstáculos que apresentaram a Roma papal em sua elevação ao poder político estiveram os hérulos, os vândalos e os ostrogodos. Os três eram defensores do arrianismo, que foi o rival mais formidável do catolicismo.

Os hérulos foram primeira das tribos bárbaras que dominaram a Roma. Constituíam tropas auxiliares germanas de Roma que se amotinaram, e em 476 d. C. depuseram ao último imperador do Ocidente, o adolescente Rómulo Augústulo. À cabeça dos hérulos e de outras tropas mercenárias estava Odoacro, quem se constituiu rei de Roma. Odoacro, que era arriano, embora tolerante para com os católicos, era odiado pelos italianos. Por sugestão do imperador Zenón, do império do Oriente, Teodorico, caudilho dos ostrogodos, foi o seguinte em invadir a Itália. Fez-o em 489, e em 493 conseguiu que Odoacro se rendesse e pouco depois o matou (ver Thomas Hodgkin, Italy and Her Invaders, T. 3, pp. 180-213).

No que se refere à Igreja Romana, a chegada do Teodorico não significou nenhuma melhoria a não ser só uma mudança de caudilhos. Teodorico era um arriano tão decidido como seu predecessor no trono da Itália. Embora concedeu tolerância a as diversas religiões de seu reino, as desmedidas ambições do pontífice romano não podiam concretizar-se em um sistema que só outorgava tolerância.

Enquanto isso os vândalos, presididos pelo Genserico, estabeleceram-se no norte da África e tinham tomado a Cartago em 439. Sendo nos arrie fanáticos e belicosos, constituíam uma ameaça para a supremacia da Igreja Católica em o Ocidente. Eram especialmente intolerantes para com os católicos, a quem chamavam hereges. Para ajudar aos católicos do Ocidente, o imperador, Justiniano, que governava a metade oriental do Império Romano desde Constantinopla, enviou ao Belisario, o mais hábil de seus generais. Belisario venceu completamente aos vândalos em 534.

devido a esta vitória, os ostrogodos ficaram na Itália como o único poder arriano sobrevivente de importância que pudesse estorvar a hegemonia do papado no Ocidente (ver Hodgkin, op. cit., T. 3, cap. 15). depois de haver

eliminado aos vândalos, Belisario, em 535, começou na Itália sua campanha contra os ostrogodos. Embora essa campanha durou vinte anos antes de que os exércitos imperiais obtiveram a vitória completa (ver Hodgkin, op. cit., T. 5, pp. 3- 66), a ação decisiva ocorreu nos começos da campanha. Os ostrogodos, que tinham sido expulsos de Roma, voltaram e a sitiaram em 537. O sítio durou todo um ano, mas em 538 Justiniano fez desembarcar outro exército na Itália, e em março os ostrogodos abandonaram o assédio (ver Hodgkin, op. cit., T. 4, pp. 73-113, 210-252; Charles Diehl, "Justinian", em Cambridge Medieval History, T. 2, P. 15). É verdade que em 540 voltaram para entrar na cidade durante um período muito curto, mas sua ocupação foi breve. Sua retirada de Roma em 538 marcou o verdadeiro fim do poder 854 ostrogodo, embora não o fora da nação ostrogoda. E assim foi "arrancado" o terceiro de os três chifres que estorvavam ao pequeno corno.

Justiniano é notável não só por seu êxito ao unir transitoriamente a Itália e países do Ocidente com a metade oriental do que tinha sido o Império Romano, mas também porque formou um código unificado ao reunir e codificar as leis que existiam então no império, inclusive novos decretos do mesmo Justiniano. Nesse código imperial estavam incorporadas duas cartas oficiais de Justiniano que tinham toda a força de um decreto real. Nelas confirmava legalmente ao bispo de Roma como "cabeça de todas as santas Iglesias" e "cabeça de todos os Santos sacerdotes de Deus" (Código do Justiniano, livro 1, título 1). Na carta posterior também elogia as atividades da batata como corretor de hereges.

Embora esse reconhecimento legal da supremacia eclesiástica da batata está datado em 533, é evidente que o decreto imperial não podia fazer-se efetivo em favor da batata enquanto o reino arriano dos ostrogodos dominasse a Roma e a maior parte da Itália. O papado estaria em liberdade de desenvolver ao máximo seu poder quando o domínio dos godos fosse quebrantado. Em 538, por primeira vez do fim da linhagem imperial do Ocidente, a cidade de Roma foi liberada da dominação de um reino arriano. Nesse ano o reino dos ostrogodos recebeu seu golpe mortal (embora os ostrogodos sobreviveram ainda alguns anos mais como povo). Por essa razão o ano 538 é uma data mais significativa que 533.

Resumindo: (1) A batata já tinha sido reconhecido em forma mais ou menos ampla (embora de maneira nenhuma em forma universal) como bispo supremo das Iglesias do Ocidente e tinha exercido considerável influencia política, de tanto em tanto, sob o patrocínio dos imperadores ocidentais. (2)Em 533 Justiniano reconheceu a supremacia eclesiástica da batata como "cabeça de todas as santas Iglesias" tanto no Oriente como Ocidente, e esse reconhecimento legal foi incorporado ao código de leis imperiais (534). (3) Em 538 o papado foi realmente liberado do domínio dos reino nos arrie, que dominaram a Roma e a Itália depois dos imperadores ocidentais. Desde esse tempo o papado pôde aumentar seu poder eclesiástico. Os outros reino se fizeram católicos, um por um, e posto que os longínquos imperadores do Oriente não retiveram o domínio da Itália, a batata surgiu freqüentemente como uma figura principal dos turbulentos acontecimentos que seguiram a este período do Ocidente. O papado adquiriu domínio territorial e finalmente alcançou o apogeu de seu dominação política tanto como religiosa na Europa (ver Nota Adicional ao final deste capítulo). Embora essa dominação veio muito mais tarde, pode achar-se o ponto decisivo em tempos do Justiniano.

Alguns pensam que é significativo que Vigilio, a batata que ocupava esse cargo em 538, tivesse substituído no ano anterior a uma batata que tinha estado sob a influência gótica. A nova batata devia seu posto à imperatriz Teodora e era

considerado pelo Justiniano como o meio para unir a todas as Iglesias de Oriente e do Ocidente sob seu domínio imperial. feito-se notar que, a partir do Vigilio, as batatas foram mais e mais estadistas de uma vez que eclesiásticos, e freqüentemente chegaram a ser governantes seculares (Charles Bemont e G. Monod, Medieval Europe, P. 121).

Este corno.

Sendo que os dez chifres representam ao Império Romano dividido depois de sua queda (ver com. vers. 7), o corno pequeno deve representar a algum poder que surgiria entre eles e tomaria o lugar de alguns desses reino (ver entrevista em com. cap. 8: 23).

Olhos.

Geralmente toma como um símbolo de inteligência. A maneira de contraste com os bárbaros, que principalmente eram analfabetos, o poder representado pelo "corno pequeno" era notável por sua inteligência, sua perspicácia e seu previsão.

Falava grandes costure.

Ver com. vers. 25.

9.

Postos.

Aramaico, remah, "colocar" ou "levantar", embora igualmente pode significar "arrojar" (cap. 3: 20; 6: 16, 24). A LXX usa títhémi, que significa "levantar", "colocar", "erigir". Mostra-se aqui uma representação do grande julgamento final que determina os destinos dos homens e das nações.

Ancião de dias.

Assim diz o aramaico; não há artigo definido. A expressão é mais uma descrição que um título. O artigo se usa nos vers. 13 e 22 como artigo de referência prévia, quer dizer que sua função é a de referir-se ao Ser já descrito. representa-se a Deus o Pai. 855

Cujo vestido.

deve-se tomar cuidado ao interpretar as representações das visões simbólicas. "A Deus ninguém viu jamais" (Juan 1: 18). Daniel só viu uma representação da Deidade. Não podemos saber até que ponto essa representação reflete a realidade. Em visão a Deidade se apresenta em várias formas, e a forma que assume geralmente corresponde ao propósito didático da visão. Em uma visão do segundo advento, Juan viu o Jesus sentado sobre um cavalo branco, vestido de uma roupa tinta em sangue e com uma espada que saía de sua boca (Apoc. 19: 11-15). Obviamente, quando nosso Salvador volte não esperamos vê-lo vestido assim, armado nem a cavalo. Entretanto, cada um de estes elementos tem um valor didático (ver com. Apoc. 19:11-15). Na visão do Daniel podemos ver nas vestimentas brancas um símbolo de pureza e nos cabelos brancos um signo de antigüidade, mas ir mais à frente do simbolismo e fazer especulações sobre a aparência daquele que "habita em luz inacessível" (1 Tim. 6:16) é entrar no terreno de uma teorización proibida (8T 279). Não podemos duvidar de que Deus é um ser pessoal. "Deus é espírito;

entretanto, é um Ser pessoal, posto que o homem foi feito a sua imagem" (3JT 262). "Ninguém especule sobre sua natureza [a de Deus]. Sobre isto o silêncio é eloqüência" (8T 279). Ver com. Eze. 1: 10 com referência à interpretação de visões simbólicas.

10.

Milhares de milhares.

Estes representam aos anjos celestiales que ministran diante do Senhor e cumprem sempre sua vontade. Os anjos desempenham uma parte importante no julgamento. São simultaneamente "ministros e testemunhas" (CS 533).

sentou-se.

Ou "começou a sentar-se". Ao Daniel lhe mostra o julgamento final em seus dois aspectos: investigador e executivo.

Durante o julgamento investigador se examinarão os registros de todos aqueles que em um tempo ou outro professaram lealdade a Cristo. A investigação não se faz para informar a Deus nem a Cristo, a não ser para informar ao universo em general, para que ao aceitar a alguns e rechaçar a outros, Deus seja vindicado. Satanás pretende que todos os homens são legalmente seus súditos. Acusa diante de Deus a aqueles por quem Jesus intercede no julgamento; mas Jesus alega o arrependimento e a fé dos acusados. Como resultado do julgamento se confecciona um registro dos que serão cidadãos do futuro reino de Cristo. Esse registro inclui os nomes de homens e mulheres de toda nação, tribo, língua e povo. Juan fala dos redimidos na terra nova como de "as nações" dos salvos (Apoc. 21: 24).

Os livros foram abertos.

Compare-se com o Apoc. 20: 12. A seguinte contagem aparece no CS 533-535: (1) O livro da vida, onde se registram os nomes de todos aqueles que hão aceito servir a Deus. (2) O livro de cor, um registro das boas obras dos Santos. (3) Um registro dos pecados dos homens. Ao comentar uma visão da fase executiva do julgamento, ao final dos 1.000 anos, faz-se a seguinte classificação: (1) O livro da vida que registra as boas obras dos Santos. (2) O livro da morte que ordem as más obras de os impenitentes. (3) O livro dos estatutos, a Bíblia, segundo cujas normas os homens são julgados. (P 52).

11.

Eu então olhava.

Daniel viu em visão profética que um acontecimento seguia rapidamente a outro. Note-a repetição das declarações "olhava eu" e "via eu" ao longo de a narração destas visões. Estas cláusulas introduzem a transição de uma cena a seguinte.

Grandes palavras.

Ver com. vers. 25.

Mataram à besta.

Isto representa o fim do sistema ou organização que simbolizava o corno. Pablo apresenta o mesmo poder sob os títulos "homem de pecado", "filho de perdição", "aquele iníquo", e fala de sua destruição quando Cristo volte (2 Lhes. 2: 3-8; cf. Apoc. 19: 19-21).

12.

Tirado às outras bestas seu domínio.

O território de Babilônia foi submetido pela Persia. Entretanto, permitiu-se que subsistissem os súditos de Babilônia. Da mesma maneira, quando Macedônia conquistou a Persia e quando Roma conquistou a Macedônia, não foram aniquilados os habitantes dos países conquistados. junto com a destruição final do poder do corno pequeno toda a terra será despovoada (ver com. vers. 11).

13.

Como um filho de homem.

Aramaico, kebar 'enash, literalmente "como filho de homem". Segundo o uso aramaico, a frase poderia traduzir-se: "como homem" (Hans Bauer e Pontus Leander, Grammatik dê Biblisch-Aramäischen [Ache, 1927], P. 315d). A LXX 856 reza Hós huiós anthrpóu, também literalmente, "como filho de homem".

Algumas das traduções castelhanas revisadas (BJ, NC) seguem esta tradução literal. Há quem tem acreditado que tal tradução diminui a majestade de nosso Redentor. A frase "filho de homem" indubitavelmente é algo indefinida. Entretanto, em aramaico tem muito significado. O aramaico, assim como outros idiomas antigos, omite o artigo quando quer dar ênfase a a qualidade e o usa quando se deseja recalcar a identidade. A ordem normal de a narração profética é que o primeiro profeta descreve o que viu, e logo se ocupa da identidade. Os dados proféticos se apresentam geralmente sem o artigo. Quando os volta a mencionar, usa-se o artigo (ver com. vers. 9). Dessa maneira se fala de "quatro bestas grandes" (vers. 3), e não "as quatro bestas grandes", mas posteriormente de "todas as bestas" (vers. 7). O Ancião de grande idade é apresentado como "Ancião de dias" (ver com. vers. 9), mas mais tarde é mencionado como "o Ancião de dias" (vers. 13, 22; ver com. vers. 9). Compare-se também, "um carneiro" e "o carneiro", "um macho caibro" e "o macho caibro" (cap. 8: 3-8), etc. Em harmonia com esta regra, o Filho de Deus é apresentado -literalmente- como "um de forma humana". Não se o aplica novamente esta expressão nesta profecia. Se assim fora, provavelmente apareceria o artigo definido. No NT a expressão "Filho do Homem" que, segundo a opinião da maioria dos comentadores, apóia-se no cap. 7: 13, aparece quase invariavelmente com o artigo.

Em vez da tradução "filho de homem", a tradução "um, de forma humana" representaria mais adequadamente a frase aramaica. Deus preferiu apresentar a seu Filho nesta visão profético pondo especial ênfase sobre sua humanidade (ver DMJ 20).

Na encarnação, o Filho de Deus tomou sobre si a forma humana (Juan 1: 1-4, 12, 14; Fil. 2: 7; Heb. 2: 14; etc.) e chegou a ser o Filho do Homem (ver com. Mar. 2: 10), unindo assim a divindade com a humanidade com um laço que nunca tinha que quebrar-se (DTG 17). Assim os pecadores arrependidos têm como seu representante ante o Pai a "um como" eles mesmos, um que foi tentado em tudo como o são eles e que se comove por suas fraquezas (Heb. 4: 15). O que

pensamento consolador!

Veio até o Ancião de dias.

Isto não pode representar a segunda vinda de Cristo a esta terra, posto que Cristo chega até o "Ancião de dias". Aqui se representa a entrada de Cristo no lugar muito santo para a purificação do santuário (CS 479, 533-534).

14.

Foi dado domínio.

No Luc. 19: 12-15 se representa a Cristo como a um nobre que empreendeu uma viagem a terras longínquas para receber um reino, e voltar. Ao final de seu ministério sacerdotal no santuário, enquanto ainda está no céu, Cristo recebe o reino de seu Pai e depois volta para a terra a procurar a seu Santos (ver CS 481; P 55, 210).

15.

Turvou.

Aramaico kerah, "estar aflito", "doente".

16.

Um dos que.

Não se identifica a este ser. Daniel está ainda em visão e o ser a quem se dirige provavelmente é um dos que ajudam no julgamento. Quando com coração sincero procuramos um melhor entendimento espiritual, o Senhor tem a alguém preparado para nos ajudar. Os anjos anseiam comunicar a verdade aos homens. São espíritos ministradores (Heb. 1: 14) comissionados Por Deus para trazer mensagens do céu à terra (Hech. 7: 53; Heb. 2: 2; Apoc. 1: 1).

17.

Quatro reis.

Ver com. vers. 3-7.

18.

Possuirão o reino.

Todos os reis e governos terrestres desaparecerão, mas o reino do Muito alto durará para sempre. A usurpação e o mau governo dos ímpios durará algum tempo, mas logo terminará. Então esta terra será devolvida a seu Dono legítimo, quem a compartilhará com os Santos. Os que durante muito tempo estiveram na pobreza e foram menosprezados pelos homens logo serão honrados e elogiados Por Deus.

Até o século, eternamente e para sempre.

A ênfase da frase faz ressaltar a idéia de perpetuidade. Não há nada transitivo na ocupação da terra restaurada. O contrato de aluguel

nunca expirará, e os habitantes viverão seguros em suas moradas próprias. "Não edificarão para que outro habite, nem plantarão para que outro vírgula", porque os "escolhidos" de Deus "desfrutarão da obra de suas mãos" (ISA. 65: 22)

19.

Saber a verdade.

Compare-se com o vers. 7. Daniel repete as especificações anteriormente descritas. Interessa-lhe especialmente a quarta besta, tão diferente das anteriores em seu aspecto e em sua atividade. Seu 857 pergunta concentra dramaticamente a atenção no grande poder perseguidor da história (ver com. vers. 24-25).

20.

maior.

Aramaico rab, "grande", "magno". " frase reza literalmente, "sua aparência grande mais que seus companheiros". Embora pequeno em seus começos, este corno pequeno cresceu até ser maior que qualquer dos outros chifres. Este poder seria superior a todos os outros poderes terrestres. Ver com. vers. 24-25 onde há uma interpretação das características aqui apresentadas.

21.

Fazia guerra contra os Santos.

Este corno pequeno representava um poder perseguidor que levava a cabo uma campanha de extermínio contra o povo de Deus (ver com. vers. 25).

Vencia-os.

Durante compridos séculos (ver com. vers. 25) os Santos pareciam indefesos ante essa força destruidora.

22.

Veio o Ancião de dias.

Daniel relata os acontecimentos na forma em que os viu em visão. A vinda do Ancião de dias quer dizer a aparição desse Ser no pano de fundo profético. Quanto ao significado destes acontecimentos, ver com. vers. 9-14.

deu-se o julgamento.

Não só se daria a falha a favor dos Santos, mas também segundo Pablo (1 Cor. 6: 2-3) e Juan (Apoc. 20: 4) os Santos ajudarão na obra do julgamento durante os 1.000 anos (CS 719).

23.

Devorará.

Ver com. vers. 7.

24.

Dez chifres.

Em relação às divisões do Império Romano, ver com. vers. 7.

Dos primeiros.

Melhor, "dos chifres anteriores". Os anteriores representavam reino seculares. O poder representado por este corno peculiar era de natureza político-religiosa. O papado é um reino eclesiástico governado por um "Pontífice"; os outros reino eram poderes seculares governados por reis.

25.

Falará palavras.

Aramaico millin (singular millah), simplesmente, "palavras". A expressão "grandes costure" (vers. 8, 20) é uma tradução do vocábulo aramaico rabreban. Millah se traduz "assunto" em cap. 2: 5, 8, 10-11, 23; 5: 15, 26; 7: 1; "palavra" nos cap. 4: 31, 33; 5: 10; 7: 11, 25, 28; "decreto" em 3: 28; 6: 12 e "resposta" em 2: 9.

Contra.

Aramaico letsad. Embora tsad significa "lado", letsad não significa, como se esperaria, "ao lado", a não ser "contra". Mas aqui pareceria significar além disso "ficar em lugar de". Ao opor-se ao Muito alto, o corno pequeno pretenderia ser igual a Deus (ver com. 2 Lhes. 2: 4; cf. ISA. 14: 12-14).

A literatura eclesiástica abunda em exemplos das pretensões arrogantes e blasfemas do papado. Exemplos típicos são os seguintes tirados de uma grande obra enciclopédica escrita por um teólogo católico do século XVIII: "A batata é de uma dignidade tão grande e é tão excelso, que não é um mero homem, a não ser como se fora Deus e o vigário de Deus...

"A batata está coroada com uma triplo coroa, como rei do céu e da terra e da regiões inferiores...

"A batata é como se fora Deus sobre a terra, único soberano dos fiéis de Cristo, chefe dos reis, tem plenitude de poder, lhe foi encomendada Por Deus onipotente a direção não só do reino terrestre mas também também do reino celestial...

"A batata tem tão grande autoridade e poder que pode modificar, explicar e interpretar até as leis divinas...

"A batata pode modificar a lei divina, já que seu poder não é de homem mas sim de Deus, e atua como vicerregente de Deus sobre a terra com o mais amplo poder de atar e soltar a suas ovelhas.

"Algo que se diga que faz o Senhor Deus mesmo, e o Redentor, isso faz seu vigário, contanto que não faça nada contrário à fé" (tradução de Lucio Ferraris, "Batata II,Prompta" Bibliotheca, T. VI, pp. 25-29).

Quebrantará.

Ou, "desgastará". Isto se descreve antes com as palavras, "este corno fazia guerra contra os Santos, e os vencia" (vers. 21). A frase descreve uma perseguição contínua e implacável. O papado reconhece que perseguiu e defende tais feitos como o legítimo exercício do poder que pretende haver recebido de Cristo. O seguinte está tirado do The Catholic Encyclopedia:

"Na bula 'Ad exstirpanda' (1252), Inocencio IV diz: 'Quando os que hajam sido condenados como culpados de heresia tenham sido entregues ao poder civil pelo bispo ou seu representante, ou a Inquisição, o podestá ou primeiro magistrado da cidade os levará imediatamente e executará as leis promulgadas contra eles, dentro do término máximo de cinco dias'... Nem podia ficar dúvida alguma quanto a quais disposições civis se indicavam, porque as passagens que ordenavam queimar aos hereges impenitentes 858 estavam incluídos nos decretos papais das constituições imperiais 'Commissis nobis' e 'Inconsutibilem tunicam'. A bula antes mencionada 'Ad exstirpanda' permaneceu dali em adiante como documento fundamental da Inquisição, renovada ou posta novamente em vigência por várias batatas, Alejandro IV (1254-61), Clemente IV (1265-68), Nicolás IV (1288-92), Bonifacio VIII (1 294-1303) e outros. portanto, as autoridades civis estavam obrigadas por as batatas, sou pena de excomunhão, a executar as sentenças legais que condenavam aos hereges impenitentes à fogueira" (Joseph Blötzer, art. "Inquisition", T. VIII, P. 34).

Pensará.

Aramaico sebar, "procurar", "tentar". Indica-se um esforço premeditado (CS 499-500).

Tempos.

Aramaico zimnin (singular, zeman), término que indica tempo fixo, como nos cap. 3: 7-8; 4: 36; 6: 10, 13, ou um lapso como nos cap. 2: 16; 7: 12. No cap. 2: 21 se dá uma sugestão quanto ao significado da expressão "trocar os tempos'. Ali se usam juntas outra vez as mesmas palavras aramaicas que significam "mudar" e "tempos". Entretanto, nessa passagem Daniel diz que é Deus quem tem a autoridade de mudar os tempos. É Deus quem rege o destino das nações. É ele quem "tira reis, e põe reis" (cap. 2: 21).
"Na palavra de Deus contemplamos detrás, em cima e entre a trama e urdimbre dos interesses, as paixões e o poder dos homens, os instrumentos do Ser misericordioso, que executam silenciosa e pacientemente os conselhos da vontade de Deus" (Ed 169). É também Deus quem determina o "tempo" (aramaico zeman) quando os Santos possuirão o reino (cap. 7: 22). O esforço do corno pequeno para mudar os tempos indicaria um esforço premeditado para exercer o direito divino de dirigir o curso da história humana.

A lei.

Aramaico dath, palavra usada para referir-se tanto à lei humana (cap. 2: 9, 13, 15; 6: 8, 12, 15) como à divina (Esd. 7: 12, 14, 21, 25-26). É evidente que aqui se faz referência à lei divina, já que a lei humana pode ser trocada segundo a vontade da autoridade civil, e tais mudanças dificilmente poderiam ser o tema da profecia. Ao investigar se o papado tiver tentado trocar as leis divinas ou não, encontramos a resposta na grande apostasia dos primeiros séculos da era cristã quando foram introduzidas numerosas doutrinas e práticas contrárias à vontade de Deus revelada nas Sagradas Escrituras. A mudança mais audaz corresponde ao dia de descanso semanal. A igreja apóstata admite sem rodeios que é responsável pela introdução do

descanso dominical, e pretende que tem o direito de fazer tais mudanças (CS 499-500). Um catecismo autorizado para sacerdotes diz: "A Igreja de Deus [é dizer, a Igreja Católica] em sua sabedoria ordenou que a celebração do dia sábado fosse transferida ao 'dia do Senhor' " (Cathechism of the Council of Trent, tradução do Donovan, Ed. 1829, P. 358). Este catecismo foi escrito por ordem do grande Concílio do Trento e publicado sob os auspícios da Batata Pio V.

Durante os tempos do NT os cristãos observaram na sábado, sétimo dia de a semana (ver com. Hech. 17: 2). " transição do sábado ao domingo foi um processo gradual que começou antes de 150 d. C. e continuou durante uns três séculos. As primeiras referências históricas que temos quanto à observância do domingo por professos cristãos aparecem na Epístola de Bernabé (cap. 15) e na Primeira apologia do Justino Mártir (cap. 67), obras que datam aproximadamente do 150 d. C. Ambas condenam a observância do sábado e insistem a observar no domingo. As primeiras referências autênticas ao domingo como "dia do Senhor" procedem de fins do século II e provêm do chamado Evangelho segundo São Pedro e de Clemente da Alejandría (Miscelâneas, V. 14).

antes da revolução judia instigada pelo Barcoquebas em 132-135 d. C.,, o Império Romano reconhecia ao judaísmo como uma religião legal e ao cristianismo como uma seita judia. Mas como resultado dessa revolução os judeus e o judaísmo se desprestigiaram. Para evitar a perseguição que seguiu, dali em adiante os cristãos trataram por todos os meios possíveis de deixar em claro que não eram judeus. Repetida-las referências que fazem os escritores cristãos dos três séculos seguintes à observância do sábado como uma prática "judaizante", junto com o fato de que não há referência histórica de a observância cristã do domingo como dia sagrado antes da revolução feijão, indicam o período compreendido entre os anos 135-150 como o tempo quando os cristãos começaram a lhe atribuir santidade de dia de repouso ao primeiro dia da semana. 859 Entretanto, a observância do domingo não substituiu imediatamente a do sábado mas sim a acompanhou e completou. Durante vários séculos os cristãos observaram ambos os dias. Por exemplo, a começos do século III, Tertuliano observou que Cristo não tinha anulado o sábado. um pouco mais tarde, nas Constituições apostólicas, livro apócrifo, (il. 36) admoestava-se aos cristãos a "guardar na sábado e a festa do dia do Senhor".

A princípios do século IV no domingo tinha alcançado uma clara preferência oficial sobre na sábado. Em seu Comentário sobre o Salmo 92 Eusebio, principal historiador eclesiástico dessa época, escreveu: "Todas aquelas coisas que era dever fazer em na sábado, transferimo-las ao dia do Senhor, como que o pertencem de maneira mais apropriada, porque este dia tem preferência e ocupa o primeiro lugar e é mais honorável que na sábado judeu".

A primeira ação oficial da Igreja Católica que expressa preferência pelo dia domingo foi tomada no Concílio da Laodicea (C. 364 d. C.). O canon 29 desse concílio estipula que "os cristãos não têm que judaizar e estar sem trabalhar em sábado, a não ser, que têm que trabalhar esse dia; mas honrarão de especial maneira o dia do Senhor, e como cristãos que são, se for possível, não farão nenhum trabalho nesse dia. Entretanto, se os encontra judaizando, serão excluídos de Cristo". Este concílio dispôs que houvesse culto no dia sábado, mas designou a esse dia como dia laborable. É digno de notar-se que esta, a primeira lei eclesiástica que ordena a observância do domingo, especifica o judaizar como a razão para evitar a observância do sábado. Além disso, a rígida proibição da observância do sábado é uma evidência de

que muitos estavam ainda 'judaizando' nesse dia. Em realidade, os escritores cristãos dos séculos IV e V com freqüência admoestam a seus correligionários contra essa prática. Por exemplo, ao redor do ano 400, Crisóstomo observa que muitos guardavam ainda na sábado à maneira judia e estavam assim judaizando.

Os registros da época também revelam que as Iglesias da Alejandría e Roma foram as principais em fomentar a observância do domingo. Por 440 d. C. o historiador eclesiástico Sócrates escreveu que "embora quase todas as Iglesias do mundo celebram os sagrados mistérios cada semana em sábado, entretanto os cristãos da Alejandría e Roma, por uma antiga tradição, deixaram que fazer isto" (Ecclesiastical History V. 22). ao redor da mesma data Sozomenos (ou Sozomeno) escreveu que "a gente de Constantinopla, e de quase todas partes, se reúne em na sábado, tanto como no primeiro dia da semana, costume que nunca se observa em Roma nem na Alejandría".

Há pois três fatos claros: (1) O conceito da santidade do domingo entre os cristãos se originou, principalmente, em seu esforço de evitar práticas que os identificassem com os judeus, e provocassem assim perseguição. (2) A igreja de Roma desde muito antigo fomentou uma preferência por no domingo; e a crescente importância que lhe deu ao domingo na igreja primitiva, a gastos do sábado, seguiu muito de perto ao crescimento gradual do poder de Roma. (3) Finalmente, a influência romana prevaleceu para fazer que a observância do domingo fosse motivo de uma lei eclesiástica, na mesma forma em que prevaleceu para estabelecer outras práticas tais como a adoração de María, a veneração dos Santos e dos anjos, o uso de imagens e as orações pelos mortos. A santidade do domingo descansa sobre a mesma base que essas outras práticas que não se encontram nas Escrituras, e que foram introduzidas na igreja pelo bispo de Roma.

Até tempo, e tempos, e meio tempo.

A palavra aramaica 'iddan, que aqui se traduz "tempo", aparece também no cap. 4: 16, 23, 25, 32. Nestas passagens a palavra 'iddan indubitavelmente significa "um ano" (ver com. cap. 4: 16). A palavra que se traduz "tempos", que também provém de 'iddan, era pontuada pelos masoretas como plural, mas os eruditos geralmente estão de acordo em que devesse pontuar-se como dual, indicando assim "dois tempos". A palavra que se traduz "médio", pelag pode também traduzir-se "metade'. Por isso, é mais aceitável a tradução da Versão Moderna: 'Um tempo, e dois tempos, e a metade de um tempo".

Ao comparar esta passagem com profecias paralelas que se referem ao mesmo período, mas designando o de outras maneiras, podemos calcular o total do tempo comprometido. No Apoc. 12: 14 se denomina a este período "um tempo, e tempos e a metade de um tempo". um pouco antes, no Apoc. 12: 6, faz-se 860 referência ao mesmo período ao dizer "mil duzentos e sessenta dias". No Apoc. 11:2-3 a expressão "mil duzentos e sessenta dias" equivale a "quarenta e dois meses". Assim fica claro que um período de três tempos e médio corresponde com 42 meses, que a sua vez são representados como 1.260 dias, e que um "tempo" equivale a 12 meses ou 360 dias. Este período pode chamar um ano profético. Entretanto, não deve confundir um ano profético de 360 dias ou 12 meses de 30 dias cada um com o ano judeu, que era um ano lunar de extensão variável (tinha meses de 29 e de 30 dias), nem com o calendário solar de 365 dias (ver T. 11, pp. 114-115). Um ano profético significa 360 dias proféticos, mas um dia profético representa um ano solar.

Esta distinção pode explicar-se assim: Um ano profético de 360 dias não é

literal a não ser simbólico. Por isso seus 360 dias são proféticos, não literais. Segundo o princípio de dia por ano, ilustrado no Núm. 14:34 e Eze. 4:6, um dia em profecia simbólica representa um ano literal. Assim um ano profético, ou "tempo", simboliza 360 anos naturais, literais, e da mesma maneira um período de 1.260 ou 2.300 ou de qualquer outra quantidade de dias proféticos representa a mesma quantidade de anos literais (quer dizer, anos revestir completos, marcados pelas estações que são controladas pelo sol). Embora o número de dias de cada ano lunar era variável, o calendário judeu se corrigia com a adição ocasional de um mês extra (ver T. II, pp. 106-107), de modo que para os escritores bíblicos -ao igual a para nós- uma larga série de anos sempre era igual ao mesmo número de anos solares naturais. Em quanto à aplicação histórica do princípio de dia por ano ver pp. 41-80.

A validez do princípio de dia por ano foi demonstrada pelo cumprimento preciso de várias profecias calculadas por este método, em particular a dos 1.260 dias e a das 70 semanas. Um período de três anos e meio contados em forma literal é completamente exíguo para cumprir os requisitos das profecias de 1.260 dias com relação ao papado. Mas quando, de acordo com o princípio de dia por ano, o período se estende a 1.260 anos, a profecia tem um cumprimento excepcional.

Em julho de 1790, trinta bispos católicos se apresentaram ante os que encabeçavam o governo revolucionário da França para protestar pela legislação que independizaba ao clero francês da jurisdição da batata e o fazia responsável diretamente ante o governo. Perguntaram se os dirigentes da revolução foram deixar livres a todas as religiões "exceto aquela que foi uma vez suprema, que foi mantida pela piedade de nossos pais e por todas as leis do Estado e foi por mil e duzentos anos a religião nacional" (A. Aulard, Christianity and the French Revolution, P. 70).

O período profético do corno pequeno começou em 538 d. C., quando os ostrogodos abandonaram o assédio a Roma, e o bispo de Roma, liberado do domínio arriano, ficou livre para exercer as prerrogativas do decreto de Justiniano de 533, e aumentar dali em adiante a autoridade da "Santa Sede" (ver com. vers. 8). Exatamente 1.260 anos mais tarde (1798) as espetaculares vitórias dos exércitos do Napoleón na Itália puseram ao batata a mercê do governo revolucionário francês, quem informou ao Bonaparte que a religião romana seria sempre a inimizade irreconciliável da república, e que "há uma coisa ainda mais essencial para alcançar o fim desejado, e isso é destruir, se for possível, o centro de unidade da igreja romana, e depende de você, que reúne em sua pessoa as mais distinguidas qualidades do general e do hábil político, alcançar essa meta se o considerar factível" (Vão., P. 158). Em resposta a essas instruções e por ordem do Napoleón, o general Berthier entrou em Roma com um exército francês, proclamou que o regime político do papado tinha concluído e levou a batata prisioneira a França, onde morreu no exílio.

A derrocada do papado em 1798 marca o pináculo de uma larga série de acontecimentos vinculados com sua decadência progressiva, e também a conclusão do período profético dos 1.260 anos. Ver a Nota Adicional ao fim deste capítulo, onde há um bosquejo mais completo do surgimento e a decadência do papado.

26.

Sentará-se o juiz.

Ver com. vers. 9-1l. O veredicto será sentença de morte para o papado. Este poder continuará sua guerra contra os Santos até o mesmo fim. Então seu domínio sobre eles será tirado para sempre, e será exterminado.

27.

Seja dado.

Aqui encontramos uma vislumbre consoladora do resultado final de toda a agitação e perseguição pela qual 861 terão acontecido os Santos. Bendito pensamento! Cristo tem que voltar logo em busca de seu Santos e os levará para que desfrutem de seu eterno reinado e galardão.

Todos os domínios.

Na terra restaurada, a morada dos justos, não haverá discórdia nem descontente. Todo o universo pulsará em completa harmonia. Todos os que serão salvos obedecerão voluntariamente a Deus e morarão em sua bendita presença para sempre.

28.

Meus pensamentos.

Ou, "minhas meditações".

Turvaram-me.

Ou, "assustaram-me".

Rosto.

Aramaico ziw, que significa, segundo alguns eruditos, "semblante", segundo outros "brilhantismo', provavelmente no sentido de "aparência". A revelação da historia futura dos Santos assombrou e entristeceu grandemente ao profeta.

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 7

O desenvolvimento da grande apostasia que culminou com o papado foi um processo gradual que abrangeu vários séculos. O declínio desse poder seguiu um processo semelhante.

Respeito ao futuro, Jesus advertiu a seus discípulos: "Olhem que ninguém vos engane", porque "muitos falsos profetas se levantarão, e enganarão a muitos", fazendo "grandes assinale e prodígios" para confirmar suas pretensões enganosas, "de tal maneira que enganarão, se for possível, até aos escolhidos" (Mat. 24: 4, 11, 24).

Pablo, falando por inspiração, declarou que se levantariam "homens que falariam " "coisas perversas para arrastar atrás de si aos discípulos" (Hech. 20: 30). O resultado ia ser uma "apostasia" durante a qual se revelaria esse poder ao qual chama "homem de pecado" e "mistério da iniqüidade" para opor-se à verdade, exaltar-se por cima de Deus e usurpar a autoridade de Deus sobre a igreja (2 Lhes. 2: 3-4, 7). Este poder que -segundo a advertência do Pablo- já estava obrando em forma limitada (vers. 7) obraria "por obra de Satanás, com grande poder e sinais e prodígios mentirosos" (vers. 9). A forma sutil de seu crescimento tinha que ser tão astutamente disfarçada que só os

que acreditassem sinceramente a verdade e a amassem. estariam a salvo de seus pretensões enganosas (vers. 10- 12).

Antes do fim do primeiro século, o apóstolo Juan escreveu que "muitos falsos profetas saíram pelo mundo" (1 Juan 4: 1), e um pouco depois que "muitos enganadores saíram pelo mundo" (2 Isto Juan, afirmou, é o "espírito do anticristo, o qual vós ouvistes que vem, e que agora já está em o mundo" (1 Juan 4: 3).

Estas predições advertiam da presença de forças sinistras que já obravam na igreja, forças que pressagiavam heresia, cisma e apostasia de proporções maiores. Pretendendo possuir privilégios e autoridade que pertencem só a Deus, e entretanto obrando mediante princípios e métodos opostos a Deus, este instrumento finalmente enganaria à maioria dos cristãos para que aceitassem sua liderança, e assim se asseguraria o domínio de a igreja (Hech. 20: 29-30; 2 Lhes. 2: 3-12).

Durante os tempos apostólicos cada congregação local escolhia seus dirigentes e dirigia-se por si mesmo. Entretanto, a igreja universal era "um corpo" em virtude da operação invisível do Espírito Santo e a direção dos apóstolos que uniam aos crentes por onde quer em "um Senhor, uma fé, um batismo" (F. 4: 3-6). Os dirigentes das Iglesias locais deviam ser homens "cheios do Espírito Santo" (Hech. 6: 3), escolhidos, capacitados e guiados pelo Espírito Santo (Hech. 13: 2), e nomeados (Hech. 6:5) e ordenados pela igreja (Hech. 13: 3).

Quando a igreja deixou seu "primeiro amor" (Apoc. 2: 4), perdeu sua pureza de doutrina, suas elevadas normas de conduta pessoal e o invisível vínculo provido pelo Espírito Santo. No culto, o formalismo deslocou à simplicidade. A popularidade e o poder pessoal chegaram a determinar mais e mais a eleição dos dirigentes, quem primeiro assumiram maior autoridade dentro da igreja local e depois tentaram estender sua autoridade sobre as Iglesias vizinhas.

A administração da igreja local sob a direção do Espírito Santo finalmente deu passo ao autoritarismo eclesiástico em poder de um sozinho magistrado, o bispo, a quem cada membro de igreja estava pessoalmente sujeito, e unicamente por cujo intermédio o crente tinha acesso à salvação. Após os dirigentes só pensaram em governar a igreja em vez de servi-la, e o "major" já não era aquele que se considerava "servo 862 de todos". Desse modo, gradualmente se formou o conceito de uma hierarquia sacerdotal que se interpôs entre o cristão como indivíduo e seu Senhor.

Segundo escritos que se atribuem ao Ignacio da Antioquía -que morreu ao redor do ano 117-, a presença do bispo era essencial para a celebração de ritos religiosos e para a condução dos assuntos da igreja. Ireneo, que morreu pelo ano 200, catalogava aos bispos das diferentes Iglesias segundo a idade e a importância das Iglesias que presidiam. Dava especial honra às Iglesias fundadas pelos apóstolos, e sustentava que todas as outras Iglesias deviam estar de acordo com a igreja de Roma em assuntos de fé e doutrina. Tertuliano (M. 225) ensinava a supremacia do bispo sobre os presbíteros: anciões escolhidos localmente.

Cipriano (M. por volta do ano 258) é considerado como o fundador da hierarquia católico-romana. Defendia a teoria de que só há uma igreja verdadeira e que fora dela não há acesso à salvação. Adiantou a idéia de que Pedro tinha baseado a igreja em Roma, e que portanto o bispo da igreja de

Roma devia ser elogiado por cima dos outros bispos, e que suas opiniões e decisões deviam prevalecer sempre. Recalcou a importância da sucessão apostólica direta, afirmou que o sacerdócio do clero era literal e ensinou que nenhuma igreja podia celebrar ritos religiosos ou atender seus assuntos sem a presença e consentimento do bispo.

Os principais fatores que contribuíram ao prestígio e finalmente à supremacia do bispo de Roma foram: (1) Como capital do império e metrópole do mundo civilizado Roma era o lugar natural para a sede de uma igreja mundial. (2) A igreja de Roma era a única no Ocidente que pretendia ter sua origem apostólica, um fato que, naqueles dias, fazia parecer como natural o que o bispo de Roma tivesse prioridade sobre os outros bispos. Roma ocupava uma posição muito honorável até antes de 100 d. C. (3) O traslado da capital política de Roma a Constantinopla realizado pelo Constantino (330) deixou ao bispo de Roma relativamente livre da tutela imperial, e desde esse tempo o imperador quase sempre apoiou as pretensões do bispo de Roma em contra das dos outros bispos. (4) Em parte o imperador Justiniano apoiou vigorosamente ao bispo de Roma e fez progredir sua causa mediante um decreto imperial que reconhecia sua supremacia sobre as Iglesias tanto do Oriente como do Ocidente. Este decreto não pôde fazer-se completamente efetivo até depois de que foi quebrantado o domínio ostrogodo sobre Roma em 538. (5) O êxito que teve a igreja de Roma ao resistir vários movimentos assim chamados heréticos, especialmente o gnosticismo e o alpinismo, deu-lhe uma grande reputação de ortodoxa, e as facções que em alguma parte estavam em luta, freqüentemente apelavam ao bispo de Roma para que fosse o árbitro de suas diferenças. (6) As controvérsias teológicas que dividiam e debilitavam a igreja no Oriente deixaram à igreja de Roma livre para que se dedicasse a problemas mais práticos e para que aproveitasse as oportunidades que surgiam a fim de estender sua autoridade. (7) O prestígio político do papado foi acrescentado por repetido-los êxitos que teve ao evitar ou mitigar os ataques dos bárbaros contra Roma, e freqüentemente em ausência de um dirigente civil, a batata cumpriu em a cidade as funções essenciais do governo secular. (8) As invasões maometanas Constituíram um impedimento para a igreja do Oriente, e assim eliminaram ao único rival de importância que tinha Roma. (9) Os invasores bárbaros do Ocidente em sua maioria já estavam nominalmente convertidos ao cristianismo, e essas invasões liberaram à batata do domínio imperial. (10) Graças à conversão do Clodoveo (496), rei dos francos, o papado dispôs de um forte exército para defender seus interesses e teve uma ajuda eficiente para converter a outras tribos bárbaras.

Fazendo profissão de cristianismo, Constantino o Grande (M. 337) vinculou a igreja com o Estado, subordinou a igreja ao Estado e fez da igreja um instrumento da política do Estado. Sua reorganização do sistema administrativo do Império Romano chegou a ser o modelo da administração eclesiástica da igreja romana e assim da hierarquia católico-romana. Mais ou menos em 343 o sínodo da Sárdica atribuiu ao bispo de Roma jurisdição sobre os bispos metropolitanos ou arcebispos. A batata Inocencio 1 (M. 417) pretendia ter uma jurisdição suprema sobre tudo o mundo cristão, mas não pôde exercer esse poder.

Agustín (M. 430), um dos grandes pais da igreja e fundador da teologia medieval, sustentava que Roma sempre havia 863 tido supremacia sobre as Iglesias. Sua obra clássica A cidade de Deus fazia ressaltar o ideal católico de uma igreja universal que regesse a um Estado universal, e isto deu a base teórica do papado medieval.

Leão I (o Grande, M. em 461) foi o primeiro bispo de Roma que proclamou que

Pedro tinha sido a primeira batata, que assegurou a sucessão do papado a partir de Pedro, que pretendeu que o primado tinha sido legado diretamente por Jesucristo, e que teve êxito na aplicação destes princípios eclesiásticos à administração papal. Leão I deu sua forma final à teoria do poder papal e fez desse poder uma realidade. O foi quem conseguiu um decreto do imperador que declarava que as decisões papais tinham força de lei. Com o apoio imperial se colocou por cima dos concílios da igreja assumindo o direito de definir doutrinas e de ditar decisões. O êxito que teve ao persuadir a Atila que não entrasse em Roma (452) e seu intento de deter Genserico (455) aumentaram seu prestígio e o do papado. Leão o Grande foi indubitavelmente um dirigente secular de uma vez que espiritual para seu povo. As pretensões ao poder temporário feitas por batatas posteriores estavam apoiadas principalmente na suposta autoridade de documentos falsificados conhecidos como "fraudes piedosas", tais como a assim chamada Doação do Constantino.

A conversão do Clodoveo, caudilho dos francos, à fé romana pelo ano 496, quando a maioria dos invasores bárbaros eram ainda nos arrie, deu ao batata um capitalista aliado político disposto a brigar as batalhas da igreja. Durante mais de doze séculos a espada da França, a "filha maior" do papado, foi um instrumento eficaz para a conversão de homens à igreja de Roma e para manter a autoridade papal.

O pontificado da batata Gregorio I (o Grande, M. em 604), o primeiro dos prelados do idade Média da igreja, assinala a transição dos tempos antigos aos medievais. Gregorio osadamente assumiu o papel, embora não o título, de imperador do Ocidente. O foi quem pôs as bases do poder papal durante a Idade Média e as posteriores pretensões absolutistas do papado datam especialmente de sua administração. Gregorio o Grande iniciou grandes atividades missionárias, as que estenderam muito a influência e a autoridade de Roma.

Quando mais de um século depois, os lombardos ameaçavam invadir a Itália, o batata recorreu a Pepino, rei dos francos, para que o socorresse. Cumprindo com este pedido, Pepino derrotou completamente aos lombardos e, em 756, entregou à batata o território que lhes tinha tomado. Essa dádiva, usualmente conhecida como Doação de Pepino, assinala a origem dos Estados Pontifícios e o começo formal do governo temporário da batata.

Do século VII ao XI, em términos gerais, o poder papal diminuiu. O próxima grande batata, e um dos maiores de todos, foi Gregorio VII (M. 1085). Proclamou que a igreja romana nunca tinha errado e nunca poderia errar, que a batata é juiz supremo, que não pode ser julgado por ninguém, que não se pode apelar de suas decisões, que só ele tem direito à comemoração de todos os príncipes e que só ele pode depor a reis e imperadores.

Durante dois séculos houve uma constante luta pela supremacia entre a batata e o imperador. Às vezes um, e outras vezes outro, obtiveram um êxito passageiro. O pontificado do Inocencio III (M. 1216) encontrou ao papado no apogeu de seu poder e durante o século seguinte esteve no cenit de sua glória. Pretendendo ser o vigário de Cristo, Inocencio III exerceu todos os privilégios que Gregorio se atribuiu mais de um século antes.

Um século depois do Inocencio III, a batata medieval ideal, Bonifacio VIII (M. 1303) tentou sem êxito reinar como o tinham feito seus ilustres predecessores. Foi a última batata que tratou de exercer autoridade universal na forma como o fazia Gregorio VII e como o tinha pretendido Inocencio III. A decadência do poder do papado se fez plenamente evidente durante o assim

chamado cativeiro babilônico (1309-1377), quando os franceses transladaram por força a sede do papado de Roma ao Avignon, na França. Pouco depois do retorno a Roma, começou o que se conhece como o grande cisma (13781417). Durante esse tempo houve pelo menos dois, e às vezes três batatas rivais, cada um ameaçando e excomungando a seus rivais e pretendendo ser a verdadeira batata. Como resultado, o papado sofreu uma irreparável perda de prestígio aos olhos dos povos da Europa. Muito antes dos tempos da Reforma, dentro e fora da Igreja Católica, levantaram-se vozes contra seus arrogantes 864 pretensões e de seus muitos abusos de poder, tanto seculares como espirituais. O ressurgimento cultural na Europa ocidental (Renascimento), era-a dos descobrimentos, o desenvolvimento de fortes Estados nacionais, a invenção da imprensa e vários outros fatores contribuíram à perda gradual do poder papal. Já ao aparecer Martín Lutero tinham ocorrido muitas coisas que escavaram a autoridade de Roma.

Durante a Reforma -que usualmente se considera que começou em 1517 quando Lutero colocou as noventa e cinco tese-, o poder papal foi expulso de grandes territórios do norte da Europa. Os esforços do papado por combater a Reforma se concretizaram na criação da Inquisição, do Índice e na organização da ordem dos jesuítas. Os jesuítas chegaram a ser o exército intelectual e espiritual da igreja para a exterminação do protestantismo. Durante quase três séculos a igreja de Roma levou a cabo uma vigorosa luta que gradualmente foi perdendo contra as forças que lutavam pela liberdade civil e religiosa.

Finalmente, durante a Revolução Francesa, a Igreja Católica foi proscrita da França: a primeira nação da Europa que tinha patrocinado sua causa, a nação que durante mais de doze séculos tinha defendido as pretensões papais e havia renhido suas batalhas, a nação onde os princípios papais tinham sido postos a prova mais plenamente que em qualquer outro país e tinham sido achados faltos. Em 1798 o governo francês ordenou ao exército que estava em Itália sob o comando do Berthier que tomasse prisioneiro à batata. Embora o papado continuou, seu poder lhe tinha sido tirado, e nunca mais esgrimiu o mesmo tipo de poder, nem na medida em que o fizesse em tempos anteriores. Em 1870 os Estados Pontifícios passaram a formar parte do reino unido de Itália, o poder temporário que o papado tinha exercido durante mais de 1.000 anos se acabou, e a batata voluntariamente chegou a ser "o prisioneiro do Vaticano" até que seu poder temporário foi restaurado em 1929. Ver com. cap. 7: 25.

Este breve esboço do crescimento do poder papal demonstra que este foi um processo gradual que abrangeu muitos séculos. O mesmo ocorreu com seu declínio. pode-se dizer que o primeiro processo se desenvolveu desde aproximadamente o ano 100 até o 756; o segundo, desde mais ou menos 1303 até 1870. O papado esteve no apogeu de seu poder do tempo do Gregorio VII (1073-85) até o do Bonifacio VIII (1294-1303). Fica pois em claro que não se podem dar datas que assinalem uma transição precisa entre a insignificância e a supremacia, ou entre a supremacia e a relativa debilidade. Da mesma maneira, como ocorre em todos os processos históricos, tanto o crescimento como a queda do papado foram processos graduais.

Entretanto, pelo ano 538 o papado estava completamente formado e obrava em todos seus aspectos essenciais, e para o ano 1798 -1260 anos mais tarde- havia perdido virtualmente todo o poder que tinha acumulado durante séculos. A inspiração tinha atribuído 1260 anos ao papado para que demonstrasse seus princípios, sua política e seus propósitos. Dessa essas maneira duas datas devessem considerar-se como princípio e fim do período profético do poder

papal.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-28 PR 402,406

2-3 CS 492

9-10 CS 533

10 CS 466, 534, 566; 1JT 520, 524, 561; NB 266; MC 325; MJ 328; P 52; PP 352, 371; 1T 100

13 CS 474; Ed 128

13-14 CS 477, 479, 533

14 CS 480

18 HAd 489; MeM 281; PP 355

22 CS 719

25 CS 55, 58, 492, 499; DTG 712; Ev 173; 3JT 393; NB 110-111; P 33; PR 133, 136-137; SR 328, 331, 382; 1T 76

27 CS 395, 671; DMJ 89; DTG 768; P 151, 280, 295; PP 167; SR 44, 403; 9T 219

28 PR 406

CONCEPÇÃO ARTÍSTICA DE UMA PARTE DA ANTIGA BABILÔNIA

BATALHA DO ISO ENTRE o ALEJANDRO MAGNO E DARÍO III

865

CAPÍTULO 8

1 A visão do Daniel do carneiro e do macho caibro. 13 Os dois mil trezentos dias de sacrifício. 15 Gabriel reconforta ao Daniel e interpreta a visão.

1 NO terceiro ano do reinado do rei Belsasar me apareceu uma visão , Daniel, depois daquela que me tinha aparecido antes.

2 Vi em visão; e quando a vi, eu estava em Suas, que é a capital do reino na província do Elam; vi, pois, em visão, estando junto ao rio Ulai.

3 Elevei os olhos e olhei, e hei aqui um carneiro que estava diante do rio, e tinha dois chifres; e embora os chifres eram altos, a gente era mais alto que o outro; e o mais alto cresceu depois.

4 Vi que o carneiro feria com os chifres ao poente, ao norte e ao sul, e que nenhuma besta podia parar diante dele, nem havia quem escapasse de seu poder; e fazia conforme a sua vontade, e se engrandecia.

5 Enquanto eu considerava isto, hei aqui um macho caibro vinha do lado do

poente sobre a face de toda a terra, sem tocar terra; e aquele macho caibro tinha um corno notável entre seus olhos.

6 E veio até o carneiro de dois chifres, que eu tinha visto na ribeira do rio, e correu contra ele com a fúria de sua força.

7 E o vi que chegou junto ao carneiro, e se levantou contra ele e o feriu, e o quebrou seus dois chifres, e o carneiro não tinha forças para parar-se diante de ele; derrubou-o, portanto, em terra, e o pisoteou, e não houve quem liberasse ao carneiro de seu poder.

8 E o macho caibro se engrandeceu sobremaneira; mas estando em seu maior força, aquele grande corno foi quebrado, e em seu lugar saíram outros quatro chifres notáveis por volta dos quatro ventos do céu.

9 E de um deles saiu um corno pequeno que cresceu muito ao sul, e ao oriente, e para a terra gloriosa.

10 E se engrandeceu até o exército do céu; e parte do exército e das estrelas jogou por terra, e as pisoteou.

11 Até se engrandeceu contra o príncipe dos exércitos, e por ele foi tirado o contínuo sacrifício, e o lugar de seu santuário foi jogado por terra.

12 E por causa da prevaricação foi entregue o exército junto com o contínuo sacrifício; e jogou por terra a verdade, e fez quanto quis, e prosperou.

13 Então ouvi um santo que falava; e outro dos Santos perguntou a aquele que falava: Até quando durará a visão do contínuo sacrifício, e a prevaricação asoladora entregando o santuário e o exército para ser pisoteados?

14 E ele disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; logo o santuário será desencardido.

15 E aconteceu que enquanto eu Daniel considerava a visão e procurava compreendê-la, hei aqui ficou diante de mim um com aparência de homem.

16 E ouvi uma voz de homem entre as ribeiras do Ulai, que gritou e disse: Gabriel, ensina a este a visão.

17 Veio logo perto de onde eu estava; e com sua vinda me assombrei, e me prostrei sobre meu rosto. Mas ele me disse: Entende, filho de homem, porque a visão é para o tempo do fim.

18 Enquanto ele falava comigo, caí dormido em terra sobre meu rosto; e ele me tocou, e me fez estar em pé.

19 E disse: Hei aqui eu te ensinarei o que tem que vir ao fim da ira; porque isso é para o tempo do fim.

20 Quanto ao carneiro que viu, que tinha dois chifres, estes são os reis de Meia e da Persia.

21 O macho caibro é o rei da Grécia, e o corno grande que tinha entre seus olhos é o primeiro rei.

22 E quanto ao corno que foi quebrado, e aconteceram quatro em seu lugar, significa que quatro reino se levantarão dessa nação, embora não com a força dele.

23 E ao fim do reinado destes, quando os transgressores cheguem ao cúmulo, se levantará um rei altivo de rosto e entendido em enigmas.

24 E seu poder se fortalecerá, mas não com força própria; e causará grandes ruínas, e 866 prosperará, e fará arbitrariamente, e destruirá aos fortes e ao povo dos Santos.

25 Com sua sagacidade fará prosperar o engano em sua mão; e em seu coração se engrandecerá, e sem aviso destruirá a muitos; e se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrantado, embora não por mão humana.

26 A visão das tardes e manhãs que se referiu é verdadeira; e você guarda a visão, porque é para muitos dias.

27 E eu Daniel fiquei quebrantado, e estive doente alguns dias, e quando convalesci, atendi os negócios do rei; mas estava espantado por causa da visão, e não a entendia.

1.

terceiro ano.

Quanto ao reinado do Belsasar, ver a Nota Adicional do cap. 5. Começando com o cap. 8, o autor volta a usar o hebreu (ver P. 777), idioma que emprega desde este ponto até o final do livro.

Antes.

Indubitavelmente aqui se faz referência à visão do cap. 7.

2.

Eu estava no Susa.En a RVA se lê "Susán" em vez de "Suas", mas esta segunda forma é a que se usa atualmente em nosso idioma. -N. do T*

debateu-se muito se o profeta esteve fisicamente presente em Suas ou se só esteve ali em visão. O contexto não implica necessariamente a presença corporal. "Vi em uma visão", ou simplesmente "Vi em visão", pode entender-se como a introdução a uma série de acontecimentos contemplados em visão sem que necessariamente existisse a presença física. Encontramos outros exemplos de profetas arrebatados em visão, mas que não foram transpostos na realidade, como os casos da "visita" do Ezequiel a Jerusalém (ver com. Eze. 8: 3) e a ida do Juan ao deserto (Apoc. 17: 3). Poderíamos mencionar também as vivencias da Elena G. do White (P 32, 39). Por outra parte, não pode provar-se que Daniel não estivesse corporalmente em Suas nessa ocasião. Não é difícil imaginar que seus viaje, já fora por motivos oficiais ou por outras razões, pudessem havê-lo levado em alguma ocasião à antiga metrópole de Elam. Se fazemos começar o 1er ano do Belsasar em 553, esta visão ocorreu quando Elam possivelmente era ainda uma província babilônico, embora passou à mãos do Ciro algum tempo antes de que este tomasse a Babilônia. Josefo afirma que o profeta estava realmente em Suas quando recebeu a visão (Antiguidades X. 11. 7).

Que é a capital do reino.

Heb. birah, "cidadela", ou "acrópoles". Em hebreu este término está justaposto a Suas. A frase pode traduzir-se "na cidadela de Suas", ou, "Suas, a praça forte" (BJ). Segundo o historiador grego Jenofonte, os reis persas mais tarde usaram esta cidade como residência de inverno e passavam o resto do ano em Babilônia ou na Ecbatana. Para mais informação sobre Suas, ver com. Est. 1:2.

Rio Ulai.

Assírio Ula, um rio não identificado. Os autores clássicos colocam a Seus junto ao Eulaeo (Karun) ou o Joaspes (Karkheh). Alguns eruditos o vêem como um canal entre os rios Joaspes e Coprates.

3.

Um carneiro... e tinha dois chifres.

O anjo mais tarde identifica este símbolo como uma representação dos reis de Meia e da Persia (vers. 20).

A gente era mais alto que o outro.

Embora surgiu mais tarde que Meia, Persia chegou a ser o poder dominante quando Ciro derrotou ao Astiages de Meia em 553 ou 550 A. C. Entretanto, os medos não eram tratados como inferiores ou como nação subjugada, mas sim mas bem como confederados. Ver com. cap. 2: 39.

4.

Ao poente.

Ciro conquistou a Luta em 547 A. C. e a Babilônia em 539. Cambises estendeu as conquista pelo sul até o Egito e Nubia em 525. Darío Histaspes foi para o norte contra os escitas em 513 (ver T. III, pp. 56-61).

O Império Meço-persa abrangia muito mais território que sua predecessora, Babilônia. Tanto êxito tiveram os exércitos persas, que em dias do Asuero (Est. 1:1) o império se estendia da Índia até Etiópia, as extremidades oriental e meridional do mundo então conhecido. Um título freqüente do monarca persa era "rei de reis" ou "rei dos países".

engrandecia-se.

Heb., "fazia grandeza", ou "fez-se grande" (BJ).

5.

Macho caibro.

identifica-se como uma representação da Grécia (vers. 21), quer dizer do império macedónico do Alejandro (ver com. cap. 7: 6). 867

Do lado do poente.

Grécia ficava ao ocidente do Império Persa.

Sem tocar terra.

Esta descrição de grande rapidez representa adequadamente a assombrosa velocidade das conquistas do Alejandro e quão completas foram (ver com. cap. 7: 6).

Um corno notável.

Segundo o vers. 21 (ver também a profecia paralela do cap. 11: 3-4), este corno notável representa ao primeiro grande rei grego, quer dizer ao Alejandro Magno (ver com. cap. 7: 6).

7.

levantou-se contra ele.

Heb. marar, que significa na forma em que aqui se encontra "enfurecer-se". A linguagem deste versículo dá uma idéia de quão completa foi a sujeição de Persia ante o Alejandro Magno e suas hostes. O poder do Império Persa foi completamente quebrantado. O país foi assolado, seus exércitos desbaratados e dispersados e suas cidades saqueadas. A cidade real do Persépolis, cujas ruínas ainda permanecem como monumento de seu antigo esplendor, foi totalmente incendiada.

8.

engrandeceu-se.

Ou "magnificou-se em grande maneira" (ver vers. 4, 9).

Estando em sua major força.

A profecia predisse que Alejandro cairia quando seu império estivesse no apogeu de seu poder. À idade de 32 anos, ainda na flor da vida, o grande caudilho morreu de uma febre agravada, sem dúvida, pela intemperança do monarca. Ver com. cap. 7: 6.

Outros quatro chifres notáveis.

Em relação aos quatro reino macedónicos (ou helenísticos) em que se dividiu o império do Alejandro, ver com. cap. 7: 6; 11: 3-4.

9.

E de um deles.

No hebreu esta frase apresenta problemas de gênero que confundem o sentido da expressão. A palavra que significa "eles" hem, é masculina. Isto indica que, gramaticalmente, o antecedente é "ventos" (vers 8) e não "chifres", posto que "ventos" pode ser do gênero masculino ou feminino, mas "chifres" só feminino. Por outra parte, a palavra que se traduz "um", 'ajath, é feminina, por isso sugere o vocábulo "chifres" como antecedente. É possível também que 'ajath se refira à palavra que significa "ventos", que é pelo general feminina. Mas é duvidoso que o autor tivesse atribuído dois gêneros diferentes ao mesmo substantivo em uma relação de contexto tão estreita. Para chegar a um acordo gramatical, a palavra 'ajath devesse ser trocada ao gênero masculino, fazendo assim que toda a frase se refira

claramente a "ventos", ou a palavra que significa "eles" devesse ser trocada ao gênero feminino, e em tal caso a referência seria ambígua, posto que "ventos" ou "chifres" poderiam ser o antecedente. Vários manuscritos hebreus têm a palavra que se traduz "eles" no gênero feminino. Se esses manuscritos refletissem o significado correto, a passagem ainda seria ambíguo.

Os comentadores que interpretam que o "corno pequeno" do vers. 9 se refere a Roma não puderam explicar satisfatoriamente como pode dizer-se que Roma surgiu de uma das divisões do império do Alejandro. Se "eles" se referem a "ventos", desaparecem todas as dificuldades. A passagem então diz simplesmente que de um dos quatro pontos cardeais surgiria outro poder. Roma veio do oeste. Na explicação literal dos símbolos da visão se diz que Roma se levantaria "ao fim do reinado destes" (vers. 23), quer dizer o "reinado" dos quatro chifres. Entretanto, o vers. 23 só se refere ao tempo quando surgiria o corno pequeno e não diz nada do lugar de seu surgimento, enquanto que o vers. 9 trata exclusivamente de sua localização.

Devesse recordar-se que o profeta está dando aqui um rápido relato dos símbolos proféticos tal como lhe foram apresentados. Não está ainda interpretando a visão. A interpretação desta parte da visão ocorre no vers. 23.
Uma regra importante que devesse seguir-se ao interpretar os símbolos das visões é atribuir uma interpretação só a aqueles elementos da representação que estavam destinados a ter um valor interpretativo. Da mesma forma que nas parábolas, necessitam-se certos elementos para completar a apresentação da ação, elementos que não necessariamente têm especial significado por si mesmos. Só a palavra inspirada pode determinar quais de eles tem valor para a interpretação. Já que neste caso a palavra inspirada (vers. 23) só fala do tempo quando teria que surgir o poder representado por este corno e não diz nada quanto a seu ponto de origem geográfica, não há razão para fazer ressaltar a frase "de um deles".

Sendo que a visão do cap. 8 é paralela com os bosquejos proféticos dos cap. 2 e 7, 868 e sendo que em ambos os casos o poder que segue a Grécia é Roma (ver com. cap. 2: 40; 7: 7), é razoável supor aqui que o "corno" do vers. 9 também se aplica a Roma. Esta interpretação está confirmada porque Roma cumpriu precisamente as diferentes especificações da visão.

Um corno pequeno.

Este corno pequeno representa a Roma em suas duas fases: pagã e papal. Daniel viu primeiro Roma em sua fase imperial e pagã quando combatia contra o povo judeu e os cristãos primitivos, e depois em sua fase papal que continua até nossos dias e se projeta para o futuro, lutando contra a verdadeira igreja. Ver com. vers. 13, 23 em relação com esta dobro aplicação.

Muito.

Heb. yéther que significa basicamente "subtraio". Em uns poucos casos este vocábulo descreve, como o faz aqui, o que transborda uma medida, no sentido de que deixa um resto. traduz-se "principal" (Gén. 49: 3), "abundantemente" (Sal. 31: 23), "muito mais excelente" (ISA. 56: 12). A palavra que se traduz "sobremaneira" em Dão. 8: 8 é-me'od, a palavra mais usualmente usada para significar "muito". No AT me'od se traduz "sobremaneira", ou "em grande maneira" (Gén. 13: 13; 15: 1; etc.). Não podemos argüir que yéther (Dão. 8: 9) representa um grau maior que me'od. Qualquer predomínio de Roma sobre a Grécia deve provar-se historicamente, não apoiando-se nestas palavras.

Ao sul.

Egito foi durante comprido tempo um protetorado virtual de Roma. Seu destino já estava em mãos de Roma em 168 A. C. quando lhe ordenou que saísse do país a Antíoco Epífanes, que estava tratando de fazer guerra contra os Ptolomeos. Egito -que ainda estava sob a administração de seus governantes tolemaicos- foi um boneco da política romana oriental durante muitos anos antes de chegar a ser uma província romana o ano 30 A. C.

Ao oriente.

O império seléucida perdeu seus territórios mais ocidentais ante Roma o 190 A. C., e finalmente se converteu na província romana de Síria o 65 A. C. ou pouco depois.

A terra gloriosa.

Heb. tsebi, "ornamento", "decoração", "glória". Aqui se faz referência a Jerusalém ou à terra da Palestina. No cap. 11: 16, 41 tsebi se traduz também "gloriosa". Entretanto nessas passagens, em hebreu está a palavra que significa "terra", enquanto que aqui esta palavra se subentende. Palestina foi incorporada ao Império Romano o 63 A. C.

10.

Exército do céu.

Daniel está ainda descrevendo o que viu em visão. Posto que posteriormente o anjo dá a interpretação (vers. 24), não ficamos em duvida respeito ao significado do que aqui se descreve. O "exército" e as "estrelas" evidentemente representam a "os fortes" e ao "povo dos Santos" (vers. 24).

Pisoteou-as.

Isto se refere à fúria com que Roma perseguiu o povo de Deus tão a miúdo através dos séculos. Nos dias dos tiranos pagãos, Nerón, Decio e Diocleciano, e novamente nos tempos papais, Roma não vacilou nunca em tratar duramente a aqueles a quem condenou.

11.

Príncipe dos exércitos.

O vers. 25 fala de que este mesmo poder se levanta contra o Príncipe dos príncipes. faz-se referência a Cristo que foi crucificado pela autoridade de Roma. Ver com. cap. 9: 25; 11: 22.

Por ele.

Heb. mimménnu, que também pode traduzir-se "procedente dele", o que não troca o fato de que "ele" seja o autor da ação. Nesta passagem o hebreu apresenta alguns difíceis problemas de tradução. Essa dificuldade se há refletido, por exemplo, na versão grega do Teodoción. A tradução da BJ é a seguinte: "Chegou inclusive até o chefe ['o mesmo Deus', em nota de pé de página] do exército, aboliu o sacrifício perpétuo e sacudiu o

alicerce de seu santuário". Observe-se que não há uma diferença básica entre "tirar" (RVR) o contínuo e "abolir" (BJ) o contínuo.

Contínuo sacrifício.

Heb. tamid, palavra que aparece 103 vezes no AT e que se usa como advérbio e como adjetivo. Significa "continuamente" ou "contínuo", e se aplica a vários conceitos tais como emprego contínuo (Eze. 39: 14), manutenção permanente (2 Sam. 9: 7-13), tristeza contínua (Sal. 38: 17), esperança contínua (Sal. 71: 14), provocação contínua (ISA. 65: 3), etc. Se usa freqüentemente com relação ao ritual do santuário para descrever vários aspectos de seus serviços regulares, tais como o "pão contínuo" que devia estar sobre a mesa dos pães da proposição (Núm. 4: 7), o abajur que devia arder continuamente (Exo. 27: 20), o fogo que devia arder sempre sobre o altar (Lev. 6: 13), as oferendas acesas que deviam 869 oferecer-se diariamente (Núm. 28: 3, 6), o incenso que tinha que oferecer-se amanhã e tarde (Exo. 30: 7-8). A palavra em sim não significa "sacrifício", a não ser simplesmente "contínuo" ou "regular".

No cap. 8: 11 tamid tem o artigo definido e portanto se usa como adjetivo sustantivado, pois não há outro substantivo: "o contínuo". No Talmud, quando tamid se usa em forma independente como aqui, a palavra se refere uniformemente ao sacrifício diário. Os tradutores que adicionaram a palavra "sacrifício" em todas as versões castelhanas da Bíblia, evidentemente acreditavam que os holocaustos cotidianos eram o tema da profecia.

Quanto ao significado de tamid nesta passagem se hão sustenido três opiniões principais:

1.Que o "contínuo" se refere exclusivamente aos sacrifícios oferecidos no templo de Jerusalém. Alguns expositores que mantêm esta opinião aplicam a supressão do "contínuo" à interrupção dos serviços do templo realizada pelo Antíoco Epífanes durante um período de uns três anos, de 168 a 165 ou 167 a 164 A. C. (Ver com. cap. 11: 14). Outros o aplicam à desolação do templo pelos romanos em 70 d. C.

2.Que o "contínuo" significa "paganismo", em contraste com "a abominação desoladora" (cap. 11: 31), ou seja o papado; que ambos os términos identificam a poderes perseguidores; que a palavra que se traduz "contínuo" se refere à dilatada continuação da oposição de Satanás à obra de Cristo por meio do paganismo; que a supressão do contínuo para pôr "a abominação desoladora" representa a Roma papal que ocupa o lugar da Roma pagã, e que este acontecimento é o mesmo que se descreve em 2 Lhes. 2: 7 e Apoc. 13: 2.

3.Que o término "contínuo" se refere ao contínuo ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial (Heb. 7: 25; 1 Juan 2: 1) e à verdadeira adoração de Cristo na era evangélica; que suprimir o "contínuo" representa a substituição feita pelo papado da união voluntária de todos os crentes em Cristo pela união obrigatória com uma igreja visível; a substituição de Cristo como cabeça invisível da igreja pela autoridade de uma cabeça visível, a batata; a substituição do acesso direto a Cristo para todos os crentes por uma hierarquia sacerdotal; a substituição da salvação pela fé em Cristo por um sistema de salvação mediante obra ordenadas pela igreja, e muito especialmente a substituição da obra mediadora de Cristo como nosso grande supremo sacerdote nas cortes celestiales pelo confessionário e o sacrifício da missa; e que este sistema desviou

completamente a atenção dos homens de Cristo e assim lhes impediu de receber os benefícios de seu ministério.

Além disso, posto que esta terceira opinião sustenta que o corno pequeno é símbolo tanto da Roma imperial como da Roma papal (ver com. vers. 9, 13), as predições respeito a suas atividades podem também entender-se como aplicáveis por igual a Roma pagã e a Roma papal. Assim o "contínuo" também pode referir-se ao templo terrestre e a seus serviços, e a supressão do "contínuo" à desolação do templo pelas legiões romanas em 70 d. C. e a conseguinte cessação dos serviços cerimoniosos. A este aspecto da atividade de "a abominação desoladora" Cristo se referiu em seu resumo dos acontecimentos futuros (ver com. Dão. 11: 31, cf. Mat. 24: 15-20; Luc. 21: 20).

Ao comentar sobre estas três opiniões pode dizer-se que a primeira fica descartada porque ao Antíoco não lhe pode se localizar dentro dos períodos que implicam tempo nem nas outras especificações da profecia (ver com. Dão. 9: 25).

Tanto a segunda interpretação como a terceira foram sustentadas por vários hábeis expositores dentro do movimento adventista, embora a última é a que atualmente tem mais aceitação. Alguns consagrados estudantes da Bíblia pensaram que o "contínuo" se refere ao paganismo e outros, igualmente consagrados, que o "contínuo" se refere ao ministério sacerdotal de nosso Senhor. Possivelmente este seja uma das passagens da Escritura respeito ao qual deveremos esperar até um dia melhor para ter uma resposta definitiva. Como ocorre com outras passagens difíceis da Escritura, nossa salvação não depende de uma compreensão plena do significado de Dão. 8: 11.

Ver nas pp. 63-68 o desenvolvimento histórico da segunda posição e da terceira.

Lugar.

Heb. makon, "sítio". Usa-se a palavra makon na frase "à casa de Deus,. . . para reedificarla em seu sítio" (Esd. 2: 68). É 870 possível que aqui se faça referência principalmente à destruição de Jerusalém (ver Dão. 9:26).

12.

Exército.

Heb. tsaba', que significa geralmente "hoste", ou "exército", e umas poucas vezes "serviço", tal como serviço militar ou trabalho forçado (ver Job 7: 1; 10: 17; 14: 14; ISA. 40: 2). Se se interpretar como "hoste" ou "exército", a predição pode referir-se às multidões que caíram sob a influência de este poder. O poder chegaria a ser forte, "mas não com força própria" (Dão. 8: 24). Ver com. Dão. 10: 1.

Jogou por terra a verdade.

O papado recarregou a verdade com tradições e a obscureceu com superstições.

13.

Até quando?

Heb., "Até quando a visão, o contínuo e a transgressão desoladora dar o santuário e o exército [a] pisadela?"

Contínuo sacrifício.

Ver com. vers. 11.

A prevaricação asoladora.

Este término abrange tanto o sistema pagão como o sistema papal de falsa religião em conflito com a religião de Deus (ver com. vers. 9, 11).

Santuário.

Ver com. vers. 14.

Exército.

Ver com. vers. 10.

14.

E ele disse.

LXX, Teodoción e o siríaco rezam "a ele".

Tardes e manhãs.

Heb. 'éreb bóqer, literalmente "tarde amanhã", uma expressão comparável com a descrição dos dias da criação, "a tarde e a manhã um dia" (Gén. 1: 5), etc. A LXX usa a palavra "dias" depois da expressão "tarde e amanhã".

Tratando de fazer coincidir aproximadamente este período com os três anos durante os quais Antíoco IV assolou o templo, alguns computaram habilmente a expressão "2.300 tarde- amanhã" como se só correspondesse com 1.150 dias literais.

A respeito disto, Keil advertiu que o período de 2.300 tardes e manhãs de nenhuma maneira poderia ser entendido como "2.300 meios dias nem como 1.150 dias inteiros porque na criação a tarde e a manhã não constituíam a metade de um dia a não ser todo o dia". depois de citar esta declaração, Edward Young diz: "Por isso devemos entender a frase como 2.300 dias" (The Prophecy of Daniel, P. 174).

Os comentadores trataram sem êxito de encontrar algum acontecimento histórico que se amolde a um período de 2.300 dias literais. Wright observa: "Entretanto, todos os esforços para harmonizar este período, já se o considere como de 2.300 dias ou de 1.150 dias, com qualquer época histórica precisa que se mencione no livro dos Macabeos ou no Josefo, foram inúteis... O Prof. Driver tem razão ao afirmar: 'Parece impossível encontrar dois acontecimentos separados por 2.300 dias (=6 anos e 4 meses) que corresponderiam com a descrição' " (Charles H. H. Wright, Daniel and His Prophecies, 1906, pp. 186-187). A única forma em que se pode dar consistência a estes "dias" é computá-los no sentido profético mediante a aplicação do princípio de dia por ano.

O tempo ao qual se faz referência aqui é específico e definido, mas no

cap. 8 não se indica nenhuma data para seu começo. Entretanto, no cap. 9 menciona-se especificamente tal data (ver com. vers. 25). Demonstraremos que esta data é 457 A. C. Partindo desta data, os 2.300 dias proféticos que representam o mesmo número de anos revestir (ver com. cap. 7: 25), chegam até o ano 1844 d. C. Se se deseja uma prova bíblica, ver o com. cap. 9: 21 onde dá-se uma explicação da visão do cap. 8: 13-14, estabelecendo o ponto de partida dos 2.300 dias ou anos. Em relação à validez da data 457 A. C., ver com. cap. 9: 25.

Na P. 61 ver o comentário sobre uma edição da LXX aonde figura "2.400" em vez de "2.300", que antes se citava freqüentemente mas é meramente um engano de impressão.

Santuário.

Posto que os 2.300 anos se projetam até bem avançada a era cristã, o santuário não pode referir-se ao templo de Jerusalém que foi destruído no ano 70 d. C. O santuário do novo pacto é inequivocamente o santuário celestial, "que levantou o Senhor, e não o homem" (Heb. 8: 2; CS 463 - 470). Cristo é o supremo sacerdote deste santuário (Heb. 8: 1). Juan previu um tempo quando se dirigiria especial atenção para "o templo de Deus, e o altar, e aos que adoram nele" (Apoc. 11: 1). Os símbolos que usa o revelador som notavelmente parecidos com os que se empregam em Dão. 8: 11-13.

Será desencardido.

Do hebreu tsadaq, "ser justo", "ser reto". A forma nifal, nitsdaq, só aparece aqui, o que pode sugerir que se deva dar a este término um significado especial. Os lexicógrafos e tradutores sugerem vários significados, tais como "ser posto 871 em retidão", ou "ser posto em uma condição correta", "ser retificado", "ser declarado reto', "ser justificado', ou "ser vindicado'. A tradução "será desencardido" é a forma em que aparece na LXX que aqui usa a forma verbal katharisthesetai. Não se sabe se os tradutores da LXX deram um significado adaptado ao vocábulo hebreu nitsdaq ou traduziram de manuscritos que tinham outra palavra hebréia, possivelmente tahar, que significa "estar limpo", "limpar". A Vulgata usa a forma mundabitur, que também significa "limpo". Ver com. cap. 9: 24.

Para ajudar a determinar a qual acontecimento relacionado com o santuário celestial se faz referência aqui, será útil examinar as cerimônias do santuário terrestre, porque os sacerdotes desse santuário serviam "ao que é figura e sombra das coisas celestiales" (Heb. 8: 5). As cerimônias do santuário do deserto e do templo estavam divididas em dois grupos principais: o culto jornal e o anual. O ministério diário de Cristo como nosso supremo sacerdote estava simbolizado pelas cerimônias diárias. O dia anual da expiação era símbolo de uma obra que Cristo devia empreender ao final da história. Para um estudo detalhado destas duas fases do ministério sacerdotal ver com. Lev. 16; ver também CS 470 - 485. A profecia de Dão. 8: 14 anuncia o tempo quando devia começar esta obra especial. A purificação do santuário celestial abrange toda a obra do julgamento final que começa com a fase da investigação e termina com a fase da execução, que dá como resultado a erradicação permanente do pecado do universo.

Um aspecto importante do julgamento final é a vindicação do caráter de Deus ante todas as inteligências do universo. Deve demonstrar-se que não têm nenhuma base as acusações falsas que Satanás apresentou contra o governo de Deus. deve-se mostrar que Deus foi completamente justo ao

escolher a certos indivíduos para que formem parte de seu reino futuro e ao impedir a entrada de outros ali. Os atos finais de Deus arrancarão dos homens estas confissões: "Justos e verdadeiros som seus caminhos" (Apoc. 15: 3); "Justo é você, OH Senhor" (Apoc. 16: 5); "seus julgamentos são verdadeiros e justos" (Apoc. 16: 7). Satanás mesmo será impulsionado a reconhecer a justiça de Deus (CS 728 - 730). A palavra grega dessas passagens do Apocalipse que se traduz por "Justo" é díkaios, equivalente ao Heb. tsaddiq, derivado de tasadaq, raiz do verbo que se traduz "será desencardido" em Dão. 8: 14. Desta maneira o Heb. tasadaq pode transmitir o pensamento adicional de que o caráter de Deus será completamente vindicado como o clímax de "a hora de seu julgamento" (Apoc. 14: 7), o qual começou em 1844. Ver Problems in Bible Translation (Problemas na tradução da Bíblia), pp. 174 - 177.

15.

Procurava compreendê-la.

Daniel não compreendeu o significado do que tinha visto. Muitas vezes os mesmos portadores de uma mensagem profética precisam estudá-lo para descobrir seu significado (1 Ped. 1: 10-12). É o dever do profeta relatar fielmente o que viu e ouvido (cf. Apoc. 1: 11).

16.

Gabriel.

No AT o nome Gabriel só aparece aqui e no cap. 9: 21. O NT relata a aparição deste ser celestial para anunciar o nascimento do Juan o Batista (Luc. 1: 11-20), e também para anunciar a María o nascimento do Mesías (Luc. 1: 26-33). O visitante angélico disse de si mesmo: "Eu sou Gabriel, que estou diante de Deus" (Luc. 1: 19). Gabriel ocupa o lugar do qual caiu Satanás (DTG 643; cf. DTG 73). Gabriel foi também o portador dos mensagens proféticas ao Juan (Apoc. 1: 1; cf. DTG 73). Ver com. Luc. 1: 19.

17.

O tempo do fim.

A visão abrangia até o tempo quando o poder desolador seria destruído, acontecimento relacionado com a vinda do Jesus (2 Lhes. 2: 8).

Quando se buscar uma interpretação dos símbolos dessa visão, débito recordar-se que os últimos acontecimentos representados na visão se cumprirão ao final da história deste mundo. Qualquer exposição que encontre seu completo cumprimento durante um período anterior, como por exemplo o tempo dos Macabeos (ver com. cap. 8: 25), não enche cabalmente as especificações indicadas pelo anjo e deve considerar-se errônea e enganosa.

19.

Ao fim da ira.

Ver com. vers. 17.

20.

Carneiro.

Ver com. vers. 3-4.

21.

Macho caibro.

Heb. Ña'ir, como adjetivo, peludo", "lanzudo"; como essencial, "macho caibro" (Gén. 37: 31; Lev. 4: 23, etc.). Em relação à interpretação, ver com. Dão. 8: 5.

Corno grande.

É um símbolo do Alejandro Magno, o "primeiro rei" do Império 872 mundial Grego-macedónico que teria que substituir ao Império Persa (ver com. vers. 5-8; cap. 7: 6).

22.

Quatro reino.

Comparar com vers. 8; cap. 11: 4. Ver com. cap. 7: 6 em relação aos reino helenísticos que surgiram do império do Alejandro. O cumprimento preciso de estes detalhes da visão nos garante que o que tem que seguir se cumprirá na forma predita.

23.

Ao fim do reinado.

Quer dizer depois que as divisões do império do Alejandro tivessem existido durante algum tempo. O Império de Roma surgiu gradualmente e chegou à supremacia só depois que se debilitaram as divisões do Império Macedónico. A profecia se aplica a Roma em suas duas formas, pagã e papal. Parece haver uma combinação de aplicações; alguns elementos se aplicam a ambas, outros mais especificamente a uma ou outra (ver com. cap. 8: 11). É um feito histórico bem estabelecido que Roma papal foi, em boa medida, a continuação do Império Romano.

"Quaisquer tenham sido os elementos romanos que os bárbaros e nos arrie deixaram,... foram... postos sob o amparo do bispo de Roma, que era a pessoa principal ali depois do desaparecimento do imperador.. Dessa maneira a igreja romana silenciosamente se abriu passo no lugar do Império Romano mundial, do que em realidade é a continuação. O império não pereceu a não ser que só sofreu uma transformação... Isto não é meramente uma 'observação aguda', a não ser o reconhecimento histórico do verdadeiro estado de coisas e a forma mais apropriada e frutífera de descrever o caráter desta igreja. Ainda governa às nações... É uma criação política, e tão imponente como um império mundial porque é a continuação do Império Romano. A batata, que se autodenomina 'Rei' e 'Pontífice Máximo', é o sucessor de Cessar" (Adolfo Harnack, What Is Christianity? [Nova Iorque, G. P. Putnam's Sons, 1903], pp. 260-270, o itálico é do original).

Transgressores.

Nas versões gregas se lê "pecados", tradução do hebreu trocando os

pontos masoréticos.

Cheguem ao cúmulo.

Pode fazer-se referência aqui a várias nações, ou possivelmente em forma especial a quão judeus enchem a taça de sua iniqüidade (ver Gén. 15: 16; Ed. 169-172).

Levantará-se.

Quer dizer assumirá o poder.

Altivo de rosto.

Provavelmente se faz alusão ao Deut. 28: 49-55.

Enigmas.

Heb. Jidah, "figura", como no Núm. 12: 8 e Eze. 17: 2; "enigma", como no Juec. 14: 12; "pergunta", como em 1 Rei. 10: 1. Alguns acreditam que o significado aqui é "linguagem ambígua", ou "trato arteiro".

24.

Não com força própria.

Compare-se com "foi entregue o exército" (vers. 12). Alguns interpretam que isto se refere a que o papado reduziu o poder civil a um estado de subordinação e fez que a espada secular se esgrimisse para seus propósitos religiosos.

Causará grandes ruínas.

Melhor, "causará destruição espantosa". Este poder perseguiu morte aos que opunham-se a suas pretensões blasfemas e teria extinto ao "povo dos Santos" se o Senhor não tivesse intervindo em seu favor.

25.

Sagacidade.

Ou "astúcia". Os métodos desta potência são a sutileza e o engano levados a um grau supremo.

Sem aviso.

Quer dizer, enquanto muitos estivessem confiados, acreditando que viviam seguros, seriam destruídos inadvertidamente.

Príncipe dos príncipes.

Evidentemente é o mesmo personagem que se designa como "príncipe dos exércitos" no vers. 11 e não é outro a não ser Cristo. Foi um governador romano quem sentenciou a Cristo a morte. Foram mãos romanas as que o cravaram a a cruz e uma lança a que atravessou seu flanco.

Não por mão humana.

Isto implica que o Senhor mesmo finalmente destruirá a este poder (ver cap. 2: 34). O sistema eclesiástico representado por este poder tem que continuar até que seja destruído sem mãos humanas em ocasião da segunda vinda de Cristo (ver 2 Lhes. 2: 8).

Alguns comentadores declararam que o poder do "corno pequeno" do cap. 8 simboliza ao Antíoco Epífanes (ver com. cap. 11: 14). Entretanto, um cuidadoso exame desta profecia demonstra que esse perseguidor rei seléucida só em parte corresponde com as especificações que nela se fazem. Os quatro chifres do macho caibro (cap. 8: 8) eram reino (vers. 22), e é natural esperar que o corno pequeno tivesse sido também um reino. Mas Antíoco só foi um rei do império seléucida, e em conseqüência simbolicamente, foi parte de um corno. portanto, não podia ser outro corno completo. Além disso, este corno se engrandeceu por volta do 873 sul, ao este e a terra gloriosa de Palestina (vers. 9). A entrada do Antíoco no Egito acabou em humilhação frente aos romanos. Seus êxitos na Palestina foram de curta duração, e seu campanha no Oriente foi interrompida por sua morte. Sua política de impor o helenismo fracassou rotundamente, e sua sagacidade não lhe trouxe uma prosperidade notável (vers. 22).

Além Antíoco não viveu ao final (vers. 23) dos reino helenísticos divididos, a não ser para a metade do período; dificilmente se poderia atribuir seu poder a outro elemento a não ser a sua própria força (vers. 22); sua sagacidade e seu política fracassaram mais freqüentemente do que prosperavam (vers. 25); não se levantou contra nenhum "Príncipe dos príncipes" judeu (vers. 25); sua ação de jogar a verdade por terra (vers. 12) foi transitiva e fracassou totalmente porque foi um motivo para que os Judeus defendessem sua fé contra o helenismo. Embora falou palavras altivas, oprimiu ao povo de Deus e durante um curto tempo profanou o templo, e embora se poderiam aduzir alguns outros pontos parcialmente verdadeiros respeito a suas atividades, é evidente que não encontramos no Antíoco um cumprimento adequado de muitas das especificações desta profecia. Ver com. vers. 14; cap. 9: 25; 11: 31.

26.

Tardes e manhãs.

É uma clara referência à profecia do vers. 14, onde figura o elemento tempo (ver os comentários ali). No momento o anjo não faz mais elucidações quanto à visão dos 2.300 dias, a não ser simplesmente faz ressaltar sua veracidade.

E você guarda.

Compare-se com uma indicação similar registrada em cap. 12: 4 (ver os comentários ali).

Muitos dias.

O cumprimento dos diversos detalhes da visão deste capítulo se estenderia até o longínquo futuro.

27.

Eu Daniel fiquei quebrantado.

É indubitável que Daniel estava muito aflito pelos acontecimentos que o tinham sido revelados. Em vez de predizer um fim imediato da prevaricação, Gabriel informou ao profeta que o fim ocorreria em um futuro distante.

Não a entendia.

Em outra oportunidade se daria ao Daniel informação adicional (ver com. cap. 9: 23).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-27 PR 402, 406

12 P 742

13-14 PR 406

14 CS 372, 376, 400, 450, 461, 469, 476, 479, 510, 540; Ev 166; NB 64, 70, 306; P 42, 54, 63, 243, 250, 253; SR 369, 375, 377; IT 52, 58.

16 DTG 201

26-27 PR 406 27 CS 372

CAPÍTULO 9

1 Daniel, considerando o tempo da Cautividad, 3 confessa os pecados, 16 e ora pela restauração de Jerusalém. 20 Gabriel lhe instrui a respeito das setenta semanas.

1 NO primeiro ano do Darío filho do Asuero, da nação dos medos, que deveu ser rei sobre o reino dos caldeos,

2 no primeiro ano de seu reinado, eu Daniel olhei atentamente nos livros o número dos anos de que falou Jehová ao profeta Jeremías, que tinham que cumpri-las desolações de Jerusalém em setenta anos.

3 E voltei meu rosto a Deus o Senhor, lhe buscando em oração e rogo, em jejum, cilício e cinza.

4 E orei ao Jehová meu Deus e fiz confissão dizendo: Agora, Senhor, Deus grande, digno de ser temido, que guardas o pacto e a misericórdia com os que lhe amam e guardam seus mandamentos;

5 pecamos, cometemos iniqüidade, fizemos impíamente, e fomos rebeldes, e nos apartamos que seus mandamentos e de seus regulamentos.

6 Não obedecemos a seus servos os profetas, que em seu nome falaram com nossos reis, a nossos príncipes, a nossos pais e a todo o povo de a terra.

7 Tua é, Senhor, a justiça, e nossa a confusão de rosto, como no dia de hoje leva todo homem do Judá, os moradores 874 de Jerusalém, e tudo Israel, os de perto e os de longe, em todas as terras aonde os jogaste por causa de sua rebelião com que se rebelaram contra ti.

8 OH Jehová, nossa é a confusão de rosto, de nossos reis, de nossos

príncipes e de nossos pais; porque contra ti pecamos.

9 Do Jehová nosso Deus é o ter misericórdia e o perdoar, embora contra
ele nos rebelamos,

10 e não obedecemos à voz do Jehová nosso Deus, para andar em suas leis que
ele pôs diante de nós por meio de seus servos os profetas.

11 Todo o Israel transpassou sua lei apartando-se para não obedecer sua voz; pelo qual
tem cansado sobre nós a maldição e o Juramento que está escrito na lei
do Moisés, servo de Deus; porque contra ele pecamos.

12 E ele cumpriu a palavra que falou contra nós e contra nossos
Chefes que nos governaram, trazendo sobre nós tão grande mal; pois nunca
foi feito debaixo do céu nada semelhante ao que se feito contra
Jerusalém.

13 Conforme está escrito na lei do Moisés, todo este mal veio sobre
nós; e não imploramos o favor do Jehová nosso Deus, para
nos converter de nossas maldades e entender sua verdade.

14 portanto, Jehová velou sobre o mal e o trouxe sobre nós; porque justo
é Jehová nosso Deus em todas suas obras que tem feito, porque não obedecemos a
sua voz.

15 Agora pois, Senhor nosso Deus, que tirou seu povo da terra do Egito
com mão poderosa, e te fez renome qual o tem hoje; pecamos,
fizemos impíamente.

16 OH Senhor, conforme a todos seus atos de justiça, com exceção de se agora sua ira e você
furor de sobre sua cidade Jerusalém, seu santo monte; porque por causa de nossos
pecados, e pela maldade de nossos pais, Jerusalém e seu povo são o
oprobio de todos em nosso redor.

17 Agora pois, Nosso deus, ouça a oração de seu servo, e seus rogos; e faz
que seu rosto resplandeça sobre seu santuário assolado, por amor do Senhor.

18 Inclina, OH meu Deus, seu ouvido, e ouça; abre seus olhos, e olhe nossas
desolações, e a cidade sobre a qual é invocado seu nome; porque não
elevamos nossos rogos ante ti confiados em nossas justiças, a não ser em vocês
muitas misericórdias.

19 Ouça, Senhor; OH Senhor, perdoa; disposta ouvido, Senhor, e faz-o; não demore, por
amor de ti mesmo, Meu deus; porque seu nome é invocado sobre sua cidade e
sobre seu povo.

20 Ainda estava falando e orando, e confessando meu pecado e o pecado por mim
povo o Israel, e derramava meu rogo diante do Jehová meu Deus pelo monte
santo de meu Deus;

21 ainda estava falando em oração, quando o varão Gabriel, a quem tinha visto
na visão ao princípio, voando com presteza, veio para mim como à hora do
sacrifício da tarde.

22 E me fez entender, e falou comigo, dizendo: Daniel, agora saí para
te dar sabedoria e entendimento.

23 Ao princípio de seus rogos foi dada a ordem, e eu vim para ensinar-lhe isso porque você é muito amado. Entende, pois, a ordem, e entende a visão.

24 E setenta semanas estão determinadas sobre seu povo e sobre sua Santa cidade, para terminar a prevaricação, e pôr fim ao pecado, e expiar a iniqüidade, para trazer a justiça perdurável, e selar a visão e a profecia, e ungir ao Santo dos Santos.

25 Sabe, pois, e entende, que da saída da ordem para restaurar e edificar a Jerusalém até o Mesías Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; voltará-se a edificar a praça e o muro em tempos angustiantes.

26 E depois das sessenta e duas semanas se tirará a vida ao Mesías, mas não por si; e o povo de um príncipe que tem que vir destruirá a cidade e o santuário; e seu fim será com inundação, e até o fim da guerra durarão as devastações.

27 E por outra semana confirmará o pacto com muitos; na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferenda. Depois com a multidão das abominações virá o desolador, até que venha a consumação, e o que está determinado se derrame sobre o desolador.

1.

O primeiro ano do Darío.

Em relação à identidade e a data do Darío de Meia, ver a Nota Adicional do cap. 6. Estranha vez o primeiro-ministro de um país vencido é designado pelo vencedor como um alto funcionário, mas 875 tal foi o caso do Daniel. Devido a sua integridade e a suas habilidades, os persas não o mataram mas sim o localizaram-se em um cargo elevado.

2.

Olhei atentamente nos livros.

Embora estava ocupado com os assuntos do Estado, o profeta não deixou de estudar a Palavra de Deus. Evidentemente Daniel estava perplexo sobre como relacionar o que lhe tinha sido revelado na visão do cap. 8 com os acontecimentos do futuro imediato: o retorno dos judeus ao final dos 70 anos (Jer. 29: 10). Ver com. Dão. 9: 21.

Setenta anos.

Em relação à localização destes anos, ver o T. III, pp. 99- 100. Esse período quase tinha terminado. Não é de sentir saudades que a atenção do Daniel se tivesse fixado nessa profecia concernente ao tempo. Estava ansioso de que o Senhor não demorasse a liberação de seu povo cativo.

3.

lhe buscando em oração.

Embora o Senhor tinha prometido a liberação de seu povo no tempo designado, Daniel conhecia a natureza condicional de muitas das promessas de Deus (ver Jer. 18: 7-10). Pode ter temido que a impenitência de seu

povo pudesse adiar o cumprimento da promessa (SL 48). Além disso, a visão de Dão. 8 predizia uma desolação adicional para o santuário e para a cidade. O profeta deve ter ficado profundamente perplexo por sua falta de compreensão da visão de "as tardes e manhãs" (cap. 8: 26).

4.

Orei.

Os vers. 4-19 registram uma das mais notáveis orações do AT. É uma oração em trabalho do povo de Deus, oferecida por um sincero suplicante.

Deus grande, digno de ser temido.

Compare-se com o Neh. 1: 5; 9: 32. A palavra que se traduz "digno de ser temido" (Heb. nora') significa "que inspira pavor" ou "reverenciado" (ver com. Sal. 111: 9).

Que guardas o pacto.

Daniel começa sua oração com um reconhecimento da fidelidade de Deus. Deus nunca deixa de cumprir suas promessas. É um Deus fiel a seus pactos. Cumprirá seu parte do acordo. Se o pacto falhar, é por culpa do homem (ver Heb. 8: 8).

Amam-lhe.

O amor a Deus e a observância de seus mandamentos sempre vão juntos. Se admoesta aos que amam a Deus que demonstrem esse amor guardando seus mandamentos (Juan 14: 15). Um requisito essencial acompanha ao outro. O amor a Deus trará como resultado a obediência alegre e voluntária. Ao final do tempo a verdadeira igreja se distinguirá por sua obediência dos mandamentos (Apoc. 12: 17).

5.

pecamos.

Compare-se com 1 Rei. 8: 47; Sal. 106: 6. Daniel se identifica com seu povo. Não há em sua oração nada de justiça própria.

6.

Os profetas.

Tinha sido o dever dos profetas chamar a atenção do povo a seu descuido dos preceitos divinos, e também dar instruções em casos de emergência ou crise. Mas os israelitas tinham ignorado quase totalmente a direção que tão bondosamente Deus lhes tinha dispensado. O pecado do povo não se devia a ignorância a não ser a desobediência voluntária.

7.

Justiça.

Daniel faz contrastar a justiça de Deus com a injustiça do Israel. Em todo seu trato com os homens em geral e com o Israel em particular, Deus sempre manifestou justiça.

9.

O ter misericórdia e o perdoar.

Literalmente, "as compaixões e os perdões". Apesar da rebelião e de a apostasia do Israel, Daniel seguia confiando em que o Senhor, por seu grande misericórdia, estava sempre disposto a perdoar aos que fossem a ele com coração contrito. Com essa confiança Daniel roga a Deus em favor do povo de Israel. Apresenta a compaixão de Deus em contraste com a pecaminosidad do povo.

11.

Tem cansado.

Moisés havia predito que descenderia uma maldição sobre todos os que voluntariamente desobedecessem a lei de Deus (Lev. 26: 14-41; Deut. 28: 15-68). Isso era só o que mereciam.

Servo de Deus.

Ao Moisés lhe aplica o mesmo título no Deut. 34: 5 e Jos. 1: 13.

13.

Conforme está escrito.

Ver Deut. 29: 21,27.

14.

Velou.

Heb. shaqad, que significa "estar alerta", "estar acordado".

15.

Tirou seu povo.

Daniel cita a extraordinária liberação dos filhos do Israel da escravidão egípcia e base sua petição no grande ato de misericórdia realizado pelo Senhor em ocasião do êxodo.

16.

Justiça.

"Justiças" (BJ). Em hebreu o substantivo está em plural, o que sem dúvida sugere os muitos atos de justiça que Deus tinha feito em favor de seu povo. Daniel não apresenta sua súplica apoiando-se em alguma bondade de seu povo; como base de sua petição, entrevista as ações bondosas do Senhor para com Israel em tempos passados. 876

Seu santo monte.

Israel devesse ter sido uma luz para todo mundo (ver com. 2 Sam. 22: 44,

50; 1 Rei. 8: 43; 2 Rei. 23: 27), mas por sua rebelião obstinada, Jerusalém e Israel eram agora objeto de brincadeira e recriminação entre as nações da terra.

17.

Faz que seu rosto resplandeça.

Expressão que significa "olhar com favor" (ver Núm. 6: 25).

Santuário.

Os pensamentos do Daniel estavam centrados no santuário de Jerusalém. Durante os muitos anos do cativeiro a cidade e o santuário tinham jazido em ruínas, e agora o tempo da reconstrução estava perto.

19.

Não demore.

Heb. 'estragar, "demorar", "vacilar". Daniel está ansioso de que a liberação prometida não se adie mais. O Senhor se deleita em que nós lhe roguemos assim, lhe pedindo que apresse sua salvação prometida.

21.

Gabriel.

Ver cap. 8: 15-16. Este é o mesmo ser que tinha explicado as três primeiras seções da visão do cap. 8. Agora volta com o propósito de completar sua tarefa atribuída.

Alguns comentadores não viram a estreita relação entre os cap. 8 e 9, e por isso não compreenderam a relação entre os 2.300 "dias" do cap. 8 e as 70 "semanas" do cap. 9. Entretanto, o contexto requer precisamente esta relação, como o demonstram os seguintes feitos:

1. Todos os símbolos da visão do cap. 8: 2-14, excetuando os 2.300,"dias" dos vers. 13-14, explicam-se cabalmente no mesmo capítulo 8: 15-26 (CS 371-372). Na verdade, nos vers. 24-25 se explica todo o tema de os vers. 13 e 14, exceto o assunto do tempo. No vers. 26 Gabriel menciona o fator tempo, mas interrompe sua explicação antes de dizer algo mais (ver mais adiante a explicação N.° 3).

2. Daniel sabia que os 70 anos do cativeiro predito pelo profeta Jeremías estavam por finalizar (cap. 9: 2; ver T. III, pp. 93-95, 97-100; com. Jer. 25: 11).

3. Daniel não entendia o período de 2.300 dias, a única parte da visão que não tinha sido explicada ainda (cap. 8: 27; ver a explicação N.° 1), e evidentemente temia que implicasse uma prolongação do cativeiro e que continuasse a desolação do santuário (ver cap. 9: 19). Sabia que a promessa de restauração era condicional e dependia do sincero arrependimento de Israel (SL 48; ver T. IV, P. 36).

4. A perspectiva de uma terrível perseguição durante o transcurso dos 2.300 "dias" (Dão. 8: 10-13, 23-25) era mais do que podia suportar o ancião Daniel, e como resultado foi "quebrantado" e esteve "doente alguns dias"

(cap. 8: 27; CS 372). Por isso o anjo interrompeu a explicação da visão.

5. Durante o intervalo que precedeu à volta do anjo (cap. 9: 21) Daniel voltou a estudar as profecias do Jeremías para obter uma compreensão mais clara do propósito divino respeito ao cativeiro (ver T. IV, P. 33), especialmente com relação aos 70 anos (cap. 9: 2).

6. Depois de chegar à conclusão de que a transgressão da maioria dos israelitas era a causa do que ele evidentemente tomou como uma prolongação dos 70 anos (ver explicação N.° 3), Daniel intercedeu muito fervorosamente ante Deus pedindo perdão, o retorno dos cativos exilados e a restauração do santuário de Jerusalém que estava desolado (ver cap. 9: 3-19). Sua oração termina com uma reiteração do pedido de que Deus perdoasse os pecados da nação e que não demorasse a promessa da restauração (vers. 19).

7. Note-se particularmente que a parte da visão do cap. 8 que havia ficado sem explicar, predizia que o "santuário" e o "exército" seriam "pisoteados" (vers. 13-14, 24) durante um período de 2.300 "dias". Em seu oração Daniel roga a Deus que o tempo do cativeiro não se estenda (vers. 16-19). Uma cuidadosa comparação entre a oração do cap. 9 e o problema do cap. 8 deixa em claro, sem lugar a dúvidas, que Daniel tinha neste conta problema enquanto orava. Pensava que a visão dos 2.300 "dias" de desolação do santuário e perseguição do povo de Deus implicava que Deus ia adiar ou "demorar" a restauração (cap. 9: 19).

8. Em resposta a esta oração, Gabriel, que tinha sido enviado para explicar a visão do cap. 8 (cap. 8: 15-19) mas que ainda não tinha terminado a explicação (ver a explicação N.° 4), saudou o Daniel com o anúncio: "Agora saí para te dar sabedoria e entendimento" (cap. 9: 22).

9. Com toda claridade, a explicação do cap. 9: 24-27 é a resposta do céu à oração do Daniel (vers. 23), e a solução do problema que motivou a oração (ver as 877 explicações N.° 6 e N.° 7). Compare-a ordem original dada ao Gabriel para que explicasse a visão ao Daniel (cap. 8: 16) com a renovação da ordem quando orou Daniel (cap. 9: 23), e a ordem dada por Gabriel ao Daniel de entender e conhecer (cap. 8: 17, 19), com expressões similares no cap. 9: 23.

10. Note-se especialmente que ao Daniel lhe disse que entendesse a "ordem" e a "visão" (cap. 9: 23), quer dizer, a visão que tinha visto .o princípio" (vers. 21). Isto só pode referir-se à visão do cap. 8: 2-14, já que não deu-se nenhuma outra visão desde aquela. Comparem-nas palavras "ensina a este a visão" (cap. 8: 16) com "entende a visão" (cap. 9: 23).

11. Dessa maneira o contexto esclarece, sem dúvida nenhuma, que a explicação do cap. 9: 24-27 é uma continuação que completa a explicação começada no passagem do cap. 8: 15-26, e que a explicação da passagem do cap. 9: 24-27 trata exclusivamente da parte não explicada da visão, quer dizer do fator tempo dos 2.300 "dias" do cap. 8: 13-14. Em ambos os casos o anjo é Gabriel (cap. 8: 16; 9: 21), o tema é idêntico e o contexto demonstra que a última parte da explicação do cap. 9 toma o fio da explicação no ponto em que foi deixada no cap. 8.

Com presteza.

Quão reconfortante é saber que o céu está perto da terra. Sempre que

necessitamos ajuda e a pedimos, o Senhor envia a um santo anjo para que venha a nos socorrer sem demora.

Veio para mim.

Heb. naga', que pode significar meramente "alcançou" ou "aproximou-se de". Não podemos assegurar qual significado tem aqui.

Sacrifício.

Heb. minjah. Na lei esta levítica é a palavra comum que indica uma oferenda de cereais. Uma oferenda especificada de "flor de farinha" acompanhava ao sacrifício da tarde e da manhã (Núm. 28: 3-8). Daniel evidentemente orava à hora quando no templo correspondia o sacrifício vespertino.

22.

Entender.

refere-se sem dúvida à visão mencionada no cap. 8: 26-27, a qual "não se podia compreender" (cap. 8: 27, BJ). Daniel não podia entender a relação entre os 70 anos de cativeiro preditos pelo Jeremías (Jer. 29: 10) e os 2.300 dias (anos) que teriam que passar antes da purificação do santuário. Se desvaneceu quando o anjo lhe disse que a visão seria para "muitos dias" (Dão. 8: 26).

23.

Entende a visão.

Uma referência à .visão das "demore e manhãs" (cap. 8: 26). Em seus últimas palavras ao Daniel em ocasião de sua visita prévia, Gabriel declarou que a visão das 2.300 demore era "verdadeira". De modo que no cap. 9: 24, o divino instrutor começa por onde terminou no cap. 8: 26.

24.

Setenta semanas.

Esta expressão pareceria ser uma introdução um tanto inesperada, mas o anjo tinha vindo com o propósito específico de fazer entender ao Daniel a visão. Imediatamente começou a lhe explicar.

A palavra que aqui se traduz "semana", shabua', descreve um período de sete dias consecutivos (Gén. 29: 27; Deut. 16: 9; Dão. 10: 2). No seudoepigráfico Livro dos Jubileus, ao igual a na Mishna, usa-se shabua' para indicar um período de sete anos. Evidentemente aqui se trata de semanas de anos e não semanas de dias, pois no cap. 10: 2-3 quando Daniel quer especificar que as semanas às que ali se refere são semanas de sete dias, o hebreu diz explicitamente "semanas de dias". As 70 semanas de anos seriam 490 anos literais, sem necessidade de que a estes lhes volte a aplicar o princípio profético de dia por ano (ver com. Dão. 7: 25).

Estão determinadas.

Heb. jathak, palavra que na Bíblia só aparece aqui. usa-se em hebreu postbíblico e seu significado é "cortar", "separar", "determinar", "decretar".

A LXX usa krínó, "decidir", "julgar", etc. A versão do Teodoción usa suntémnó, "cortar", "abreviar", etc., significado que se reflete na Vulgata sob a palavra abbreviare. Deve determinar o matiz exato de significado pelo contexto. Já que o cap. 9 é uma exposição da parte que não explicou-se da visão do cap. 8 (ver com. cap. 9: 3, 21-23), e posto que a parte não explicada tinha que ver com os 2.300 dias, é lógico concluir que as 70 semanas, ou 490 anos, teriam que ser "atalhos" desse período mais largo. Além disso, faltando provas contrárias, pode deduzir-se que as 70 semanas seriam cortadas a partir do começo desse período. Vista à luz destas observações, a tradução de jathak como "cortar" parece muito apropriada. Posto que os 490 anos estavam especialmente atribuídos aos Judeus respeito a seu 878 papel como povo escolhido de Deus, as traduções "determinar" e "decretar" também são apropriadas neste contexto.

Seu povo.

Os 490 anos se aplicavam especialmente à nação judia.

Para terminar.

Heb. lekalle' da raiz kala', "reprimir". A passagem pode referir-se ao poder restritivo que Deus exerceria sobre as forças do mal durante o período concedido aos Judeus. Entretanto, 40 manuscritos hebreus rezam lekalleh, forma que claramente provém de kalah, "completar". Se kalah for a raiz, a passagem se refere evidentemente ao feito de que dentro deste período os Judeus encheriam a taça de sua iniqüidade. Deus tinha suportado comprido tempo aos israelitas. Tinha-lhes dado muitas oportunidades, mas eles continuamente estalavam-no (ver pp. 34-35).

Pôr fim ao pecado.

Esta frase pode ter um significado paralelo com a que precede, "terminar a prevaricação". Alguns expositores notam que a palavra que aqui se traduz "pecado" (Heb. jatta'oth ou jatta'th, segundo alguns manuscritos e os masoretas) pode significar "pecados" ou "oferenda pelo pecado". Das 290 vezes que se usa a palavra jatta'th no AT, 155 vezes significa "pecado" e 135 vezes "oferenda pelo pecado". Se o significado que se desejava dar era "oferenda por o pecado", poderia dá-la seguinte interpretação: Quando Cristo, no Calvário, chegou a ser a realidade simbolizada (antitipo) pelos sacrifícios efetuados no santuário, já não foi mais necessário que o pecador trouxesse seu oferenda pelo pecado (ver Juan 1: 29). Entretanto, a forma plural jatta'oth quase invariavelmente descreve pecados, e só uma vez, a menos que esta também seja uma exceção, significa oferenda pelos pecados (Neh. 10: 33).

Expiar a iniqüidade.

Heb. kafar vocábulo que geralmente se traduz "fazer expiação", cujo sentido básico é "cobrir" (ver Exo. 30: 10; Lev. 4: 20; etc.). Mediante seu sacrifício vigário, Cristo obteve a reconciliação para todos os que aceitam seu sacrifício.

Justiça perdurável.

Cristo não veio à terra só para fazer que os pecados fossem apagados. Veio para reconciliar ao homem com Deus. Veio para que fora possível imputar e repartir sua justiça ao pecador arrependido. Quando os homens o aceitam, ele confere-lhes o manto de sua justiça, e eles aparecem na presença de Deus

como se nunca tivessem pecado (DC 62). Deus ama às almas arrependidas e crentes assim como ama a seu Unigénito, e devido a Cristo as aceita em seu família. Mediante sua vida, morte e ressurreição, Cristo tem feito que a justiça eterna esteja a disposição de todo filho do Adão que, com fé singela, esteja disposto a aceitá-la.

Selar.

Evidentemente não se usa aqui com o sentido de "fechar", mas sim de "confirmar" ou "ratificar". O cumprimento das predições relacionadas com o primeiro advento do Mesías no tempo especificado pelas profecias nos assegura que os outros elementos da profecia, em particular os 2.300 dias proféticos, cumprirão-se com a mesma precisão.

Santo dos Santos.

Heb. gódesh godashim, "algo muito santo" ou "alguém muito santo". A frase hebréia aplica-se ao altar (Exo. 29: 37; 40: 10), a outros utensílios e móveis pertencentes ao tabernáculo (Exo. 30: 29), ao perfume santo (Exo. 30: 35-36), oferendas especificadas de alimento (Lev. 2: 3, 10; 6: 17; 10: 12), oferenda por o pecado (Lev. 7: 1, 6), o pão da proposição (Lev. 24: 5-9), coisas consagradas (Lev. 27: 28), ao recinto santo (Núm. 18: 10; Eze. 43: 12), e ao lugar muito santo do santuário (Exo. 26: 33-34). Em nenhuma parte se aplica esta frase a pessoas, a menos que, como sugerem alguns, a aplique assim neste caso e em 1 Crón. 23: 13. Este último texto pode traduzir-se, "Aarón foi separado para ungi-lo como pessoa muito santo", embora possa também traduzir-se como na RVR. Alguns expositores Judeus e muitos comentadores cristãos hão sustenido que se faz referência ao Mesías.

Já que não se pode demonstrar que esta frase se refere em outros casos definidamente a uma pessoa e já que se está falando do santuário celestial nos aspectos mais amplos da visão (ver com. Dão. 8: 14), é razoável inferir que Daniel fala aqui do unção do santuário celestial antes do tempo do começo da obra de Cristo como supremo sacerdote.

25.

A saída da ordem.

Quando foi dada esta visão, Jerusalém e o templo ainda estavam em ruínas. O céu anuncia que se daria uma ordem para reconstrui-los e restaurá-los, e que desde essa data passaria um número determinado de anos até o Mesías desejado portanto tempo.

No livro do Esdras se registram três 879 decretos referentes à repatriação dos judeus: O primeiro no primeiro ano do Ciro, ao redor do 537 A. C. (Esd. 1: 1-4); o segundo durante o reinado do Darío I, pouco depois do 520 (Esd. 6: 1-12); o terceiro no 7° ano do Artajerjes, 458/457 A. C. (Esd. 7: 1-26). Há informações adicionais no T. III, pp. 100-108.

Em seus decretos, nem Ciro nem Darío dispuseram medidas efetivas para a restauração do Estado civil Judeu como uma unidade completa, embora na profecia do Daniel se prometia uma restauração do governo religioso e do governo civil. O decreto do sétimo ano do Artajerjes foi o primeiro que deu ao Estado judeu completa autonomia, sob o domino persa.

Um dos papiros de dobro data descoberto na colônia Judia de

Elefantina, Egito (ver T. III, pp. 106-111), foi escrito no ano de ascensão ao trono do Artajerjes em janeiro do 464 A. Este C. é o único documento judeu desse ano que se conheça. Comparando-o com outros registros antigos, pode-se deduzir que, mediante o cômputo judeu, o "começo de seu reinado" ou "ano ascensões" (ver T. II, pp. 141-143) começou depois do Ano Novo Judeu de 465 A. C. e terminou no seguinte Ano Novo judeu, em setembro-outubro do 464 A. C. Então, seu "primeiro ano" (seu primeiro ano calendário completo) teria ido desde setembro-outubro do 464 A. C. até setembro-outubro do 463 A. C. O 7° ano do Artajerjes se estenderia então, do outono (setembro-outubro) do 458 A. C. até o outono do 457 A. C. As disposições do decreto não foram levadas a cabo até depois de que Esdras voltou de Babilônia, o que ocorreu entre julho e setembro do 457 A. C. Ver no T. III, pp. 103-108, um estudo do Esd. 7 e a precisão histórica da data 457 A. C. como 7° ano do Artajerjes. Ver um estudo completo do tema no S. H. Horn e L. H. Wood, The Chronology of Ezra 7 (Ed. rev. 1970).

Mesías.

Heb. mashíaj, do verbo mashaj, "ungir". portanto, mashíaj descreve a um "ungido" tal como o supremo sacerdote (Lev. 4:3, 5, 16), os reis do Israel (1 Sam. 24: 6,10; 2 Sam. 19: 21), Ciro (ISA. 45: 1), etc. A versão grega de Teodoción traduz a palavra mashíaj literalmente, Jristós, palavra que vem do verbo jríÇ, "ungir", e portanto significa simplesmente "ungido". "Cristo" é uma trasliteración de jristós. Na história judia posterior se aplicou o término mashíaj ao Libertador esperado que teria que vir (ver Juan 1: 41; 4: 25-26).

Daniel predisse que o Mesías Príncipe desejado portanto tempo teria que aparecer em um tempo especificado. A este tempo se referiu Jesus quando declarou: "O tempo se cumpriu" (Mar. 1: 15; DTG 200). Jesus foi ungido em ocasião de seu batismo no outono [do hemisfério norte] do ano 27 d. C. (Luc. 3: 21-22; Hech. 10: 38; cf. Luc. 4: 18).

Príncipe.

Ver com. cap. 11: 22.

Sete semanas, e sessenta e duas semanas.

A forma natural de calcular estas semanas é as considerar como consecutivas, quer dizer que as 62 semanas começam ao finalizar as 7 semanas. Estas divisões compõem as 70 semanas, mencionadas no vers. 24 desta maneira: 7 + 62 + 1 = 70. Em relação à última semana, ver com. vers. 27.

Começando no outono (setembro-outubro) do 457 A. C., quando entrou em vigência o decreto, as 69 semanas proféticas, ou 483 anos, chegam até o batismo do Jesus no ano 27 d. C. Se tem que notar que se se houvessem computado os 483 anos começando do princípio do 457 A. C., houvessem-se estendido até o final do ano 26 d. C., porque o período de 483 anos requer 457 anos A. C. completos mais 26 anos d. C. completos. Posto que o período começou muitos meses depois do começo de 457 A. C., teria que terminar o mesmo número de meses depois do fim do 26 d. C., quer dizer o 27. Isto se deve a que os historiadores (a diferença dos astrônomos) nunca contam um ano zero (ver T. 1, P. 187). Alguns se perguntaram como Cristo pôde ter começado sua obra em 27 d. C. quando o registro diz que tinha ao redor de 30 anos quando começou seu ministério público (Luc. 3: 23). Isto se

débito a que quando se calculou pela primeira vez a era cristã, houve um engano de uns quatro anos. É evidente que Cristo não nasceu no ano 1 d. C. posto que quando nasceu ainda vivia Herodes o Grande, e Herodes morreu no ano 4 A. C. (Mat. 2: 13-20).

Alguns expositores modernos interpretam de uma forma completamente diferente estes períodos. O "mesías" é identificado como Ciro, Zorobabel ou o supremo sacerdote Josué (ver Esd. 3: 2; Zac. 3: 1, 3; 6: 11-13). Alguns consideram que "a ordem para restaurar e edificar a Jerusalém" é a profecia dada por meio do Jeremías de que Jerusalém seria 880 reconstruída (Jer. 29: 10). Esses expositores acreditam que esta "ordem" ficou em vigência em 586 A. C., o ano de a destruição de Jerusalém, e que as "sete semanas", ou seja 49 anos, chegam aproximadamente até o decreto do Ciro. Além disso esses expositores mantêm que as 62 semanas, ou 434 anos, chegam até a era dos Macabeos. O pacto da septuagésima semana o entendem como a união do Antíoco com os judeus apóstatas. Traduzem "na metade da semana" (Dão. 9: 27) como "meia semana" (ver com. cap. 9: 27) e aplicam a "meia semana" à profanação do templo feita pelo Antíoco desde 168 até 165 A. C. (1 MAC. 1: 54; 4: 52-53). Os tradutores desta escola de interpretação usam outra pontuação possível em Dão. 9: 25 para favorecer esta idéia.

Como já o demonstramos, só uma distorção das cifras cronológicas permite que esses expositores cheguem aos acontecimentos que segundo eles cumprem os requisitos proféticos. Quando essas cifras se aplicam. a Cristo, seu ministério e sua morte, e a predicación do Evangelho aos judeus, obtém-se uma perfeita sincronização. Ver com. cap. 8: 25.

Voltará-se a edificar.

Alguns intérpretes dão especial importância ao período de "sete semanas", ou seja 49 anos, pois afirmam que representa o tempo durante o qual se completaria a construção da praça e do muro. Entretanto, a informação histórica deste período é muito escassa. sabe-se pouco das condições existentes em Jerusalém do tempo do Artajerjes até o do Alejandro. O que pode saber-se em apóie à Bíblia e os documentos históricos é fragmentário.

Plaza.

Heb. rejob, "um lugar amplo".

Muro.

Heb. jaruts. usa-se com este sentido só aqui no AT. No hebreu da Mishnah significa "uma sarjeta". Em acadio a palavra significa "fosso da cidade". "Muro" é a tradução da versão grega do Teodoción e da Vulgata.

Tempos angustiantes.

Ver uma breve historia deste período no T. III, pp. 75-81.

26.

depois das sessenta e duas semanas.

mataria-se ao Mesías depois deste período e não durante ele. Esta expressão não

tem por objeto fixar o tempo exato quando ocorreria o calamitoso acontecimento da morte do Mesías. Isso se faz no vers. 27, onde esse sucesso se localiza "na metade da semana".

Tirará-se a vida.

Segundo esta declaração profética, o Mesías não apareceria como o esperavam os judeus, como glorioso vencedor e emancipador. Em troca, seria morto em forma violenta.

Não por si.

"Não será dele" (BJ). Literalmente, "e não há para ele". O significado desta frase não é claro. A BJ acrescenta em nota de pé de página: "Texto escuro". Hão-se sugerido muitos significados possíveis, tais como," e não terá nada", "não será", "e não houve ajudante para ele".

E o povo.

A tradução que aparece na margem de algumas Bíblias: "e eles [os judeus] não serão mais seu povo", carece de fundamento pois não corresponde com o hebreu.

A cidade e o santuário.

prediz-se aqui que o templo e a cidade de Jerusalém seriam puídos. Isto o cumpriram os romanos no 70 d. C. Os soldados romanos tomaram tochas e deliberadamente as puseram na parte de madeira do interior do templo, o que produziu sua completa destruição. Em vez de "o povo de um príncipe que há de vir" a LXX reza "rei de nações".

Com inundação.

Quer dizer, no sentido de ser entristecedor (ver ISA. 8: 7-8).

Durarão as devastações.

Esta passagem poderia traduzir-se literalmente, "até o fim [haverá] guerra, uma determinação de ruínas".

27.

Outra semana.

Esta semana, a septuagésima, começou em 27 d. C. ao iniciar o ministério público de Cristo em ocasião de seu batismo. estendeu-se além da crucificação em "a metade da semana", ocorrida na primavera (março-abril) do 31 d. C., até o rechaço dos judeus como povo do pacto, no outono do 34 d. C. (490 anos depois de 457 A. C. nos leva a 34 d. C.; ver com. vers. 25 quanto à maneira de fazer cômputo). A "vinha" foi então arrendada "a outros lavradores" (Mat. 21: 41; cf. ISA. 5: 1-7; CS 375, 462). Durante 31/2 anos as autoridades de Jerusalém toleraram a predicación de os apóstolos, mas finalmente seu rancor se traduziu no apedrejamento de Esteban, o primeiro mártir cristão, e a perseguição geral que se desatou então contra a igreja. Até esse tempo os apóstolos e outros missionários cristãos parecem ter limitado principalmente suas atividades às proximidades de Jerusalém (ver Hech. 1: 8; 8: 1).

Posto que as 70 semanas, ou 490 anos, são parte do período mais comprido de 2.300 anos e posto que os primeiros 490 anos desse período 881 se estendem até o outono do 34 d. C., é possível calcular a data da terminação dos 2.300 anos. Somando a 34 d. C. os 1.810 anos restantes dos 2.300 anos se chega até o outono de 1844 quando o santuário devia ser "desencardido" (ver com. cap. 8: 14).

Advirta-se também que o cumprimento das predições da profecia de as 70 semanas era para "selar a visão" (vers. 24), quer dizer a visão do período mais comprido dos 2.300 dias (ver com. vers. 21). O cumprimento preciso dos acontecimentos preditos para a septuagésima semana, que estão relacionados com o ministério e a crucificação de nosso Senhor, dá-nos uma prova incontestável da certeza dos acontecimentos ao final dos 2.300 dias.

Confirmará o pacto com muitos.

A pessoa de quem se fala aqui é o Mesías dos versículos anteriores. Se interpreta-se assim o versículo, a profecia das 70 semanas ou 490 anos aparece como uma unidade coerente e contínua. As declarações feitas acham um cumprimento exato em tempos do Mesías. A confirmação do pacto com muitos pode considerar-se como a continuação da nação judia como povo escolhido de Deus durante o período chamado. Por outra parte a "confirmação" pode ser a do pacto eterno (ver com. cap. 11: 28).

Na metade.

Heb. jatsi, palavra que significa "metade" (Exo. 24: 6; 25: 10, 17; etc.) ou "médio" (Exo. 27: 5; 38: 4; etc.); o contexto determina o sentido específico. Várias das versões mais recentes dizem "médio". Essa tradução se apóia em a hipótese de que o contexto fala do Antíoco Epífanes, quem durante uns três anos, suprimiu os serviços do templo de Jerusalém. Mas Antíoco não calça na cronologia profética. Não pode ser o tema desta predição. Como já se demonstrou, os períodos proféticos alcançam até o tempo do Mesías e o cumprimento deve encontrar-se em seu tempo.

A metade da semana seria a temporada da páscoa do 31 d. C., 3 1/2 anos depois do batismo de Cristo no outono do 27 d. C. Ver com. Mat. 4: 12 em relação à prova de que esta foi a duração do ministério público de

Cristo. Ver no Problems in Bible Translation, pp. 184- 187, um estudo das palavras "médio" e "metade".

Cessar.

Os sacrifícios acharam seu cumprimento no sacrifício voluntário de Cristo, ao que tinham simbolizado. A ruptura do véu do templo feita por uma mão invisível no instante da morte de Cristo foi o anúncio do céu de que os sacrifícios e as oblações tinham perdido seu significado.

Multidão.

Literalmente, "asa". Aqui se representa poeticamente ao desolador como levado sobre a asa das abominações. Isto se refere, ao menos em parte, aos horrores e as atrocidades que os romanos cometeram contra a nação judia em o ano 70 d. C.

Consumação.

Quer dizer, o final do que teria que acontecer à nação judia. Triste foi a sorte dos que rechaçaram sua esperança de salvação.

Desolador.

Na RVA e a VM diz "assolado", mas é melhor "desolador". O desolador mesmo seria finalmente destruído (ver com. Mat. 23: 38).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1PR 408

2 PR 406

3-9 PR 407

4-6 ECFP 59

5 ECFP 61

5-7 5T 636

15 CS 524

16 PR 407

16-17 ECFP 61

17-19 PR 407

18 CS 524

18-19 ECFP 61

19 3TS 386

20 CS 524

21 ECFP 62

22-23 CS 372

23 FÉ 87; PR 407; 5T 635

24 3JT 150

24-25 DTG 200; PR 514

24-27 CS 370, 372, 400

25 CS 358, 373, 393, 395; DTG 23, 73, 532; PR 408

27 CS 375; DTG 200; PR 515 882

CAPÍTULO 10

1 Daniel, havendo-se humilhado, vê uma visão. 10 Aflito pelo temor é consolado por um anjo.

1 NO terceiro ano do Ciro rei da Persia foi revelada palavra ao Daniel, chamado Beltsasar; e a palavra era verdadeira, e o conflito grande; mas ele compreendeu a palavra, e teve inteligência na visão.

2 Naqueles dias eu Daniel estive aflito por espaço de três semanas.

3 Não comi manjar delicado, nem entrou em minha boca carne nem vinho, nem me ungi com ungüento, até que se cumpriram as três semanas.

4 E nos dia vinte e quatro do primeiro mês estava eu à borda do grande rio Hidekel.

5 E elevei meus olhos e olhei, e hei aqui um varão vestido de linho, e rodeados seus lombos de ouro do Ufaz.

6 Seu corpo era como de berilo, e seu rosto parecia um relâmpago, e seus olhos como tochas de fogo, e seus braços e seus pés como de cor de bronze brunido, e o som de suas palavras como o estrondo de uma multidão.

7 E só eu, Daniel, vi aquela visão, e não a viram os homens que estavam comigo, mas sim se apoderou deles um grande temor, e fugiram e se esconderam.

8 Fiquei, pois, eu sozinho, e vi esta grande visão, e não ficou força em mim, antes minha força se trocou em desfalecimento, e não tive vigor algum.

9 Mas ouvi o som de suas palavras; e para ouvir o som de suas palavras, caí sobre meu rosto em um profundo sonho, com meu rosto em terra.

10 E hei aqui uma mão me tocou, e fez que me pusesse sobre meus joelhos e sobre as Palmas de minhas mãos.

11 E me disse: Daniel, varão muito amado, está atento às palavras que lhe falarei, e te ponha em pé; porque a ti fui enviado agora. Enquanto falava isto comigo, pu-me em pé tremendo.

12 Então me disse: Daniel, não tema; porque do primeiro dia que dispôs seu coração a entender e a te humilhar na presença de seu Deus, foram ouvidas suas palavras; e por causa de suas palavras eu vim.

13 Mas o príncipe do reino da Persia me opôs durante vinte e um dias; mas hei aqui Miguel, um dos principais príncipes, veio para me ajudar, e fiquei ali com os reis da Persia.

14 vim para te fazer saber o que tem que vir a seu povo nos últimos dias; porque a visão é para esses dias.

15 Enquanto me dizia estas palavras, estava eu com os olhos postos em terra, e emudecido.

16 Mas hei aqui, um com semelhança de filho de homem tocou meus lábios. Então abri minha boca e falei, e pinjente ao que estava diante de mim: meu senhor, com a

visão me sobrevieram dores, e não fica força.

17 Como, pois, poderá o servo de meu senhor falar com meu senhor? Porque ao instante me faltou a força, e não ficou fôlego.

18 E aquele que tinha semelhança de homem me tocou outra vez, e me fortaleceu,

19 e me disse: Muito amado, não tema; a paz seja contigo; te esforce e te respire. E enquanto ele me falava, recuperei as forças, e pinjente: Fale meu senhor, porque fortaleceste-me.

20 O me disse: Sabe por que vim a ti? Pois agora tenho que voltar para brigar contra o príncipe da Persia; e ao terminar com ele, o príncipe de Grécia virá.

21 Mas eu te declararei o que está escrito no livro da verdade; e nenhum ajuda-me contra eles, a não ser Miguel seu príncipe.

1.

O terceiro ano do Ciro.

Contando da queda de Babilônia, já fora pelo ano da primavera ou de outono, isto teria ocorrido o ano 536/535 A. C. (ver com. Dão. 10: 4, também com. Esd. 1: 1). Evidentemente Daniel estava já chegando ao final de sua vida (ver Dão. 12: 13); tinha 88 anos se considerarmos que era um jovem de 18 anos quando foi levado cativo (ver 4T 570) em 605 A. C. (ver com. cap. 1: 1). Dão. 10: 1 começa a seção final do livro. O cap. 10 apresenta as circunstâncias que rodeavam ao Daniel em ocasião de sua quarta grande profecia, registrada nos 883 cap. 11 e 12. A parte principal da narração profética começa no cap. 11: 2 e termina no cap. 12: 4. O resto do cap. 12 é uma espécie de epílogo da profecia. Ver T. II, pp. III, 113-114, em relação à forma de computar os anos partindo da primavera ou do outono.

Rei da Persia.

Esta é a única profecia do Daniel datada em términos do reinado do Ciro. Aqui se dá ao Ciro o título de "rei da Persia", o que pareceria implicar que todo o império era governado pelos persas, em contraste com o título mais limitado de "rei sobre o reino dos caldeos", que dá ao Darío no cap. 9: 1. Depois de ter surto de uma relativa escuridão como príncipe do pequeno país do Ansán situado nas montanhas do Irã, Ciro derrotou sucessivamente, em poucos anos, aos reino dos medos, lidios e babilonios, e uniu-os sob seu governo para formar o império maior que até esse tempo se tivesse conhecido. Agora Daniel e seu povo tinham que tratar com um monarca dessas características. Também se revela que os poderes do céu disputaram com o Ciro (cap. 10: 13, 20).

Palavra.

Uma expressão singular usada pelo Daniel para descrever seu quarta grande profecia,(cap. 10- 12), que evidentemente foi revelada sem uma prévia representação simbólica e sem nenhuma alusão a símbolos (cf. cap. 7:16-24; 8: 20-26). A palavra marah, "visão", dos vers. 7-8, 16 se refere simplesmente à aparição dos dois seres celestiales que visitaram Daniel, mencionados nos vers. 56 e 10-12 respectivamente. Por isso alguns consideraram que o quarto bosquejo profético é uma explicação mais

detalhada dos acontecimentos representados simbolicamente na "visão" do cap. 8: 1-14. Desse modo os cap. 10- 12 se interpretariam em términos de a visão dos cap. 8 e 9. Entretanto, a relação entre os cap. 10-12 e 8-9 de maneira nenhuma é tão clara ou segura como a que existe entre os cap. 8 e 9 (ver com. cap. 9: 21).

Beltsasar.

Ver com. cap. 1: 7.

O conflito grande.

Heb. tsaba', cujo significado exato é aqui duvidoso. A frase traduz uma sozinha palavra hebréia. Tsaba' aparece quase 500 vezes no AT com o sentido de "exército", "hoste", "guerra", e "serviço". Sua forma plural tseba'oth forma parte do título divino "Jehová Deus dos exércitos". A RVA traduz a palavra tsaba' como "tempo fixado" e no Job 7: 1, como "tempo limitado". Posto que todas as outras vezes em que se usa esta palavra evidentemente se refere a um exército, ou guerra, ou serviço penoso, e posto que nesses dois passagens resultam perfeitamente aceitáveis as mesmas idéias de guerra ou serviço penoso, estas definições provavelmente devessem usar-se aqui também. O texto de que nos ocupamos parece dar ênfase a uma intensidade de luta mais que a um período extenso. A passagem poderia traduzir-se também, "grande luta" (BJ).

Compreendeu.

Em contraste com as outras três visões (cap. 2; 7; 8-9) que foram expressas em términos muito simbólicos, esta revelação final foi dada principalmente em linguagem literal. O anjo declarou especificamente que tinha vindo para fazer compreender ao Daniel o que havia "de vir a" seu "povo nos últimos dias" (cap. 10: 14). Este é o tema dos cap. 11 e 12. Só para o final desta visão (cap. 12: 8) Daniel se enfrenta ante uma revelação a respeito da qual confessa, "eu ouvi, mas não entendi".

2.

Aflito.

Daniel não diz especificamente a causa de sua tristeza, mas podemos encontrar um indício nos acontecimentos que estavam ocorrendo entre os judeus de Palestina nesse tempo. Evidentemente o que ocasionou as três semanas de luto do Daniel foi uma grave crise. Foi provavelmente por esse tempo quando se levantou a oposição dos samaritanos contra quão judeus acabavam de voltar do exílio sob as ordens do Zorobabel (Esd. 4: 1-5; ver PR 418-419). que os acontecimentos deste capítulo tivessem ocorrido antes ou depois de que os judeus puseram a pedra fundamental do templo (Esd. 3: 8-10) depende das várias interpretações que se dêem à cronologia deste período (ver T. III, P. 100) e da possibilidade de que Daniel tivesse usado um tipo de cômputo distinto de que empregavam os judeus da Palestina nessa época de transição. O período de luto do Daniel pareceria ter sido contemporâneo com a grave ameaça de que depois de tudo não se cumprisse o decreto do Ciro, por causa dos falsos informe enviados pelos samaritanos a corte de Persia para tratar de deter a construção. O fato significativo de que durante estas três semanas o anjo estivesse lutando para influir sobre o Ciro (vers. 12-13) indica que estava em jogo uma decisão vital do rei. Enquanto orava em procura de mais luz sobre 884 temas que ainda não tinham sido completamente explicados nas visões anteriores, sem dúvida o profeta se

entregou a outro período de intensa intercessão (ver cap. 9: 3-19) para que a obra do adversário pudesse ser rebatida e para que pudessem cumprir-se as promessas divinas de restauração em favor de seu povo escolhido.

3.

Manjar delicado.

Durante o período de jejum, Daniel só participou dos mantimentos mais singelos, unicamente o suficiente para manter sua força.

Ungi-me.

O uso de azeites para suavizar a pele era muito comum entre os povos antigos, especialmente entre os que viviam em países onde o clima era muito caloroso e seco. Durante seu período de jejum e oração, o profeta acreditou conveniente abster-se desse gasto pessoal supérfluo.

4.

Dia vinte e quatro.

Esta é a única data no livro do Daniel em que aparece o dia exato de um mês determinado. É obvio que não se diz nada aqui quanto a se o cômputo se faz em términos do calendário persa-babilônico (que pode haver sido usado pelo Ezequiel, contemporâneo do Daniel), ou segundo o calendário judeu (usado posteriormente pelo Esdras e Nehemías). Sim a data dada pelo Daniel está apoiada no calendário persa-babilônico (que começa o ano na primavera (março-abril), o primeiro mês do terceiro ano do Ciro teria sido mais ou menos março- abril do 536 A. C. Por outra parte, se Daniel fazia o cálculo à maneira judia (segundo a qual o ano começava no outono), o primeiro mês do terceiro ano do Ciro teria sido 12 meses mais tarde e corresponderia aproximadamente a março-abril do 535 A. C. Ver T. II, pp. 112-126, onde aparece uma explicação das diferenças entre o calendário judeu e o babilônico.

Posto que as três semanas do jejum do Daniel terminaram-nos dia 24 do primeiro mês, devem ter começado o 4.º dia, e assim seu jejum se prolongou durante a época da páscoa. Mas não se sabe até que ponto se observava esta festa em o cativeiro.

Hidekel.

Este nome hebreu equivale no nome acadio Idiqlat, e ao antigo persa Tigra, que passou às línguas modernas como Tigris. O Tigris é o menor dos dois grandes rios da Mesopotamia. menciona-se um rio do mesmo nome no Gén. 2: 14. Entretanto, nessa passagem se faz referência a um rio antediluviano. Não diz-se precisamente em que ponto do Tigris ocorreu o acontecimento que logo se narra.

5.

Um varão.

O ser celestial apareceu em forma humana (ver Gén. 18: 2; Dão. 7: 13; Apoc. 1: 13). A descrição se assemelha muito a que dá Juan quando Cristo se o revelou. Sem dúvida, o mesmo Ser apareceu ao Daniel (SL 50; CS 524-526).

Ufaz.

Não se sabe onde estava Ufaz. O nome aparece no AT somente no Jer. 10: 9, onde se identifica novamente ao Ufaz como rica em ouro. Alguns sugeriram que é quão mesmo Ofir, lugar famoso por seu ouro fino (ver 1 Rei. 9: 28). Tal identificação não é impossível. Os nomes Ufaz e Ofir são similares quando se escreve-os em caracteres hebreus.

6.

Berilo.

Heb. tarshish, palavra que possivelmente indica o lugar onde esse produto se obtinha.

Tochas de fogo.

Compare-se com o Apoc. 1: 14.

Bronze brunido.

Compare-se com o Apoc. 1: 15.

7.

E só eu, Daniel, vi.

A revelação só foi dada ao servo escolhido do Senhor, mas o efeito da presença de um ser celestial foi sentido pelos que estavam com o profeta. Comparar com o caso do Saulo e seus companheiros(Hech. 9: 3-7; 22: 6-9).

8.

Não ficou força em mim.

Comparar com o Apoc. 1: 17. Ver em E D. Nichol, Ellen G. White and Her Critics, pp. 51-61, um estudo do estado físico dos profetas arrebatados em visão.

9.

Profundo sonho.

Do Heb. radam, palavra que só aparece no Juec. 4: 21; Sal. 76: 6; Dão. 8:

18; Jon. 1: 5-6. Aqui pareceria significar "estar pasmado".

10.

Uma mão me tocou.

Comparar com o Eze. 2: 2; 3: 24; Apoc. 1: 17. A mão evidentemente é a de Gabriel (PR 418-419).

Fez que me pusesse sobre meus joelhos.

Do Heb. nua'. Na forma em que aqui aparece nua' significa "fazer tremer", "fazer cambalear". Embora Daniel foi levantado quando estava completamente

prostrado sobre a terra, sua força não era ainda suficiente para que se pudesse manter sem tremer.

11.

Varão muito amado.

Heb. jamudoth, que se traduz "delicado" no vers. 3. Esta era a segunda vez que Daniel recebia a maravilhosa segurança do amor de Deus para ele (ver cap. 9: 23). 885

12.

Não tema.

Comparar com o Apoc. 1: 17. Estas palavras sem dúvida animaram pessoalmente ao profeta ante a presença do anjo, porque estava "tremendo" (vers. 11), e também lhe deram a segurança de que embora tinha estado orando durante três semanas sem receber resposta, entretanto do mesmo começo Deus tinha ouvido sua súplica e se proposto respondê-la. Daniel não necessitava temer por seu povo; Deus o tinha ouvido, e Deus regia todas as coisas.

13.

Príncipe.

Heb. Ñar. Palavra que aparece 420 vezes no AT, mas evidentemente nunca tem o significado de "rei". Se refere aos principais servidores de um rei (Gén. 40: 2, onde se traduz "chefe"), a governadores locais (1 Rei. 22: 26, onde se traduz "governador"), aos subordinados do Moisés (Exo. 18: 21, onde se traduz "chefes"), aos nobres e funcionários do Israel (1 Crón. 22: 17; Jer. 34: 21, onde se traduz "principais" e "príncipes" respectivamente), e especialmente a comandantes militares (1 Rei. 1: 25; 1 Crón. 12: 21, onde se traduz "capitães"). Com este mesmo último sentido aparece na expressão Đar hatstsaba', "comandante do exército" (a mesma expressão que se traduz "príncipe dos exércitos" em Dão. 8: 11), em uma das óstrakas* do Laquis, uma carta escrita por um oficial do exército da Judea a seu superior, provavelmente no momento da conquista do Judá feita pelo Nabucodonosor em 588-586 A. C., o tempo quando Daniel já estava em Babilônia (ver T. 11, pp. 99- 100; Jer. 34: 7).

O Ser celestial que apareceu ao Josué no Jericó recebe o nome de "Príncipe [Heb. Ñar] do exército do Jehová" Jos. 5: 14-15). Daniel usa repetidas vezes esta palavra para referir-se a seres sobrenaturais (Dão 8: 11,25; 10: 13, 21; 12: 1). Apoiando-se nestas observações alguns hão suposto que Ñar indica um ser sobrenatural que nesse tempo se opunha aos anjos de Deus e que estava tratando que o reino da Persia fora contra os melhores interesses do povo de Deus. Satanás sempre esteve ansioso de proclamar-se príncipe deste mundo. O principal aqui era o bem-estar do povo de Deus em conflito com seus vizinhos pagãos. Posto que se declara que Miguel é o "príncipe [Ñar] que está de parte dos filhos de seu povo" (cap. 12: 1), não pareceria irrazonable que o "príncipe do reino da Persia" fora um falso "anjo guardião" desse país; um dos que pertencem às hostes do adversário. É claro que o conflito era contra as potestades das trevas: "Durante três semanas Gabriel lutou com as potestades das trevas, procurando rebater as influências que obravam sobre o ânimo do Ciro... Tudo o que podia fazer o céu em favor do povo de Deus foi

feito. obteve-se finalmente a vitória; as forças do inimigo foram mantidas em xeque enquanto governaram Ciro e seu filho Cambises" (PR 418-419).

Por outra parte, Ñar pode usar-se no sentido usual de "governador", e nesse sentido se referiria ao Ciro, rei da Persia. Se se entender a passagem dessa maneira, vemos os anjos do céu lutando com o rei para que pudesse dar um veredicto favorável aos judeus.

Me opôs.

O profeta nos dá uma vislumbre da tremenda luta cercada entre as forças do bem e as do mal. Poderia fazer-se esta pergunta: por que permitiu Deus que os poderes do mal lutassem para dominar a mente do Ciro durante 21 dias enquanto Daniel seguia aflito e suplicava? Esta pergunta débito responder-se tendo em conta a verdade de que estes acontecimentos devem entender-se à luz de "um propósito ainda mais amplo e profundo" do plano de redenção, que era "vindicar o caráter de Deus ante o universo... Acima de tudo o universo [a morte de Cristo] justificaria a Deus e a seu Filho em seu trato com a rebelião de Satanás" (PP 55; cf. DTG 578-579). "Entretanto, Satanás não foi destruído então [em ocasião da morte do Jesus]. Os anjos não compreenderam nem mesmo então tudo o que entranhava a grande controvérsia. Os princípios que estavam em jogo tinham que ser revelados em maior plenitude" (DTG 709). Ver com. cap. 4: 17.

A fim de refutar a pretensão de Satanás de que Deus é um tirano, o Pai celestial viu conveniente reter sua mão e deixar que o adversário tivesse uma oportunidade para demonstrar seus métodos e tratar de ganhar nos homens para seu própria causa. Deus não fora a vontade dos homens. Concede a Satanás certo grau de liberdade, enquanto que Deus por meio de seu Espírito e de seus anjos insiste aos homens a que resistam o mal e 886 sigam o bem.

Assim Deus demonstra ao espectador universo que ele é um Deus de amor e não o tirano que Satanás afirma que é. Por essa razão a oração do Daniel não foi respondida imediatamente. A resposta se atrasou até que o rei da Persia por sua própria vontade fez sua eleição a favor do bem e em contra do mal.

Aqui se revela a verdadeira filosofia da história. Deus fixou a meta final, que certamente tem que alcançar-se. Mediante seu Espírito obra sobre os corações dos homens para que cooperem com ele a fim de alcançar essa meta. Mas a decisão sobre qual caminho tem que escolher é algo que está inteiramente em mãos de cada indivíduo. Assim os acontecimentos da história são o resultado da ação de seres sobrenaturais e do livre-arbítrio humano. Mas o desenlace final é de Deus. Neste capítulo, possivelmente como em nenhuma outra parte das Escrituras, abre-se o véu que separa ao céu da terra, e se revela a luta entre os poderes da luz e das trevas.

Miguel.

Heb. Mika'o, literalmente "quem como Deus?" Aqui o descreve como "um de os principais príncipes [Heb. Ñarim]". Posteriormente o descreve como o protetor especial do Israel (cap. 12: 1). Não se declara exatamente seu identidade aqui, mas uma comparação com outras passagens o identifica como Cristo. No Jud. 9 o chama "o arcanjo". Segundo 1 Lhes. 4: 16, relaciona-se a "voz de arcanjo" com a ressurreição dos Santos em ocasião da vinda do Jesucristo declarou que os mortos sairão de suas tumbas quando ouvirem a voz do Filho do Homem (Juan 5: 28) isso parece claro que Miguel não é outro a não ser o mesmo Senhor Jesus (P 164; cf. DTG 388- 390).

O nome Miguel só aparece na Bíblia em passagens apocalípticas (Dão. 10: 13, 21; 12: 1; Jud. 9; Apoc. 12: 7), em casos quando Cristo está em conflito direto com Satanás. O nome hebreu, que significa "quem como Deus?', é a a vez uma interrogação e um desafio. Já que a rebelião de Satanás é essencialmente um intento de usurpar o trono de Deus e ser "semelhante ao Muito alto' (ISA. 14: 14), o nome Miguel é extremamente apropriado para aquele que empreendeu a tarefa de vindicar o caráter de Deus e refutar as pretensões de Satanás.

Fiquei ali.

A LXX, como também a versão do Teodoción, diz: "e a ele ali deixei". Tal tradução foi adotada por várias versões modernas (Goodspeed, Moffat, RSV. "Deixei-lhe ali", BJ. Nesta versão se acrescenta em nota de pé de página: "Deixei-lhe" grego;"fui deixado" hebr. forma insólita'). Indubitavelmente isto se deve a que não parecia clara a razão pela qual o anjo dissesse que ele foi deixado com os reis da Persia quando Miguel veio para lhe ajudar. Compare-se esta tradução com a declaração: "Mas Miguel veio em seu ajuda, e então permaneceu com os reis da Persia" (EGW, Material Suplementar, com. Dão. 10: 12-13).

Alguns acreditam ver outro significado possível no texto hebreu tal qual está. a luta que aqui se descreve era essencialmente entre os anjos de Deus e "as potestades das trevas, que procuravam rebater as influências que obravam sobre o ânimo do Ciro" (PR 418-419). Quando entrou na luta Miguel, o Filho de Deus, os poderes do céu ganharam a vitória e o maligno se viu obrigado a retirar-se. A palavra que se traduz "fiquei usa em outras passagens com o sentido de "permanecer" quando outros se foram ou foram afastados. Assim usa-se este verbo respeito ao Jacob quando ficou atrás no arroio do Jaboc (Gén. 32: 24), e em relação aos pagãos a quem o Israel permitiu que ficassem na terra (1 Rei. 9: 20-21). É também a palavra que usou Elías para referir-se a si mesmo quando acreditava que todos outros tinham abandonado o culto do verdadeiro Deus: "E só eu fiquei" (1 Rei. 19: 10,14). Na forma em que o anjo usa esta palavra poderia significar que com a chegada de Miguel, o anjo mau se viu obrigado a retirar-se e o anjo de Deus ficou ali com os reis da Persia". "A vitória foi obtida finalmente; as forças do inimigo foram mantidas em xeque" (PR 419). Duas traduções que sugeriram este mesmo pensamento são a do Lutero: "Ali ganhei eu a vitória com os reis da Persia", e a do Knox, "ali, na corte da Persia, fiquei dono do campo".

Reis da Persia.

Dois manuscritos hebreus rezam, "reino da Persia". As versões antigas dizem, "rei da Persia".

14.

Nos últimos dias.

Heb. b'ajarith hayyamim, "na última parte [ou fim] dos dias". É uma expressão freqüentemente usada na profecia bíblica, que indica a parte final de qualquer período da história ao que se refere o profeta. Jacob usou a expressão. 887 "últimos dias" ao referir-se à sorte final de cada uma das doze tribos na terra do Canaán (Gén. 49: 1, RVA); Balaam aplicou este término ao primeiro advento de Cristo (Núm. 24: 14); Moisés o usou em

um sentido geral respeito ao futuro distante, quando o Israel teria que sofrer tribulações (Deut. 4: 30). A expressão pode referir-se, e o faz freqüentemente, aos acontecimentos finais da história. Ver com. ISA. 2: 2.

Para esses dias.

Aqui a palavra "dias" parece ter o mesmo significado que na cláusula anterior. O anjo veio a lhe dizer ao Daniel o que teria que acontecer aos Santos através dos séculos até a segunda vinda de Cristo. A ênfase de a última cláusula deste versículo não é tanto sobre a longitude do tempo em perspectiva, a não ser sobre o fato de que o Senhor tem ainda mais verdades que lhe mostrar ao Daniel mediante uma visão. Traduzido literalmente, este versículo reza: "E vim para te fazer entender o que tem que ocorrer a você povo na última parte dos dias, porque ainda há visão para os dias".

16.

Com semelhança.

Gabriel velou seu resplendor e apareceu em forma humana (SL 52).

A visão.

Alguns comentadores pensam que Daniel faz referência aqui à visão dos cap. 8 e 9; outros acreditam que era a revelação desse momento o que lhe afligia tanto. Já que a palavra "visão" nos vers. 1 e 14 parece aplicar-se à revelação dos cap. 10-12, e sendo que também a declaração de Daniel aqui no cap. 10: 16 é uma continuação lógica de sua reação (vers. 15) ante a declaração do anjo quanto a "a visão" (vers. 14), parece razoável deduzir que o profeta fala aqui da visão da glória divina de que é testemunha.

19.

Muito amado.

Ver com. vers. 11.

20.

Contra o príncipe.

"Com o Príncipe"(BJ). Pode entender-se que o anjo teria que lutar ao lado do príncipe da Persia, ou que teria que brigar contra ele. As versões gregas são também ambíguas. A preposição metá, "com" que se usa em grego, pode implicar uma aliança, como em 1 Juan 1: 3, ou hostilidade, como no Apoc. 2: 16. Entretanto, o hebreu desta passagem parece dar uma clara indicação de seu significado. O verbo lajam, "brigar", usa-se 28 vezes no AT, seguido como aqui pela preposição ´im," com". Nestes casos o contexto indica claramente que a palavra tem que entender-se com o sentido de "contra" (ver Deut. 20: 4; 2 Rei. 13: 12; Jer. 41: 12; Dão. 11: 11). Pareceria pois seguro que o anjo fala aqui de um conflito posterior entre ele e o "príncipe de Persia". No Esd. 4: 4-24 nos indica que esta luta continuou muito depois do tempo da visão do Daniel. "As forças do inimigo foram mantidas em xeque enquanto governaram Ciro e seu filho Cambises, quem reinou durante uns sete anos e meio" (PR 419).

Príncipe da Grécia.

A palavra hebréia que aqui se traduz "príncipe" é Ñar, a mesma que se usa anteriormente (ver com. vers. 13). O anjo havia dito ao Daniel que ia a voltar para continuar a luta contra as potestades das trevas que disputavam para dominar a mente do rei da Persia. Então olhou mais longe para o futuro e indicou que quando finalmente pudesse retirar-se da luta, ocorreria uma revolução nos assuntos do mundo. Enquanto o anjo de Deus conteve as forças ímpias que procuravam dominar ao governo persa, esse império se manteve. Mas quando a influência divina se retirou e o domínio de os dirigentes da nação ficou completamente em mãos das potestades de as trevas, logo veio a ruína do império. Guiados pelo Alejandro, os exércitos da Grécia arrasaram o mundo e extinguiram rapidamente o Império Persa.

A verdade apresentada pelo anjo neste versículo esclarece revelação que segue. A profecia que se dá a seguir-que registra uma guerra atrás de outra-cobra maior significado quando a entende à luz do que o anjo acaba de dizer. Enquanto os homens lutam entre si pelo poder terrestre, detrás do cenário, e sem que os olhos humanos a vejam, leva-se a cabo uma luta até maior, da qual o fluxo e vazante dos acontecimentos terrestres é tão somente um reflexo (Ed 169). Assim como se mostra que o povo de Deus é preservado através de sua agitada história - registrada proféticamente por Daniel-, assim também é seguro que nessa luta maior as legiões da luz obterão a vitória sobre as potestades das trevas.

21.

Escrito.

Heb. rasham, "inscrever", "anotar".

Livro.

Heb. kethab, literalmente "uma escritura", do verbo kathab, "escrever". Os eternos planos e propósitos de Deus se apresentam aqui 888 como que estivessem registrados. Comparar com Sal 139: 16, Hech. 17: 26, ver com. Dão. 4: 17.

Nenhum me ajuda.

Esta frase poderia traduzir-se também, "não há nenhum que se esforce". Isto não pode interpretar-se como se significasse que todos se despreocupaban da luta salvo os dois seres celestiales mencionados aqui. "Todo o céu estava interessado na controvérsia" (PR 418). Provavelmente o significado deste passagem é que Cristo e Gabriel se ocuparam desta tarefa especial de disputar contra as hostes de Satanás que tratavam de obter o domínio dos impérios desta terra.

Seu príncipe.

O fato de que se fale especificamente do Miguel como de "seu príncipe", põe-o a ele em marcado contraste com o "príncipe da Persia" (vers. 13, 20) e o "príncipe da Grécia"(vers. 20). Miguel era o paladín do lado de Deus em o grande conflito.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 3JT 13

2-6 ECFP 63

7-8 ECFP 65

8 DC 27; CS 524; DMJ 20; DTG 213

11 CS 524 11-13 ECFP 65

13 PR 419

15-16,19 ECFP 66

21 DTG 73

CAPÍTULO 11

1 A tira do reino da Persia pelo reino da Grécia. 5 Alianças e conflitos entre os reis do sul e os do norte. 30 A invasão e tirania dos romanos.

1 E EU mesmo no primeiro ano do Daríο o meço, estive para animá-lo e fortalecê-lo.

2 E agora eu te mostrarei a verdade. Hei aqui que ainda haverá três reis na Persia e o quarto se fará de grandes riquezas, levantará todos contra o reino de Grécia.

3 Se levantará logo um rei valente, o qual dominará com grande poder e fará seu vontade.

4 Mas quando se tiver levantado, seu reino será quebrantado e repartido para os quatro ventos do céu; não a seus descendentes, nem segundo o domínio com que ele dominou; porque seu reino será arrancado, e será para outros fora de eles.

5 E se fará forte o rei do sul; mas um de seus príncipes será mais forte que ele, e se fará poderoso; seu domínio será grande.

6 Ao cabo de anos farão aliança, e a filha do rei do sul virá ao rei do norte para fazer a paz. Mas ela não poderá reter a força de seu braço, nem permanecerá ele, nem seu braço; porque será entregue ela e os que a haviam gasto, deste modo seu filho, e os que estavam de parte dela naquele tempo.

7 Mas um renovo de suas raízes se levantará sobre seu trono, e virá com exército contra o rei do norte, e entrará na fortaleza, e fará neles a seu arbítrio, e preponderará.

8 E até aos deuses deles, suas imagens fundidas e seus objetos preciosos de prata e de ouro, levará cativos ao Egito; e por anos se manterá ele contra o rei do norte.

9 Assim entrará no reino o rei do sul, e voltará para sua terra.

10 Mas os filhos daquele se irarão, e reunirão multidão de grandes exércitos;

e virá apressadamente e alagará, e passará adiante; logo voltará e levará a guerra até sua fortaleza.

11 Pelo qual se enfurecerá o rei do sul, e sairá e brigará contra o rei do norte; e porá em campanha multidão grande, e toda aquela multidão será entregue em sua mão.

12 E ao levar-se ele a multidão, elevará-se seu coração, e derrubará a muitos milhares; mas não prevalecerá. 889

13 E o rei do norte voltará a pôr em campanha uma multidão maior que a primeira, e ao cabo de alguns anos virá apressadamente com grande exército e com muitas riquezas.

14 Naqueles tempos se levantarão muitos contra o rei do sul; e homens turbulentos de seu povo se levantarão para cumprir a visão, mas eles cairão.

15 Virá, pois, o rei do norte, e levantará baluartes, e tomará a cidade forte; e as forças do sul não poderão sustentar-se, nem suas tropas escolhidas, porque não haverá forças para resistir.

16 E o que virá contra ele fará sua vontade, e não haverá quem lhe possa enfrentar; e estará na terra gloriosa, a qual será consumida em seu poder.

17 Afirmará logo seu rosto para vir com o poder de todo seu reino; e fará com aquele convênios, e lhe dará uma filha de mulheres para lhe destruir; mas não permanecerá, nem terá êxito.

18 Voltará depois seu rosto às costas, e tomará muitas; mas um príncipe fará cessar sua afronta, e até fará voltar sobre ele seu oprobio.

19 Logo voltará seu rosto Á as fortalezas de sua terra; mas tropeçará e cairá, e não será achado.

20 E se levantará em seu lugar um que fará acontecer um cobrador de tributos pela glória do reino; mas em poucos dias será quebrantado, embora não em ira, nem em batalha.

21 E lhe acontecerá em seu lugar um calhorda, ao qual não darão a honra do reino; mas virá sem aviso e tomará o reino com adulações.

22 As forças inimizades serão varridas diante dele como com inundação de águas; serão de tudo destruídos, junto com o príncipe do pacto.

23 E depois do pacto com ele, enganará e subirá, e sairá vencedor com pouca gente.

24 Estando a província em paz e em abundância, entrará e fará o que não fizeram seus pais, nem os pais de seus pais; bota de cano longo, despojos e riquezas repartirá a seus soldados, e contra as fortalezas formará seus intuitos; e isto por um tempo.

25 E despertará suas forças e seu ardor contra o rei do sul com grande exército; e o rei do sul se empenhará na guerra com grande e muito forte exército; mas não prevalecerá, porque lhe farão traição.

26 Até os que comam de seus manjares lhe quebrantarão; e seu exército será destruído, e cairão muitos mortos.

27 O coração destes dois reis será para fazer mau, e em uma mesma mesa falarão mentira; mas não servirá de nada, porque o prazo ainda não terá chegado.

28 E voltará para sua terra com grande riqueza, e seu coração será contra o pacto santo; fará sua vontade, e voltará para sua terra.

29 Ao tempo famoso voltará para o sul; mas não será a última vinda como a primeira.

30 Porque virão contra ele naves do Quitim, e ele se contrastará, e voltará, e zangará-se contra o pacto santo, e fará segundo sua vontade; voltará, pois, e se entenderá com os que abandonem o santo pacto.

31 E se levantarão de sua parte tropas que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o contínuo sacrifício, e porão a abominação desoladora.

32 Com lisonjas seduzirá aos violadores do pacto; mas o povo que conhece seu Deus se esforçará e atuará.

33 E os sábios do povo instruirão a muitos; e por alguns dias cairão a espada e a fogo, em cautividad e despojo.

34 E em sua queda serão ajudados de pequeno socorro; e muitos se juntarão a eles com lisonjas.

35 Também alguns dos sábios cairão para ser depurados e limpos e embranquecidos, até o tempo determinado; porque até para isto há prazo.

36 E o rei fará sua vontade, e se ensoberbecerá, e se engrandecerá sobre tudo deus; e contra o Deus dos deuses falará maravilhas, e prosperará, até que seja consumada a ira; porque o determinado se cumprirá.

37 Do Deus de seus pais não fará conta, nem do amor das mulheres; nem respeitará a deus algum, porque sobre tudo se engrandecerá.

38 Mas honrará em seu lugar ao deus das fortalezas, deus que seus pais não conheceram; honrará-o com ouro e prata, com pedras preciosas e com coisas de grande preço.

39 Com um deus alheio se fará das fortalezas mais inexpugnáveis, e encherá de honras aos que lhe reconheçam, e por preço repartirá a terra.

40 Mas ao cabo do tempo o rei do sul disputará com ele; e o rei do norte levantará-se contra ele como uma tempestade, com carros e gente da cavalo, e muitas naves; 890 e entrará pelas terras, e alagará, e passará.

41 Entrará na terra gloriosa, e muitas províncias cairão; mas estas escaparão de sua mão: Edom e Moab, e a maioria dos filhos do Amón.

42 Estenderá sua mão contra as terras, e não escapará o país do Egito.

43 E se apoderará dos tesouros de ouro e prata, e de todas as coisas preciosas do Egito; e os de Líbia e de Etiópia lhe seguirão.

44 Mas notícias do oriente e do norte o atemorizarão, e sairá com grande ira para destruir e matar a muitos.

45 E plantará as lojas de seu palácio entre os mares e o monte glorioso e santo; mas chegará a seu fim, e não terá quem lhe ajude.

1.

Eu mesmo.

Este versículo é uma continuação da declaração do anjo do cap. 10: 21. É uma lástima que os capítulos se dividiram assim neste lugar. Dá a falsa impressão de que aqui começa uma nova parte do livro, quando se trata claramente de uma narração continuada. Gabriel informa ao Daniel que Darío de Meia tinha sido honrado pelo céu (PR 408). A visão foi dada em o terceiro ano do Ciro (cap. 10: 1). O anjo conta ao Daniel um acontecimento ocorrido no primeiro ano do Darío. Nesse ano, Darío de Meia tinha sido honrado pelo céu com uma visita do anjo Gabriel "para animá-lo e lhe fortalecer" (PR 408).

2.

A verdade.

O conteúdo da quarta grande revelação do Daniel começa com este versículo. Tudo o que precede, do cap. 10: 1 aos 11: 1 é cortina de fundo e introdução.

Três reis na Persia.

Posto que a visão foi dada ao Daniel no terceiro ano do Ciro (cap. 10: 1), indubitavelmente se faz referência aos três reis que seguiram ao Ciro no trono da Persia. Estes foram: Cambises (530- 522 A. C.), o falso Esmerdis (Gaumata, cujo nome babilônico era Bardiya; ver T. III, pp. 350-351), um usurpador (522 A. C.) e Darío I (522-486 A. C).

O quarto.

Os comentadores geralmente estão de acordo em que o contexto assinala a Jerjes como "o quarto" rei, mas não estão de acordo na contagem dos diversos reis aos quais se faz referência neste versículo. Alguns sustentam que o assim chamado "quarto" rei era em realidade o último dos três que teriam que surgir. Computam ao Ciro como o primeiro dos quatro e omitem ao falso Esmerdis porque não era de uma linhagem legítima e ocupou o trono só uns poucos meses. Outros omitem ao Ciro como o primeiro dos quatro e incluem ao falso Esmerdis como um dos três que teriam que segui-lo. De qualquer modo, Jerjes é "o quarto". Entretanto, a segunda das duas opiniões pareceria representar melhor o sentido natural do texto.

Mais que todos.

identifica-se ao Asuero do livro do Ester com o Jerjes (ver T. III, P. 459; com. Est. 1: 1). dele se diz que estava especialmente orgulhoso de "as riquezas da glória de seu reino" (Est. 1: 4, 6-7). Herodoto, que escreveu extensamente sobre o Jerjes, deixa um relato vívido e detalhado de seu poderio militar (vII. 20- 21, 40-41, 61-80).

Levantará todos.

Esta passagem pode traduzir-se de duas formas diferentes. Geralmente se há interpretado, como na RVR, que Jerjes agitaria a todas as nações em contra da Grécia. É um fato histórico bem conhecido que isto em efeito ocorreu. No tempo do Jerjes, a península grega era a única zona importante do Mediterrâneo oriental que não estava sob a dominação persa. Em 490 A. C. Daríο o grande, predecessor do Jerjes, tinha sido vencido em Maratona enquanto tentava subjugar aos gregos. Quando Jerjes subiu ao trono, fizeram-se novos e grandiosos planos para a conquista da Grécia. Herodoto (vII. 61-80) enumera a mais de 40 nações que proporcionaram tropas para o exército do Jerjes. Nesse vasto exército estavam incluídos soldados de países tão distantes como a Índia, Etiópia, Arábia e Armênia. Parece que até os cartagineses foram induzidos a unir-se à luta atacando a colônia grega da Siracusa na Sicilia.

Pelo ano 480 A. C., o vasto Império Persa estava em pé de guerra contra os gregos. As cidades- estados dos gregos, que tão freqüentemente estavam em guerra entre si, uniram-se para salvar sua liberdade. Ao princípio os gregos foram vencidos: caíram derrotados nas Termópilas, e Atenas foi tomada e parcialmente queimada pelos persas. Então trocou a marca. A marinha grega, comandada pelo Temístocies, encontrou-se bloqueada por um esquadro persa superior na baía da Salamina, na costa da Ática 891cerca de Atenas. Pouco depois de ter começado a batalha se viu que as naves persas estavam em uma formação muito estreita para manobrar eficientemente. Sob os constantes ataques gregos, muitas foram afundadas e só escapou uma fração da marinha. Com essa vitória grega as forças marítimas persas ficaram eliminadas da luta contra Grécia. Ao ano seguinte, 479 A. C., os gregos derrotaram decisivamente às tropas da Persia em Platéia e as expulsaram para sempre da Grécia.

A tradução deste texto tal como aparece na RVR responde notavelmente ao feito de que Jerjes levantou "a todos contra o reino da Grécia". Mas é possível traduzir de outra maneira o hebreu desta passagem, que é um tanto difícil de entender. O problema é se o Heb. 'eth tem que entender-se como uma preposição que significa "contra", como ocorre com outros verbos que indicam luta (Gén. 14: 2), ou se se trata do sinal do objeto direto do verbo. O verbo que aqui se traduz "levantará" aparece outras 12 vezes no AT seguido por 'eth, e em cada um dessas passagens o contexto mostra claramente que 'eth deve entender-se como sinal de que o que segue é objeto direto. Se nesta passagem entendemos que 'eth tem esse sentido, leríamos: "Levantará a todo o reino da Grécia".

Se tivermos que preferir esta última tradução da passagem, a seguinte interpretação é razoável: Considerando este da vasta perspectiva da história universal, a guerra entre a Persia e os gregos constitui uma das grandes épocas históricas. A história posterior da Europa e do mundo poderia ter sido muito diferente se o resultado da Salamina e Platéia tivesse sido outro. A civilização ocidental, então limitada quase exclusivamente a Grécia, salvou-se de ser absorvida pelo despotismo do Império Persa. Os Estados gregos chegaram a ter um sentido de unidade que não tinham conhecido previamente. A vitória da Salamina demonstrou a Atenas a importância do poder naval, e logo a cidade se converteu na cabeça de um império marítimo. Desde este ponto de vista, a última cláusula de Dão. 11: 2 dá um marco apropriado à passagem do cap. 11: 3.

Grécia.

Heb. Yawan, que se translitera 'javán" no Gén. 10: 2 (ver ali os comentários). Os gregos, ou jonios, eram descendentes do Javán. Ver com. Dão. 2: 39.

3.

Um rei valente.

Heb. mélek gibbor, "um rei valente [guerreiro]". Isto se refere claramente a Alejandro Magno (336-323 A. C.).

Grande poder.

O domínio do Alejandro se estendeu da Macedônia e Grécia até o noroeste da Índia, do Egito até o rio chamado hoje Sir-Daria (antigamente, Iaxartes), ao leste do Mar do Aral. Era o maior império que o mundo houvesse visto até esse tempo (ver com. cap. 2: 39; 7: 6).

4.

Quando se tiver levantado.

Logo que tinha alcançado Alejandro o pináculo de seu poder, quando foi quebrantado. Em 323 A. C. este rei que governava do Adriático até o Indo caiu repentinamente doente, e faleceu 11 dias depois (ver com. cap. 7: 6).

Será quebrantado.

Alejandro não deixou nenhum sucessor de sua família imediata do qual se pudesse esperar que mantivera unidos os territórios que ele tinha ganho. Alguns de os principais generais durante alguns anos trataram de manter intacto o império em nome do meio irmão do Alejandro e de seu filho póstumo (ambos sob a tutela de regentes), mas menos de 25 anos depois da morte de Alejandro, uma coalizão de quatro generais tinha derrotado ao Antígono, o último aspirante ao domínio de todo o império, e o território do Alejandro foi dividido em quatro reino (número que logo se reduziu a três). Quanto a esta divisão, ver com. cap. 7: 7; 8: 22; também os mapas das pp. 850-851.

Os quatro ventos.

Representam os quatro pontos cardeais. A mesma divisão está simbolizada pelas quatro cabeças do leopardo (ver com. cap. 7: 6) e mediante os quatro chifres do macho caibro (ver com. cap 8: 8, 22).

Não a seus descendentes.

O filho póstumo do Alejandro foi chamado rei, mas foi morto quando ainda era menino, na luta entre os generais que se disputavam o governo do império. Não houve pois um descendente do Alejandro que governasse.

5.

Rei do sul.

Desde este lugar em adiante e através de grande parte do capítulo, a profecia enfoca-se em dois reino que surgiram do império do Alejandro, os que mais se relacionaram com os judeus, o povo de Deus. Esses reino foram Síria, governada pelos seléucidas e Egito, governado pelos ptolomeos. Do ponto de vista geográfico, o primeiro ficava ao norte de 892 a Palestina e o segundo ao sul da mesma. Em realidade, a tradução da LXX usa o término "rei do Egito" em vez de "rei do sul"; o vers. 8 também indica que Egito é o rei do sul. pode-se chegar a uma designação similar mediante os documentos históricos. Uma das inscrições melhor conhecidas do sul de Arábia (Glaser N.° 1155) refere-se a uma guerra entre a Persia e Egito, e chama aos respectivos reis Senhor do Norte e Senhor do Sul.

No momento histórico ao qual se refere este versículo, o rei do Egito era Ptolomeo I Soter (também chamado Ptolomeo Lago, 305-283 A. C.), um dos melhores generais do Alejandro, que estabeleceu a monarquia helenística que mais perdurou.

Um de seus príncipes.

Evidentemente isto se aplica ao Seleuco I Nicátor (305-281 A. C.), outro dos generais do Alejandro que se apropriou do governo da maior parte da porção asiática do império. que aqui se faça referência a ele como a "um de seus príncipes [do Ptolomeo]" (Heb. Ñarim, "generais"; ver com. cap. 10: 13), provavelmente deve entender-se dentro do marco de suas relações com Ptolomeo. Em 316 A. C. Seleuco -quem tinha ocupado Babilônia desde 321 A. C.- foi expulso de dita cidade por seu rival Antígono (ver com. cap. 7: 6). Então Seleuco ficou às ordens do Ptolomeo, a quem ajudou para que derrotasse ao Demetrio, filho do Antígono, na Gaza em 312 A. C. Pouco depois de isto, Seleuco conseguiu recuperar seus territórios na Mesopotamia.

Será mais forte.

Quer dizer que Seleuco, que em um tempo poderia haver-se considerado como um de os "príncipes" do Ptolomeo, fez-se mais forte que o rei egípcio: quando Seleuco morreu no 281 A. C., seu reino se estendia do Helesponto até o norte da Índia. Flavio Arriano, historiador do século II d. C. quem se especializou na história deste período, declara que Seleuco era "o major rei dos que seguiram ao Alejandro, e tinha maior mentalidade de rei, e governava sobre a maior extensão de território, depois do Alejandro" (Anábasis do Alejandro vII. 22).

6.

Ao cabo de anos.

A visão profético agora enfoca uma crise que ocorreu 35 anos depois de a morte do Seleuco I.

Farão aliança.

Para consolidar a paz entre os dois reino depois de uma guerra larga e custosa, Antíoco II o Divino (261-246 A. C.), neto do Seleuco I, casou-se com Berenice, filha do rei egípcio, Ptolomeo II Filadelfo. Antíoco também depôs a sua esposa anterior e irmã, Laodicea, de sua posição de prioridade e excluiu a seus filhos da sucessão ao trono.

Rei do norte.

Este término se usa aqui pela primeira vez nesta profecia. Neste contexto se refere aos seléucidas cujos territórios estavam ao norte da Palestina. O então "rei do norte" era Seleuco II Calínico (246-226 A. C.), filho de Antíoco II e da Laodicea. Ver com. vers. 5 e com. ISA. 41: 25 respeito a as expressões "rei do norte" e "rei do sul".

Não poderá reter a força.

depois de que o novo matrimônio teve um filho, houve uma reconciliação entre Antíoco e Laodicea.

Nem permanecerá ele.

Antíoco morreu repentinamente, conforme se comentava então, envenenado por Laodicea.

Seu braço.

Esta é também a tradução da LXX. Por uma simples mudança das vocais hebréias, várias versões antigas (Teodoción, Símaco, a Vulgata) traduzem "seu semente". ("Sua descendência", BJ.) Isto se referiria ao filho do Antíoco e Berenice, ao qual matou Laodicea.

Será entregue ela.

Quer dizer Berenice, que foi morta junto com seu filhinho pelos secuaces de Laodicea.

Os que haviam a trazido.

Muitas das damas de companhia egípcia do Berenice morreram junto com ela.

Deste modo seu filho.

Heb. yoledah, corretamente, segundo a tradição masorética, "engendrador de ela". Isto se referiria lógicamente ao pai do Berenice, Ptolomeo II que tinha morrido pouco antes no Egito. Entretanto, não fica clara a razão pela qual se menciona sua morte aqui, posto que não tinha nenhuma relação com a vingança tomada pela Laodicea. Várias traduções antigas rezam yaldah, "faxineira", sem dúvida tendo em conta ao séquito do Berenice. Um singelo troco nos pontos das vocais nos permite ler "seu filho" (RVR). Isto por suposto, referiria-se ao que foi morto por ordem da Laodicea.

E os que estavam com ela.

Provavelmente Antíoco, marido do Berenice

7.

Renovo de suas raízes.

Ptolomeo III Evergetes, filho do Ptolomeo II e irmão do Berenice, aconteceu a seu pai no ano 246 A. 893 C., e invadiu a Síria como vingança pela morte de sua irmã.

Preponderará.

Parece que Ptolomeo III saiu completamente vitorioso de sua campanha contra Seleuco II. Avançou triunfalmente terra adentro pelo menos até a Mesopotamia -embora se gabou de ter penetrado até a Bactriana- e estabeleceu o poderio marítimo do Egito no Mediterrâneo.

8.

Suas imagens.

O decreto do Canopes (ou Canopo, 239/238 A. C.) diz em louvor do Ptolomeo III: "'E as imagens sagradas tiradas do país pelos persas, fazendo o rei uma campanha ao estrangeiro, recuperou-as e trouxe para o Egito e foram restauradas nos templos dos quais cada uma delas tinha sido tirada"' (tradução no J. P. Mahaffy, Ao History of Egypt Under the Ptolemaic Dynasty [Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1899], P. 113). Jerónimo (Comentário sobre o Daniel, XI) afirma que Ptolomeo, ao término de sua campanha contra Seleuco II, trouxe de volta ao Egito um imenso bota de cano longo.

Egito.

Esta única menção (até o vers. 42) do nome do país do "rei do sul" mostra sem lugar a dúvidas a identidade desse país.

Manterá-se ele contra.

"Manterá-se a distância do rei do norte" (BJ). Ou, se "absterá de atacar", o que resulta mais lógico, sendo que em seus últimos anos Ptolomeo não se ocupou de nenhuma guerra de importância.

9.

Rei do sul.

Nesta passagem o hebreu pode entender-se como na RVR, onde "rei do sul" é o sujeito da oração (assim como na Vulgata e em siríaco). Em troca em a LXX e Teodoción, o "rei do sul" aparece unido a "reino". Estas versões apóiam a tradução: "Este entrará no reino do rei do Meio-dia" (BJ). Esta versão parecesse preferível porque segue mais naturalmente a ordem das palavras hebréias. Se se aceitar esta tradução, este versículo deve interpretar-se como uma referência ao feito de que depois de que Ptolomeo III voltou para o Egito, Seleuco restabeleceu sua autoridade e partiu contra esse país, esperando recuperar suas riquezas e seu prestígio. "BJ indica em nota de pé de página que o pronome pessoal "Este" com que começa o vers. 9 se refere ao "rei do Norte". DHH diz em forma direta e inequívoca: "O rei do norte tratará de invadir o sul".

Voltará para sua terra.

Seleuco foi derrotado e obrigado a voltar para Síria com as mãos vazias (pelo 240 A. C.).

10.

Os filhos daquele.

Quer dizer os dois filhos do Seleuco II, Seleuco III Cerauno Soter

(226/225-223/222 A. C.), quem foi assassinado depois de um breve reinado, e Antíoco III, o Grande (223/222-188/187 A. C.).

Alagará e passará.

Em 219 A. C., Antíoco III iniciou sua campanha contra o sul de Síria e Palestina retornando a Selcucia, porto da Antioquía. Depois iniciou uma campanha sistemática para arrebatar a Palestina de seu rival Ptolomeo IV Filopator (222-204 A. C.). Durante essa campanha penetrou na Transjordania.

11.

Enfurecerá-se.

Ver com. cap. 8: 7 quanto ao significado desta expressão. Em 217 A. C., Ptolomeo IV se encontrou com o Antíoco em Ráfia, perto da fronteira entre Palestina e Egito.

Porá em campanha.

esclarece-se esta passagem quando se toma em conta que está na forma de um paralelismo hebreu investido. Neste caso, o primeiro elemento e o quarto, e o segundo e o terceiro são paralelos. portanto, neste versículo as referências são da seguinte maneira: Rei do sul, rei do norte, que se põe em campanha (rei do norte), "aquela multidão" (cai em mãos do rei do sul). A tradução da BJ resulta mais clara: "Então, o rei do Meio-dia, indo às nuvens, sairá a combater contra o rei do Norte, que mobilizará uma grande multidão; mas esta multidão cairá em suas mãos". Nas mãos de quem? É óbvio que do Ptolomeo IV, rei do Meio-dia, o vencedor. Ver T. III, pp. 28-29.

Multidão grande.

Polibio, o principal historiador antigo deste período, diz que o exército do Antíoco se compunha de 62.000 infantes, 6.000 cavaleiros e 102 elefantes (Historia V. 79). Parece que as tropas do Ptolomeo eram mais ou menos equivalentes em número. Compare-se com a referência que se faz a "muitos milhares" no vers. 12.

Entregue em sua mão.

A batalha de Ráfia (217 A. C.) entre o Antíoco III e Ptolomeo IV, resultou em uma derrota lhe esmaguem para o primeiro, de quem se diz que perdeu 10.000 infantes e 300 cavaleiros, além de 4.000 prisioneiros.

12.

Ao levar-se ele a multidão.

Quer dizer, Ptolomeo IV.

Não prevalecerá.

Por sua indolência e libertinagem Ptolomeo não soube aproveitar sua vitória 894 de Ráfia. Enquanto isso, durante os anos 212-204 A. C., Antíoco III empregou seus energias na recuperação de seus territórios orientais, e empreendeu bem-sucedidas campanhas até a fronteira da Índia. A morte do Ptolomeo IV (205? A. C.)

foi oculta durante algum tempo; logo um filho, de quatro a cinco anos, o aconteceu como Ptolomeo V Epífanes (204-180 A. C.).

13.

Voltará.

A ascensão ao trono do menino Ptolomeo V deu ao Antíoco III a oportunidade de vingar-se dos egípcios. Em 201 A. C. invadiu novamente a Palestina.

Ao cabo de alguns anos.

Literalmente, "ao fim de tempos, anos". É provável que aqui se faça referência ao período de 16 anos (217-201 A. C.) entre a batalha de Ráfia (ver com. vers. 11) e a segunda campanha do Antíoco contra o sul.

14.

Naqueles tempos.

Desde este versículo em adiante, variam muito as interpretações do resto do capítulo. Um grupo de comentadores considera que os vers. 14-45 continuam com a narração da história posterior dos reis seléucidas e tolemaicos. Outros sustentam que a partir do vers. 14 entra em cena Roma, o seguintes grande império mundial, e que os vers. 14-35 esboçam o curso desse império e da igreja cristã.

Aqui ou em algum ponto posterior do capítulo, muitos comentadores vêem uma referência ao Antíoco IV (Epífanes), que governou desde 176 até 164/163 A. C., e à crise nacional que sua política de helenización conduziu aos judeus. É obvio, é um fato histórico inegável que o intento do Antíoco de obrigar aos judeus a abandonar sua religião e cultura nacional e adotar em seu lugar a religião, a cultura e o idioma dos gregos, é o acontecimento mais notável da, historia feijão de todo o período intertestamentario.

A ameaça que expor Antíoco Epífanes pôs aos judeus frente a uma crise comparável com as que originaram Faraó, Senaquerib, Nabucodonosor, Amam e Tito. Durante seu breve reinado de 12 anos, Antíoco quase exterminou a religião e cultura dos judeus. Despojou ao santuário de todos seus tesouros, saqueou a cidade de Jerusalém e a deixou em ruínas, matou a milhares de judeus e levou a outros como escravos ao exílio. Um decreto real lhes ordenava que abandonassem todos os ritos de sua religião e que vivessem como pagãos. Os obrigou a erigir altares pagãos em cada aldeia da Judea, a oferecer neles carne de porco e a entregar todas as cópias da Escritura para que fossem destroçadas e queimadas. Antíoco ofereceu carne de porco ante um ídolo pagão no templo judeu. A suspensão que decretou dos sacrifícios judeus (do 168-165 A. C. ou do 167-164 A. C., de acordo com dois métodos de computar o tempo na era seléucida), fez perigar a sobrevivência da religião judia e a identidade dos judeus como povo.

Finalmente os judeus se rebelaram e expulsaram as forças do Antíoco de Judea. Até conseguiram rechaçar um exército enviado pelo Antíoco com o firme propósito de exterminar toda a nação. Uma vez mais livres de sua mão opresora, restauraram o templo, levantaram um novo altar e novamente ofereceram sacrifícios (1 MAC. 4: 36-54). depois de aliar-se com Roma poucos anos mais tarde (161 A. C.), os judeus desfrutaram de quase um século de relativa independência e prosperidade sob o amparo romana, até que Judea se converteu em uma

província romana em 63 A. C. Os que sustentam que se menciona ao Antíoco Epífanes nos vers. 14 e 15 dizem que os "homens turbulentos" ("violentos", BJ) são os judeus que traíram a seus compatriotas e ajudaram ao Antíoco a executar seus decretos e planos cheios de crueldade e blasfêmia. Ver um relato detalhado das amargas vicissitudes dos judeus durante este tempo adverso em 1 MAC. 1 e 2; Josefo, Antiguidades xII. 6. 7; Guerras I. 1.

É possível que no cap. 11 se faça referência à crise ocasionada pelo proceder do Antíoco Epífanes, embora haja uma considerável diferencia de opinião quanto a qual parte da profecia se ocupa dele. O fato de que se reconheça que no cap. 11 se faz referência ao que fez Antíoco Epífanes, não significa que o considere como o tema da profecia dos cap. 7 e 8, assim como a menção de outros reis seléucidas não exige que os considere como tema da profecia nesses capítulos.

Homens turbulentos de seu povo.

Literalmente, "os filhos dos quebrantadores de seu povo". Se se entender que os "homens turbulentos" são "de seu povo", possivelmente se aplica aos judeus que viram na luta internacional de seu tempo uma oportunidade para fomentar seus interesses nacionais, e estiveram dispostos a ir além do legal para obter seu propósito. Por outra parte, se se 895 entender que se fala de quem "quebrantam a seu povo", referiria-se a "os que atuam violentamente contra seu povo". Neste sentido o interpretou como uma referência a os romanos, que finalmente (63 A. C.) despojaram aos judeus de seu independência, e mais tarde (em 70 e 135 d. C.) destruíram o templo e a cidade de Jerusalém. Em realidade, foi durante o reinado do Antíoco III (ver com. vers. 10-13) quando os romanos, intervindo para proteger os interesses de seus aliados, Pérgamo, Roda, Atenas e Egito, fizeram-se sentir por primeira vez nos assuntos de Síria e Egito.

15.

Rei do norte.

depois dos comentários entre parêntese do vers. 14, este versículo continua com a narração começada no vers. 13 em relação à segunda campanha do Antíoco contra Palestina.

Baluartes.

Heb. solelah, "montão", quer dizer, algum aterro ou amontoamento de terra para ajudar ao assédio.

A cidade forte.

Heb. 'ir mibtsaroth, literalmente, "cidade de fortificações". É possível que aqui se faça referência a Gaza, que caiu em mãos do Antíoco III em 201 A. C., depois de um comprido assedio. Alguns comentadores pensam que esta passagem se refere ao Sidón, onde Antíoco rodeou a um exército egípcio durante esta mesma guerra, e depois de um assédio forçou a rendição dos egípcios.

Forças.

"Braços" (BJ), símbolo de força (vers. 22, 31).

16.

Terra gloriosa.

Quer dizer a Palestina (ver com. cap. 8: 9). Segundo a opinião de que os romanos aparecem no vers. 14, a conquista da Palestina que se descreve aqui corresponderia com a do Pompeyo, que em 63 A. C. interveio em uma disputa entre dois irmãos, Hircano e Aristóbulo, rivais na luta pelo trono de Judea. Os defensores se encerraram detrás dos muros do templo e durante três meses resistiram aos romanos. Foi nesta ocasião quando, segundo Josefo (Antiguidades xIV. 4. 4), Pompeyo levantou o véu e contemplou com assombro o lugar muito santo, que estava vazio posto que o arca tinha estado escondida do exílio (ver com. Jer. 37: 10).

17.

Convênios.

Heb. yósher. É escuro o significado do hebreu desta passagem. "frase diz literalmente, "e yesharim com ele e ele fará". Yósher pode traduzir-se como "justiça", "integridade", "eqüidade" ou "pacto". Por outra parte, é possível que em vez de yesharim deva ler-se mesharim, que no vers. 6 se emprega para referir-se a um acordo eqüitativo entre o rei do norte e o rei do sul. Em todo caso, é provável que haja aqui uma referência ao feito de que quando Ptolomeo XI Auletes morreu em 51 A. C., pôs a seus dois filhos, Cleopatra e Ptolomeo XII sob a tutela de Roma.

Uma filha de mulheres.

Uma expressão em desusa, possivelmente para dar ênfase a femineidad da mulher a quem se faz referência. Alguns aplicaram esta expressão a Cleopatra, filha do Ptolomeo XI. Foi posta sob a tutela de Roma em 51 A. C., e três anos mais tarde chegou a ser a amante de Julho César, que tinha invadido Egito. Depois do assassinato de Julho César, Cleopatra entregou seu afeto a Marco Antonio, rival do Octavio, herdeiro do César. Octavio (mais tarde Augusto) derrotou às forças combinadas da Cleopatra e do Antonio no Accio (31 A. C.). Ao ano seguinte, o suicídio do Antonio (segundo a opinião de alguns, obra de Cleopatra) abriu passo ao novo vencedor. Então Cleopatra se suicidó ao dar-se conta que não podia seduzir ao Octavio.

A dinastia tolemaica do Egito terminou com a Cleopatra, e do 30 A. C. Egito foi uma província do Império Romano. A tortuosa conduta da Cleopatra condice bem com as especificações da última frase deste versículo, pois Cleopatra não estava de parte do César, mas sim fomentava seus próprios interesses políticos.

18.

As costas.

Heb. 'iyyim, "terras do mar", ou "costas do mar". Algumas guerras em outras partes do império fizeram que julho César saísse do Egito. A partida de Pompeyo foi logo derrotado nas terras costeiras do África. Em Síria e Ásia Menor, César teve êxito contra Farnaces, rei do Ponto.

Um príncipe.

Heb. qatsin, geralmente um homem de autoridade, como na ISA. 1: 10, ou mais

especificamente um comandante militar, como no Jos. 10: 24.

Até.

O hebreu da última oração deste versículo não é claro. A seguinte tradução provavelmente reflete o sentido desta passagem: "Certamente ele voltará sua própria insolência sobre si mesmo" (RSV). A segunda metade do vers. 18 reza assim na BJ: "Um magistrado porá fim a seu ultraje, sem que ele possa lhe pagar ultraje por ultraje".

19.

Tropeçará e cairá.

julho César foi 896 assassinado em Roma, o ano 44 A. C.

20.

Um que fará acontecer um cobrador de tributos.

Heb. MA'abir noges, "um que faz passar a um opressor". O particípio noges, de nagas, "oprimir", "exigir", usa-se com referência aos capatazes dos israelitas no Egito (Exo. 3: 7) e aos opressores estrangeiros (ISA. 9: 4). Assim a passagem se refere a um rei que teria que enviar opressores ou exactores por todo seu reino. A maioria dos comentadores entendem que aqui se faz referência a um cobrador de impostos, que em tempos antigos era para o homem comum a personificação mesma da opressão real. No Luc. 2: 1 se registra que "aconteceu naqueles dias, que se promulgou um decreto de parte de Augusto César, que todo mundo fosse recenseado ou 'recenseado' (ver com. Luc. 2: 1)". Considera-se a Augusto, sucessor de julho César, como o que estabeleceu o Império Romano. Faleceu pacificamente em seu leito depois de um reinado de mais de 40 anos, o 14 d. C.

21.

Um calhorda.

Tiberio (1437 d. C.) foi o sucessor de Augusto. Certos historiadores sustentam que houve um intento premeditado do Suetonio, Séneca e Tácito para escurecer a descrição do caráter do Tiberio. Sem dúvida se exagerou o quadro. Entretanto, há suficientes evidencia para mostrar que Tiberio era uma pessoa excêntrica, mal compreendida e desagradável.

Não darão.

Heb., "não deram". Traduz-se melhor o hebreu no tempo pretérito. Possivelmente se faça referência ao feito de que originalmente Tiberio não estava na linhagem real para a sucessão ao trono, mas chegou a ser filho de Augusto por adoção, e foi designado herdeiro do império só quando já tinha chegado na metade de a vida.

Sem aviso.

Quando morreu Augusto, Tiberio ocupou o trono pacificamente. Só era filho adotivo de seu predecessor, e sua ascensão à dignidade imperial se deveu em grande medida às manobras de sua mãe, Livia.

22.

As forças inimizades serão varridas... como com inundação.

O quadro evidentemente é o de exércitos de soldados que assemelham uma inundação (ver com. cap. 9: 26). Tiberio teve grande êxito ao dirigir várias campanhas militares, tanto na Germania como no Oriente, nas fronteiras de Armênia e Partia.

O príncipe do pacto.

Idêntico ao Príncipe que confirma o pacto no cap. 9: 25-27 (ver cap. 8: 11). Pela profecia do cap. 9 fica claro que este era o Mesías, Jesucristo. Foi durante o reinado do Tiberio (14 A. C.- 37 d. C.) e por ordem de seu procurador na Judea, Poncio Pilato, que Jesus foi crucificado no ano 31 d. C.

23.

Depois do pacto.

Alguns comentadores sugeriram que aqui Daniel retrocede no tempo e se refere ao pacto de ajuda e amizade entre os judeus e os romanos de 161 A. C. (ver Josefo, Antiguidades xII. 10. 6). Esta opinião dá por sentado que a expressão hebréia que no vers. 24 se traduz "tempo" designa um "tempo" profético de 360 anos (ver com. cap. 7: 25; 11: 24). Outros, que se atienen a a continuidade cronológica da narração profético do cap. 11, encontram aqui uma referência à política romana de convir o que hoje chamaríamos pactos de ajuda mútua, como por exemplo o tratado de ajuda e amizade com os judeus. Nesses tratados os romanos reconheciam aos participantes como "aliados", e teoricamente esses pactos tinham o objeto de proteger e promover interesses mútuos. Assim Roma aparecia desempenhando o papel de amiga e protetora, só para obrar com "engano" fazendo valer esses acordos para seu próprio benefício. Freqüentemente impunha as cargas da conquista sobre seus "aliados", mas geralmente se reservava para si mesmo os frutos das conquistas. Ao fim esses "aliados" eram absorvidos no Império Romano.

24.

Por um tempo.

Heb. 'ad'eth, "até tempo". Esta expressão assinala um determinado tempo quando as artimanhas do poder do qual se fala aqui chegariam a seu fim. A palavra 'eth, "tempo", possivelmente não devesse entender-se aqui como um período específico, nem como um período profético. A palavra que nos cap. 4: 16 e 7: 25 se traduz "tempos", é a palavra aramaica 'iddan, e no cap. 12: 7 é o Heb. moed. 'Ad-eth pareceria assinalar um tempo indeterminável. O poder ímpio teria que obrar até que se alcançasse esse limite fixado Por Deus (ver com. cap. 11: 27; cf. cap. 12: 1).

Os que acreditam que aqui se indica um tempo profético, vêem nos acontecimentos narrados uma referência ao lapso durante o qual a cidade de Roma continuaria como sede do império. considera-se que 31 A. C. é a data do começo, o ano da batalha de 897 Accio, quando Augusto triunfo sobre Marco Antonio e Cleopatra. Do 31 A. C., 360 anos chegam até 330 d. C., ano em que a sede do império foi transladada de Roma a Constantinopla.

Alguns estimam que a declaração deste versículo é uma predição da política romana para com as regiões conquistadas do império. A história registra que o bota de cano longo da conquista se distribuía generosamente entre os nobres e os comandantes do exército e que pelo general até os soldados rasos recebiam terras em regiões conquistadas. "Por um tempo" (um tempo considerável) nenhuma "fortaleza" pôde resistir a pressão decidida das invencíveis legiões de Roma.

25.

Despertará suas forças.

Segundo a explicação a que se fez referência anteriormente (ver com. vers. 24), este versículo se refere à luta entre Augusto e Antonio, que culminou com a batalha do Accio e a derrota do Antonio.

26.

Os que comam de seus manjares.

Alguns consideram que esta é uma referência aos favoritos reais. Dos dias dos primeiros Césares, as intrigas palacianas marcam o levantamento e a queda dos imperadores de Roma. Especialmente em anos posteriores, quando um oficial do exército atrás de outro ocupou o trono dos Césares, freqüentemente ao preço da cabeça de seu predecessor, cumpriu-se com singular exatidão a predição de que os favoritos reais se levantariam e quebrantariam aos que feito-se amigos deles e que assim "muitos" cairiam "mortos". No antigo Próximo Oriente os que comiam o alimento que lhes dava outra pessoa deviam manter-se leais a ela.

Destruído.

"Fundo" (BJ). Em siríaco e na Vulgata se lê, "ser lavado", ou "ser miserável". De acordo com a explicação a que acabamos de fazer referência (vers. 24), este versículo descreve a sorte do Antonio. Quando Cleopatra, assustada pelo fragor da batalha, retirou-se do Accio junto com as 60 naves da marinha egípcia, Antonio a seguiu e assim entregou a vitória a Augusto. Os que apoiavam ao Antonio se renderam a Augusto. Finalmente Antonio se suicidó. Para os que dão ênfase à continuidade cronológica deste capítulo (ver com. vers. 23), prediz-se aqui a instável situação política que foi como uma praga para o império entre os reinados do Nerón e Diocleciano.

27.

Para fazer mau.

Alguns pensam que esta frase é uma referência às intrigas do Octavio (mais tarde Augusto) e Antonio, ambos os aspirantes ao domínio universal. Outros acreditam que é uma referência à luta pelo poder durante os últimos anos de Diocleciano (284-305) e durante os anos entre a morte do Diocleciano e o tempo em que Constantino o Grande (306-337) conseguiu voltar a unir o império (323 ou 324).

O prazo.

Os ímpios e suas maquinações só podem durar o tempo que Deus os

conceda. A verdadeira filosofia da história se demonstra através do livro do Daniel. Deus "faz segundo sua vontade no exército do céu, e nos habitantes da terra, e não há quem detém sua mão" (cap. 4: 35).

28.

E voltará.

Alguns expositores consideram que esta é uma predição do sítio e da destruição de Jerusalém que efetuou Tito em 70 d. C. Outros, que se atienen a a continuidade cronológica da narração profética (ver com. vers. 23), vêem uma descrição mais ampla da obra do Constantino o Grande.

Contra o pacto santo.

fala-se de Cristo como "príncipe do pacto" (vers. 22), e é ele quem "por outra semana confirmará o pacto com muitos" (cap. 9: 27). Esse pacto é o plano de salvação, esboçado na eternidade e com assinado pelo fato histórico de a morte de Cristo. Pareceria pois razoável que se entendesse que o poder ao qual se faz referência aqui seria um que tenazmente se oporia a esse plano de redenção e a seu efeito nas almas e as vistas dos homens. Alguns pensam que aqui se faz referência específica à invasão da Judea pelos romanos e à captura e a destruição de Jerusalém em 70 d. C. Outros sugerem que Constantino é o tema da predição. Observam que embora Constantino professou haver-se convertido à fé cristã, na verdade estava "contra o pacto santo" pois seu propósito era usar o cristianismo como um instrumento para unificar o império e consolidar seu domínio sobre ele. Outorgou grandes favores a a igreja, mas esperava que em troca a igreja apoiasse sua política.

29.

Mas não será.

Segundo os que entendem que aqui se esboça a carreira do Constantino, se sugere esta explicação: Apesar de todos os intentos do Constantino para restaurar a primeira glória e o poder do Império Romano, no máximo seus esforços obtiveram um êxito parcial. 898

A primeira.

"Esta vez não resultará como a primeira" (BJ). Alguns acreditam que aqui se faz referência ao traslado da sede do império a Constantinopla. Este traslado foi indicado como o sinal da queda do império.

30.

Quitim.

O nome Quitim aparece oito vezes no AT, e além em escritos judeus posteriores. O usa em uma interessante variedade de formas. No Gén. 10: 4 (ver comentários ali; cf. 1 Crón. 1: 7), nomeia-se ao Quitim como filho do Javán e neto do Jafet. A zona ocupada pelos descendentes do Quitim provavelmente foi o Chipre. A principal cidade fenícia do Chipre, na costa sudeste, se conhecia em fenício com o nome do Kt, em grego Kítion, e em latim como Citium. Em sua profecia (Núm. 24: 24) Balaam declara que "virão naves da costa do Quitim, e afligirão a Assíria". Alguns aplicaram esta predição a a derrota da Persia na Mesopotamia quando foi vencida pelo Alejandro Magno,

quem veio das costas do Mediterrâneo (ver com. Núm. 24: 24). As "costas do Quitim" do Jer. 2: 10 e Eze. 27: 6 evidentemente se referem também às costas do Mediterrâneo.

Na literatura judia, a palavra aparece em 1 MAC. 1: 1 ao descrever a Macedônia. Além disso, em dois dos cilindros dos Manuscritos do Mar Morto está esse nome. As formas ktyy 'shwr, "Quitim do Asur" (Assíria) e hktyym bmtsrym, "os quitim do Egito", aparecem na guerra entre os filhos da luz e os filhos das trevas. É possível que estas designações se apliquem aos seléucidas e aos ptolomeos, os reis do norte e do sul. A relação geográfica da palavra Quitim com as costas do Mediterrâneo parecesse perder-se completamente, e Quitim passa a ser um término genérico para referir-se aos inimigos dos judeus O Comentário do Habacuc entre os cilindros do Mar Morto também menciona aos Quitim. O autor desta obra acreditava que as profecias do Habacuc se referiam às dificuldades dos judeus em seu próprio tempo (possivelmente ao redor de mediados do século I A. C). Interpretou ao Hab. 1: 6-11, onde o profeta descreve aos caldeos, como uma referência aos de Quitim que estavam espoliando aos judeus de seu tempo. Dentro do contexto histórico dessa obra, o término talvez se aplique aos romanos. Ver T. I, pp. 35-38.

Respeito a isto, é interessante notar que na LXX, traduzida possivelmente no século II A. C., Dão. 11: 30 reza "romanos" em vez do Quitim". Pareceria pois claro que embora a palavra Quitim se referia originalmente ao Chipre e a seus habitantes, posteriormente seu significado foi ampliado até incluir as costas do Mediterrâneo ao oeste da Palestina, e mais tarde o aplicou em geral a os opressores estrangeiros, não importava que viessem do sul (Egito), do norte (Síria), ou do oeste (Macedônia e Roma).

Respeito ao tempo quando foi escrito, o livro do Daniel está muito mais perto das referências ao Quitim do Jeremías e Ezequiel que das de origem postbíblico, que possivelmente surgiram como um eco da forma em que se usa Quitim na Bíblia. Entretanto, a redação deste versículo nos faz pensar em Núm. 24: 24, onde se faz referência a conquistadores do ocidente (ver os comentários ali). Embora os estudantes da Bíblia não estão todos de acordo em relação à referência histórica precisa do Quitim" neste versículo, parece claro que ao interpretar-se esta passagem devessem se ter em conta dois pensamentos: primeiro, que geograficamente no tempo do Daniel a palavra se referia às terras e aos povos do ocidente; e segundo, que a ênfase pode ter estado já em processo de trocar do significado geográfico da palavra à idéia do Quitim como invasores e destruidores procedentes de qualquer parte.

Alguns vêem nas "naves do Quitim" uma referência às hordas bárbaras que invadiram e destruíram o Império Romano do Ocidente.

Pacto.

Ver com. vers. 28. Alguns vêem na indignação que aqui se descreve uma referência aos esforços de Roma por destruir o pacto santo mediante a supressão das Sagradas Escrituras e a opressão dos que acreditavam nelas.

31.

De sua parte.

"De sua parte surgirão forças armadas" (BJ). Heb. mimménnu, "dele". Esta

palavra modifica o sujeito e não o verbo da cláusula: "Levantarão-se forças dele". Quer dizer, levantariam-se forças pertencentes a este poder (ver mais adiante o comentário de "o santuário e a fortaleza") para levar a cabo a obra de profanação que aqui se descreve.

Profanarão.

Heb. jalal, "profanar". A palavra hebréia indica que algo sagrado foi convertido em comum. usa-se esta palavra 899 para indicar a profanação de um altar de pedra pelo uso de uma ferramenta sobre ele (Exo. 20: 25), e a profanação do sábado (Exo. 31: 14). Também descreve os fatos dos que profanaram o nome de Deus sacrificando meninos a um deus pagão (Lev. 20: 3). Ver com. Lev. 18: 21 respeito a esta prática repulsiva.

O santuário e a fortaleza.

Literalmente, "o lugar santo, o refúgio". Usam-se as duas palavras em aposto. Alguns pensam que se aplicam à cidade de Roma, a sede do poder no mundo antigo, e daí "o santuário e a fortaleza". Segundo isto prediriam-se os ataques destruidores das nações bárbaras.

Outros acreditam que o tema é o santuário celestial. O Heb. MA'oz, traduzido "fortaleza", vem do verbo 'azaz, "ser forte", e se usa repetidas vezes em este capítulo (vers. 7, 10, 19, 38-39), embora não se traduz todas as vezes de a mesma maneira.

O santuário terrestre de Jerusalém estava rodeado de fortificações. O santuário celestial, onde Cristo apresenta seu sangue pelos pecadores, é o supremo lugar de refúgio. Segundo isto, esta passagem se entendeu como uma descrição da ação do grande poder apóstata na história cristã que substituiu ao verdadeiro sacrifício de Cristo e seu ministración como supremo sacerdote no santuário celestial por um falso sacrifício e uma falsa ministración.

Contínuo.

Ver com. cap. 8: 11.

Abominação desoladora.

delineia-se aqui a obra do papado. Esta é a primeira vez em que aparece esta expressão no livro do Daniel, embora haja palavras similares na frase "com a multidão das abominações virá o desolador" (cap. 9: 27). Na LXX esta frase se traduz "sobre o templo abominação de desolações". As palavras de Cristo em relação à "abominação desoladora" (Mat. 24: 15) podem considerar-se como uma aplicação particular desta referência anterior de Dão. 9: 27 mas bem que a de Dão. 11: 31. Falando da iminente destruição de Jerusalém que ocorreu em 70 d. C., Jesus identificou aos exércitos romanos que rodeariam a cidade como "a abominação desoladora de que falou o profeta Daniel" (Mat. 24: 15; cf. Luc. 21: 20).

Já que Dão. 9: 27 é parte da explicação do anjo quanto a Dão. 8: 11-13, a conclusão natural é que Dão. 8: 11-13 é uma profecia dobro (similar a do Mat. 24; cf. DTG 582) que se aplica tanto à destruição do templo e de Jerusalém feita pelos romanos como à obra do papado nos séculos da era cristã.

Devesse notar-se além que a referência específica do Jesus à obra da "abominação desoladora", ainda futura em seu tempo, confirma que Antíoco Epífanes não cumpriu as especificações desta profecia. Ver com. Dão. 8: 25.

32.

Lisonjas.

Heb. jalaqqoth, "coisas lisas, escorregadias" (ver cap. 8: 25). Sempre foi o método de Satanás fazer aparecer seu caminho como mais difícil que o de Deus. Através da história cristã, o povo de Deus se obstinado ao caminho descrito por Cristo quando disse: "estreito o caminho que leva a vida" (Mat. 7: 14).

Seduzirá.

O papado.

Pacto.

Ver com. vers. 28.

Atuará.

Heb. `aÑah "fazer", "fabricar". Esta passagem se refere, sem dúvida, aos que estando em terras sob a jurisdição de Roma e fora dela, resistiram as usurpações papais e mantiveram uma fé viva, como por exemplo os valdenses, os albigenses e outros.

A verdadeira igreja não só se distingue porque o povo de Deus reage contra o pecado resistindo a tentação, a não ser, o que é mais, porque leva adiante um programa positivo de ação em favor do Muito alto. O cristianismo não pode ser passivo. Cada filho de Deus tem uma missão que cumprir.

33.

Instruirão a muitos.

A comissão de Cristo: "portanto, vão, e façam discípulos a todas as nações" (Mat. 28: 19) é tão imperativa em tempos de perseguição como em períodos de paz, e freqüentemente resulta mais efetiva em tempos adversos.

Por alguns dias.

"Algum tempo" (BJ). O texto hebreu, a LXX e a versão do Teodoción rezam simplesmente "dias". Entretanto, há alguns manuscritos hebreus em que figura a palavra rabbim, "muitos". O período ao qual se faz referência indubitavelmente é o mesmo que os 1.260 dias de Dão. 7: 25; 12: 7 e Apoc. 11: 2-3; 12: 6, 14; 13: 5; tempo durante o qual o poder da apostasia blasfemou a Deus na forma mais desafiante, exerceu sua autoridade usurpada, e perseguiu a os que não aceitavam sua autoridade (ver com. Dão. 7: 25).

Cairão.

Durante os séculos quando o verdadeiro povo de Deus sofreu as mais terríveis 900 perseguições, os que eram suficientemente intrépidos para levantar-se e dar testemunho de suas convicções foram objeto de um ódio destruidor

especial.

34.

Pequeno socorro.

Embora em sua sabedoria Deus não viu sempre conveniente liberar a seu Santos da morte, cada sua mártir teve a oportunidade de saber que sua vida está "escondida com Cristo em Deus" (Couve. 3: 3).

Durante os amargos dias de apostasia e perseguição descritos em Dão. 11: 33, repetidas vezes Deus enviou a seu povo duramente oprimido um "pequeno socorro" por meio de personagens que falavam em meio das trevas clamando por um retorno aos princípios das Escrituras. Entre eles estiveram os pregadores valdenses do século XII em adiante, John Wyclif da Inglaterra do século XIV, e Juan Huss e Jerónimo da Praga no século XV. No século XVI o tremendo sacudimiento que se produziu na vida política, econômica, social e religiosa da Europa, que em sua fase espiritual fez possível a Reforma Protestante, abriu o caminho para que muitas vozes mais se acrescentassem às vozes fiéis que se ouviram durante gerações anteriores.

35.

Embranquecidos.

Às vezes Deus permite que seus filhos sofram até a morte para que seus caracteres sejam desencardidos e preparados para o céu. Até Cristo "por isso padeceu aprendeu a obediência" (Heb. 5: 8). Compare-se com o Apoc. 6: 11.

O tempo determinado.

Melhor, "tempo do fim". Heb. 'eth qets. Esta expressão aparece também nos cap. 8: 17; 11: 40; 12: 4, 9. No contexto do cap. 11: 35 'eth qets parecesse relacionar-se claramente com os 1.260 anos, marcando o fim disso período. Quando estas passagens das Escrituras se comparam com o DTG 201; 5T 9-10; CS 404-406, fica claro que o ano 1798 d. C. marca o começo do "tempo do fim".

Prazo.

Heb. mo'ed, do verbo já'ad, "assinalar". Mo'ed, uma palavra hebréia comum, se aplicava às reuniões assinaladas de Deus com o Israel (Exo. 23: 15; ver com. Lev. 23: 2). A palavra se usava tanto para a data da reunião (Ouse. 12: 9) como para o lugar da reunião (Sal. 74: 8). Em Dão. 11: 35 quer dar a idéia de tempo. Ainda mais importante é o fato de que é um tempo famoso. "O tempo do Fim" (BJ) é um tempo famoso no programa divino de acontecimentos.

36.

O rei.

Entre os expositores adventistas houve geralmente dois pontos de vista sobre os vers. 36- 39. Uma interpretação identifica ao poder descrito aqui com a França revolucionária do ano 1789 e seguintes. A outra interpretação mantém que o poder que aqui se esboça é o mesmo poder apóstata e perseguidor que se descreve nos versículos anteriores.

Os que entendem que "o rei" refere-se ao poder da França durante a Revolução, recalcam que deve ser um poder novo o que se apresenta aqui posto que aparece imediatamente depois da menção do "tempo do Fim" (BJ) e porque, provavelmente, deve encher certas especificações que não foram indicadas respeito ao poder que se há descrito nos versículos anteriores, especialmente que sua vontade se manifestará para favorecer o ateísmo. Por suposto, é um fato histórico conhecido que a filosofia guiadora da Revolução Francesa não só era anticlerical mas também também atéia e que esta filosofia se difundiu muitíssimo nos séculos XIX e XX. Além disso essa revolução e suas conseqüências marcam o final do período profético de 1260 anos.

Aqueles que acreditam que "o rei" deste versículo é o poder descrito no vers. 32, fazem notar que em hebreu o artigo definido precede à palavra "Isto rei pareceria implicar que anteriormente se feito referência ao governante do qual se trata aqui. Alegam que a referência que se faz ao "tempo do Fim" (BJ) no vers. 35 pode assinalar ao futuro, e não indica necessariamente que os vers. 36-39 devem se localizar-se exclusivamente depois do começo desse tempo em 1798 (ver com. vers. 35), especialmente em vista de que é só no vers. 40 onde se diz especificamente que ocorreria um acontecimento "ao cabo do tempo" ("ao tempo do Fim", BJ). Entendem que a descrição do poder dos vers. 36-39 não indica ao ateísmo a não ser a um intento de suplantar todo outro poder religioso. Os que apóiam esta idéia também chamam a atenção ao paralelismo dos cap. 2; 7; 8-9. Chegam à conclusão de que pode esperar-se encontrar o mesmo paralelismo no cap. 11 e que este capítulo tem que ver com a culminação do mesmo poder apóstata que se descreve nas outras profecias do livro do Daniel.

Se ensoberbecerá.

Se aqui se descrever a França, estas palavras se entendem como 901 uma descrição dos excessos do ateísmo, cometidos por alguns dos caudilhos mais radicais da Revolução. Como exemplo disto, em 26 de novembro de 1793 a Comuna, ou corpo governante da cidade de Paris, aboliu por decreto toda religião na capital da França. Embora esse decreto foi anulado pela Assembléia Nacional uns poucos dias mais tarde, entretanto ilustra a influência que alcançou o ateísmo durante esse período.

Os que entendem que estes versículos se aplicam ao grande poder apóstata da história cristã, consideram que esta passagem é paralelo com Dão. 8: 11, 25; 2 Lhes. 2: 4; Apoc. 13: 2, 6; 18: 7. Vêem que a predição deste versículo se cumpre na pretensão papal de que a batata é vigário de Cristo na terra; no poder que pretende ter o clero, e em "o poder das chaves": a suposta autoridade para abrir e fechar o céu aos homens.

Falará maravilhas.

Se a França for o tema que se está considerando, esta frase se refere às jactanciosas palavras de quão revolucionários aboliram toda religião e instituíram o culto da deusa Razão. Posteriormente, quando se introduziu o culto do Ser Supremo, os reacionários fizeram claro que não devia identificar-lhe com o Deus da religião cristã.

Quanto ao cumprimento desta passagem segundo a interpretação de que o papado é o tema que aqui se trata, ver com. cap. 7: 11, 25; cf. 2 Lhes. 2: 4; Apoc. 13: 5-6.

37.

Amor das mulheres.

Os que acreditam que o poder que aqui se descreve é a França, vêem um cumprimento desta passagem na declaração dos revolucionários de que o matrimônio era meramente um contrato civil e que sem mais trâmites podia ser disolvido a vontade dos contrayentes.

Os que acreditam que aqui se descreve ao papado vêem uma possível referência à importância que esse poder dá ao celibato e à virgindade.

Nem respeitará a deus algum.

Segundo uma interpretação, as palavras se aplicam ao poder ateu da França revolucionária que tentou abolir toda religião nesse país (ver com. vers. 36). Segundo a outra posição, estas palavras devem entender-se em sentido comparativo; quer dizer que o poder que aqui se descreve não é ateu, mas sim se considera a si mesmo como porta-voz de Deus e não dá a Deus a consideração que lhe deve. Em forma blasfema procura ficar em lugar de Deus (ver 2 Lhes. 2: 4).

38.

Em seu lugar.

Heb. 'ao-kanno, "em seu lugar", quer dizer em lugar do verdadeiro Deus.

Deus das fortalezas.

Heb. 'eloah MA'uzzim. Os comentadores interpretaram esta expressão em formas muito diversas. Alguns a consideram como um nome próprio, "ao deus Mauzim" (RVA). Entretanto, não se conhece em nenhuma parte um deus de tal nome. Posto que MA'uzzim parece ser o plural do heb. MA'oz "refúgio", "fortaleza", que aparece várias vezes neste capítulo (vers. 7, 10, 19, 31), parecesse melhor entender estas palavras como "deus de fortalezas", ou "deus de refúgios".

Alguns interpretam este versículo como uma referência ao culto à Razão instituído em Paris em 1793. Dando-se conta de que a religião era necessária para que a França se mantivera forte a fim de cumprir sua meta de estender a Revolução por toda a Europa, alguns dos dirigentes em Paris trataram de estabelecer uma nova religião, com a razão personificada em forma de deusa. Isto foi seguido depois pelo culto ao "Ser Supremo" -a natureza deificada- que poderia considerar-se apropiadamente como um "deus de fortalezas ou forças".

Outros entendem que aqui se faz referência às orações dirigidas aos Santos e à Virgem María; outros consideram que é a aliança de Roma com os poderes civis e seus esforços premeditados para conseguir que as nações cumprissem a vontade de Roma.

Coisas de grande preço.

"Jóias" (BJ). Heb. jamudoth, "coisas desejáveis, preciosas". Uma palavra similar, da mesma raiz se emprega na ISA. 44: 9 para descrever os custosos ornamentos com que os pagãos adornavam suas imagens. Alguns vêem o cumprimento deste

passagem nos presentes muito valiosos que lhe têm feito às imagens da Virgem e dos Santos (ver Apoc. 17: 4; 18: 16).

39.

Fará-se das fortalezas.

Esta passagem não é de fácil compreensão. A primeira parte deste vers. 39 há sido vertida ao castelhano de diversas formas. A VM o faz em forma semelhante a RVR: "Fará-se dono das mais inexpugnáveis fortalezas em união com um deus estranho". Em troca a BJ difere muito: "Porá como defensores das fortalezas ao povo de um deus estrangeiro". Em hebreu, o verbo que aqui se traduz "fará", 902 `aÑah, que significa "fazer", "obrar", não tem complemento direto mas é seguido por duas preposições o "a", ou "para", e 'im, "com". No Gén. 30: 30; 1 Sam. 14: 6; e Eze. 29: 20

`aÑah, sem complemento e seguido pelo, como aqui, tem o sentido de "trabalhar para [alguém]".

`AÑah seguido por `im aparece em 1 Sam. 14: 45, com o sentido de "trabalhar com". Em vista destes usos, pareceria razoável traduzir esta passagem: "E trabalhará para os refúgios mais fortes (MA'uzzim) com um deus estranho". Posto que a expressão 'eloah MA'uzzim (vers. 38) aparece como equivalente de "um deus que seus pais não conheceram", é de esperar que aqui se identifique com o "deus alheio".

Alguns consideram que esta passagem é uma referência ao lugar preponderante que as idéias do ateísmo e do racionalismo ocuparam entre os dirigentes de França durante a Revolução. Outros vêem aqui uma descrição do apoio que a igreja romana deu ao culto dos "patronos" -os Santos- e às festividades levadas a cabo em várias cidades do mundo em honra do sacrifício da missa e da Virgem María.

Repartirá a terra.

Alguns entendem que estas palavras descrevem a divisão das grandes propriedades da nobreza da França e a venda dessas propriedades feita por o governo a pequenos proprietários. estimou-se que as duas terceiras partes das propriedades rurais foram confiscadas pelo governo durante a Revolução.

Outros acreditam que estas palavras se cumpriram com o predomínio papal sobre os governantes temporários e a recepção freqüente de rendas de parte deles. Se sugeriu que a divisão do Novo Mundo entre a Espanha e Portugal, feita por a batata Alejandro VI em 1493, pode considerar-se como um exemplo do cumprimento desta passagem.

Veja uma síntese histórica da interpretação adventista de Dão. 11: 36-39 e uma avaliação das posições atuais, na revista Ministry, março de 1954, pp. 22-27.

40.

Ao cabo do tempo.

"Ao tempo do Fim" (BJ). Aqui se mencionam aos reis do norte e do sul por primeira vez dos vers. 14 e 15. Os expositores adventistas que entendem

que o tema dos vers. 36-39 é o proceder da França durante a Revolução, sustentam que a Turquia é o rei do norte dos vers. 40-45. Os que aplicam os vers. 36-39 ao papado encontram aqui um quadro profético do pináculo de sua carreira. Alguns do segundo grupo identificam ao papado como rei do norte, enquanto outros fazem uma distinção entre os dois. Uns poucos consideram que os vers. 40-45 se cumpriram ao cair o império Turco em 1922. Ver com. vers. 45.

45.

Chegará a seu fim.

Comparar com predições similares nas profecias paralelas do cap. 2 (vers. 34-35, 44-45), cap. 7 (vers. 11, 26), cap. 8 e 9 (8: 19, 25; 9: 27), e em outras passagens das Escrituras (ISA. 14: 6; 47: 11- 15; Jer. 50: 32; 1 Lhes. 5: 3; Apoc. 18: 6-8, 19, 21).

Em geral os adventistas do sétimo dia hão sustenido que o cumprimento do vers. 45 está ainda no futuro. As prudentes palavras pronunciadas pelo pioneiro adventista Jaime White em 1877 com referência ao cuidado que se deve ter ao interpretar a profecia ainda não cumprida ainda constituem um bom conselho na atualidade:

"Ao interpretar profecias não cumpridas, onde a história não está escrita, o estudante devesse apresentar sua exposição sem muito dogmatismo para que não encontre-se extraviado no terreno da fantasia.

"Há quem pensa mais sobre a verdade futura que sobre a verdade presente. Vêem pouca luz no atalho em que caminham, mas acreditam que vêem grande luz diante deles.

"As opiniões em relação à questão do Oriente se apóiam em profecias que não cumpriram-se ainda. Nestes casos devêssemos andar com cautela e nossas definições devessem ser cuidadosas para que não nos encontre tirando os marcos que se estabeleceram firmemente no movimento adventista. Pode dizer-se que há consenso geral sobre este tema, e que todos os olhos se voltam para a guerra atual entre a Turquia e Rússia [1877-78] como o cumprimento dessa porção da profecia que confirmará muito a fé no próximo forte clamor e o fim de nossa mensagem. Mas é inquietante perguntar-se qual será o resultado deste dogmatismo quanto a profecias não cumpridas se as coisas não saem como se espera tão confidencialmente" (James White, RH 29-11-1877).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-45 3JT 283

1 PR 408

35,40 CS 404 903

CAPÍTULO 12

1 Miguel liberará ao Israel de suas tribulações. 5 Lhe faz ter sabor do Daniel sobre o tempo do fim.

1 NAQUELE tempo se levantará Miguel o grande príncipe que está de parte dos

filhos de seu povo; e será tempo de angústia, qual nunca foi desde que houve gente até então; mas naquele tempo será libertado seu povo, todos os que se achem escritos no livro.

2 E muitos dos que dormem no poeira serão despertados, uns para vida eterna, e outros para vergonha e confusão perpétua.

3 Os entendidos resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a justiça à multidão, como as estrelas a perpétua eternidade.

4 Mas você, Daniel, fecha as palavras e sela o livro até o tempo do fim. Muitos correrão daqui para lá, e a ciência se aumentará.

5 E eu Daniel olhei, e hei aqui outros dois que estavam em pé, o um a este lado do rio, e o outro ao outro lado do rio.

6 E disse um ao varão vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando será o fim destas maravilhas?

7 E ouvi o varão vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, o qual elevou sua mão direita e sua mão esquerda ao céu, e jurou pelo que vive pelos séculos, que será por tempo, tempos, e a metade de um tempo. E quando se acabar a dispersão do poder do povo santo, todas estas coisas serão cumpridas.

8 E eu ouvi, mas não entendi. E pinjente: meu senhor, qual será o fim destas coisas?

9 O respondeu: Anda, Daniel, pois estas palavras estão fechadas e seladas até o tempo do fim.

10 Muitos serão limpos, e embranquecidos e desencardidos; os ímpios procederão impíamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os entendidos compreenderão.

11 E do tempo que seja tirado o contínuo sacrifício até a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias.

12 Bem-aventurado o que espere, e chegue a mil trezentos e trinta e cinco dias.

13 E você irá até o fim, e repousará, e te levantará para receber sua herdade ao fim dos dias.

1.

Naquele tempo.

Heb. BA'eth hahi', "a esse tempo", ou "nesse tempo". Alguns sustentam que estas palavras aludem à frase b'eth qets "Ao [ou no] tempo do fim" (cap. 11: 40); quer dizer que os acontecimentos que se têm que narrar ocorrem dentro desse período geral. Entretanto, o contexto justifica a conclusão de que "aquele tempo" refere-se ao tempo do desaparecimento do poder descrito ao final do cap. 11. Devesse notar-se que as palavras "naquele tempo" não especificam se os acontecimentos que aqui se predizem têm que ocorrer simultaneamente com os do cap. 11: 45, ou se os precedem imediatamente ou os seguem. O importante é que os acontecimentos do

último versículo do cap. 11 e os do primeiro do cap. 12 estão estreitamente relacionados quanto a tempo.

Levantará-se.

Heb. 'amem. usa-se a mesma palavra posteriormente no versículo para descrever ao Miguel que "está de parte dos filhos de seu povo". Segundo o sentido parecesse ser muito claro que Cristo se levanta para liberar a seu povo (CS 671, 691, 698-700, 715).

Miguel.

Ver com. cap. 10: 13. Aqui o Paladín divino no grande conflito atua para liberar a seu povo.

Príncipe.

Heb. Ñar (ver com. cap. 10: 13).

Está de parte.

Heb. há'omed 'ao, "que se levanta sobre", quer dizer, para proteger.

Tempo de angústia.

Quando cessar a mediação de Cristo e o Espírito de Deus se retire de entre os homens, então todos os poderes das trevas que foram retidos descenderão sobre o mundo com fúria indescritível. Haverá uma cena de luta tal que nenhuma pluma poderá descrevê-la (ver CS 671- 672).

Libertado.

Que consolo saber que o resultado deste grande conflito não está em dúvida! Compare-se com cap. 7: 18, 22, 27; 10: 14. 904

O livro.

Quer dizer o livro da vida (ver com. Dão. 7: 10; cf. Fil. 4: 3; Apoc. 13: 8; 20: 15; 21: 27; 22: 19).

2.

Serão despertados.

Uma ressurreição especial precede ao segundo advento de Cristo. "Todos os que tenham morrido na fé da mensagem do terceiro anjo" levantarão-se em essa ocasião. Além disso, os que contemplaram burlonamente a crucificação de Cristo e os que se opuseram mais violentamente ao povo de Deus serão tirados de suas tumbas para ver o cumprimento da promessa divina e o triunfo da verdade (CS 695; Apoc. 1: 7).

Vergonha.

Heb. der'on, palavra que só aparece na Bíblia na ISA. 66: 24 e aqui. Se relaciona com o árabe desse', "repelir", e tem o sentido de "aborrecimento". depois de ter sido testemunhas de quão terrível é o pecado durante os milênios do grande conflito, os habitantes do universo

sentirão uma intensa repulsão pelo pecado. Quando o conflito haja terminado e se vindicou plenamente o nome de Deus, alagará o universo um profundo aborrecimento pelo pecado e por tudo o que este haja poluído. É este aborrecimento o que garante que o pecado nunca mais transtornará a harmonia do universo.

3.

Os entendidos.

Heb. hammaÑkilim, do verbo; Ñakal "ser prudente". Esta forma pode entender-se em um sentido simples, como "os que são prudentes", ou "os que têm discernimento"; ou em um sentido causativo: "os que fazem que haja discernimento", quer dizer, "os que ensinam". que verdadeiramente tem discernimento das coisas de Deus se dá conta de que, em virtude desse mesmo feito, essas coisas devem compartilhar-se com outros. A sabedoria divina o guia para que seja professor dessa sabedoria para outros.

MaÑkilim aparece no cap. 11: 33, onde se traduz "sábios". Nesta passagem os apresenta como perseguidos devido a seus fiéis esforços; aqui são recompensados com a glória eterna. Compare-se com o vers. 10.

4.

Fecha as palavras.

Compare-se com a advertência similar em relação à visão anterior do Daniel (cap. 8: 26). Esta instrução não se aplica a todo o livro do Daniel, porque uma parte da mensagem foi compreendida e desse modo foi uma bênção para os crentes durante séculos. aplica-se, mas bem, à parte da profecia do Daniel referente aos últimos dias (HÁ 467, DTG 201). Até que chegasse esse tempo não se poderia proclamar uma mensagem apoiada no cumprimento destas profecias (CS 405). Compare-se com o "livrinho aberto" que tinha em a mão o anjo do Apoc. 10: 1-2 (TM 11 2).

Correrão.

Heb. shuÛ, verbo que aparece 13 vezes no AT (Núm. 11: 8; 2 Sam. 24: 2, 8; 2 Crón. 16: 9; Job 1: 7; 2: 2; Jer. 5: 1; 49: 3; Eze. 27: 8, 26; Dão. 12: 4; Amós 8: 12; Zac. 4: 10). Na maioria destes casos shuÛ descreve o ato físico de andar daqui para lá.

Muitos intérpretes acreditam que shuÛ se usa aqui em um sentido metafórico e descreve uma fervente investigação da Bíblia, com o resultado de que aumenta o conhecimento sobre as profecias do livro do Daniel (ver com. "a ciência se aumentará"; cf. DTG 201; CS 405). Outros acreditam que Daniel prediz aqui uma multiplicação de viagens e de meios de transporte tal como se há visto no último século.

A LXX reza em forma muito diferente: "E você, Daniel, cobre as ordens e sela o libero até o tempo do fim, até que muitos enlouqueçam e a terra será cheia de maldade". A versão do Teodoción se assemelha mais ao texto masorético: "E você, Daniel, fecha as palavras e sela o livro até o tempo do fim; até que muitos sejam ensinados e a sabedoria seja aumentada". A BJ traduz: "Muitos andarão errantes para cá e lá, e a iniqüidade aumentará".

A ciência se aumentará.

Esta cláusula pode considerar-se como uma conseqüência lógica da cláusula imediatamente precedente: Quando o livro selado seja aberto no tempo do fim, aumentará-se o conhecimento das verdades contidas nestas profecias (PR 401-402; cf. Apoc. 10: 1-2). Ao final do século XVIII e ao começo do XIX despertou um novo interesse nas profecias do Daniel e Apocalipse em vários lugares do mundo muito distantes entre si. O estudo destas profecias difundiu muito a crença de que a segunda vinda de Cristo estava perto. Numerosos expositores na Inglaterra, José Wolff no Meio Oriente, Manuel Lacunza na América do Sul e Guillermo Miller nos Estados Unidos, junto com uma hoste de outros estudantes das profecias, apoiando-se em seu estudo das profecias do Daniel, declararam que a segunda vinda estava próxima. Hoje esta convicção se converteu na força impulsionasse de um movimento mundial. 905

Esta profecia também se interpretou como uma antecipação dos estupendos progressos da ciência e do conhecimento geral no último século e médio; progressos que têm feito possível uma extensa proclamação do mensagem destas profecias.

5.

E eu Daniel olhei.

Os vers. 5-13 formam um epílogo da visão dos cap. 10- 12 e podem considerar-se, em um sentido menos literal, como um epílogo de todo o livro.

Outros dois.

Aqui aparecem dois seres celestiales mais que se unem com o que já esteve narrando a profecia ao Daniel. Alguns sugeriram que possivelmente fossem os dois "Santos" mencionados no cap. 8: 13.

Do rio.

Quer dizer, o Hidekel, ou Tigris (ver com. cap. 10: 4).

6.

Varão vestido de linho.

Daniel tinha visto este Ser celestial ao começo de sua visão (cap. 10: 5-6).

A referência incidental que Daniel faz ao "rio" (vers. 5) e ao "varão vestido de linho", sem fazer uma identificação mais plena, sugere vividamente que o cap. 10, onde se apresentam ambos, é parte da mesma visão.

Quando será o fim?.

O anjo aqui formula a pergunta tácita que deve ter embargado a mente de Daniel. A grande aflição do profeta era a rápida e completa restauração de os judeus (ver com. Dão. 10: 2). É verdade que o decreto do Ciro já havia sido promulgado (Esd. 1: 1; cf. Dão. 10: 1), mas ficava muito por fazer. Depois do comprido e complexo relato das vicissitudes futuras pelas que passaria o povo de Deus, é natural que o profeta estivesse ansioso de saber até quando continuariam "estas maravilhas" e quando seria cumprida a promessa

de que seria "libertado" seu "povo" (Dão. 12: 1). Daniel não compreendeu plenamente a relação do que tinha visto com o futuro. Uma parte da profecia foi selada e só teria que entender-se no "tempo do fim" (Dão. 12: 4).

7.

Sua mão direita.

Ver Deut. 32: 40. O levantar ambas as mãos indicava que se acrescentavam à declaração a máxima solenidade e garantia.

que vive.

Não podia formular um juramento maior (ver Heb. 6: 13; cf. Apoc. 10: 5-6).

Tempo, tempos, e a metade.

Quer dizer, o período de 1.260 anos, 538-1798 d. C., que aparece primeiro no cap. 7: 25 (ver com. ali). Nessa passagem se usa o aramaico 'iddan, "um tempo especificado", ou "um tempo definido"; aqui aparece seu equivalente hebreu, mo'ed palavra que recalca o fato de que o Ser celestial fala de um "tempo determinado" (ver com. cap. 11: 35). Deus jurou cumprir com seu compromisso.

8.

Não entendi.

No versículo introdução desta visão (cap. 10: 1), Daniel diz que "teve inteligência na visão". Durante o curso da visão o anjo o assegurou ao profeta que tinha vindo para lhe fazer "saber" (cap. 10: 14). A revelação que seguiu foi dada em uma linguagem literal. Agora, depois de haver-se introduzido o fator tempo dos 1.260 anos, como resposta a seu pergunta: "Até quando?", Daniel confessou, "mas não entendi". Parecesse pois que a parte da visão que Daniel não compreendeu foi a que se relaciona com o fator tempo. Estava orando pela pronta restauração do templo (ver com. cap. 10: 2), um problema imediato. Pareceria que tivesse sido incapaz de fazer amoldar o fator tempo dentro de seu conceito de uma pronta liberação de seu povo.

O fim.

Embora já lhe tinha mandado que selasse esta parte da revelação (vers. 4), o ancião profeta estava ainda desejoso de saber mais de seu significado.

9.

Anda.

Não lhe permitiu ao venerável vidente e servo de Deus que soubesse o significado completo das revelações que tinha registrado. Todo o significado só seria apreciado pelos que teriam que ver o cumprimento histórico dessas profecias, porque só então lhe poderia dar ao mundo um mensagem apoiada no fato de que seu cumprimento tinha chegado (CS 405-406).

10.

Serão limpos, e embranquecidos.

Ou, "desencardirão-se a si mesmos e se embranquecerão", ou "demonstrarão que são puros e brancos". Embora o homem não pode desencardir-se por si mesmo, pode demonstrar por sua vida que Deus o desencardiu. Isto contrasta com a seguinte cláusula, "os ímpios procederão impíamente".

Compreenderão.

Uma garantia de que aqueles que nos últimos dias estudem as profecias bíblicas com dedicação e inteligência, entenderão a mensagem de Deus para seu tempo.

11.

Seja tirado.

A cláusula pode traduzir-se literalmente, "e do tempo em que se tirar o contínuo, a fim de estabelecer a 906 abominação".* Isto indicaria que o "tirar" se fez com a intenção direta de estabelecer a abominação. O ênfase poderia ficar sobre o ato preparatório de "tirar" mas bem que sobre o "estabelecimento" seguinte.

As palavras desta passagem são tão claramente similares com as do cap. 8: 11-12 e o cap. 11: 31 (ver com. sobre essas passagens), que devem referir-se ao mesmo acontecimento.

O contínuo sacrifício.

Ver com. cap. 8: 11.

Mil duzentos e noventa dias.

Este lapso é mencionado em estreita relação com o "tempo, tempos, e a metade de um tempo" (vers. 7), ou 1.260 dias, por isso os acontecimentos que teriam que ocorrer ao final destes períodos são provavelmente idênticos. Pareceria pois razoável entender que estes dois períodos abrangem aproximadamente o mesmo lapso histórico. O excedente dos 1.290 sobre os 1.260 possivelmente tem que entender-se considerando que o começo dos 1.290 dias se relaciona com o desaparecimento do "contínuo", preâmbulo do estabelecimento de a "abominação".

Os que sustentam que o "contínuo" representa o "paganismo" (ver com. cap. 8: 11) subtraem 1.290 de 1798 e chegam à data 508. Vêem nos acontecimentos que rodeiam esta data, tais como a conversão à fé católica do Clodoveo, rei dos francos, e a vitória sobre os godos, um importante passo no estabelecimento da supremacia da Igreja Católica no Ocidente.

Os que sustentam que o "contínuo" se refere ao contínuo ministério sacerdotal de Cristo no santuário e à verdadeira adoração de Cristo durante a era evangélica (ver com. cap. 8: 11) não encontram uma explicação satisfatória para este texto. Acreditam que este é uma dessas passagens das Escritura sobre o qual o estudo futuro projetará mais luz.

12.

Bem-aventurado.

Os períodos mencionados nos vers. 7, 11-12 chegam até o "tempo do fim", ao qual se faz referência nos vers. 4, 9. "Bem-aventurado" (ver com. Mat. 5: 3), diz o anjo, que é testemunha dos dramáticos acontecimentos das cenas finais da história terrestre. Então serão entendidas aquelas porções do Daniel que tinham estado seladas (ver com. Dão. 12: 4), e logo "os Santos do Muito alto" "receberão o reino... e possuirão o reino até o século, eternamente e para sempre" (cap. 7: 18).

Espere.

Isto implica que se pode esperar que o período profético que se menciona seguidamente continue mais à frente do fim dos 1.290 dias. Se os 1.290 e os 1.335 dias começam na mesma data, este segundo período chega até o ano 1843, uma data importante em relação com o grande despertar adventista ocorrido na América do Norte, que geralmente se conhece como o movimento millerita.

13.

Levantará-te para receber sua herdade.

O cumprimento das profecias do Daniel devia alcançar até um futuro longínquo. Daniel devia descansar na tumba, mas " 'até o tempo', no período final da história deste mundo, permitiria ao Daniel ocupar outra vez sua sorte e lugar" (PR 402; ver também E, GW, Material Suplementar, sobre este versículo).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 CRA 238; CS 534, 671, 680, 693, 707; Ev 179; 1JT 26, 75, 131, 501; 2JT 67; 3JT 285; NB 111, 128; MM 38; P 33-34, 36, 43, 56, 67, 71, 85, 282; PP 199, 261;PVGM 166; 5T 152; 8T 50; 9T 210, 244

2 CS 695, 702; P 285

3 C (1949) 60; C (1967) 214; FÉ 199; 264; 3JT 74; NB 281; MeM 254, 335; MJ 203; P 61; SC 133, 137; 1T 112; 7T 249

4 CS 405, 409; DTG 201; FÉ 409; HAp PR 402

8-13 TM 112

9-10 PR 402

10 DTG 201; 2JT 152; P 141; PVGM 141; 2T 184; 3TS 378

3R 402 908

MINISTÉRIO DO OSEAS